

análise
polos diversidade
metonímia
USO funcionalista
metáfora texto
teoria construção
filologia linguística
escrita fala
sentido
metodologia
língua analogia
formalista gramática
subjetividade
comunicação
reanálise mudança
palavra variação
hierarquia
frase fala
aplicação
área investigação
discurso
dados paradigma
proposta diacrônico
grupo dinâmica
canais reflexões
expressões
sincrônico
humanas semântica
objeto categorização
conhecimento
subjetividade
eixo estrutura

Ivo da Costa do Rosário
(organizador)

Introdução à
**Linguística
Funcional**
centrada no uso
teoria, método e aplicação



Copyright © 2022 Ivo da Costa do Rosário (org.)

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem autorização expressa da editora.

Equipe de realização

Editor responsável: Renato Franco

Coordenador de produção: Ricardo Borges

Revisão: Graça Carvalho e Icléia Freixinho

Normalização: Camilla Almeida

Projeto gráfico, capa e diagramação: Natália Brunnet

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - CIP

I61 Introdução à linguística funcional centrada no uso [recurso eletrônico] : teoria, método e aplicação / Ivo da Costa do Rosário (organizador). – Niterói : Eduff, 2022. – 3.582 kb. : il. ; PDF. – (Coleção Biblioteca Básica).

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-5831-131-7

BISAC LAN009000 LANGUAGE ARTS & DISCIPLINES / Linguistics / General

1. Linguagem. 2. Linguística. I. Rosário, Ivo da Costa do. II. Título. III. Série. CDD 410

Ficha catalográfica elaborada por Márcia Cristina dos Santos (CRB7-4700)

Direitos desta edição reservados à

Eduff - Editora da Universidade Federal Fluminense

Rua Miguel de Frias, 9, anexo/sobreloja - Icaraí - Niterói - RJ

CEP 24220-008 - Brasil

Tel.: +55 21 2629-5287

www.eduff.uff.br - faleconosco@eduff.uff.br

Publicado no Brasil, 2022.

Foi feito o depósito legal.

análise
polos diversidade
metonímia
USO funcionalista
metáfora texto
teoria **construção**
filologia linguística
escrita fala
sentido
metodologia
língua *analogia*
formalista gramática
subjetividade
comunicação
reanálise mudança
palavra variação
hierarquia
frase *fala*
aplicação
área investigação
discurso
dados paradigma
proposta diacrônico
grupo **dinâmica**
canais reflexões
expressões
sincrônico
humanas semântica
objeto *categorização*
conhecimento
subjetividade
eixo *estrutura*

Ivo da Costa do Rosário
(organizador)

Introdução à
Linguística
Funcional
centrada no uso
teoria, método e aplicação



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

REITOR

Antonio Claudio Lucas da Nóbrega

VICE-REITOR

Fabio Barboza Passos

Eduff – Editora da Universidade Federal Fluminense

EDUFF – EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

CONSELHO EDITORIAL

Renato Franco [Diretor]

Ana Paula Mendes de Miranda

Celso José da Costa

Gladys Viviana Gelado

Johannes Kretschmer

Leonardo Marques

Luciano Dias Losekann

Luiz Mors Cabral

Marco Antônio Roxo da Silva

Marco Moriconi

Marcos Otavio Bezerra

Ronaldo Altenburg Odebrecht Curi Gismondi

Silvia Patuzzi

Vagner Camilo Alves

CONSELHO CONSULTIVO

Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva (UFRJ)

Ângela Vaz Leão (PUC-Minas)

Célia Marques Telles (UFBA)

Evanildo Cavalcante Bechara (UERJ/UFF/ABL)

Gladis Massini-Cagliari (Unesp)

Hilário Franco Júnior (USP)

José Rivair de Macedo (UFRGS)

Leila Rodrigues da Silva (UFRJ)

Lênia Márcia de Medeiros Mongelli (USP)

Luís Alberto de Boni (PUC-RS)

Mário Jorge da Motta Bastos (UFF)

Vânia Leite Fróes (UFF)

Yara Frateschi Vieira (Unicamp)

SUMÁRIO

Prefácio	7
<i>Maria Angélica Furtado da Cunha</i>	
Apresentação	11
<i>Ivo da Costa do Rosário</i>	
<u>CAPÍTULO 1</u>	
A diversidade em Linguística: polos formalista e funcionalista	19
<i>Ivo da Costa do Rosário</i>	
<u>CAPÍTULO 2</u>	
Linguística Funcional norte-americana: gramaticalização e lexicalização, reanálise e analogia	54
<i>Mariangela Rios de Oliveira</i>	
<u>CAPÍTULO 3</u>	
Arbitrariedade e iconicidade: (inter)subjetividade, metáfora e metonímia	92
<i>Mariangela Rios de Oliveira</i>	
<u>CAPÍTULO 4</u>	
Linguística Funcional Centrada no Uso e Gramática de Construções: hierarquia construcional e domínios gerais	128
<i>Ivo da Costa do Rosário</i>	

CAPÍTULO 5

Varição e mudança no âmbito da Linguística Funcional Centrada no Uso	164
<i>Ivo da Costa do Rosário</i>	

CAPÍTULO 6

Conceitos de Linguística Cognitiva	200
<i>Monclar Guimarães Lopes</i>	

CAPÍTULO 7

Construcionalização e construcionalidade: mudanças construcionais e contextos de mudança linguística	232
<i>Mariangela Rios de Oliveira</i>	

CAPÍTULO 8

Procedimentos metodológicos na análise de dados sincrônicos	266
<i>Monclar Guimarães Lopes</i>	

CAPÍTULO 9

Procedimentos metodológicos na análise de dados diacrônicos	309
<i>Monclar Guimarães Lopes</i>	

PREFÁCIO

Maria Angélica Furtado da Cunha
(UFRN/CNPq)

A Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), desenvolvimento recente da Linguística Funcional norte-americana, vem se (a)firmando no cenário acadêmico nacional desde 2012, quando foi formulada pelo grupo *Discurso & Gramática*. O presente volume chega, em boa hora e com muita propriedade, para desvendar os conceitos básicos desse modelo teórico, em linguagem simples e acessível a alunos que estão iniciando sua jornada pelo estudo científico das línguas.

Organizado pelo professor Ivo da Costa do Rosário, com a valiosa colaboração de seus colegas da UFF Mariangela Rios de Oliveira e Monclar Guimarães Lopes, este livro tem por objetivo apresentar, de forma introdutória, mas não superficial, questões teóricas, metodológicas e de aplicação centrais à LFCU. Oferece aos seus leitores, futuros professores e pesquisadores da língua portuguesa, um material excelente e indispensável para a sua formação.

Está clara a preocupação dos autores em construir uma ponte que ligue os resultados de pesquisas sob esse enquadre teórico à prática de ensino em sala de aula.

Introdução à Linguística Funcional Centrada no Uso – teoria, método e aplicação é fruto de um curso de extensão promovido pela UFF. Tendo em vista o grande êxito do curso, surgiu a decisão de transformar as videoaulas em livro, a fim de atender a uma demanda admitida por professores e alunos da área. Nele são enfocados temas basilares dessa linha de investigação, como se pode apreender pelo Sumário, assim como procedimentos metodológicos para o tratamento da variação e da mudança linguísticas. Desse modo, este livro tem como público-alvo estudantes de graduação e de pós-graduação interessados na área da Linguística Funcional, que tem crescido visivelmente no Brasil, como o comprovam os trabalhos referidos ao longo dos capítulos, oferecendo a essa comunidade acadêmica conteúdo, métodos e atividades relevantes a sua formação.

A ênfase na análise de dados reais da língua em uso pode ser apontada como um dos grandes atrativos da teoria funcionalista na resolução de problemas envolvendo o processo de ensino-aprendizagem de gramática. Essa abordagem argumenta a favor de uma linguística centrada no uso, considerando fatores comunicativos e cognitivos que governam a modelagem e a regularização da língua. Nessa direção, constata-se o intuito dos autores de tentar responder

ao desafio de disponibilizar material introdutório que possibilite a descrição, análise e reflexão sobre o português que usamos em nossa comunicação diária na perspectiva da LFCU.

Vários aspectos revelam a singularidade desse volume, como o tom didático e descomplicado que perpassa todo o livro, a organização uniforme dos capítulos, a farta exemplificação dos pontos teóricos com dados reais de pesquisa, os exercícios de aplicação dos conceitos explanados, as citações e as referências bibliográficas atualizadas e diversificadas, para citar alguns.

Conforme se pode observar por meio desse breve Prefácio, trata-se de obra que constitui material rico e consistente, no qual os leitores poderão encontrar subsídios teóricos, empiricamente comprovados, para o empreendimento de estudos de caráter funcionalista. De conteúdo acessível, destina-se a todos aqueles que se interessam pelos desdobramentos e aprofundamento dessa linha de investigação, reunindo, pois, condições de se tornar importante referência bibliográfica para os estudiosos da área de Língua Portuguesa e de Linguística, nos níveis de graduação e de pós-graduação.

Como pesquisadora integrante do grupo *Discurso & Gramática*, me sinto muito orgulhosa e honrada em prefaciá-la esta obra de fundamental importância, tanto para a formação de novos professores e pesquisadores como também para a difusão e visibilidade da LFCU. Num momento sociopolítico de desvalorização das Humanidades,

este livro vem reafirmar a contribuição e o papel determinante dessa área do conhecimento para a constituição do indivíduo e a compreensão da sociedade. Afinal, como afirma Givón (2009),

a linguagem é, sob todos os aspectos, uma das características definidoras do *Homo sapiens*. É usada em uma ampla gama de contextos adaptativos: interação social, transmissão cultural, educação, literatura, teatro, música, humor e brincadeiras, amor e guerra.

Referência

GIVÓN, Talmy. *The genesis of syntactic complexity*. Amsterdam: Johan Benjamins, 2009.

APRESENTAÇÃO

J á há algum tempo, os docentes do Grupo de Estudos *Discurso & Gramática*, sede Niterói, constataram a necessidade de um curso introdutório à Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), especialmente voltado para alunos de graduação e de pós-graduação em estágio inicial. De fato, a maior parte da bibliografia disponível na área ou está em língua estrangeira ou se apresenta na forma de coletâneas, artigos, livros, dissertações e teses normalmente voltados para um público mais experiente na área.

Diante dessa necessidade, com o auxílio das doutorandas Fabiana Félix, Idrissa Novo, Jovana Oliveira, Thaís Fernandes, Vanessa de Paula e Vania Sambrana, os docentes do D&G UFF concentraram esforços e organizaram uma proposta que atendesse a essa demanda, na forma de curso de extensão. Com o apoio do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem da UFF e do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Formação de Professores da UERJ, os professores Ivo Rosário (UFF/CNPq/

Faperj), Marcos Wiedemer (UERJ-FFP), Mariangela Rios (UFF/CNPq/Faperj) e Monclar Lopes (UFF) organizaram um conjunto de videoaulas com um tratamento didático dos pontos mais centrais da LFCU, em linguagem acessível e dialógica.

Após a preparação das videoaulas e seleção de bibliografia básica, esse curso foi oferecido no ano de 2020, com grande sucesso, para 160 participantes. O número de inscrições superou a expectativa inicial (530 inscritos) e o aproveitamento geral foi muito positivo. Planejado para ocorrer em 10 semanas, com carga horária total de 60 horas, o curso contou com alunos de todas as regiões do Brasil e até de alguns estudantes do exterior.

Os objetivos do curso de extensão foram os seguintes: a) Promover a reflexão crítica e o incentivo à pesquisa teórica e aplicada em Linguística; b) Ampliar a discussão encetada no campo da Linguística, especialmente com foco nos Modelos Baseados no Uso; c) Permitir a troca de experiências entre pesquisadores e alunos da área de Letras; d) Possibilitar a divulgação de pesquisas linguísticas já finalizadas e em andamento; e) Apresentar os princípios teórico-metodológicos básicos da LFCU, especialmente ao público não iniciado no tema; f) Apontar a aplicação da LFCU ao estudo dos fenômenos da gramática do português; g) Realizar a transposição didática dos resultados de pesquisa em LFCU para as aulas de língua portuguesa na Educação Básica.

Diante do sucesso do curso, o grupo de docentes planejou a produção de um livro, com formato bem diferente dos já disponíveis no mercado. Seguindo a mesma linha do curso, pensou-se em um livro que oferecesse uma real introdução à LFCU, com objetivos claros, linguagem acessível e exercícios para a sistematização de cada tema tratado. Foi daí que surgiu esta obra, *Introdução à Linguística Funcional Centrada no Uso - teoria, método e aplicação*.

Ao longo do livro, em nove capítulos, os professores Ivo Rosário, Mariangela Rios e Monclar Lopes apresentam os pontos principais da LFCU e suas interfaces. Todos os capítulos contam com muitos dados de pesquisa já realizados no país. Com isso, os conceitos são sempre ilustrados com exemplos explicados de forma bastante didática.

O primeiro capítulo do livro é dedicado a uma introdução geral aos estudos linguísticos, com base em três diferentes áreas: a Filologia, a Gramática e a Linguística. A Filologia se debruça especialmente sobre textos escritos antigos, com a preocupação de recuperar suas fontes. A Gramática, por sua vez, em sua feição normativa, busca indicar o uso padrão ou culto de uma determinada língua. Por fim, a Linguística é o ramo de estudos propriamente científico, visto que é dotada de um corpo teórico-metodológico definido a partir de diferentes vertentes. Na história da Linguística, já se tornou comum a ideia de que há dois grandes paradigmas: o formal e o funcional. No Capítulo 1, caracterizamos brevemente cada um deles, sublinhando as suas

divergências, mas também apontando convergências. Por fim, destacamos que a diversidade teórica em Linguística ultrapassa o binômio *formalismo x funcionalismo*, já que há correntes, escolas e vertentes teóricas distintas no cenário nacional e internacional.

No segundo capítulo, são apresentados os pressupostos básicos do Funcionalismo de vertente norte-americana. Nessa apresentação, destaca-se a concepção da língua como instância que apresenta, ao mesmo tempo, regularidade, variabilidade e mudança unidirecional. Com base na constatação da gramática como emergente, esse capítulo aborda a gramaticalização e a lexicalização, dois tipos de mudança linguística responsáveis pela criação de novos elementos gramaticais e lexicais, respectivamente. A reanálise e uma de suas formas de manifestação específica, a analogia, são definidas e apontadas como mecanismos motivadores da mudança linguística.

O terceiro capítulo é dedicado a três temas fundamentais da pesquisa funcionalista: iconicidade, (inter)subjetividade e relação metáfora x metonímia. A iconicidade, contraposta à arbitrariedade, é abordada em termos figurativos e linguísticos, com base, nesse segundo viés, nos subprincípios de quantidade, proximidade e ordenação linear. No tratamento da (inter)subjetividade, destacam-se os instrumentos gramaticais responsáveis pela manifestação de pontos de vista, crenças e valores dos locutores, bem como suas estratégias para agir sobre os interlocutores durante a interação, na defesa de que

não existe objetividade total na interação. O terceiro eixo temático do capítulo é dedicado a dois tipos de pressão que atuam e impactam a gramática: as transferências de sentido metafórico e as relações associativas metonímicas; essas pressões são destacadas em sua complementaridade, dando conta, respectivamente, do eixo da função e da forma dos usos linguísticos, provocando polissemia e possível mudança gramatical.

No Capítulo 4, explicamos como surgiu a Linguística Funcional Centrada no Uso e quais são seus postulados principais, com destaque para suas relações com a Linguística Cognitiva e a Gramática de Construções. A LFCU é uma teoria do uso linguístico, centrada na análise de dados empiricamente comprovados. No capítulo, discute-se também como a Gramática de Construções concebe a arquitetura das línguas humanas, com destaque para a hierarquia construcional e as propriedades de esquematicidade, produtividade e composicionalidade. Por fim, apresentam-se os processos cognitivos de domínio geral, com ênfase na categorização, no *chunking* e na analogia.

O quinto capítulo é dedicado ao tema da variação e da mudança, considerados conceitos fundamentais não só no Funcionalismo, mas na Linguística em geral. O foco maior está na variação, tendo em vista que há outros capítulos do livro mais dedicados ao tópico da mudança linguística. Primeiramente apresentamos de que forma a variação e a mudança estão imbricadas uma à outra, já que os planos da sincronia

e da diacronia estão sempre inter-relacionados na pesquisa baseada no uso. Em seguida, apresenta-se o modo como o Funcionalismo Clássico analisa a variação por meio dos conceitos de divergência e camadas. No plano da mudança, há algumas considerações acerca das diferentes acepções do paradigma da gramaticalização como redução e como expansão. Por fim, apresenta-se a visão da LFCU acerca da variação, em contraste com o princípio da não sinonímia da forma gramatical.

No Capítulo 6, apresentamos alguns conceitos da Linguística Cognitiva. Uma vez que essa corrente teórica é concebida como uma série de modelos estruturados por um mesmo conjunto de princípios, hipóteses e perspectivas que dialogam entre si, é comum que utilizemos conceitos externos à Gramática de Construções para a descrição de nossos objetos. Exploramos, em específico, cinco conceitos, que têm sido mais comumente explorados em nossas pesquisas, a saber: categorização, *frames* e domínios, metáforas conceptuais e dinâmica de forças.

O sétimo capítulo se dedica mais especificamente às questões envolvidas na mudança linguística na LFCU. Assim, a primeira parte trata da definição de construcionalização, como processo histórico que resulta na formação de novo par de função e forma na língua, desdobrada em dois tipos: a lexical, na expressão de conteúdos mais plenos e referenciais, e a gramatical, na articulação de sentidos procedurais ou lógicos. Ainda nessa parte inicial, apresenta-se a construcionalidade, que se formula como postulado correlato à construcionalização,

para a pesquisa sincrônica. A segunda parte desse capítulo aborda a definição e a tipificação da mudança construcional, no destaque para as alterações relativas aos dois eixos do pareamento construcional – o da função, em termos da polissemia, e o da forma, com foco nos processos de erosão estrutural. Por fim, o capítulo trata do contexto, sua definição e propriedades, destacando a gradiência contextual para a mudança construcional e a construcionalização.

No Capítulo 8, apresentamos o método misto (também conhecido como quali-quantitativo) para a descrição de dados sincrônicos, pois entendemos que: a) a análise quantitativa nos possibilita identificar a produtividade das construções; b) a análise qualitativa, feita a partir da observação sistemática de ocorrências diversas, permite-nos entender as propriedades inerentes à construção, tanto nos seus aspectos formais quanto funcionais. Paralelamente, buscamos orientar o jovem pesquisador nas diferentes etapas da pesquisa, a saber: 1) na seleção do objeto e do *corpus*; 2) no levantamento dos fatores de análise; 3) na análise dos dados propriamente dita; 4) na apresentação dos resultados.

No Capítulo 9, tratamos dos procedimentos metodológicos para a análise de dados diacrônicos na investigação da construcionalização e/ou da mudança construcional. Buscamos, inicialmente, caracterizar o estudo diacrônico, apresentar suas diferentes finalidades para a investigação linguística em perspectiva funcional, bem como mostrar

os critérios que devem ser empregados para seleção ou constituição de *corpus*. Em sequência, tratamos dos processos regularmente observáveis na mudança linguística da construção gramatical, tais como: *chunking* e redução fonética; especialização ou redução do contraste paradigmático; expansão categorial; decategorização; fixidez posicional; dessemantização e generalização; acréscimo de sentido pelo contexto. Por fim, mostramos como empregar o método misto no estudo diacrônico e/ou pancrônico.

Antes de concluir essa Apresentação, queremos expressar nosso agradecimento especial a Myllena Paiva e a Letícia Marins pelo trabalho de formatação realizado. Você, leitor, agora é convidado a conhecer a obra em detalhes. Esperamos que a leitura do livro possa lhe proporcionar importantes reflexões sobre o estudo da língua em uso.

Ivo da Costa do Rosário

Organizador

CAPÍTULO 1

A DIVERSIDADE EM LINGUÍSTICA: polos formalista e funcionalista

Ivo da Costa do Rosário
(UFF/CNPq/Faperj)

Objetivos

Prezado aluno, esperamos que, ao final deste capítulo, estudando os conteúdos apresentados e realizando os exercícios propostos, você seja capaz de:

1. Distinguir o papel do filólogo, do gramático e do linguista.
2. Compreender a diversidade teórica em Linguística.
3. Estabelecer a distinção entre a perspectiva formalista e a funcionalista nos estudos da linguagem.

Considerações iniciais

A linguagem é a capacidade específica da espécie humana de se comunicar por meio de signos. Entre as ferramentas culturais do ser humano, a linguagem ocupa um lugar à parte, porque o homem não está programado para aprender física ou matemática, mas está programado para falar, para aprender línguas, quaisquer que elas sejam. Todos os seres humanos, independentemente de sua escolaridade ou de sua condição social, a menos que tenham graves problemas psíquicos ou neurológicos, falam (Fiorin, 2013, p. 13).

O interesse pela estrutura e pelo funcionamento da linguagem confunde-se na história com a própria existência humana. Utilizada para encantar, para oprimir, para informar, para disciplinar, para instruir e para outros fins, a faculdade da linguagem, dentro de seus contextos culturais e localizações geográficas diversos, tem intrigado não só os estudiosos, mas as pessoas em geral ao longo dos séculos. Afinal, é a posse de uma língua humana que nos permite atribuir significado ao mundo e à nossa própria existência.

De fato, as línguas humanas são os canais que utilizamos para construir nossas interações em sociedade. Sem língua, não haveria sequer organização social, já que as teias que tecemos nas relações cotidianas são sempre mediadas por mecanismos de interação verbal. Este é um fato comprovado: todas as comunidades humanas são sempre dotadas de uma língua específica.

Diante desse grande espetáculo que caracteriza a nossa espécie, com o tempo, muitas narrativas míticas tentaram explicar a origem e o funcionamento das línguas. Na tradição judaico-cristã, por exemplo, temos o relato do Gênesis, que narra a origem das línguas por um ato de vontade de Deus, como uma espécie de presente ou dom dado pela divindade à humanidade. A diversidade linguística, por sua vez, é traduzida no episódio da Torre de Babel, que teria originado uma suposta divisão de uma língua primitiva em muitas outras, tornadas incompreensíveis entre si. Relatos mais ou menos semelhantes a esse são apresentados também na mitologia egípcia, grega, indígena e em outras tradições culturais.

Após esse período mais marcado por visões míticas e/ou religiosas, foram surgindo áreas específicas de estudo para tentar dar conta da complexidade do fenômeno linguístico. De maneira bem geral, podemos afirmar que três áreas passaram a desenvolver um estudo mais sistemático das línguas: a Filologia, a Gramática e a Linguística.

Como ficará claro ao longo deste capítulo, todas essas áreas têm um interesse em comum: o estudo das línguas humanas. Por outro lado, essas áreas são igualmente distintas, visto que se concentram em metodologias e em aspectos teóricos diferenciados, assim como também são diferentes os seus postulados.

Após percorrermos alguns pontos que distinguem essas áreas, nós nos dirigiremos, com mais profundidade, ao campo da Linguística.

Nessa seara, vamos discutir dois grandes polos de investigação das línguas humanas: o formalista e o funcionalista. Teremos a oportunidade de conhecer alguns pontos centrais que distinguem uma visão da outra, com seus autores mais representativos.

Por fim, chegaremos ao Funcionalismo, que é nosso ponto final. Neste capítulo e, na verdade, ao longo de todo este livro, vamos demonstrar os princípios gerais da pesquisa funcionalista e o modo como os pesquisadores dessa linha teórica concebem o fenômeno linguístico. Pronto para essa viagem? Vamos em frente.

Filologia, Gramática e Linguística

Como já foi mencionado anteriormente, a Filologia, a Gramática e a Linguística são as três grandes áreas mais representativas dos estudos linguísticos. No senso comum, certamente o gramático é o especialista mais conhecido dessa tríade, visto que a sociedade lhe confere grande crédito quando se pronuncia acerca dos fenômenos da linguagem.

Com certeza você conhece ou já ouviu falar de algum gramático, já que esses estudiosos são sempre apresentados nos livros de língua portuguesa da Educação Básica, são sempre convidados a dar suas opiniões sobre fatos da língua e estão sempre sendo consultados com relação a “dúvidas de português”. Como todos estudamos gramática na escola, então, provavelmente, você já ouviu falar em Evanildo Bechara, Rocha Lima, Celso Cunha e outros.

De um tempo para cá, os documentos oficiais que regem o ensino de língua portuguesa, como a Base Nacional Comum Curricular,¹ têm cada vez mais abarcado as recentes descobertas da Linguística, contudo dificilmente ouvimos falar em linguistas em nosso percurso escolar. Nas questões mais polêmicas, também não é comum que esses especialistas sejam convidados a apresentar sua visão científica acerca dos fatos linguísticos. Isso tudo tem uma explicação histórica, haja vista a força da Tradição gramatical e o (ainda) recente advento da Linguística como ciência.

A Filologia, a Gramática e a Linguística surgiram em épocas diferentes. Os filólogos foram os primeiros a aparecer por volta do século III a.C. Em seguida, foi a vez dos gramáticos, mais ou menos no século II a.C. Os últimos foram os linguistas, aproximadamente no início do século XX. Essas datas são ilustrativas e controversas, mas servem como balizas para nossa compreensão acerca do tema.

À primeira vista, salta aos olhos a distância temporal entre a Filologia e a Gramática de um lado e a Linguística do outro. De fato, as duas primeiras áreas de estudo nasceram no contexto da cultura helenística, na antiga Grécia. A Linguística, por seu turno, surge junto com a ciência moderna, em um contexto bem diferente dos anteriores.

Feitas essas considerações iniciais, vamos às especificidades de cada área.

¹ Para mais informações, acesse <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>.

Filologia e Gramática

O objeto de estudo da Filologia são as manifestações antigas da língua escrita. O objetivo dessa área é fixar as formas mais próximas dos textos originais. Em um contexto de muitas falsificações e de cópias pouco confiáveis produzidas especialmente no passado, a Filologia demonstrou (e demonstra) toda sua importância na busca e/ou reconstituição de materiais autênticos. Metodologicamente o filólogo compara diferentes manuscritos ou edições de um mesmo texto, com o objetivo de depurá-lo, de extrair problemas de suas edições. Como se vê, trata-se de um estudo essencialmente baseado em textos escritos.

É importante destacar que essa perspectiva de trabalho do filólogo encontra algumas dissonâncias. Por exemplo, Silva Neto (1976), em obra já clássica no Brasil, estipula que o campo da Filologia vai além do que é indicado no parágrafo anterior, definindo-a da seguinte forma:

Estudo científico, histórico e comparado da língua nacional em toda a sua amplitude, não só quanto à gramática (fonética, morfologia, sintaxe) e quanto à etimologia, semasiologia etc., mas também como órgão da literatura e como manifestação do espírito nacional. Nos tempos greco-romanos a Filologia era apenas o estudo dos textos, já que ainda não se havia descoberto a importância capital do estudo das falas populares. Hoje, entretanto, com o desenvolvimento científico iniciado por Bopp e outros sábios, a Filologia abrange,

além da perspectiva histórica da língua, até os assuntos puramente sincrônicos, isto é, descrições de estados da língua (Silva Neto, 1976, p. 17).

Por outro lado, em obra mais recente, Marcotulio *et al.* (2018, p. 32) parecem salvaguardar o campo clássico de estudos da Filologia ao defender que o filólogo seria o responsável por

estudar os textos antigos, considerando seu contexto sócio-histórico de produção e circulação, além de se ocupar da recuperação, preservação, fixação e edição dos textos que podem ser posteriormente submetidos a análises linguísticas.

Na Grécia Antiga, surgiu o interesse pelo estudo criterioso da língua em seus variados aspectos: em termos de métrica, ortografia, pronúncia, distribuição em classes e outros pontos. Atribui-se a Dionísio Trácio, por volta do século II a.C., a autoria da primeira gramática conhecida, elaborada com a *descrição* dos aspectos mais gerais e centrais da língua grega.

Neste ponto da história, é muito importante destacar a visão descritivista das primeiras gramáticas. De fato, o objetivo dessas obras mais antigas estava concentrado em apresentar a língua como era, e não como deveria ser. Em outras palavras, a gramática grega buscava um estudo sistemático dos fatos da língua. Com o tempo, esse objetivo mais central das gramáticas foi sendo substituído por uma visão mais prescritivista ou normativista, como acontece atualmente.

Assim, hoje em dia, o conceito de gramática parece ser sinônimo de prescrição, regra, norma.

Em uma visão mais abrangente, Travaglia (2003, p. 30-33) traça um estudo sistemático de diferentes concepções de gramática. O autor propõe a existência de três tipos: *gramática normativa*, *gramática descritiva* e *gramática internalizada*. Vejamos um pouco de cada uma:

- » *Gramática normativa* - estudo dos fatos da norma-padrão (ou norma culta) de uma língua, considerada a oficial. Baseia-se, em geral, mais na língua escrita e dá pouca importância às variedades orais. Essa perspectiva de gramática está muito preocupada com os conceitos de certo e errado, com o objetivo de regular os usos linguísticos. Você já deve estar concluindo que essa é a concepção de gramática vigente em muitas escolas e, conseqüentemente, na sociedade;
- » *Gramática descritiva* - estudo dos aspectos morfossintáticos e semântico-gramaticais de uma língua em seu estado natural. Isso significa que a gramática descritiva registra os usos, sem classificação de certo ou errado ou sem qualquer escala de valoração;
- » *Gramática internalizada* - trata-se de um conjunto de regras que governam a organização sistemática das línguas em nossas mentes. A gramática internalizada também é chamada de “competência linguística internalizada do falante” (Travaglia, 2013, p. 32).

Ao ver esses três tipos de gramática listados anteriormente, perguntamos: que gramática deve ser estudada? Nossa resposta é: todas. Sim, cada tipo de gramática cumpre um papel determinado na sociedade e tem sua importância. A gramática normativa é relevante, pois é esse modelo que regula a produção escrita das mídias de circulação nacional, a legislação de um país, a maior parte da produção editorial, a elaboração dos livros didáticos etc. Além disso, é esse o tipo de gramática normalmente cobrado em instâncias mais formais da vida em sociedade, especialmente nos concursos públicos, nos exames nacionais, nas entrevistas de emprego etc. Muitos hoje em dia tecem críticas muito duras e ácidas à gramática normativa, como se fosse um grande mal a ser extirpado. Pensamos de modo diferente. É claro que podemos apontar inúmeras críticas à sua falta de renovação, ao seu tom autoritário (em muitos casos), a algumas incoerências, além de outros pontos frágeis. Entretanto, defendemos sua importância e seu lugar na sociedade.

A gramática descritiva consiste no corpo de conhecimentos a que chegamos por meio da investigação científica da linguagem. Logo, um dos objetivos da Linguística (como veremos adiante) é demonstrar como as línguas humanas se organizam e como são utilizadas na sociedade. Assim, podemos dizer, em certo sentido, que os estudos desenvolvidos no campo da Linguística permitem a construção de gramáticas descritivas. Também é importante destacar que as gramáticas descritivas de uma mesma língua podem ser variadas, tendo em

vista que também variados são os usos linguísticos, considerando os diferentes registros e modalidades possíveis.

A gramática internalizada, por sua vez, dá conta de aspectos internos da linguagem, ou seja, esse tipo de gramática permite o estudo dos processos mentais mobilizados na construção da linguagem. Enquanto a gramática descritiva apresenta a faceta externa das línguas, a gramática internalizada dá conta de sua estrutura interna. Assim, conjugar esses três tipos de gramática permite ao estudioso um conhecimento mais profundo e pormenorizado de uma determinada língua humana.

Linguística

Esse passeio pelas áreas da Filologia e da Gramática serve para adentrarmos agora em outro terreno que, de fato, é nosso objetivo principal: explicar o que é a Linguística, com especial atenção para o seu aspecto diverso e multifacetado.

Em primeiro lugar, deve ficar claro que a Linguística é uma disciplina científica, o que a distingue da gramática (pelo menos em sua feição normativa). Justamente por conta do seu caráter científico, a Linguística vai se ocupar de todo e qualquer fenômeno linguístico, não só da língua escrita (como era e é o foco dos filólogos) nem da língua-padrão (como é o caso da gramática normativa). Aliás, a Linguística tem especial interesse pela língua falada, tendo em vista

que essa modalidade da linguagem é mais inaugural, espontânea, universal e, conseqüentemente, mais próxima da estrutura de uma língua natural, sem as convenções que regulam a escrita.

Nas palavras de Fiorin (2013, p. 42), “a Linguística tem por finalidade elucidar o funcionamento da linguagem humana, descrevendo e explicando a estrutura e o uso das diferentes línguas faladas no mundo. Esse é seu objeto empírico”. Nesse sentido, não cabe falar que um determinado uso é feio, errado ou algo do gênero. Todas as formas linguísticas são eficientes em seus contextos de comunicação, sem espaço para preconceitos de qualquer ordem.

Os estudos linguísticos existem desde muitos séculos. Contudo, identificamos o surgimento da Linguística moderna com o lançamento do livro *Curso de Linguística Geral*, organizado pelos discípulos de Ferdinand de Saussure (Bally, Riedlinger e Sechehaye). Com muita razão, a literatura da área afirma que Saussure não “inventou” os estudos em linguagem, mas operou um chamado corte epistemológico, visto que esse teórico defendeu um estatuto próprio e científico para a Linguística.

Saussure tem a grande contribuição de postular a necessidade de se estudar a língua por um viés sincrônico, como uma área específica de investigação, desvinculada de outros campos do conhecimento. Nas palavras de Faraco (2004, p. 28), a partir de Saussure,

não houve mais razões para não se construir uma ciência autônoma a tratar exclusivamente da linguagem, considerada em si mesma e por si mesma, e sob o pressuposto da separação estrita entre a perspectiva histórica e a não-histórica.

Devemos frisar que, antes de Saussure, houve muitos outros estudos no campo da linguagem (como os filológicos e gramaticais), mas também outras investigações conduzidas já dentro do que chamaríamos de “espírito científico”. Esses estudos, denominados pré-saussurianos, ajudaram a desenvolver a ideia de que as línguas poderiam ser estudadas de maneira autônoma, dentro da perspectiva de que são sistemas organizados e realidades históricas.

Por exemplo, devemos destacar o trabalho de William Jones, que levantou hipóteses acerca da origem comum entre o sânscrito (língua antiga e sagrada da Índia), o grego e o latim. De modo impressionante, as três línguas apresentavam muitas semelhanças, o que desencadeou um corpo de estudos históricos e comparativistas na Europa. Em seguida, de modo muito sintético, desenvolvem-se os trabalhos de Schlegel, Bopp, Grimm, Diez, Schleicher, Whitney, Humboldt e tantos outros cujas contribuições lançaram as bases para o ato inaugural de Saussure.

Mas por que Saussure é tão importante? Uma possível resposta para essa pergunta é que ele fortaleceu a ideia do *immanentismo* nos estudos linguísticos. O que isso significa? Ilari (2004) nos explica:

Há uma concepção de linguagem, até hoje bastante difundida, segundo a qual as palavras nomeiam seres cuja existência precede a língua e cujas propriedades são determinadas independentemente dela (é a concepção que está presente no mito bíblico segundo o qual Adão teria dado os nomes às coisas). Foi precisamente a essa concepção tradicional e ingênua da linguagem que Saussure contrapôs a noção de signo linguístico: os dois componentes do signo saussuriano - o significante e o significado - não devem sua existência a nenhum fator externo à língua, mas tão somente ao fato de que estão em oposição a todos os demais significados e significantes previstos pela língua (Ilari, 2004, p. 62-63).

Essa citação de Ilari (2004) pode ser considerada como o coração do ideário saussuriano. De fato, as noções de significante e de significado, como as duas faces de uma mesma moeda, ou seja, o signo linguístico, ocupam grande centralidade nos estudos de Saussure. A chamada tese da arbitrariedade do signo (visto que o signo e a palavra são coisas distintas) foi uma grande novidade, sendo cultivada por muitas correntes teóricas até os dias de hoje. O imanentismo consiste justamente nessa perspectiva de minimizar as relações entre língua e mundo, vistos como entidades distintas.

Mais à frente, veremos que o Funcionalismo vai romper com essa ideia ao propor que a língua apresenta “boas doses” de iconicidade (motivação) para determinados usos. Entretanto, reconhecemos que o movimento operado por Saussure foi muito importante, no sentido

de conferir cientificidade ao estudo das línguas, reconhecendo esse campo como autônomo em relação a outros saberes. Em síntese, o teórico realçou as relações que se estabelecem dentro da língua, destacando seu aspecto sistemático e autônomo. Nas palavras de Ilari (2004, p. 64), pode-se dizer que

Saussure tinha descoberto na língua uma construção legitimamente estrutural, isto é, uma construção onde o sistema (isto é, o conjunto de relações entre os objetos), em termos lógicos, é mais fundamental que o próprio objeto.

Essa primeira fase dos estudos linguísticos ficou conhecida como Estruturalismo. Nos cursos de Letras, essa escola teórica é conhecida principalmente devido às famosas dicotomias saussureanas, como *langue* e *parole*, sincronia e diacronia, sintagma e paradigma, significante e significado e outras. Sem dúvida, o impacto das reflexões de Saussure é intenso até os dias de hoje. Ademais, de uma forma ou de outra, muitas ideias sistematizadas por esse mestre de Genebra são retomadas e/ou atualizadas até os dias de hoje, servindo para conceitos mais modernos e antenados com a ciência linguística atual.

Na década de 50 do século XX, surge um movimento novo no interior da Linguística, a partir de um corpo teórico bastante inovador liderado por Noam Chomsky. Com a publicação do livro *Estruturas Sintáticas*, esse estudioso norte-americano lança as bases da chamada Linguística Gerativa, compreendida como uma linha teórica de base

mentalista, cuja grande preocupação estava no modo como as estruturas sintáticas são processadas na mente do falante.

Dentre os postulados mais centrais do Gerativismo, destacamos as hipóteses do inatismo e da existência de uma gramática universal. Segundo a primeira hipótese, todos nós nascemos com um aparato pronto para a fala, uma espécie de capacidade biológica para gerar as sentenças de uma língua. De acordo com a segunda hipótese, essa capacidade inata para a fala traduz-se em uma gramática inscrita na mente, dotada de princípios e parâmetros.

Chomsky conduz um movimento que desloca o olhar para o que é chamado de “competência sintática, entendida como uma capacidade ou disposição dos falantes, ou seja, como um objeto mental” (Ilari, 2004, p. 84). Nesse contexto, a gramática passa a ser vista como a capacidade de gerar sentenças bem formadas dentro das línguas. Esses pontos iniciais da Linguística Gerativa passaram por muitas transformações ao longo do tempo, o que acarretou diferentes modelos para a investigação linguística.

Devemos sublinhar que o Estruturalismo de Saussure e o Gerativismo de Chomsky encontraram muitos seguidores em todo o mundo. Ambas as correntes se desdobraram em muitos outros paradigmas teóricos, mas podem ser congregadas, de uma forma geral, em um grande polo de estudos denominado Formalismo. Segundo esse polo, o foco dos estudos linguísticos está na forma, ou seja, nos

aspectos morfológicos e sintáticos, nas estruturas, na geração das sentenças de uma língua.

Como já foi afirmado, o polo formalista, especialmente pela vertente dos estudos gerativistas, fortaleceu-se muito em todo o mundo, dominando boa parte das Academias científicas e dos grandes centros de investigação linguística.

Por outro lado,

A hegemonia da teoria gerativa-transformacional começou a ceder espaço para outras linhas de pesquisa, devido ao seu caráter altamente formal. Houve uma reação generalizada que desencadeou o surgimento de várias tendências, como a Sociolinguística, a Linguística Textual, a Análise do Discurso, a Análise da Conversação, entre outras. A teoria funcionalista é uma dessas tendências, mas é ilusório pensar que, como elas, seu surgimento tenha sido tão recente. O que houve, na verdade, foi uma reatualização de seus princípios (Pezatti, 2004, p. 166).

De fato, o motivo para a quebra da hegemonia gerativista está justamente na desconsideração (ou minimização) dos aspectos semântico-pragmáticos da linguagem, ou seja, nos usos. No confronto da linguística gerativa com fatos menos prototípicos da gramática ou com usos menos referenciais, surgiu a necessidade de uma teorização que abarcasse os aspectos funcionais da linguagem. O conjunto crescente de pesquisas realizadas com base em dados de língua real foi, assim,

o estopim para o surgimento de uma nova corrente teórica, sobre a qual falaremos na próxima seção deste capítulo.

Linguística Funcional

No campo da Linguística Funcional, há uma simbiose entre discurso e gramática, visto que ambos interagem e exercem influência mútua um sobre o outro. Esse novo modo de olhar as línguas humanas rompe de vez por todas com o postulado gerativista de que há um módulo central da língua, baseado na sintaxe. Ao contrário, nessa nova fase dos estudos linguísticos, defende-se (com base em pesquisas empíricas) que o uso impacta o sistema. Logo, a semântica e a pragmática, antes vistas em segundo plano, assumem a sua devida relevância.

Cunha *et al.* (2003) especificam a gênese desse novo momento na Linguística:

O termo Funcionalismo ganhou força nos Estados Unidos a partir da década de 1970, passando a servir de rótulo para o trabalho de linguistas como Sandra Thompson, Paul Hopper e Talmy Givón, que passaram a advogar uma linguística baseada no uso, cuja tendência principal é observar a língua do ponto de vista do contexto linguístico e da situação extralinguística. De acordo com essa concepção, a sintaxe é uma estrutura em constante mutação em consequência das vicissitudes do discurso. Ou seja, a sintaxe tem a forma que tem em

razão das estratégias de organização da informação empregadas pelos falantes no momento da interação discursiva. Dessa maneira, para compreender o fenômeno sintático, seria preciso estudar a língua em uso, em seus contextos discursivos específicos, pois é nesse espaço que a gramática é construída (Cunha *et al.*, 2003, p. 23-24).

Assim, a *parole* saussuriana ou o desempenho chomskyano, antes vistos como resíduos ou meras reproduções da *langue* ou da competência, passam a ganhar proeminência. Na visão funcionalista, a sintaxe é uma estrutura maleável, plástica, sempre impactada pelos fatos semântico-pragmáticos (Rosário; Oliveira, 2016). Em outras palavras, os fatores externos motivam a mudança linguística (Fried, 2008, p. 25), exercendo pressão sobre as línguas. Assim, as modificações flagradas nas línguas podem ser explicadas em função das novas necessidades comunicativas percebidas pelos falantes em seus contextos de uso. É por essa razão, por exemplo, que usos mais abstratos derivam de usos mais concretos.

Vale destacar que atualmente o termo Funcionalismo é considerado um grande guarda-chuva, visto que abriga diferentes vertentes. A perspectiva até aqui focalizada é conhecida como Linguística Funcional de vertente norte-americana, hoje conhecida como “Funcionalismo Clássico” (Rosário; Oliveira, 2016), que será descrita com mais detalhes no Capítulo 2 deste livro. A essa perspectiva clássica,

unem-se a Linguística Sistêmico-Funcional, a Gramática Discursivo-Funcional, a Linguística Cognitivo-Funcional dentre outras vertentes. Nas palavras de Neves (1997), o Funcionalismo é como uma grande colcha de retalhos, certamente por conta de sua unidade, mas também pela sua flagrante diversidade.

Neste livro não é possível discutir todas essas vertentes. Portanto, traçaremos a trajetória da Linguística Funcional norte-americana até a chamada Linguística Funcional Centrada no Uso (ou Linguística Cognitivo-Funcional, como ainda é indicada por alguns estudiosos). Os capítulos seguintes prestarão os devidos esclarecimentos acerca dessa mudança conceitual que, na verdade, reflete os movimentos internos e externos no campo do Funcionalismo praticado por um considerável grupo de pesquisadores brasileiros.

Até aqui deve ter ficado claro que há uma importante distinção entre a Linguística Formal e a Linguística Funcional. Tomamos esses termos no singular apenas por uma questão de ordem didática, pois sabemos o quanto esses grandes polos são diversos. Dik (1989, p. 2-7) apresenta uma sistematização das diferenças principais entre esses dois paradigmas. Essa sistematização foi adaptada por Neves (1997, p. 46-47). Vejamos:

	Paradigma formal	Paradigma funcional
Como definir a língua	Conjunto de orações	Instrumento de interação social
Principal função da língua	Expressão dos pensamentos	Comunicação
Correlato psicológico	Competência: capacidade de produzir, interpretar e julgar orações	Competência comunicativa: habilidade de interagir socialmente com a língua
O sistema e seu uso	O estudo da competência tem prioridade sobre o da atuação	O estudo do sistema deve fazer-se dentro do quadro do uso
Língua e contexto/situação	As orações da língua devem descrever-se independentemente do contexto/situação	A descrição das expressões deve fornecer dados para a descrição de seu funcionamento num dado contexto
Aquisição da linguagem	Faz-se com uso de propriedades inatas, com base em um input restrito e não estruturado de dados	Faz-se com a ajuda de um input extenso e estruturado de dados apresentado no contexto natural.
Relação entre a sintaxe, a semântica e a pragmática	A sintaxe é autônoma em relação à semântica; as duas são autônomas em relação à pragmática; as prioridades vão da sintaxe à pragmática, via semântica.	A pragmática é o quadro dentro do qual a semântica e a sintaxe devem ser estudadas; as prioridades vão da pragmática à sintaxe, via semântica.

Quadro 1. Paradigma formal x paradigma funcional

Fonte: Adaptado de Neves (1997, p. 46-47).

Uma visão panorâmica desse quadro permite traçar, em linhas gerais, o que caracteriza cada paradigma aqui exposto. O Formalismo está focado no aspecto sintático, com forte ênfase na competência linguística, ou seja, na função de gerar sentenças. O contexto ou a situação discursiva são bastante minimizados, já que sua base está assentada no inatismo. O foco, como já indicado, está nos aspectos sintáticos da linguagem.

O paradigma funcional, por seu turno, enfatiza os aspectos sociointeracionais da linguagem, já que as pesquisas são baseadas no uso. A investigação é centrada em dados extraídos de língua real, ou seja, em *corpora* de língua falada e escrita organizados a partir de situações de interação social. Se a sintaxe é o foco do Formalismo, podemos dizer que a pragmática é quem governa a gramática na perspectiva funcionalista *stricto sensu*.

Feitas essas considerações bastante gerais sobre esses dois polos ou paradigmas, vejamos um pouco mais a fundo a questão da diversidade linguística.

Diversidade linguística

Ao longo deste capítulo, explicamos em linhas gerais os principais postulados defendidos pelo Estruturalismo, pelo Gerativismo e pelo Funcionalismo. Entretanto, a Linguística espalha-se por muitas outras áreas de investigação, elegendo projetos distintos de pesquisa. Como

a linguagem é uma realidade altamente complexa, seus campos de estudo acabam sendo também diversos e multifacetados.

França, Ferrari e Maia (2018, p. 18-19), em um trabalho interdisciplinar bastante minucioso, formularam uma lista das principais características das línguas humanas:

1. Todas as línguas humanas são completamente diferentes dos sistemas de comunicação que os animais usam;
2. Não há línguas primitivas: todas as línguas são altamente complexas em cada um de seus níveis estruturais;
3. Todas as línguas são articuladas, recursivas e apresentam estruturas formais bem formadas, lógicas e governadas por regras similares que geram fonemas, morfemas, palavras, sintagmas e sentenças;
4. Todas as línguas variam, apresentando dialetos associados a grupos geográficos, sociais e etários diferentes;
5. A mudança linguística é inevitável; não se tem notícia de nenhuma língua natural que tenha permanecido imutável.

De uma forma ou de outra, por meio de diferentes caminhos, as vertentes teóricas da Linguística comungam com esses postulados anteriormente citados, já que são realidades empíricas amplamente comprovadas por meio da investigação científica conduzida nas últimas décadas. É comum que algumas escolas teóricas se voltem mais para alguns pontos, e não tanto para outros. Por exemplo, a Socio-

linguística se ocupa fortemente da questão da variação linguística descrita no item 4. As teorias do texto e do discurso, por sua vez, não elegem a mudança linguística (descrita no item 5) como campo privilegiado de investigação. Afinal, em se tratando de uma seara tão complexa, é natural que haja recortes para o estudo, assim como alguns se interessam pela Fonologia, outros pela Morfologia, outros pela Sintaxe ou por outras áreas.

Da mesma maneira como há as convergências apontadas acima, há também divergências consideráveis. França, Ferrari e Maia (2018, p. 11-12) também sistematizam essas divergências a partir de três pontos: *nature x nurture*, forma x função, serialidade x redes. Neste capítulo, vamos tratar dos dois primeiros.

O primeiro debate está concentrado, respectivamente, nas visões behaviorista e gerativista. De um lado, há a defesa de que somos determinados de fora para dentro, pelas nossas experiências vividas nos diferentes contextos sociais e culturais. De outro lado, há a defesa oposta de que somos construídos pelo nosso aparato genético, de dentro para fora. Essa divergência vem, pelo menos, desde a Antiguidade Clássica. Para Platão, o nosso conhecimento deriva de estruturas inatas. Ao contrário, para Aristóteles, adquirimos conhecimentos por meio das experiências externas. Ao longo da História, esse debate vai se intensificar, já que Santo Agostinho se associará ao pensamento de Platão, e Santo Tomás de Aquino vai comungar com

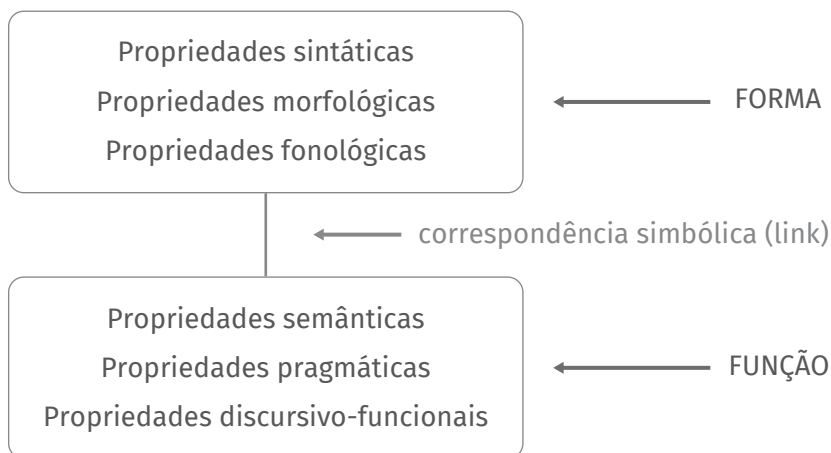
a defesa de Aristóteles. Essa questão chega aos nossos dias por meio do debate racionalismo x empirismo.

Por muito tempo, os defensores do inatismo e os defensores do comportamentalismo estiveram em trincheiras distintas. Hoje em dia, porém, é comum alguns pontos de interseção nessa questão: “o debate tem promovido progressos a partir dos quais não há volta: todas as teorias linguísticas da atualidade assumem algum nível de inatismo em relação à cognição da linguagem” (França; Ferrari; Maia, 2018, p. 128). Logo, podemos falar em visões complementares, e não mais díspares. De fato, para muitas vertentes teóricas, esse debate *nature x nurture* traduz-se mais em uma questão de ênfase. Assim, por exemplo, o Funcionalismo Clássico nasce fortemente comportamentalista, mas a Linguística Funcional Centrada no Uso (a versão mais atual do Funcionalismo, conhecida pela sigla LFCU), de certa forma, associa aspectos cognitivos (com alguma medida de inatismo) a uma forte ênfase nas questões pragmáticas e externas à língua.

O debate forma x função já foi apresentado anteriormente quando discutimos os traços do paradigma formal em contraste com o paradigma funcional. De alguma maneira, esse debate tem sido também vencido ao longo do tempo. A ênfase na função, sem dúvida, ainda é bastante forte nos estudos voltados para a língua em uso. Por outro lado, há uma atenção cada vez maior para os aspectos da forma, especialmente com o advento da abordagem construcional da gramática

(Rosário; Oliveira, 2016), como será verificado no Capítulo 4 deste livro. Em prol de uma abordagem mais holística ou geral, as análises funcionalistas têm considerado cada vez mais os aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos. Aliás, esses aspectos nunca foram desconsiderados na análise funcionalista, mas apenas desfocados em alguns tipos de análise mais concentradas no plano do significado.

Em síntese, o modelo de análise empreendido pela LFCU busca alinhar o fiel da balança, na tentativa de contemplar tanto aspectos formais quanto aspectos funcionais nas análises linguísticas. Em uma perspectiva teórica de que toda língua é um grande inventário de construções de diferentes tipos e dimensões, normalmente evocamos o quadro a seguir para tentar descrever essas mesmas construções:



Esquema 1. Dimensões da construção (forma e função)

Fonte: Croft (2001, p. 18).

A análise funcionalista empreendida nos últimos anos não mais se concentra apenas em um polo formal ou funcional, mas em uma perspectiva mais ampla e global do fenômeno linguístico. Para sermos mais precisos, se antes as pesquisas do Funcionalismo Clássico estavam concentradas ora no plano morfossintático ora no plano semântico-pragmático, podemos dizer que chegamos ao ponto em que ambos os planos são fundamentais.

A título de ilustração, vejamos como a correlação aditiva pode ser estudada a partir desse ponto de vista, em que tanto aspectos formais como funcionais são considerados na análise linguística. Construções correlatas aditivas são estruturas instanciadas por *não só... mas também, não só... como* etc. Trata-se de um processo de combinação distinto da coordenação aditiva, visto que apresenta as seguintes características:

Polos	Propriedades	Traços
Forma	Morfossintática	<p>Possibilidade de mobilidade posicional dos correlatores.</p> <p>Tendência ao compartilhamento do sujeito entre prótase e apódose.</p> <p>Interdependência.</p> <p><i>Prótase</i>: [não + (elemento de focalização/restrrição) + X]</p> <p><i>Apódose</i>: [elemento(s) de inclusão + Y]</p> <p>O preenchimento dos <i>slots</i> (X e Y) pode se dar por sintagmas nominais, orações ou ainda por várias orações combinadas.</p> <p>Tendência de uso dos seguintes tempos verbais: presente, pretérito perfeito e pretérito imperfeito do indicativo.</p>
	Fonológica	Tendência de ocorrência de maior massa fônica na apódose.
Função	Semântica	Adição com teor predominantemente argumentativo.
	Pragmática	Realce/vigor à informação apresentada na apódose.
	Discursivo-funcional	É frequente em sequências descritivas e argumentativas, com tendência de aumento ao longo do tempo nos dados de teor argumentativo.

Quadro 2. Propriedades da correlação aditiva

Fonte: Adaptado de Souza (2020, p. 177).

O Quadro 2, baseado em Croft (2001), serve para ilustrar como a análise funcionalista centrada no uso tem conduzido seus trabalhos. Fica claro que não basta o levantamento de um determinado aspecto do fenômeno linguístico em particular, mas de propriedades tanto formais (morfofossintáticas e fonológicas) quanto funcionais (semânticas, pragmáticas e discursivas), o que confere um olhar mais holístico sobre o ponto em investigação. Nesse sentido, reiteramos que o debate *forma x função* não deve ser visto na perspectiva de uma dicotomia, mas em uma relação de complementaridade.

Neste capítulo, frisamos as principais diferenças (e também convergências) entre o polo formal e o polo funcional da linguagem. De um lado, temos o Estruturalismo e o Gerativismo como os seus maiores representantes. De outro lado, temos os diversos Funcionalismos. Entretanto, a diversidade nas teorias linguísticas vai muito além desse binômio Formalismo x Funcionalismo. De fato, também temos a Sociolinguística, a Psicolinguística, os diferentes modelos de Análise do Discurso, a Semiótica, o Cognitivismo, a Glotopolítica, o Contato Linguístico e tantas outras correntes no cenário dos estudos linguísticos. O quadro teórico é muito rico e multifacetado. Afinal, para dar conta de uma engrenagem tão complexa como as línguas humanas em seus múltiplos aspectos, sem dúvida também é necessário que haja muitas frentes de estudo.

Discutir cada uma dessas teorias ou correntes excederia os objetivos deste capítulo. O mais importante no momento é perceber que a Linguística Funcional Centrada no Uso, vertente que este livro procura descrever, é uma das possíveis lupas com que podemos enxergar os fenômenos linguísticos. Este capítulo é apenas um primeiro passo. Você está pronto para os demais? Vamos em frente.

Considerações finais

Neste primeiro capítulo do livro, abordamos uma visão geral acerca dos estudos em linguagem. Inicialmente demonstramos como a Filologia, a Gramática e a Linguística são caracterizadas, a partir de suas origens e de seus interesses primordiais de trabalho. Demonstramos como as metodologias e os percursos teóricos são distintos.

A partir daí, demos maior ênfase às duas correntes teóricas mais representativas do Formalismo: o Estruturalismo e o Gerativismo. Destacamos os seus principais postulados teóricos, bem como demonstramos a forma como cada corrente concebe as línguas humanas e encara os fenômenos linguísticos, notadamente a partir de aspectos formais ou morfossintáticos.

Em seguida, descrevemos o Funcionalismo em linhas gerais, com algumas distinções iniciais entre a sua vertente mais antiga, chamada hoje de Funcionalismo Clássico, e sua vertente mais moderna, denominada Linguística Funcional Centrada no Uso. Como é natural

no campo das ciências, a Linguística Funcional também progrediu e se modificou ao longo do tempo, abarcando o fruto de novas descobertas científicas e o trabalho realizado a partir de uma maior maturidade acadêmica de seus pesquisadores.

Ao contrastar aspectos do polo formalista com o polo funcionalista, foi possível perceber quais são as convergências, mas também as divergências principais entre esses paradigmas. É muito importante destacar, contudo, que há um movimento progressivo de aproximação que tende à complementaridade, como se verificou no modelo de análise holística proposto por Croft (2001) e ilustrado por Souza (2020).

Por fim, demonstramos muito brevemente que a distribuição das correntes linguísticas entre polo formalista e polo funcionalista está longe de dar conta de toda a diversidade na ciência da linguagem.

Exercícios

Ao longo desta aula, você viu que a Filologia, a Gramática e a Linguística observam os fenômenos linguísticos de forma variada. A gramática normativa, por exemplo, rege um ideal de norma-padrão das línguas. O Funcionalismo, por sua vez, é uma teoria do uso linguístico. A observação rigorosa dos dados permite a conclusão de que um mesmo item ou construção linguística, ao longo do tempo, vai ganhando novos significados a partir de novas necessidades comunicativas. Afinal, segundo a Linguística Funcional, os fatores pragmáticos impactam o sistema linguístico. Com base nessa observação e nos dados a seguir, (a) Explique cada um dos usos de *além de*, considerando seu significado e/ou função discursiva; (b) Disserte sobre as possíveis razões para o surgimento dos diferentes usos de *além de* em língua portuguesa.

- (1) “Com dois ou três dias inteiros em Hoi Na, você já pode ir *além da* cidade antiga e explorar outros cenários. Um deles é a praia de Na Bang, que fica a 5 quilômetros do centrinho, em um percurso que pode ser feito de bicicleta, atravessando campos de arroz.”
Fonte: LASCO, Thiago. Hoi An: supresa iluminada no meio do Vietnã. *O Estado de S. Paulo*, 03 out. 2017.

- (2) “Finalmente, a avaliação de risco é classificada em quatro parâmetros: Risco iminente nos próximos dois meses, risco a longo prazo para *além dos* dois meses, risco de extrema violência ou morte (avalia comportamentos extremos de violência, nomeadamente hospitalização e homicídio) e; risco de intensificação da violência (avalia os comportamentos de violência em termos de frequência e severidade).”
Fonte: ALMEIDA, Iris; SOEIRO, Cristina. Avaliação de risco de violência conjugal: Versão para polícias (SARA: PV). *Análise Psicológica*, v. 28, n. 1, jan. 2010.
- (3) “Em grande estilo, o Paulínia Festival de Cinema fez a alegria dos cineastas brasileiros no encerramento de sua quarta edição, no Theatro Municipal da cidade, a 120km de SP. Com a amada, Bruna Lombardi (58), Carlos Alberto Riccelli (65) ficou emocionado ao ouvir o seu terceiro trabalho atrás das câmeras, Onde Está a Felicidade?, ser anunciado o Melhor Longa de Ficção pelo Júri Popular. ‘Não esperávamos esse prêmio, que é o maior que se poderia receber’, garante ele. ‘É ótimo ver o carinho do público e ainda vencer nessa categoria’, emenda Bruna, que, *além de* estrelar o filme, assina a produção e o roteiro.”
Fonte: Revista CARAS, v. 18, n. 923, 14 jul. 2011.

Em (1), *além de* é usado em um enquadramento espacial físico, já que se fala em ir “além da cidade antiga”. Trata-se de um uso mais concreto, o que é corroborado pelo entorno sintático, como a expressão “outros cenários”, “praia de Na Bang”, “quilômetros” etc.

Em (2), *além de* é usado em um enquadramento temporal. Na expressão “para além dos dois meses”, verifica-se uma noção de ultrapassamento do tempo. É um uso mais abstrato que o anterior, visto que há uma “distância” não mais física, mas temporal.

Por fim, em (3), o *além de* é utilizado para introduzir uma oração reduzida que indica adição ou acréscimo. Funciona como conector oracional que introduz uma oração subordinada (hipotática) adverbial aditiva.

A motivação para esses diferentes usos está justamente na necessidade de maior expressividade para a linguagem. Além disso, os sentidos mais concretos tendem a servir como base para os sentidos mais abstratos. As novas necessidades comunicativas flagradas nos usos pragmáticos da linguagem impactam a própria estrutura linguística, fazendo com que novos usos surjam na interação verbal. Essa é uma das razões para as derivações do uso de *além de* com valor temporal e como conector oracional.

Referências

- CROFT, William. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- CUNHA, Maria Angélica Furtado; OLIVEIRA, Mariangela Rios; MARTELOTTA, Mário Eduardo (orgs.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- DIK, Simon. *The history of functional grammar*. Dordrecht, Holland; Providence; USA: Foris, 1989.
- FARACO, Carlos Alberto. Estudos pré-saussurianos. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2004.
- FIORIN, José Luiz. A linguagem humana: do mito à ciência. In: FIORIN, José Luiz (org.). *Linguística? Que é isso?* São Paulo: Contexto, 2013.
- FRANÇA, Anieli Improta; FERRARI, Lilian; MAIA, Marcus. *A linguística no século XXI: convergências e divergências no estudo da linguagem*. São Paulo: Contexto, 2016.
- FRIED, Mirjan. Constructions and constructs: mapping a shift between predication and attribution. In: BERGS, Alexander; DIEWALD, Gabriele (eds.). *Constructions and language change*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2008, p. 47-79.
- ILARI, Rodolfo. O estruturalismo linguístico: alguns caminhos. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2004.
- MARCOTULIO, Leonardo Lennertz *et al.* (orgs.). *Filologia, história e língua: olhares sobre o português medieval*. São Paulo: Parábola, 2018.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PEZATTI, Erotilde Goreti. O funcionalismo em Linguística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2004.

ROSÁRIO, Ivo da Costa do; OLIVEIRA, Mariangela Rios. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa – Revista de Linguística*, v. 60, p. 233-259, 2016.

SILVA NETO, Serafim. *Introdução ao estudo da filologia portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Grifo, 1976.

SOUZA, Brenda da Silva. *A correlação aditiva nos séculos XVI, XVII e XVIII sob a ótica da Linguística Funcional Centrada no Uso*. 2020. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*. São Paulo: Cortez, 2003.

CAPÍTULO 2

LINGUÍSTICA FUNCIONAL NORTE-AMERICANA: gramaticalização e lexicalização, reanálise e analogia

Mariangela Rios de Oliveira
(UFF/CNPq/Faperj)

Objetivos

Prezado aluno, esperamos que, ao final deste capítulo, estudando os conteúdos apresentados e realizando os exercícios propostos, você seja capaz de:

1. Conhecer os pressupostos básicos que caracterizam o Funcionalismo de vertente norte-americana.
2. Compreender e distinguir dois processos de mudança clássicos do Funcionalismo: a gramaticalização e a lexicalização.
3. Identificar a reanálise e a analogia como mecanismos constitutivos dos usos linguísticos, destacando seus efeitos para os processos que levam à polissemia e à mudança.

Considerações iniciais

A partir da compreensão da Linguística como disciplina científica, como campo de pesquisa voltado para a descrição e a análise da linguagem humana, vamos, neste capítulo, nos dedicar a uma área específica dos estudos linguísticos, com foco no paradigma funcional. Na verdade, várias correntes linguísticas podem ser classificadas genericamente como *funcionalistas*, uma vez que se dedicam à pesquisa dos usos linguísticos, como a Sociolinguística, a Linguística Textual, a Análise do Discurso, entre outras. Desse conjunto, privilegamos aqui o Funcionalismo de vertente norte-americana, que tem suas especificidades em relação às demais vertentes teóricas referidas.

Para dar conta de nossos propósitos, a próxima seção trata dos conceitos básicos que fundamentam a pesquisa funcionalista de orientação norte-americana, dividida em três subseções que destacam pontos fundamentais dessa corrente. Nossa meta é fornecer a você um panorama geral do Funcionalismo, abordando questões basilares desse viés teórico, que se inicia na Costa Oeste dos Estados Unidos nos anos 70 do século XX, a partir de trabalhos de autores como Dwight Bolinger, Talmy Givón, Sandra Thompson, Paul Hopper, entre outros.

A primeira subseção é dedicada a alguns dos fundamentos básicos do Funcionalismo, como a concepção de que a língua é uma estrutura mutante e maleável, sujeita a pressões de ordem pragmática,

cognitiva e discursiva. Nessa parte do capítulo, destacamos a perspectiva de *cline*, ou de gradiência, que marca os estudos funcionalistas, na defesa de que não há limites muito claros ou definidos entre as categorias gramaticais.

Na segunda subseção, contemplamos a mudança linguística a partir da formação de constituintes gramaticais (*gramaticalização*) e constituintes lexicais (*lexicalização*), observando pontos comuns e distintos desses dois tipos de mudança. Vamos mostrar como os ambientes de interação linguística motivam a contínua criação de novos elementos da gramática e do léxico, elencando as propriedades da *gramática emergente*, nos termos de Hopper (1987; 1991).

Por fim, na terceira subseção, destacamos dois mecanismos fundamentais para o desencadeamento dos processos de mudança linguística: a reanálise e a analogia. Tais mecanismos são motivados, entre outros fatores, pela frequência de uso, como destaca Bybee (2016). De acordo com a autora, quanto mais usamos um modo de dizer, mais o fixamos na memória e mais facilmente esse modo poderá ser novamente usado, consolidando-se como recurso gramatical da língua.

Conceitos

Esta seção, conforme destacamos, se dedica a pressupostos básicos do Funcionalismo de vertente norte-americana. O título de cada subseção corresponde a um dos três eixos que dão nome a este capítulo.

Linguística Funcional norte-americana

Começamos pedindo a você que veja com atenção a imagem a seguir:



Figura 1. Dunas de areia

Fonte: Pxfuel.

Como podemos observar, a Figura 1 nos mostra algumas dunas de areia, numa imagem caracterizada pela paisagem instável, meio diluída e de contornos pouco definidos. Provavelmente se essa duna fosse fotografada em outro dia, ou mais tarde no mesmo dia, teríamos uma foto distinta. De acordo com Bybee (2016, p. 17), “as dunas de

areia têm regularidades aparentes de formato e estrutura, contudo elas também exibem considerável variação entre instâncias individuais”.

Na Linguística Funcional Norte-Americana, a língua é comparada justamente às dunas de areia. Em outros termos, a língua é concebida como uma estrutura que, ao lado da regularidade e da convenção gramatical, apresenta instabilidade, com variação e mudança. Assim como ocorre com as dunas, ocorre com os usos linguísticos. Por isso os funcionalistas desenvolvem pesquisas para responder a perguntas complexas do tipo: a) Como as línguas mudam?; b) Por que as línguas mudam?; c) Que fatores intra e extralinguísticos impactam a representação da gramática?; d) Como explicar a estabilidade, a variabilidade e a mudança verificadas na trajetória dos usos linguísticos e que convivem também em todas as etapas dessa trajetória?

Como destacam Furtado da Cunha, Costa e Cezario (2015, p. 21), a vertente funcionalista que nos orienta

procura explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua analisando as condições discursivas em que se verifica o uso. Os domínios da sintaxe, da semântica e da pragmática são relacionados e interdependentes.

Nesse sentido, entendemos que a gramática, definida como o conjunto dos usos convencionais, das formas de dizer que uma comunidade fixa pela e para a interação cotidiana, é consequente do uso, quer dizer, a gramática é motivada pela situação comunicativa.

A concepção emergente da gramática é postulada desde a fase inicial dos estudos funcionalistas e tem em Hopper (1991) uma de suas referências fundamentais. Nesse texto clássico, o autor aponta cinco estágios que marcam o processo de mudança gramatical desde sua fase inicial. São eles:

- a) *Divergência*: transformação funcional pela qual passa o elemento na mudança linguística, com perda de traços de sua categoria inicial;
- b) *Especialização*: sistematização do novo uso, que deixa de ser alternativo e torna-se regular, afastando-se do uso original;
- c) *Persistência*: manutenção de traços funcionais originais no elemento em mudança;
- d) *Decategorização*: perda de propriedades da categoria original;
- e) *Camadas*: coexistência de formas alternativas de expressão, decorrentes da mudança linguística, criando variabilidade.

Ilustramos esses estágios com os exemplos apresentados em Oliveira e Sambrana (2020), em torno de *olha lá*:

(1) Vê que do lago donde se derrama O Nilo, também vindo está Cuama. Olha as casas dos negros, como estão Sem portas, confiados, em seus ninhos, Na justiça real e defesa E na fidelidade dos vizinhos; Olha deles a bruta multidão,

Qual bando espesso e negro de estorninhos, Combaterá em Sofala a fortaleza, Que defenderá Nhaia com destreza. *Olha lá* as alagoas donde o Nilo Nace, que não souberam os antigos; Vê-lo rega, gerando o crocodilo, Os povos Abassis, de Crista amigos; Olha como sem muros (novo estilo) Se defendem melhor dos inimigos; Vê Méroe, que ilha foi de antiga fama, Que ora dos naturais Nobá se chama (CP, séc. XVI, *Obras*, Camões).

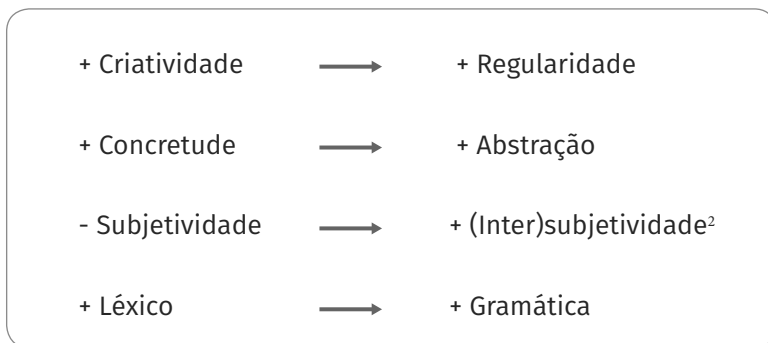
(2) À aproximação dos camaradas, Crapiúna recuou, e levou imediatamente a mão ao sabre, mas, o sargento lho arrebatou com um movimento rápido, com um movimento enérgico. - *Olha lá...* Não se engrace comigo, seu Crapiúna... – observou ele. - Vamos e muito direitinho... Comigo não se brinca, vocês sabem... Partiram em escolta, acompanhados por magotes de pessoas, no trajeto pela rua. Chegando ao quarto de Teresinha, Carneviva ordenou que se afastassem, e entrou com os soldados ficando à porta uma sentinela (CP, séc. XIX, 1878, *Luzia-Homem*, Domingos Olímpio).

Observadas as instâncias de uso de *olha lá* destacadas em (1), no século XVI, e em (2), no século XIX, podemos observar a presença dos estágios propostos por Hopper (1991). Enquanto em (1) *olha lá* é parte de um predicado verbal, em (2) temos *olha lá* atuando como marcador discursivo, constituindo um todo de função e forma. Trata-se, nesse caso, de elemento desvinculado da sintaxe do período e que atua pragmaticamente na negociação de sentidos entre os interlocutores.

Assim, em relação a (1), podemos dizer que o marcador discursivo *olha lá*, em (2), diverge do uso como predicado verbal, já que tanto *olha* deixa de assumir função verbal quanto *lá* perde traços de um pronome adverbial locativo. Podemos declarar também que *olha lá*, em (2), especializa-se como marcador discursivo, assumindo traços desta categoria, como uso fora da estrutura sintática da oração e papel de monitoramento da interação, no nível pragmático. Como marcador discursivo, *olha lá* em (2) constitui uma nova camada, que passa a competir com outros elementos dessa categoria, como *veja bem* e *preste atenção*, por exemplo. Por outro lado, consideramos que há ainda persistência de alguns traços funcionais do verbo e do pronome locativo originais nesse uso de marcador, como, respectivamente, o sentido de atenção e verificação de *olha* e a orientação dêitica de *lá*, que desloca o foco de atenção para longe. Assim posto, se relacionarmos a imagem das dunas de areia aos usos ilustrados em (1) e (2), podemos dizer que esses usos mostram dois contornos distintos: *olha lá* como predicado verbal, no século XVI, e *olha lá* como marcador discursivo, no século XIX.

A maleabilidade da gramática, a feição contingencial dos usos linguísticos e a perspectiva contínua e escalar das categorias são pressupostos básicos do Funcionalismo norte-americano. São várias as versões funcionalistas para a expressão da gradualidade (em viés diacrônico) e da gradiência (em viés sincrônico). Nas escalas

funcionalistas clássicas,¹ o que há em comum é o que chamamos de *unidirecionalidade*, entendida como princípio segundo o qual a trajetória da mudança linguística, dentro da concepção de gramática emergente, se orienta por uma só direção, um caminho único, como demonstramos no Quadro 1:



Quadro 1. Trajetórias unidirecionais de mudança linguística I

Fonte: Elaboração própria.

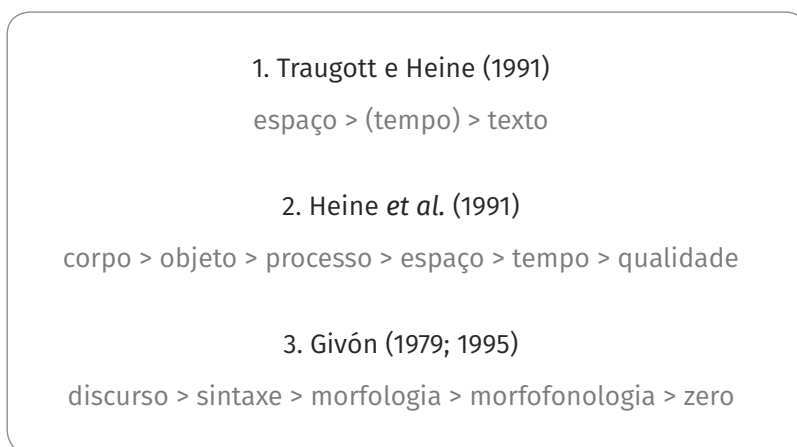
Como podemos observar pelo Quadro 1, do eixo da criatividade, da concretude, da menor subjetividade e do léxico, relativos à expressão de sentido mais básico e referencial, chegamos, respectivamente, à expressão da regularidade, da abstração, da (inter)subjetividade e da

¹ Como Rosário e Oliveira (2016), situamos a fase clássica do Funcionalismo norte-americano a partir dos anos 60 do século XX até os primeiros anos do século XXI, quando ocorre a incorporação da abordagem construcional da gramática à pesquisa funcionalista, no que hoje nomeamos de Linguística Funcional Centrada no Uso.

² No Capítulo 3, destacamos que o Funcionalismo considera que não há objetividade total nos usos linguísticos, mas sim formas de dizer menos subjetivas, que podem chegar às mais subjetivas e daí para as intersubjetivas, em que o locutor convoca o interlocutor na interação.

gramática, em processo contínuo. O registro desses eixos, no Quadro 1, é assinalado com “+” e “-”, na demonstração de que a gradiência, a escalaridade é um pressuposto fundamental dos estudos funcionalistas.

No quadro a seguir, sintetizamos três das mais clássicas propostas escalares formuladas por pesquisadores funcionalistas, que se constituem em versões mais específicas das trajetórias ilustradas no Quadro 1:



Quadro 2. Trajetórias unidirecionais de mudança linguística II

Fonte: Elaboração própria.

No Quadro 2, a primeira e a segunda versões são de base semântica, uma vez que dizem respeito à derivação de sentido, que parte do nível de referência mais concreto até chegar à articulação de sentidos mais abstratos e lógicos. A terceira trajetória, correspondente ao clássico *ciclo funcional*, aponta a escala de mudança linguística

gramatical. Essa escala parte do discurso, com usos mais fortuitos e inovadores, passando a constituir formas fixas de expressão, no âmbito sintático. Desse âmbito, migra para a plano morfológico, indo, na sequência, para o nível morfofonológico, podendo, em seguida, chegar a zero, ou seja, à perda de traços funcionais e ao desgaste formal.

A seguir, ilustramos a unidirecionalidade assumida pelo Funcionalismo norte-americano a partir dos contextos de uso do português brasileiro retirados do *Twitter*, em torno da palavra *braço*:

- (3) Você prefere envelhecer 22 anos ou perder um *braço*?
- (4) Minha bermuda rasgou de ponta a ponta no *braço da cadeira* do ônibus, que vergonha Jesus.
- (5) eu acredito com convicção que eu ganharia do felipe neto em uma *queda de braço*. valendo a mansão neto.
- (6) *Braço direito* de Luciano Hang na Havan que encenou “enterro do PT” morre de covid-19.
- (7) vontade de demonstrar todo amor e carinho p meus amigos, *abraçar*, sentir o toque, dizer q amo. que sentimento de impotência.

Nos cinco fragmentos exemplificados, destacamos a polissemia de *braço*, que tem como base usos como (3), uma parte do corpo humano, e daí passa a se referir: a objetos, como o *braço da cadeira*,

em (4); a um evento, como *queda de braço*, em (5); a uma qualidade, como *braço direito*, em (6); e chega à mudança de categoria gramatical, com o verbo *abraçar*, em (7). Novamente podemos verificar nesses dados a relação entre dunas de areia e usos linguísticos: as instâncias de uso de *braço* são como se fossem dunas em mutação, no destaque para a gradiência linguística.

A essa altura, já podemos elencar e definir, como Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013), alguns conceitos-chave do Funcionalismo que praticamos:

- a) *Cognição*: processo de conhecimento experiencial, fruto do contato da comunidade linguística com o meio histórico, cultural, social e físico em que vive; do ponto de vista funcionalista, a cognição não é mentalista, mas sim fundada nas práticas cotidianas, intermediadas e veiculadas pela linguagem.
- b) *Discurso*: Evento de uso linguístico, produzido e moldado por determinadas propriedades de ordem pragmática, cognitiva e intercomunicativa.
- c) *Gramática*: conjunto de categorias, tomadas como modos de dizer, convencionalizadas na comunidade linguística que permitem a interação entre os usuários; aquilo que se estabelece como forma simbólica para a produção e a recepção do discurso.

- d) *Língua*: estrutura emergente que exhibe padrões de estabilidade e regularidade, ao lado de variabilidade, gradualidade diacrônica e gradiência sincrônica; é um sistema adaptativo complexo.³

Gramaticalização e lexicalização

A concepção emergente da gramática, enfatizada na subseção anterior, justifica o destaque que a pesquisa funcionalista dá à mudança linguística, um dos temas clássicos e mais relevantes dessa área de estudos. Assumimos que a língua muda devido a pressões de contextos de uso efetivo, tal como as dunas de areia se alteram, uma vez que aquela é tomada como sistema adaptativo, impactado pelas condições pragmáticas, discursivas e cognitivas envolvidas na interação. Partindo desse pressuposto, dedicamo-nos a partir de agora, respectivamente, à abordagem da mudança no nível da gramática e no nível do léxico.

Gramaticalização

O termo *gramaticalização* surge na Linguística pela primeira vez na França, com Meillet (1912), na referência à trajetória unidirecional que leva categorias lexicais (como substantivo, adjetivo e verbo) a se tornarem gramaticais (como advérbio, preposição, conjunção).

³ A língua é um sistema porque é formada por distintos níveis; esse sistema é adaptativo e complexo, porque é motivado por fatores pragmáticos, discursivos e cognitivos atuantes na interação.

Mais tarde, de acordo com Kurylowicz (1965), a gramaticalização passa a abarcar o desenvolvimento de categorias menos para mais gramaticais, com base na trajetória de advérbios para conectivos e afixos, por exemplo. Mais recentemente, conforme Traugott e Heine (1991), o desenvolvimento de marcadores discursivos, no nível pragmático da língua, também passa a fazer parte da agenda da pesquisa em gramaticalização. Esse alargamento de escopo da gramaticalização se baseia no entendimento de que a pragmática é parte integrante da gramática e de que os elementos que atuam no nível pragmático são consequentes de trajetórias de mudança iniciadas na sintaxe e na morfologia, no nível gramatical mais estrito.

A gramaticalização tem larga tradição de pesquisa na Linguística, notadamente no âmbito do Funcionalismo, e suas bases têm servido para um conjunto considerável de investigações em distintos centros acadêmicos do Brasil e do exterior, a partir de línguas diversas. De acordo com Furtado da Cunha, Costa e Cezario (2015), podemos classificar a gramaticalização em dois sentidos: a) *stricto sensu*, relativa às rotas do léxico para a gramática; b) *lato sensu*, concernente aos demais tipos de mudança que ocorrem no interior da própria gramática, incluindo-se aí a pragmática, na pesquisa da trajetória de criação de marcadores discursivos, por exemplo, como ilustramos neste capítulo em (1) e (2), em torno de *olha lá*.

Outra distinção que é feita no âmbito dos estudos sobre gramaticalização é considerá-la como um paradigma ou como um processo. De acordo com Gonçalves, Lima-Hernandes e Casseb-Galvão (2007, p. 16), enquanto paradigma, a gramaticalização é “observada num estudo da língua que se preocupe em focalizar a maneira como formas gramaticais e construções surgem e como são usadas”. De outra parte, para os mesmos autores, é concebida como processo “se se detiver na identificação e análise de itens que se tornam mais gramaticais”.

Os estudos sobre gramaticalização se iniciam de modo mais efetivo no Funcionalismo a partir da década de 70 do século XX, em torno da pesquisa de itens isolados, com foco em processos redutores, em termos de sentido (polissemia, desbotamento semântico) e forma (erosão). Destaca-se nesse momento a derivação da função para a forma, na procura da relação motivada desses dois eixos. Para tanto, as derivações de sentido, com base nas relações polissêmicas, são priorizadas em face dos aspectos estruturais ou formais.

Estamos nos referindo a alterações como as seguintes, documentadas na trajetória do português, a partir dos contextos de uso de *embora*:

(8) Vay-te *embora*, ou má hora. (Said Ali, 1971)

(9) Ria *embora* quem quiser, que eu em meu siso estou.
(Said Ali, 1971)

(10) continuei no local... e eles quiseram ir *embora*...
(Martelotta, 2011)

(11) *Embora* a noite tenha tido isso de engraçado, é triste
saber que um garoto de dez anos... (Martelotta, 2011)

Os quatro exemplos ilustram a gramaticalização de *embora*. Ambos os autores trazem fragmentos que evidenciam a trajetória de advérbio temporal a conjunção concessiva. Em (8), a alternância “embora, ou má hora” flagra o uso mais original e referencial “em boa hora”, que é tomado como ponto de partida para a rota de mudança. No fragmento (9), a sintaxe comparativa “ria” e “meu siso” concorre para que “embora” assumia sentido contrastivo. Em (10), temos o advérbio de tempo, já decategorizado em relação a “em boa hora”, expressão de que se origina. Por fim, em (11), “embora” assume função conectora concessiva, numa etapa mais avançada de mudança gramatical.

São muitas as trajetórias unidirecionais de gramaticalização detectadas no português, como as seguintes, sintetizadas no Quadro 3, com base em Martelotta (2011):

1. Passagem de vocábulo livre para afixo:

tranquila mente > *tranquilamente*

cantar hei > *cantarei*

2. Passagem de verbo pleno para auxiliar:

Ele vai para casa falar com Paulo.

Ele vai falar com Paulo.

Vai chover.

3. Passagem de advérbio para conjunção:

A primeira natureza da poonba he que en logo de cantar geme. (Rossi et al., Livro das Aves, 1965)

Penso, logo existo.

Quadro 3. Exemplos de gramaticalização em português

Fonte: Adaptado de Martelotta (2011, p. 94-97).

Os exemplos listados no Quadro 3 remetem à feição clássica dos estudos sobre gramaticalização, uma vez que, tal como concebida originalmente, se trata de uma abordagem histórica, voltada para a captação da mudança de itens específicos ao longo de sincronias sucessivas.

Porém, como defendem Traugott e Heine (1991), é possível pesquisar a gramaticalização tanto na perspectiva diacrônica, detectando etapas de gradualidade linguística, quanto a partir da perspectiva sincrônica, com foco na gradiência dos usos. A seguir, apresentamos

dados de pesquisa na perspectiva sincrônica da gramaticalização, desenvolvida no âmbito do Grupo de Estudos *Discurso & Gramática*,⁴ por Oliveira (1997):

(12) ... no banheiro nós vamos encontrar... uma prateleira...
onde fica os utensílios pessoais...

(13) ... depois disso... teve a noite *onde* foi escolhido o grupo de cinco pessoas mais ou menos...

(14) ... eu acho que ao invés das pessoas sair na rua... pedindo para ... ser implantado a pena de morte no Brasil... deveria estar lutando por outras... por outros métodos... outros objetivos... de melhores condições de vida... de melhor educação para seus filhos... *onde* as pessoas poderiam viver num país bom... certo?

Os três fragmentos ilustrados, extraídos de dados de textos falados do *Corpus Discurso & Gramática*,⁵ demonstram três instâncias de uso distintas de *onde*. Em (12), temos o adjunto adverbial locativo, que anaforicamente faz referência a um objeto concreto, a prateleira, num trecho que descreve o banheiro da casa do locutor. Já em (13) *onde* faz referência anafórica ao nome temporal “noite”, assumindo,

⁴ Comunidade acadêmica pioneira na pesquisa funcionalista norte-americana praticada no Brasil. Fundado por Sebastião Votre na UFRJ na década de 1990, hoje o Grupo D&G atua em três sedes nacionais: UFRJ, UFF e UFRN. Para mais informações, acesse o site do Grupo D&G. Disponível em: <https://discursoegramaticablog.wordpress.com/sobre/>. Acesso em: 02 fev. 2022.

⁵ Esse banco de dados está disponibilizado no site do Grupo de Estudos *Discurso & Gramática* – UFF. Disponível em: <http://deg.uff.br/>. Acesso em: 02 fev. 2022.

assim, sentido mais abstrato, numa sequência narrativa. No fragmento (14), em contexto de natureza dissertativa, o locutor usa *onde* como elemento de conexão, em prol da articulação de partes do texto, na condução do desfecho de seu comentário avaliativo: “onde as pessoas poderiam viver num país bom... certo?”. Temos, nesse último caso, um nível mais avançado de abstração e de subjetividade, com a gramaticalização do conector *onde*, na evidência da mudança categorial operada.

Há ainda uma terceira via, que compatibiliza e combina ambos os enfoques, no que nomeamos como perspectiva *pancrônica*, tal como assumem Furtado da Cunha, Oliveira e Votre (1999). De acordo com os referidos autores (1999, p. 85), “a abordagem pancrônica do estudo da língua pode fornecer uma descrição mais densa, com possibilidade de compreensão mais completa dos fenômenos sob investigação”. Essa assunção se fundamenta no pressuposto de que a mudança linguística tem certas regularidades, de que o que aconteceu em etapas pretéritas do uso linguístico tende a continuar acontecendo, de que gradualidade e gradiência convivem o tempo todo, remetendo novamente à relação entre as dunas de areia e a configuração linguística. Assim, a gradiência dos usos de *onde*, tal como ilustrada nos exemplos de (11) a (13), pode ser associada com a gradualidade que levou, na trajetória do português, à gramaticalização de *onde* na rota pronome adverbial > conector.

Hopper e Traugott (1997) expandem o paradigma da gramaticalização para aí incluir a pesquisa das orações complexas, na proposição de que períodos formados por mais de uma oração são consequentes de mudanças provocadas pela combinação ou integração de orações originalmente independentes, em termos de função e de forma. O quadro a seguir resume a proposta dos autores:

Critérios	Parataxe >	Hipotaxe >	Subordinação
Dependência semântica	-	+	+
Encaixamento sintático	-	-	+

Quadro 4. Critérios de vinculação oracional

Fonte: Adaptado de Hopper e Traugott (1997, p. 170).

Para ilustrarmos o *cline* unidirecional de vinculação assumido pelos autores, observemos os seguintes exemplos:

- (15) Trabalhei, venci.
- (16) Trabalhei e venci.
- (17) Trabalhei, então venci.
- (18) Embora trabalhasse, não venci.
- (19) A pessoa que trabalha vence.
- (20) Ele quer vencer.

Temos, de (15) a (20), períodos que ilustram uma escala de pareamento crescente, em termos semântico-sintáticos. Em (15) e (16), o período é formado por orações coordenadas, sendo uma justaposta (15) e outra coordenada aditiva (16). Ambas situam-se no grupo das menos vinculadas ou paratáticas, tanto em termos funcionais quanto em termos formais, já que não apresentam dependência semântica nem encaixamento sintático. Por outro lado, em (17) e (18) aumenta o grau de vinculação, correspondente ao nível da hipotaxe, uma vez que “então venci” e “embora trabalhasse”, respectivamente, estabelecem maior dependência semântica em relação à outra com a qual formam o período composto. O estágio de maior integração ocorre em (19) e (20); em (19), a oração adjetiva restritiva “que trabalha”, na condição de adjunto adnominal do sujeito da oração principal “a pessoa vence”, se encontra encaixada a esta, estabelecendo também relação de dependência semântica; em (20), o encaixamento estrutural e a dependência semântica são maiores ainda, uma vez que a forma *vencer*, como oração reduzida, acaba por formar a perífrase verbal *quer vencer*, que constitui um todo semântico-sintático, uma só unidade.

Se fôssemos dispor os exemplos de (15) a (20) numa escala unidirecional de gramaticalização, de acordo com o Quadro 4, teríamos:



Esquema 1: Unidirecionalidade de gramaticalização de (15) a (20)

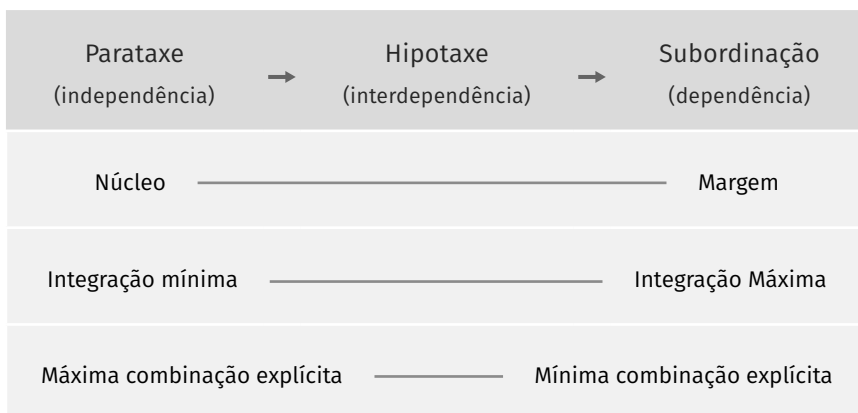
Fonte: Elaboração própria.

De acordo com o Esquema 1, constatamos que os períodos não ocupam o mesmo lugar em cada nível de integração oracional. Assim, o fato de (16) ser um período coordenado por conectivo confere-lhe maior vinculação em relação a (15). De modo semelhante, consideramos que (18) se encontra mais integrado do que (17), por conta de termos naquele período uma oração adverbial concessiva, com o verbo no subjuntivo, que é um ponto a favor da maior integração com a outra oração. Em relação à subordinação, consideramos que a perífrase *quer vencer*,⁶ em (20), é um arranjo mais encaixado do que o verificado em (19), em torno da oração adjetiva restritiva *que trabalha*.

Aos parâmetros analíticos listados no Quadro 4 (dependência semântica, nível de encaixamento e tipo de vinculação), Hopper e Traugott (1997) acrescentam as seguintes escalas para aferição do

⁶ A oração reduzida, na perspectiva da gramaticalização de Hopper e Traugott (1997), é considerada como de maior vinculação, uma estrutura *dessentencializada*, uma vez que, de tão encaixada, pode perder traços básicos da categoria oracional, como sujeito específico, verbo flexionado e elemento de conexão à principal.

grau de gramaticalização de orações, que nos ajudam a compreender a proposta de vinculação crescente de orações:



Quadro 5. Propriedades escalares de vinculação oracional

Fonte: Baseado em Hopper e Traugott (1997, p. 171).

A leitura do Quadro 5 nos permite constatar que, a respeito da gramaticalização do período composto: a) na parataxe, as orações têm maior autonomia semântico-sintática e constituem núcleos específicos, portanto, são menos integradas e exibem combinação mais explícita; b) na hipotaxe, a interdependência entre as orações é marcada por maior vinculação semântica, com proximidade estrutural crescente, a meio caminho entre os estágios menos e mais integrados; c) na subordinação, uma das orações do período composto é parte integrante do sentido da principal, e passa a atuar como margem desta, aí encaixada sintaticamente.

Lexicalização

Como Martelotta (2011, p. 117), consideramos a lexicalização “um processo criador de novos elementos lexicais, modificando ou combinando elementos já existentes”. Em relação à gramaticalização, a lexicalização tem menos tradição de pesquisa no âmbito da mudança linguística, embora possam ser estabelecidos pontos em comum entre esses dois processos.

Em Brinton e Traugott (2006), encontramos a seguinte definição para lexicalização:

mudança pela qual, em certos contextos linguísticos, os falantes usam uma construção sintática ou uma formação de palavras com uma nova forma significativa, contendo propriedades formais e semânticas que não são completamente deriváveis ou previsíveis a partir dos constituintes da construção ou do padrão da formação de palavras (Brinton; Traugott, 2006, p. 96).

De acordo com essa declaração, constatamos que as autoras não incluem os tradicionais processos de derivação prefixal e sufixal, descritos pela tradição gramatical, como casos de lexicalização. Para elas, a criação de novos componentes lexicais passa pela combinação de elementos já disponíveis na língua, que acabam por formar uma unidade lexical convencionalizada, cujo sentido é distinto da soma do sentido de cada parte envolvida. Essa definição reforça também um

dos postulados clássicos do Funcionalismo, segundo o qual a comunidade linguística recruta antigas formas para nova funcionalidade, reelaborando material disponível para funções inovadoras, utilizando velhos meios para novos fins.

Como a lexicalização se volta para a mudança linguística ocorrida no léxico, que, por sua vez, tem estreita relação com o ambiente histórico-social que nos cerca, esse processo acaba sendo muito produtivo no uso linguístico, concorrendo para ampliar o inventário de novos termos nominais e verbais. A seguir, ilustramos a produtividade lexical referida com dados da pesquisa de Simões Neto (2019), retirados do *Twitter*:

(21) Hoje, o *solteiro de Taubaté* vai dormir agarradinho com o travesseiro com o cheiro da amiga.

(22) Essa é a época que uns *crente de Taubaté* vão pro retiro pra fazer coisa errada no retiro ao invés de fazer no carnaval?

(23) Bando de idiota falando q Bolsonaro levou a *facada de Taubaté*. Primeiramente. Nem td q vem de Taubaté é mentira tá!? ... Em segundo, agora todo mundp é CSI pra analisar as cenas da agressão... AAAAH Me poupem!!! Vão é se tratar, bando de alucinados esquerdotapas!

A motivação discursivo-pragmática para esses usos é assim explicitada pelo autor: em 2012, uma mulher, habitante da cidade de Taubaté, São Paulo, fingiu estar grávida de quadrigêmeas e chegou a aparecer em programas de televisão, numa notícia de grande repercussão. A farsa foi descoberta pela imprensa e ela passou a ser chamada de “grávida de Taubaté”, na referência à falsidade da gravidez. A partir daí, a comunidade linguística passou a criar novos substantivos compostos a partir do esquema [X_{nome} de Taubaté], cujo sentido se convencionaliza como um nome (X) que é falso e enganoso. Assim, “solteiro de Taubaté” não é, de fato, um homem solteiro, bem como “crente de Taubaté” não é crente, e “facada de Taubaté” não é facada. Na verdade, se observarmos com atenção os contextos de uso em (21), (22) e (23), vamos perceber que se trata de comentários irônicos e críticos, marcados por intersubjetividade e tom persuasivo.

Outro processo de lexicalização que trazemos aqui é o estudado por Aguiar (2015), em torno do sintagma nominal formado pelo esquema [SNLoc]. Nesse esquema, a primeira subparte (SN) é um nome comum e a segunda, um pronome locativo – *lá* ou *aí*. Esse pronome, sem maior referência a qualquer espaço externo e desprovido de papel anafórico ou catafórico, encontra-se altamente vinculado ao SN e confere a este a marca da indiferença, pouca relevância ou desconhecimento, como em:

- (24) apareceu um::... um... negócio nas costas dele que ele não sabia o que que era... aí ele foi ao médico... aí o médico olhou e falou que era *uma doença lá*... alguma coisa que ele ia ter que o/ eh... fazer uma cirurgia... (*Corpus D&G*)
- (25) Sempre me surpreendiam, as mãos de Castilhos. [...] Quando começava a odiá-lo, bastava olhar para elas. [...] outro dia pintaram *uns garotos aí* com um grupo assim. Grupo não, banda. (*Corpus do Português*)
- (26) teve um dia que a gente fomos pra uma festa de rua lá em::/ ah esqueci... esqueci o nome... ah... *um lugar aí*... aí... né? (*Corpus D&G*)

Nos três fragmentos apresentados, os padrões de uso em destaque (*uma doença lá*, *uns garotos aí* e *um lugar aí*) atuam como substantivos compostos de valor atributivo. Nas três sequências, todas na primeira pessoa do singular, o locutor mostra certa displicência ou pouco caso em relação à doença, aos garotos e ao lugar comentado, respectivamente, uma vez que, na verdade, esses constituintes não são o ponto principal do que declara. Novamente, tal como exemplificamos em relação a [X de Taubaté], a forma e o sentido desses usos se encontram integrados e convencionalizados, numa expressão distinta da soma das partes que os compõem. Destacamos que os dados de (24) a (26) se referem ao português contemporâneo, uma vez que Aguiar (2015) não detecta, nas sincronias passadas da língua,

do século XIV ao XIX, nos 1.276 fragmentos levantados no *Corpus do Português*, um exemplo sequer dessa lexicalização. Somente a partir do século XX, aí sim, surgem as instâncias de uso do nome atributivo formado por [SNLoc].

De acordo com Brinton e Traugott (2006), há correspondências e distinções se comparada a gramaticalização à lexicalização. Como marcas correspondentes, podemos citar, entre outras, a unidirecionalidade, a gradualidade e a convencionalidade da mudança. Já em termos de distinções, destacamos a decategorização, a subjetividade e a frequência maior da gramaticalização comparada à lexicalização.

Reanálise e analogização

Neste ponto do capítulo, a pergunta que fica é: afinal, por que a língua muda nas práticas cotidianas? Por que as pessoas estão continuamente criando novos elementos lexicais e gramaticais, uma vez que falam um idioma que, em princípio, é suficiente para suas interações, fazendo com que a linguagem se assemelhe às dunas de areia? Vamos, nesta seção, tratar dessas perguntas.

Uma primeira e geral resposta está no mecanismo considerado fundamental para a pesquisa funcionalista: a *reanálise*.⁷ De acordo

⁷ Mais modernamente, Traugott e Trousdale (2013) adotam o termo *neonálise*, uma vez que consideram que as interpretações advindas desse mecanismo são inéditas na língua, não se tratando de meras retomadas de sentidos já articulados.

com Traugott e Trousdale (2013), esse mecanismo é definido como o modo pelo qual os interlocutores conferem novas interpretações ao que é dito ou escrito, no nível funcional ou no nível formal. Assim, a comunidade linguística está a todo momento reelaborando e reinterpretando suas interações, e nem sempre os interlocutores atribuem exatamente aos enunciados o sentido que os locutores pensam veicular. Como mecanismo geral responsável por reinterpretações semântico-sintáticas, a reanálise pode explicar o processo unidirecional da mudança linguística, constituindo-se em sua etapa inicial.

Uma das motivações para que a reanálise ocorra é a negociação de sentidos que está presente nas interações. Traugott e Dasher (2002) nomeiam esse jogo persuasivo de *inferência sugerida*⁸ e o definem como o convite que locutores fazem a seus interlocutores para que partilhem pontos de vista, apreciações ou julgamentos. A inferência sugerida é considerada como uma teoria da mudança semântica para Traugott e Dasher (2002) e etapa fundamental para que derivações de sentido, responsáveis por polissemia, iniciem provável processo de gramaticalização. Na trajetória da língua, inferências sugeridas, forjadas nos contextos intra e extralinguísticos, são entendidas como pequenos passos rumo à mudança categorial, e, nesse sentido, já começam a alterar os contornos das dunas de areia.

⁸ Tradução nossa para o termo original *invited inference*.

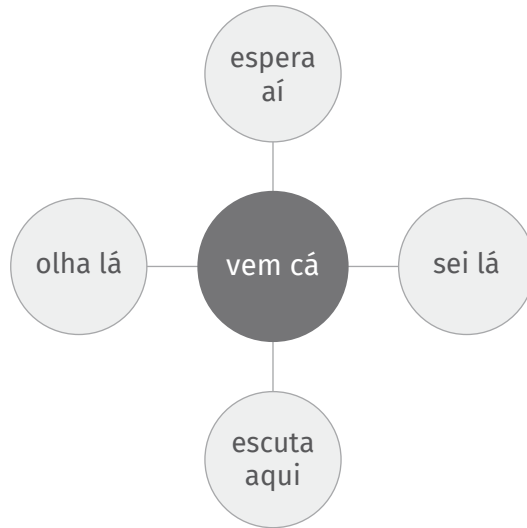
No fragmento a seguir, Teixeira (2015) apresenta o seguinte contexto de uso de *vem cá*, considerado exemplo de reanálise:

(27) Felício: Mais que a vida e o porquê porque minha alma outrossi mata a si e mata a mi tam profunda é minha fé.
Eco: É. Felício: É polo merecimento daquela por quem me fino sentes tu que nam sam dino desta pena que consento. Eco: Sento. Felício: Sento-me estar nam sei onde vejo-me só acabar por isso quero ir buscar esta voz que me responde. Eco: Onde? Felício: Onde está minha alegria que sempre foge de mi *vem cá* nam faças assi que em ver-te descansaria. Eco: Iria (Gil Vicente, sequência injuntiva, século XVI).

Em (27), o trecho de diálogo entre Felício e Eco, na peça teatral de Gil Vicente, expressa a tensão entre esses personagens. Num certo ponto, Felício declara “Onde está minha alegria que sempre foge de mi *vem cá* nam faças assi que em ver-te descansaria”. A reanálise verificada nessa declaração em torno de *vem cá*, de acordo com Teixeira (2015, p. 166), se justifica porque “o sujeito *alegria*, do verbo imperativo *vir*, reúne traços não prototípicos ou atípicos, uma vez que é inanimado, não volitivo ou agentivo e se encontra distante do verbo a que se refere”. Esses argumentos motivam a interpretação mais abstrata de *vem cá*, que fica entre a leitura de predicado verbal efetivo e a de uma chamada de atenção ou convite do locutor.

De acordo com Traugott e Dasher (2002), contextos como esse, que licenciam interpretação ambígua e geram polissemia, são exemplos de reanálise, casos de inferência sugerida. Na trajetória do português, a pesquisa de Teixeira (2015) comprova que contextos ambíguos em torno de *vem cá*, como (27), foram o ponto de partida para a mudança gramatical que convencionalizou um grande conjunto de marcadores discursivos formados por verbo e pronome locativo, como *espera aí, vamos lá, sei lá, escuta aqui*, entre outros.

A comprovação de Teixeira (2015), acerca da criação de um esquema de formação de marcadores discursivos a partir de *vem cá*, nos remete à segunda resposta para as perguntas feitas no início desta seção: a língua muda porque fazemos *analogias*. De acordo com Bybee (2016), a analogia é um processo cognitivo por meio do qual todos nós, como seres humanos, estamos sempre criando ou formulando algo a partir de um modelo já disponível. Esse mecanismo também atua no uso linguístico, portanto, grande parte dos casos de gramaticalização e de lexicalização são consequentes de analogia, como apontam os resultados de Teixeira, a seguir ilustrados:



Esquema 2. Analogia a partir de *vem cá*

Fonte: Elaboração própria com base em Teixeira (2015).

Como podemos observar pelo Esquema 2, o ponto inicial da formação de marcadores discursivos como *olha lá*, *escuta aqui*, *sei lá* e *espera aí*, entre outros, é *vem cá*, que fornece o modelo VLoc, a partir do qual novos membros são criados.

Segundo Traugott e Trousdale (2013), a analogia é um tipo de reanálise, uma vez que, para ocorrer, é preciso reinterpretação formal, partindo de um modelo já existente. Assim, podemos dizer que: a) reanálise é um mecanismo mais geral, que inclui a analogia; b) toda analogia é um caso de reanálise, mas nem toda reanálise é analogia, já que não forma esquemas necessariamente replicáveis.

Como Bybee (2016), consideramos que, para a ocorrência de reanálises, a frequência com que as formas linguísticas são experimentadas está no centro do conhecimento gramatical. Usos repetidos impactam sua representação na comunidade linguística e criam convenção, sintetizando a premissa funcionalista clássica de que *fazemos melhor o que fazemos sempre*, uma vez que rotina cria automação e regularidade. Assim, a frequência de uso é um fator importante para a fixação do conhecimento, incluindo-se aí o linguístico, uma vez que todos os aspectos do conhecimento gramatical são derivados da experiência dos usuários da língua com sequências frequentes de expressões linguísticas concretas.

Considerações finais

Neste capítulo, caracterizamos o Funcionalismo de vertente norte-americana como uma área de estudos voltada para a descrição e a análise interpretativa dos usos linguísticos, com foco na relação entre aspectos funcionais e formais. Destacamos a importância que essa corrente dá às mudanças ocorridas na língua e que motivam sua gradiência e variabilidade, tal como as dunas de areia. Ressaltamos a unidirecionalidade, a trajetória que marca os estudos funcionalistas, na consideração de que o movimento de mudança parte de contextos mais referenciais, concretos e menos subjetivos e chega à articulação de sentidos mais inferenciais, abstratos e intersubjetivos.

Tratamos em seguida de dois processos de mudança presentes na língua: a gramaticalização, que cria novos elementos de função gramatical, e a lexicalização, que cria novos elementos do campo lexical. Desses dois processos, destacamos a gramaticalização como um importante tipo de mudança que impacta a configuração da gramática e que apresenta mais regularidade. Verificamos que a gramaticalização pode ser pesquisada tanto em perspectiva histórica, voltada para a identificação de etapas contextuais que motivam a mudança gramatical, quanto em perspectiva sincrônica, na análise da gradiência linguística, como também em viés pancrônico, na combinação dos eixos diacrônicos e sincrônicos.

Por fim, dedicamo-nos à reanálise e à analogia como mecanismos responsáveis pela mudança. Observamos que o ponto de partida é a inferência sugerida, no nível semântico-pragmático, em que interlocutores negociam opiniões e pontos de vista, gerando polissemia. Mostramos que a analogia, como um tipo específico e produtivo de reanálise, atua na criação de novos elementos com base em modelos já existentes na língua.

Exercícios

Observe os três dados de uso a seguir, extraídos de Rocha (2016), que ilustram etapas de gramaticalização do conector textual *daqui vem*:

- a) *Ahi vem* huma mulher de galópe pelas portas dentro a gritar, e atraz della hum homem.... (Almeida Garret)
- b) Cala-te, que *aí vem* um raio sobre nós! (Martins Pena)
- c) A razão do esforço, regula-se pela razão da vaidade; *daqui vem*, que em um conflito grande, os ânimos se elevam, e arrebatam; porque algumas vezes é questão do destino de um Império; em lugar que o ardor é lento, quando só se disputa um posto ventajoso. (Matias Aires)

Agora, a partir desses três fragmentos, responda:

- (1) Como se explica a unidirecionalidade da gramaticalização com base nesses usos?
- (2) Por que podemos considerar que em (b) temos um caso de inferência sugerida?
- (3) Que mecanismo estaria na origem da formação de outros conectores com esse mesmo esquema (locativo-verbo), do tipo *daí vem*, *aí vai*, *lá vai*, *aí está*? Justifique sua resposta.

Padrão de respostas

- (1) Com base nos três usos, a unidirecionalidade é explicada porque em (a) temos *ahi vem* mais objetivo, lexical e referencial, na referência a uma mulher que vem a um local específico; em (b) o sujeito posposto e não humano confere maior abstração a *aí vem*; em (c), *daqui vem* é elemento gramatical, mais abstrato e subjetivo, um membro da classe dos conectores textuais.
- (2) No segundo fragmento, a posposição do sujeito *um raio* e o fato de se estar posposto a *aí vem*, além de essa sequência vir após o imperativo *Cala-te*, cria ambiguidade. Os interlocutores podem inferir que se trata de um anúncio somente, e não que, realmente, alguém esteja chegando onde eles estão.
- (3) O mecanismo é a analogia, que atua como um tipo de reanálise na criação de novos padrões a partir de um modelo já disponível. Assim, uma vez fixado o esquema [LocV], é possível produzir *daí vem*, *aí vai*, *lá vai*, *aí está*, entre outros conectores textuais.

Referências

AGUIAR, Milena Torres de. *A construcionalização lexical SNLoc atributiva e sua instanciação no português*. 2015. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

BRINTON, Laurel; TRAUOGOTT, Elizabeth. *Lexicalization and language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

BYBEE, Joan. *Língua, uso e cognição*. São Paulo: Cortez, 2016.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 157-176.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, Maria Maura; FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica (orgs.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad; FAPERJ, 2013, p. 13-40.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; COSTA, Marcos Antonio; CEZARIO, Maria Maura. Pressupostos teóricos fundamentais. In: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariangela Rios; MARTELOTTA, Mário Eduardo (orgs.). *Linguística funcional: teoria e prática*. São Paulo: Parábola, 2015, p. 21-48.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; VOTRE, Sebastião Josué. A interação sincronia/diacronia no estudo da sintaxe. *DELTA*, v. 15, n. 1, p. 85-111, 1999.

GIVÓN, Talmy. *On understanding grammar*. New York: Academic Press, 1979.

_____. *Functionalism and grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

GONÇALVES, Sebastião Carlos; LIMA-HERNANDES, Maria. Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina (orgs.). *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola, 2007.

HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike; HÜNNEMEYER, Friederike. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

HOPPER, Paul J. Emergent grammar. In: ASKE, Jon. *et al. Berkeley linguistics society 13: general session and parasession on grammar and cognition*. Berkeley: BLS, 1987, p. 139-157.

_____. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd (eds.). *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991, p. 17-35.

HOPPER, Paul J.; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

OLIVEIRA, Mariangela Rios de; SAMBRANA, Vania Mattos. Neoanálise e analogização na formação de marcadores discursivos do português. *Estudos da língua(gem)*, v. 18, n. 1, p. 25-44, 2020.

ROCHA, Rossana Alves. *O esquema VLocconnect: mudanças construcionais e construcionalização*. 2016. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

ROSÁRIO, Ivo da Costa do; OLIVEIRA, Mariangela Rios de. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa - Revista de Linguística*, v. 60, p. 233-259, 2016.

SIMÕES NETO, Natival. O padrão [XN de Taubaté]N no português brasileiro: um estudo sobre compostos sintagmáticos em perspectiva construcional. *Diadorim*, v. 21, n. 2, p. 265- 290, 2019.

TEIXEIRA, Ana Cláudia Machado. *A construção verbal marcadora discursiva VLomd: uma análise funcional centrada no uso*. 2015. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

TRAUGOTT, Elizabeth; DASHER, Richard B. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

TRAUGOTT, Elizabeth; HEINE, Bernd (eds.). *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991.

TRAUGOTT, Elizabeth; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

CAPÍTULO 3

ARBITRARIEDADE E ICONICIDADE: (inter)subjetividade, metáfora e metonímia

Mariangela Rios de Oliveira
(UFF/CNPq/Faperj)

Objetivos

Prezado aluno, esperamos que, ao final deste capítulo, estudando os conteúdos apresentados e realizando os exercícios propostos, você seja capaz de:

1. Distinguir e comparar os conceitos de arbitrariedade e de iconicidade nos usos linguísticos.
2. Apontar estratégias caracterizadoras da função (inter) subjetiva da linguagem.
3. Identificar relações metafóricas e metonímicas envolvidas na articulação de sentidos, de modo geral, e nos usos linguísticos, de forma mais específica.

Considerações iniciais

Ao longo da história da humanidade, desde os gregos e romanos, discute-se a motivação ou não dos usos linguísticos. Nessa discussão, há duas linhas de explicação que contrastam entre si:

- » A linguagem é *arbitrária*, ou seja, não tem a ver com a realidade a que faz referência; é uma *convenção*, um código que representa o mundo exterior, mas que não guarda maior relação com esse mundo.
- » A linguagem é *motivada* e reproduz naturalmente o mundo exterior; é moldada pelas condições em que esse mundo se organiza e exhibe, assim, sua *funcionalidade*.

Essa discussão, que marca a história dos estudos linguísticos, é retomada neste capítulo a partir da defesa da segunda perspectiva, aquela que destaca as propriedades funcionais da linguagem, seu viés *icônico*. Portanto, na seção seguinte, vamos destacar esse viés, definir a iconicidade e apresentar, a partir de exemplificação, seus postulados mais relevantes.

Outra questão de importância que vamos aqui tratar é a feição subjetiva ou intersubjetiva da linguagem. No Funcionalismo, os usos linguísticos são marcados, em maior ou menor grau, pela *subjetividade*, ou seja, pela expressão de pontos de vista, crenças e valores daqueles que falam ou escrevem. Muitas vezes, esse envolvimento atinge os interlocutores, aqueles que ouvem ou leem, no convite a

que partilhem as opiniões e perspectivas assumidas pelos locutores, no plano da *intersubjetividade*. A segunda parte da seção seguinte é dedicada justamente ao tratamento das questões que envolvem a propriedade (inter)subjetiva da linguagem assumida pela abordagem funcionalista, demonstrando, com base em dados de uso da língua portuguesa, como se manifesta tal propriedade.

A terceira e última parte da próxima seção é dedicada a dois processos fundamentais incorporados à pesquisa em Funcionalismo: a *metáfora* e a *metonímia*. De acordo com o primeiro processo, aos elementos linguísticos podem ser atribuídos mais de um sentido, o que gera a polissemia que marca, em geral, a linguagem. Levando em conta a metonímia, podemos dizer que as relações estruturais, ou sintagmáticas, entre os constituintes linguísticos cria certa difusão de seus limites formais, gerando ambiguidades no nível da estrutura. Na verdade, vamos observar que, em alguns contextos de uso, metáfora e metonímia atuam em conjunto e afetam, respectivamente, o sentido e a estrutura das expressões em uso.

Conceitos

Esta seção se encontra dividida em três subseções, que contemplam, respectivamente, os três conteúdos básicos a que se dedica o Capítulo 3. Vamos lá!

Arbitrariedade e iconicidade

Como já mencionamos na seção anterior, é antiga e clássica a discussão sobre a motivação das formas linguísticas: a) são arbitrárias, nada tendo a ver com o sentido que veiculam?; b) são icônicas, motivadas pelos sentidos que expressam? Se observamos com atenção, vamos perceber que a linguagem tanto exhibe arbitrariedade quanto iconicidade.

Ao considerarmos, por exemplo, a palavra *cadeira*, podemos constatar que não há nada em sua estrutura prosódica, silábica ou fonológica que informe sobre esse objeto. A relação entre essa palavra e o objeto a que se refere é, portanto, arbitrária. Ou seja, constitui mera convenção da língua portuguesa relacionar o substantivo *cadeira* com uma peça de mobiliário para que as pessoas se sentem.

De outra parte, a palavra *louva-a-deus* tem relação motivada com a cena de alguém de joelhos fazendo uma oração. A relação entre essa palavra e o animal a que se refere é, portanto, icônica. Trata-se de um termo criado pela relação entre o substantivo *louva-a-deus* e a imagem de uma pessoa em atitude de prece, embora essa palavra designe um inseto.

Vejamos agora, em imagem, essa distinção:



Figura 1. Arbitrariade x Iconicidade

Fontes: Pxfuel.

Com o Estruturalismo, corrente teórica que inaugura a Linguística como área científica, Ferdinand de Saussure (1857-1913) fixa o seguinte postulado:

O *signo* linguístico é *arbitrário*: entre o significante (estrutura) e significado (função), se estabelece uma relação meramente *convencional*.

Tomando como base a palavra *mesa*, podemos ilustrar assim a arbitrariedade na linguagem, na demonstração de que é convencional a relação entre a estrutura e a função:



Figura 2. A dupla face do signo linguístico

Fonte: Reticências (2013).

Com o Funcionalismo ganhando força na década de 1970 nos Estados Unidos, passa a se destacar a relação motivada entre propósitos comunicativos e configuração da gramática, a feição icônica dos usos linguísticos, a partir do seguinte postulado:

As formas linguísticas são *motivadas pela função* que desempenham na interação. Há *correlação natural* entre função e forma, entre a estrutura e o conteúdo.

Com base nesse pressuposto icônico, é possível explicar, sem esforço ou dificuldade, por que o pássaro a seguir se chama *beija-flor*, não é mesmo?



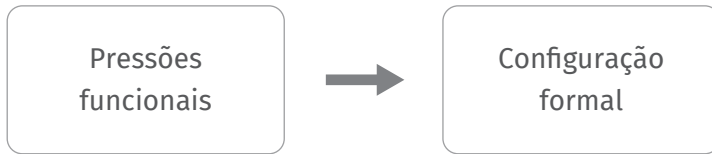
Figura 3. Beija-flor

Fonte: Pxfuel.

No Funcionalismo, a *iconicidade* é um dos princípios mais importantes, definido como a “correlação natural entre forma e função, entre o código linguístico (expressão) e seu *designatum* (conteúdo)” (Furtado da Cunha; Costa; Cezario, 2013, p. 21-22). Orientados por esse princípio, os funcionalistas consideram que a estrutura da língua reflete, em nível maior ou menor, a vivência e o conhecimento fixados pela comunidade que usa essa língua.

Aquilo que mais é utilizado mais se regulariza. Assim, quanto mais certas formas de dizer são recrutadas para a interação, mais essas formas são passíveis de serem convencionalizadas na gramática. Portanto, os usos linguísticos, principalmente em sua fase inicial, são basicamente icônicos e, via convencionalização, se tornam mais opacos em termos de motivação original.

O Funcionalismo parte da consideração de que a estrutura da língua é moldada por pressões de ordem comunicativa, cognitiva e experiencial, na seguinte linha de derivação:



Esquema 1. Motivação icônica

Fonte: Elaboração própria.

O princípio de iconicidade desdobra-se linguisticamente em três subprincípios, a fim de interpretar como os propósitos comunicativos e discursivos, bem como as experiências humanas moldam a estrutura da língua. São os seguintes, acompanhados de exemplos de uso do português, retirados do *Corpus Discurso & Gramática*,¹ a partir de relatos escritos por alunos da cidade de Niterói, usados aqui tal como foram elaborados, sem passar por correção gramatical:

1. Quantidade: a importância de uma informação motiva a quantidade de forma para sua expressão. Assim, quanto maior a forma usada, mais relevante é o conteúdo expresso, como em:

“Gosto de fazer inúmeras atividades, dentre elas, *organizar e preparar dentro da culinária, alguns pratos para determinadas*

¹ Esse banco de dados está disponibilizado no site do Grupo de Estudos *Discurso & Gramática* – UFF. Disponível em: <http://deg.uff.br/>. Acesso em: 21 out. 2020.

ocasiões. Isso me dá algum prazer, pensar em cada convidado provando temperos diferentes, fugindo um pouco da mesmice cotidiana do mesmo paladar. Não tenho nada contra ao feijão com arroz, muito pelo contrário, é o básico.” (Eliane)

Neste exemplo, Eliane expõe o que gosta de fazer por meio de uma estrutura complexa e “pesada”, em termos de sentido e de expressão: “organizar e preparar dentro da culinária, alguns pratos para determinadas ocasiões”. Essa informação, uma vez dada, passa a ser codificada na sequência pelo pronome *isso*, que retoma anaforicamente, agora em menor quantidade, o que Eliane já declarou e que seu interlocutor já sabe.

2. Proximidade ou integração: informações mais próximas na nossa mente se encontram mais próximas na estrutura linguística, portanto, o que está formalmente junto está conceitualmente junto;
3. Ordenação linear: informações mais relevantes tendem a ocupar posição inicial na cadeia sintática, destacando-se no fluxo interacional, tal como:

“Eu faço meu trabalho assim: *1º* eu vejo o que é p/ ser feito, *depois* eu vejo o tipo de papel que eu vou usar, *depois* eu recorto as figuras, *depois* eu colo, *aí* eu crítico as reportagens, *depois* eu faço a capa, *aí* eu entrego a professora e vejo se está tudo como ela pediu.” (Isabelle)

O relato de procedimento de Isabelle ilustra tanto o subprincípio de proximidade quanto o de ordenação linear. O texto se organiza em torno da sequência de etapas que ela tem que seguir para fazer um trabalho manual. Assim, a aluna usa uma série de marcações (*1º, depois, aí, e*), que são dispostas iconicamente, ou seja, na mesma ordem das ações que pratica. Além de estarem dispostas nessa ordenação, que espelha as etapas do trabalho, essas informações se encontram reunidas num mesmo parágrafo e período, o que se justifica pelo fato de o trabalho manual ser tomado como um só evento, uma totalidade de sentido que é codificada como uma totalidade de forma.

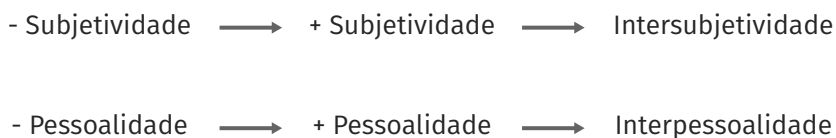
Como mencionamos na parte inicial desta subseção, no Funcionalismo, os elementos linguísticos têm seus contextos originais mais icônicos e, via repetição, se regularizam posteriormente. Uma vez sistematizadas, as expressões se convencionalizam, afastando-se dos contextos originais que as motivaram. Consideramos, portanto, que a arbitrariedade é consequência dessa regularização e desgaste das formas linguísticas. No trato cotidiano, perde-se a relação icônica original por conta das rotinas comunicativas, em prol da maior sistematização gramatical.

Assim, por exemplo, em português: a) a palavra *salário*, que surgiu a partir da porção de sal que era dada como pagamento aos soldados na Roma antiga, hoje designa somente o pagamento mensal de um trabalhador; b) a expressão *cair a ficha* é hoje usada para

significar *perceber*, tendo sido motivada inicialmente pelo sinal de ligação nos antigos telefones públicos do tipo “orelhão”, quando de fato era colocada uma ficha para se fazer uma ligação telefônica; c) o advérbio *logo* tem origem no latim *loco*, que designava espaço físico, um local, e hoje estabelece relações temporais (*Ela chegou logo*) ou lógicas (*Penso, logo, existo*); d) as desinências do futuro do indicativo – *rei, rás, rá, remos, reis, rão* – se convencionalizaram com base numa expressão de vontade a partir do verbo *haver*, na trajetória: *hei de amar < amar hei < amarei*, e hoje nada mais são do que marcações gramaticais da morfologia verbal da língua.

(Inter)subjetividade

O Funcionalismo parte do pressuposto de que os eventos de interação são marcados por maior ou menor manifestação de subjetividade, de que não ocorre objetividade absoluta nos usos linguísticos. Com base nesse pressuposto, de acordo com Traugott e Dasher (2002), temos a seguinte correspondência de trajetória:



Esquema 2. Escala de (inter)subjetividade

Fonte: Esquema baseado em Traugott e Dasher (2002).

Conforme a proposta dos autores referidos, há interações menos subjetivas e menos pessoais, que seriam aquelas com menor vestígio da participação dos locutores. Na sequência, teríamos usos mais subjetivos e mais pessoais, o que poderia levar à etapa mais avançada, em que entraria em jogo o recrutamento efetivo do ouvinte/leitor, que seria “convidado” a partilhar pontos de vista, crenças e avaliações do falante/escritor, tal como proposto por Traugott e Dasher (2002), no que chamam de *inferência sugerida*.

Essa escala pode ser ilustrada, em português, pelos seguintes usos:

1) - Subjetivo / - pessoal

Devagar se vai ao longe.

Quem espera sempre alcança.

Esses exemplos do estágio menos subjetivo e menos pessoal dizem respeito a frases feitas e a ditos populares articulados na terceira pessoa do singular (*ele/ela*), por intermédio de pronomes como *se* e *quem*; essa referência pronominal destaca o viés geral dessas frases, atribuindo-lhes um caráter amplo e mais “isento”.

2) + Subjetivo / + pessoal

Acho que devagar não se vai longe.

Tenho dúvidas se quem espera sempre alcança.

Nesse estágio, a subjetividade e a pessoalidade estão marcadas pela expressão da primeira pessoa do singular (*eu*), articulada por intermédio das formas verbais *acho* e *tenho*, respectivamente.

3) Intersubjetivo / interpessoal

Concorda que devagar se vai ao longe?

Quem espera sempre alcança, né?

A intersubjetividade e a interpessoalidade desses exemplos residem não só no fato de que se trata de frases interrogativas, que “convocam” o interlocutor para a resposta, como também na presença do elemento verbal *concorda* e da partícula *né*, que convidam o interlocutor a partilhar a declaração do locutor.

No *Corpus Discurso & Gramática*, fonte de exemplos da língua em uso que estamos utilizando neste capítulo, também encontramos distintos níveis de manifestação de (inter)subjetividade. Os trechos a seguir pertencem à mesma descrição de local escrita da aluna Eliane:

1) - subjetividade / - pessoalidade: “Através das caminhadas, *há* um processo de oxigenação no cérebro trazendo uma sensação de bem-estar.”

Aqui, Eliane fala de modo mais impessoal sobre as vantagens de se fazer caminhadas. Ela menciona que “há um processo de oxigenação no cérebro”, usando inclusive uma oração sem sujeito em torno do verbo *haver* existencial. Novamente esse tom menos subjetivo é

manifestado com a declaração “trazendo uma sensação de bem-estar”, sem qualquer menção a quem seria trazida a referida sensação. Assim articulado, esse trecho, como um todo, é considerado mais “neutro” e menos pessoal, como uma declaração cabal e objetiva.

2) + subjetividade / + pessoalidade: “O estresse do dia a dia vai se eliminando, *nos* dando um maior equilíbrio emocional e psicológico, harmonizando corpo e mente como um todo”.

O tom generalista e mais isento é agora alterado por conta do uso da primeira pessoa do plural (*nós*). Assim, a afirmação de que a eliminação do estresse do dia a dia confere “maior equilíbrio emocional e psicológico, harmonizando corpo e mente como um todo” é assumida de modo mais subjetivo e pessoal, uma vez que parte de uma avaliação particular da locutora, por conta do uso da forma pronominal *nos*. Trata-se, portanto, mais de opinião de Eliane e menos de declaração generalista.

3) Intersubjetividade / interpessoalidade: “Lá, *você* se sente pequeno e grande ao mesmo tempo. A realidade se torna mais interessante, se tem a sensação de missão cumprida sem ser obrigatória, e nesse ínterim, *você* tem um encontro com o mar, com a natureza, um encontro com Deus.”

Nesse trecho, Eliane mescla declarações menos subjetivas (“se tem a sensação de missão cumprida sem ser obrigatória”) e intersubjetivas (“*você* se sente pequeno e grande ao mesmo tempo; *você* tem um encontro com o mar, com a natureza, um encontro com Deus”). Nessa sequência, que se situa na parte final de sua descrição, a aluna, de certa forma, coloca o interlocutor no quadro descrito, chamando-o para partilhar a mesma sensação que ela tem ao chegar ao topo de uma colina. Essa chamada é feita pelo uso do pronome *você* em dois momentos; esse pronome, que não chega a se referir diretamente ao interlocutor, atua no sentido de fazer com que todos que a leiam partilhem do mesmo sentimento de pequenez e, ao mesmo tempo, realização plena, numa fusão de natureza e religiosidade.

O que esses exemplos da descrição de local de Eliane nos mostram é que, quanto mais (inter)subjetiva é uma expressão, mais ela se torna abstrata e polissêmica, dando margem a interpretações menos consensuais. Por exemplo:

- a) No relato de Eliane, quem é o referente destacado em “O estresse do dia a dia vai se eliminando, nos dando um maior equilíbrio emocional e psicológico”?
- b) O mesmo se pergunta no trecho “Lá, você se sente pequeno e grande ao mesmo tempo”.

Essas ambiguidades ocorrem porque é preciso que o interlocutor aceite o convite do locutor e atribua sentido ao que este declara,

ou seja, o sentido vai sendo construído e pode ser um pouco distinto, a depender da perspectiva – se do locutor ou do interlocutor.

Um dos tipos de linguagem que mais explora a questão da (inter) subjetividade é a humorística. Para que cheguemos ao riso, é preciso *compreender* a piada, ou seja, é preciso que o interlocutor aceite o convite e pactue sentidos com o locutor, tal como nos exemplos a seguir, com base no esquema *pergunta x resposta*:

(1) P: *Por que o pinheiro não se perde na floresta?* R: *Porque ele tem uma pinha.*

(2) P: *A plantinha foi ao hospital, mas não foi atendida. Por quê?* R: *Porque lá só tinha médico de plantão.*

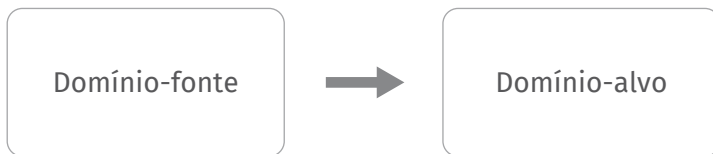
Como podemos observar, as próprias perguntas não são efetivamente “sérias”, no sentido de que não refletem experiências com personagens do nosso mundo experiencial, uma vez que pinheiro e planta são, nesse contexto, personificados. Assim, os envolvidos na interação já partem de um acordo, não declarado explicitamente, de que vão produzir e receber texto de humor, no qual tanto a pergunta quanto a resposta são menos previsíveis e requerem a articulação de sentidos intra e extralinguísticos. No caso da primeira pergunta, associa-se a perda de alguém numa *floresta* à ausência de um *mapa* (*uma pinha*), enquanto, na segunda pergunta, a associação é feita entre a *plantinha*, o *hospital* e o *médico de plantão*, que, neste caso,

passa a ter sentido ambíguo. Em ambos os exemplos, para que a piada seja bem-sucedida, em outros termos, para que o interlocutor ria, é necessário que este aceite as inferências apresentadas pelo locutor, que acate a sugestão do outro.

Metáfora e metonímia

Nesta subseção, tratamos de dois processos importantes e inter-relacionados para os estudos funcionalistas, seja para a análise dos usos atuais da língua, seja para a verificação de mudanças no nível da função e da forma. Tais processos podem ser concebidos como complementares, uma vez que se voltam para o eixo da função (metáfora) e para o eixo da forma (metonímia). De acordo com Traugott e Dasher (2002), enquanto a metáfora envolve similaridade conceitual e relações icônicas, a metonímia focaliza relações de contiguidade e associações sintagmáticas. Ao levarmos em conta que o Funcionalismo destaca a relação *função x forma*, justifica-se, assim, considerar ambos os processos em sua integração.

A metáfora é definida, nos termos de Ferrari (2011, p. 92), como um processo que *envolve a conceptualização de um domínio de experiência em termos de outro*. Em outras palavras, podemos dizer que a metáfora é um processo de transferência de traços de significado de um domínio-fonte para um domínio-alvo, como ilustrado no Esquema 3:



Esquema 3. Transferência metafórica

Fonte: Elaboração própria.

Relações metafóricas podem ser classificadas e estudadas com base em duas abordagens distintas. Uma delas é pelo viés tradicional, no entendimento da metáfora como figura da linguagem literária, que cria nova e inédita forma de expressão. A metáfora nessa perspectiva pode ser observada nos versos a seguir, que marcam singularmente o poema de Drummond (na relação entre a pedra no meio do caminho e os problemas da vida), em (3), e a letra de Cartola (na vinculação do perfume das rosas ao perfume da mulher amada), em (4):

(3) *No meio do caminho tinha uma pedra* (Carlos Drummond de Andrade)

(4) *Simplesmente [as rosas] exalam o perfume que roubam de ti* (Cartola)

A segunda abordagem das relações metafóricas é aquela concernente à Linguística. Nesse campo de investigação, a metáfora é assumida como um processo fundamental e regular no uso cotidiano da linguagem, como em:

(5) *Num relacionamento, não chute o balde precipitadamente.*

(6) *Agora ele vai dar com os burros n'água, vai pedir demissão.*

Como podemos observar, em (5) e (6) temos formas convencionais de expressão, modos comuns de dizer que estão disponíveis para todos nós em português. Não há nada de singular e de novidade nesses dizeres, de tão automatizados que já são no nosso dia a dia. Uma das evidências da regularidade desse tipo de processamento metafórico é que nem nos damos mais conta dos domínios-fonte dos quais se originaram tais usos, referentes às cenas a seguir, apresentadas na Figura 4:



Figura 4. Domínios-fonte para transferência metafórica

Fontes: Brollo (2016) e Tenazor (2011).

Na primeira imagem, podemos constatar que a propriedade-fonte de *chutar o balde*, relativa a jogar para longe algo pesado ou custoso, está presente em “Num relacionamento, não *chute o balde* precipitadamente”, concorrendo para a interpretação de que, diante de uma situação difícil (num relacionamento), não se deve desistir de imediato (não chute o balde precipitadamente). Na segunda imagem, a

dificuldade de lidar com um burro na água, de levá-lo para uma direção inicialmente prevista, é transferida como traço de domínio-fonte para articular referência a alguém que vai tomar uma atitude errada e de péssimas consequências: “Agora ele vai *dar com os burros n’água*, vai pedir demissão”.

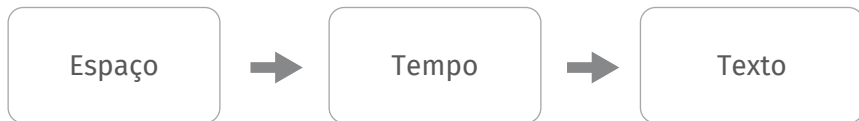
Como constata Oliveira (2020), o percurso metafórico parte do que é mais concreto para o que é mais abstrato, do que é menos subjetivo para o que é mais subjetivo. Nessa derivação de sentidos, o corpo humano é tomado como espaço próximo e físico, de onde emanam novas associações metafóricas com base em suas partes. De acordo com Votre e Rocha (1996), apresentamos expressões fixadas com base em processo metafórico de três domínios-fonte corporais:

- a) Cabeça: *estar de cabeça cheia; ser um cabeça de vento; ter cabeça feita; ser o cabeça do grupo; ser cabeça de bagre.*
- b) Olhos: *saltar os olhos, ter olho grande, não pregar os olhos, olhar de rabo de olho, ter olho clínico, custar os olhos da cara.*
- c) Pé: *ao pé da letra, não largar o pé, entrar com pé direito, meter os pés pelas mãos, estar com pé na cova, ser um pé rapado.*

Como podemos observar, tomando como fonte propriedades de três partes corporais – cabeça, olhos e pé – os usuários do português convencionalizam uma série de expressões abstratas e mais subjetivas.

O fato de a comunidade linguística adotar e utilizar regularmente essas expressões é justificado pela transferência automática de traços dessas partes corporais, situadas no domínio-fonte, de sentido mais concreto e físico, para domínio-alvo, de sentido mais abstrato e subjetivo.

Esse movimento metafórico tem sua base no chamado *localismo linguístico*, segundo o qual o sentido espacial fornece a base para a articulação do sentido temporal e, a partir daí, para o sentido textual. A seguir, demonstramos essa trajetória com base na proposta de Traugott e Heine (1991), sintetizada no Esquema 4:



Esquema 4. Trajetória localista

Fonte: Esquema baseado em Traugott e Heine (1991).

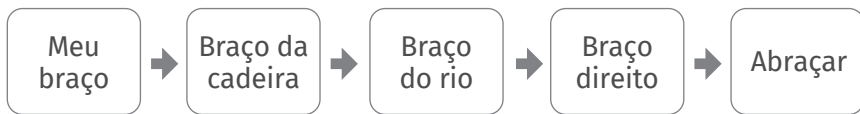
No mesmo ano, junto a outros autores, Heine *et al.* (1991) refinam essa trajetória, acrescentando outros pontos de aglomeração, na seguinte proposição:



Esquema 5. Trajetória de categorias cognitivas

Fonte: Esquema baseado em Heine *et al.* (1991).

De acordo com a concepção localista, Batoréo (2000) assume que as relações espaciais fornecem a base semântica mais concreta e original para a expressão de outras associações de sentido não espacial. Na mesma linha de raciocínio, Ferrari (2011, p. 93) declara que “recorremos ao conhecimento de base experiencial relativo ao espaço e o projetamos para o domínio abstrato de tempo”. O localismo, conforme aqui apresentado, nos permite produzir e compreender usos como:



Esquema 6. Transferência metafórica com base em *braço*

Fonte: Elaboração própria.

O Esquema 6 exemplifica a trajetória localista que, a partir do domínio-fonte *braço*, como parte do corpo humano, transfere parte de suas propriedades para domínios-alvo mais abstratos. Do espaço corporal (*meu braço*), chegamos ao espaço do objeto (*braço da cadeira*) e ao da geografia (*braço do rio*); em ambos, traços físicos do formato do braço são transferidos para a referência à cadeira e ao rio. Na sequência, temos o *braço direito*, em que a abstração de sentido e a subjetividade são maiores ainda, uma vez que temos um adjetivo que expressa sentido de solidariedade, amizade e parceria de alguém. Em seguida, passamos de usos nominais a verbais, na criação do verbo *abraçar*, que transfere a propriedade de abrigo e proteção motivada

pelo movimento dos braços de alguém para a articulação de uma ação que expressa sentido positivo, de confiança e afetividade.

Na vida cotidiana, estamos constantemente expostos à articulação metafórica, seja em termos da produção ou da recepção dos usos linguísticos. Na propaganda, por exemplo, há grande exploração desse processo, como nos exemplos a seguir:



Figura 5. Associação metafórica na publicidade

Fontes: Acijaru e Facebook.

Nas duas mensagens publicitárias, o sentido é articulado por intermédio de transferência metafórica entre domínios. Na primeira imagem, de uma propaganda do Dia das Mães, o valor e a importância que as mães devem ter na vida dos filhos são referidos associativamente como o valor e a importância de um tesouro. Assim, as propriedades da mãe, em nível abstrato, no domínio-alvo, são conectadas às propriedades do tesouro, em nível concreto, no domínio-fonte.

Na segunda imagem, a relação metafórica é articulada por meio da representação do ser amado como “a metade da laranja”, sendo a outra metade aquele que ama. Nesse sentido, em nossa sociedade, encontrar sua “outra metade” passa a se referir, metaforicamente, a encontrar a parceria e a felicidade para sempre. Nessa peça publicitária, ao contrário da anterior, o tom irônico e humorístico fica justamente por conta da “desconstrução” metafórica, uma vez que se relaciona o texto “Quando a pessoa não é a tua metade da laranja” à imagem da laranja costurada com a metade de um limão, que fica justificada pela sequência final do texto: “mas tu é teimoso e quér mesmo assim”.

O processo de transferência metafórica é relevante também para as etapas de polissemia e mudança categorial pelas quais passam os usos linguísticos. Os exemplos a seguir, extraídos da pesquisa de Venâncio (2015) e Oliveira e Paula (2019), em torno do esquema [p(a)ra lá de X] no português, ilustram nosso comentário:

- a) A fama dos seus milagres espalhou-se *para lá dos limites* da Galileia,
- b) Quando desliguei o telefone *pra lá das 04:00 horas da manhã*, eu disse que sonharia com você, ...
- c) Se há dez anos o Brasil tinha cerca de uma dúzia de microcervejarias, hoje já são *para lá de 200*, ...

- d) Com três filhos e uma vida *pra lá de agitada*, a atriz Sharon Stone dá conta do recado!
- e) A coisa tá *para lá de Marrakesh*..... Eita ferro, cruz credo !!!!!!!!!!

Conforme podemos observar, o preenchimento de X, no esquema [p(a)ra lá de X], acaba por determinar a função cumprida por toda essa sequência. Assim, em (a), temos uma expressão de sentido espacial e mais concreto. Já, em (b), é articulado sentido temporal, em nível mais abstrato. Em (c), destaca-se a funcionalidade quantitativa do esquema, uma vez que X é preenchido pelo número de microcervejarias existentes no Brasil. No fragmento (d), encontramos o uso de intensificação qualitativa, na ênfase (inter)subjetiva do grau de agitação da vida de Sharon Stone. Por fim, em (e), temos uma expressão mais fixa e também (inter)subjetiva, voltada para a articulação de sentido avaliativo da “coisa”, cabendo ao interlocutor preencher de modo mais específico o sentido de *para lá de Marrakesh*.

Com relação à metonímia, ela também é concebida a partir de duas perspectivas: uma de viés tradicional e outra de viés linguístico. Do ponto de vista da tradição gramatical, a metonímia é uma figura da linguagem definida pelo emprego de uma palavra por outra, com a qual se liga por uma relação lógica ou de proximidade. É o que ocorre nos exemplos a seguir, em que o nome do autor *Camões* é tomado

por sua obra, em (7), e *Bombril*, uma marca específica de produto de limpeza, é usado na referência a qualquer esponja de aço, em (8):

(7) *A leitura de Camões é desafiadora.* (autor pela obra)

(8) *Só uso Bombril na cozinha.* (marca pelo produto)

Em termos linguísticos mais estritos, e conforme assumimos neste capítulo, definimos a metonímia como um processo regular no uso cotidiano da linguagem, baseado em relações por contiguidade, geradas no contexto sintático, que podem, inclusive, provocar mudança linguística. Estamos nos referindo a contextos como os seguintes:

(9) *Vamos [comprar o livro] no site indicado.*

(10) *[Vamos comprar] o livro no site indicado.*

A ambiguidade estrutural de (9) e (10), fundada na possibilidade de considerarmos ou não *vamos comprar* como uma perífrase verbal ou como dois itens mais independentes, ocorre justamente por pressões de ordem metonímica. Em (9), o verbo *vamos* é interpretado como elemento mais pleno de sentido e forma, com sentido de deslocamento físico. Já em (10), esse verbo se vincula a *comprar*, atuando como se fosse um elemento auxiliar, destituído de maior plenitude de conteúdo, passando a compor uma perífrase de futuro.

Tal como a metáfora, a metonímia é também muito explorada no uso cotidiano da linguagem, como nos memes a seguir, que circulam em *sites* da internet:



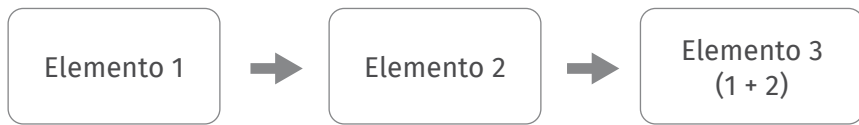
Figura 6. Associação metonímica em memes

Fonte: João Avelino.

Em ambas as situações, a completude de sentido ocorre pela associação entre o texto e a imagem. No primeiro meme, temos um repórter no primeiro plano e a frase *Teu ônibus já chegou*; abaixo dessa frase, surge o ônibus, cujo trajeto chega a um local denominado *Cala boca*; a comicidade do meme se deve justamente à vinculação entre os dois textos, que deixam de constituírem declarações separadas, passando a funcionar como um todo, na indicação de que o repórter deve parar de falar, de que é inadequado, inconveniente ou algo similar. O mesmo tipo de processamento associativo ocorre na segunda imagem, na qual a expressão *passar vergonha*, de sentido abstrato e subjetivo, assume maior concretude e objetividade por

intermédio do adjunto *no débito ou no crédito*, que é ratificado pela imagem da máquina de cartão em destaque, no primeiro plano. Nas duas imagens, portanto, o processo metonímico é importante para a articulação de sentido cômico veiculado.

Em termos esquemáticos, podemos considerar a metonímia assim processada:



Esquema 7. Processamento metonímico

Fonte: Elaboração própria.

Na ordenação sintática, a contiguidade de elementos pode provocar reinterpretação de sintagmas, frases e orações. Muitas vezes, essa reinterpretação gera ambiguidades no nível do sentido e da forma, como nos exemplos a seguir:

(11) [*Uma coisa que eu faço muito bem*] é ovo frito no *microondas*.

(12) *Uma coisa* [*que eu faço muito bem*] é ovo frito no *microondas*.

Por conta das alternativas metonímicas de (11) e (12), destacadas por colchetes, é possível detectar distintos níveis de vinculação semântico-sintática. Podemos tomar “Uma coisa que eu faço muito

bem” como um todo de sentido e forma, como em (11); podemos também considerar, em (12), a oração “que eu faço muito bem” mais apartada, como qualificador do sintagma antecedente.

Na verdade, metonímia e metáfora são como duas faces da mesma moeda. A derivação de sentido operada pela metáfora é correlata às associações articuladas na cadeia sintática em termos metonímicos. Portanto, o sentido e a forma são eixos que têm correspondência e se associam no uso linguístico, tal como apresentamos a seguir:



Esquema 8. Inter-relação metáfora x metonímia

Fonte: Elaboração própria.

Como ilustramos no Esquema 8, para chegar à metáfora, precisamos considerar o contexto sintático, e, de outra parte, para analisar o contexto sintático, precisamos levar em conta as transferências metafóricas. Ou seja, no uso linguístico, atuam concomitantemente pressões no nível da função e no nível da estrutura.

Muitas vezes, essas pressões motivam polissemia, que é o caminho da função na direção a sentidos cada vez mais abstratos e

subjetivos; essa polissemia pode, por sua vez, chegar à mudança gramatical, quando as formas linguísticas alteram seu *status* categorial, como ilustramos a seguir:

(13) ’: [*Vamos*] [*lá saber*] [*em que pé se acham os nossos interesses!*]

(14) ”: [*Vamos lá*] [*saber em que pé se acham os nossos interesses!*]

(14)’: *O ano de 2020 começou com a população mundial, em grande parte, isolada em suas casas. [Deduz-se daí] [que a economia ficará muito comprometida em muitos países.]*

(14)”: *O ano de 2020 começou com a população mundial, em grande parte, isolada em suas casas. [Deduz-se] [daí que] [a economia ficará muito comprometida em muitos países.]*

Os exemplos (13) e (14) destacam alternativas distintas de vinculação semântico-sintática de *vamos lá* e *daí que*, respectivamente. A mudança de fronteiras, indicada pelos colchetes, impacta não só as relações associativas entre os constituintes de cada período, como também atinge o sentido desses constituintes. Nesses casos, o importante não é identificar uma ou outra alternativa como “correta”, mas discutir essa possibilidade relacional distinta e os efeitos de sentido que pode provocar, na demonstração, como assumimos no Funcionalismo, de que as fronteiras das categorias gramaticais são fluidas e exibem muitos pontos de interseção.

Considerações finais

Neste capítulo, abordamos três questões teóricas relevantes para a área dos estudos funcionalistas, a partir de exemplos de usos do português. Demonstramos como essas questões impactam o sentido e a forma das estruturas da língua.

Primeiramente, destacamos que iconicidade e arbitrariedade convivem na língua. Nessa convivência, a iconicidade, fundada na relação motivada entre função e forma, tende a ser manifestada nos usos mais recentes, que depois se desgastam e convencionalizam, dando lugar à arbitrariedade.

Vimos também que a subjetividade é parte constitutiva da linguagem, estando presente em todas as interações, em maior ou menor grau. Usos subjetivos podem mais diretamente atingir o interlocutor, chegando à intersubjetividade, quando há o convite ou a convocação deste para que partilhe pontos de vista, crenças e atitudes do locutor. Assim, constatamos que não há usos linguísticos absolutamente objetivos.

Constatamos ainda que metáfora e metonímia são processos inter-relacionados, que podem levar à ambiguidade de sentido e de forma. Com base no localismo, demonstramos que sentidos concretos, referentes a partes do corpo ou a espaços geográficos, fornecem a base para expressão de sentidos abstratos, como os de tempo e os textuais.

Exercícios

Leia atentamente o fragmento abaixo, que é parte da narrativa escrita de experiência pessoal de Eliane, aluna de um curso superior de Niterói:

Estava participando como estagiária do curso de Ciências Sociais em uma Fundação. Nesse período, houve um congresso no Hotel NOVO MUNDO, localizado no Flamengo. Esse congresso era para tratar de assuntos relativos a qualificação profissional, onde vários expositores e entidades exporiam seus pareceres.

[...]

Uma amiga resolveu escolher o lugar para sentarmos, e no meio de tanta mesa bonita escolheu justamente a mais feia, digo, a pouco, um grupo havia acabado de almoçar e ainda não estava preparada para sentarmos. Não havia copos, talheres, guardanapos, enfim, estava um horror.

Apesar de ser um restaurante fino, o sistema é de buffet, que você própria se serve. Bom, sentei-me muito a contragosto, pois já havia me servido do que desejava comer. Como o garçom estava demorando, voluntariosamente, resolvi levantar-me e providenciar os talheres para a mesa. Pois pensei que não haveria nada demais ir buscá-los, estavam à vista, e, para falar a verdade, nesse grupo em que eu estava a finesse passou longe dali.

Quando voltei à mesa, o garçom já estava providenciando todos os apetrechos da mesa, me senti ridícula com aquele monte de talheres na mão. Que gafe que eu tinha dado, mas logo eu, que parecia saber tudo.

O pior foi quando os meus queridos colegas começaram a rir da minha cara pelo meu embaraço; tentei disfarçar mais não teve jeito. O garçom, percebendo o meu embaraço, recolheu o excesso que estava em minhas mãos, e como “prêmio de consolação”, fui a primeira a ser atendida por ele, inclusive, a receber os talheres da sobremesa.

Questão 1. Por se tratar de um relato de experiência pessoal, uma situação vivida pela locutora, o texto é marcado por *passagens mais subjetivas*, que veiculam seu ponto de vista, crenças e juízos de valor. Destaque, do último parágrafo, dois recursos gramaticais na expressão de sua subjetividade e justifique por que cumprem essa expressão.

Questão 2. Com base no *subprincípio icônico de quantidade*, como interpretar as informações relativas ao congresso de que Eliane estava participando, no primeiro parágrafo, abaixo destacado?

Estava participando como estagiária do curso de Ciências Sociais em uma Fundação. Nesse período, houve um congresso no Hotel NOVO MUNDO, localizado no Flamengo. Esse congresso era para tratar de assuntos relativos a qualificação profissional, onde vários expositores e entidades exporiam seus pareceres.

Padrão de respostas:

Questão 1: A subjetividade nesse parágrafo é manifestada pelo uso de pronomes da primeira pessoa do singular (meus queridos colegas, minha cara, meu embaraço, minhas mãos) e de formas verbais também da primeira pessoa (*tentei disfarçar, fui a primeira a ser atendida*). Esses elementos destacam o ponto de vista de Eliane, seu constrangimento e embaraço, transmitindo ao leitor o nível de vergonha em que estava.

Questão 2: Essas informações são mais “pesadas”, mais extensas e detalhadas por se tratar do informe inicial, do espaço onde ocorre a história que Eliane vai contar. Para contextualizar esse ambiente e informar ao leitor, a aluna precisa utilizar mais forma e conteúdo, dando o nome do hotel, sua localização, o tipo de evento e a condição em que ela lá estava.

Referências

BATORÉO, Hanna. *Expressão do espaço no português europeu: contributo psicolinguístico para o estudo da linguagem e cognição*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

BROLLO, Vanessa. 5 passos antes de chutar o balde e empreender. *Partiu Plano B*, 27 jan. 2016. Disponível em: <https://partiuplanob.com.br/5-passos-antes-de-chutar-o-balde-e-empreender/>. Acesso em: 21 out. 2020.

FERRARI, Lilian. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; COSTA, Marcos Antonio; CEZARIO, Maria Maura. Pressupostos teóricos fundamentais. In: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica *et al* (orgs.). *Linguística funcional: teoria e prática*. São Paulo: Parábola, 2013, p. 21-48.

HEINE, Bernd *et al*. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

OLIVEIRA, Mariangela Rios de. Do corpo para a mente: o caminho do concreto ao abstrato na linguagem. *Roseta*, v. 3, n. 1, 2020.

OLIVEIRA, Mariangela Rios de; PAULA, Vanessa Barbosa de. A construção intensificadora de grau [p(a)ra lá de Xadj]: trajetória, paradigmaticização e degeneração. *Diadorim*, v. 21, n. 2, p. 238-264, 2019.

RETICÊNCIAS. O signo linguístico. *Reticências*, fev. 2013. Disponível em: <http://reticenciaskuringa.blogspot.com/2013/02/o-signo-linguistico.html>. Acesso em: 21 out. 2020.

TENAZOR, Nailson Carlos R. Causos e estorita de Benjaminense: com os burros n'água. *Jambo Verde*, 13 jun. 2011. Disponível em: <https://jamboverde.blogspot.com/2011/06/causos-e-estorita-de-benjaminense-com.html?m=1>. Acesso em: 21 out. 2020.

TRAUGOTT, Elizabeth C.; DASHER, Richard B. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

TRAUGOTT, Elizabeth C.; HEINE, Bernd. *Approaches to grammaticalization*. v. 1: focus on theoretical and methodological issues. Amsterdam: John Benjamins, 1991.

VENÂNCIO, Eder Nicolau Alves. *Instanciações da microconstrução intensificadora “para lá de X” no português contemporâneo*. 2015. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

VOTRE, Sebastião Josué; OLIVEIRA, Mariangela Rios de (orgs.). *Corpus Discurso & Gramática: a língua falada e escrita na cidade de Niterói*. Disponível em: <http://discursoegramatica.com/wp-content/uploads/2018/03/niteroi.pdf>. Acesso em: 21 out. 2020.

VOTRE, Sebastião Josué; ROCHA, Alexandra Ramos da. A base corporal da metáfora. In: VOTRE, Sebastião Josué; CEZARIO, Maria Maura; MARTELOTTA, Mário Eduardo (orgs.). *Gramaticalização do português no Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p. 127-145.

CAPÍTULO 4

LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO E GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES: hierarquia construcional e domínios gerais

Ivo da Costa do Rosário
(UFF/CNPq/Faperj)

Objetivos

Prezado aluno, esperamos que, ao final deste capítulo, estudando os conteúdos apresentados e realizando os exercícios propostos, você seja capaz de:

1. Identificar os postulados principais da Linguística Funcional Centrada no Uso.
2. Compreender as propriedades das construções e sua organização hierárquica.
3. Conhecer os processos cognitivos de domínio geral.

Considerações iniciais

Nos capítulos anteriores deste livro, você teve contato com o chamado Funcionalismo Clássico. É assim que temos denominado a primeira fase dos estudos funcionalistas de vertente norte-americana, cuja origem se deu aproximadamente por volta da década de 70 do século XX. Nesse período inicial, destacamos o paradigma da gramaticalização, que sempre ocupou grande centralidade nas pesquisas desenvolvidas em nosso país e no exterior.

No Funcionalismo Clássico, eram muito comuns as pesquisas que tratavam da mudança de itens do léxico para a gramática ou do menos gramatical para o mais gramatical. Como foi destacado no Capítulo 2 deste livro, esses processos eram vistos de uma forma mais “horizontal”, da esquerda para a direita, em um *continuum* unidirecional.

A partir do início da segunda década do século XXI, o Funcionalismo passou a dialogar com a Linguística Cognitiva, em especial com a Gramática de Construções (Rosário, 2015; Rosário; Oliveira, 2016), em todo o mundo. No Brasil, de modo bastante pioneiro, o Grupo de Estudos *Discurso & Gramática* empreendeu essa aproximação dos pressupostos funcionalistas com as perspectivas cognitivista e construcionista da linguagem, o que desencadeou um novo modelo dos estudos funcionalistas, denominado Linguística Funcional Centrada no Uso (doravante LFCU).

Na primeira parte deste capítulo, vamos falar um pouco mais sobre a LFCU e seus postulados principais. Em seguida, vamos tratar especificamente da Gramática de Construções, que é uma linha de estudos em franca ascensão em todo o mundo, com forte influência na LFCU. Logo depois, trataremos das propriedades das construções, com foco na hierarquia construcional. Por fim, abordaremos os processos cognitivos de domínio geral, na visão de Bybee (2010). Vamos nessa...

Linguística Funcional Centrada no Uso

A nova fase do Funcionalismo que praticamos foi inicialmente chamada *Linguística Cognitivo-Funcional*¹ ou *Linguística Baseada no Uso*, uma tradução literal de *Usage-Based Linguistics*,² como essa vertente é conhecida no exterior. Em seguida, por sugestão do professor Mário Martelotta (UFRJ), passamos a denominar nossa área de pesquisa como *Linguística Centrada no Uso*.³ Segundo a visão do saudoso pesquisador, o uso é tão central em nossos trabalhos que deveríamos caracterizar a “nossa” Linguística como *centrada* (e não apenas *baseada*) no uso. Pouco tempo depois, de modo a resguardar o caráter *funcional*, que é tão caro à nossa tradição de pesquisa,

¹ Segundo Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013, p. 13), o termo *Linguística Cognitivo-Funcional* foi cunhado por Tomasello (1998).

² Segundo Diessel (2015, p. 295), o termo “Usage-Based Linguistics” foi primeiramente utilizado por Langacker (1988).

³ Este rótulo “Linguística Centrada no Uso” é contemplado por Martelotta (2011).

o Grupo *Discurso & Gramática*, em reunião com seus pesquisadores, decidiu, por fim, denominar a corrente teórica que adotamos como *Linguística Funcional Centrada no Uso*. Aparentemente, trata-se de um rótulo redundante. Afinal, se a Linguística é funcional, é centrada no uso. Contudo, ao assim qualificarmos a vertente com que trabalhamos, realçamos o seu traço principal e o distinguimos das demais vertentes. Em nossa concepção, de fato, a língua é funcionalmente ancorada no modo como os falantes a utilizam em sociedade.

Como já afirmamos nas considerações iniciais, a LFCU pode ser vista como uma nova fase dos estudos funcionalistas, em grande medida, influenciada pelas pesquisas empreendidas pela Linguística Cognitiva (doravante LC) e pela Gramática de Construções (doravante GC), que tiveram grande impulso nos últimos anos. Na perspectiva dos pesquisadores alinhados à LFCU, esses outros estudos oferecem grande contribuição para aspectos da análise dos diversos fenômenos linguísticos, em um olhar mais holístico ou global sobre as investigações, como ilustraremos ao longo deste capítulo.

Esse movimento de aproximação de correntes teóricas distintas (mas complementares) surgiu como uma tendência no exterior. Uma dessas parcerias com maior ressonância no Brasil é a que se estabeleceu entre Elizabeth Traugott e Graeme Trousdale. A obra mais significativa de ambos é o livro *Constructionalization and*

Constructional Changes,⁴ lançado em 2013. Essa obra tem exercido forte impacto sobre as pesquisas produzidas no país, devido ao grande poder explanatório para a mudança linguística a partir de uma abordagem construcional baseada em dados.

As contribuições da GC são tão importantes para os nossos trabalhos que, atualmente, dizemos que a LFCU adota uma abordagem construcional da gramática. Assim, consideramos que as línguas humanas são inventários de pareamentos simbólicos de forma e função, como exploraremos adiante. Essa é uma acentuada alteração de cunho teórico-metodológico, visto que passamos à defesa de uma abordagem mais interessada tanto nos aspectos estruturais quanto nos cognitivos.

Para sermos muito justos, deve ficar bem claro que o Funcionalismo Clássico e o paradigma da gramaticalização não prescindiam dos aspectos cognitivos da linguagem. A farta literatura da área comprova que esses pontos sempre estiveram no radar dos especialistas. Contudo, a base teórica de que agora dispomos, sem dúvida, oferece um instrumental mais amplo para o tratamento dos fenômenos linguísticos. Além disso, a LC e a GC investem fortemente em pesquisas psicolinguísticas e em testes experimentais, o que confere maior plausibilidade aos seus postulados, dotados de base psicológica empiricamente comprovada.

⁴ Tradução livre: “Construcionalização e mudanças construcionais”.

Na LFCU, já não é comum que se realizem pesquisas pautadas na gramaticalização. Com o advento da abordagem construcional da gramática, entram em cena novos conceitos para o tratamento da mudança linguística. Estamos falando da *construcionalização* e das *mudanças construcionais* e, de modo muito recente, da *construcionalidade*, que serão conceitos destacados no Capítulo 7 deste livro.

Costumamos dizer que essa aproximação entre Linguística Funcional e Linguística Cognitiva tem sido possível devido ao compartilhamento de muitos traços entre ambas. Assim nos explicam Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013):

Essas correntes compartilham vários pressupostos teórico-metodológicos, como a rejeição à autonomia da sintaxe, a incorporação da semântica e da pragmática às análises, a não distinção estrita entre léxico e gramática, a relação estreita entre a estrutura das línguas e o uso que os falantes fazem delas nos contextos reais de comunicação, o entendimento de que os dados para a análise linguística são enunciados que ocorrem no discurso natural [...] (Furtado da Cunha; Bispo; Silva, 2013, p. 14).

A LFCU é uma vertente nova, tendo em vista o seu recente enriquecimento teórico-metodológico. Contudo, deve ficar muito claro que a LFCU é, antes de tudo, uma corrente funcionalista fundamentada na pesquisa sincrônica, diacrônica ou pancrônica dos dados. Apesar da apropriação de grande parte dos conceitos advindos da

LC e da GC, compreendemos que o dado empiricamente atestado em *corpora* de língua real continua sendo o nosso objeto de trabalho primordial, como se verá mais detalhadamente nos Capítulos 8 e 9 deste livro.

Na LFCU, continuamos a adotar muitos conceitos da Linguística Funcional Clássica. Assim, transitividade, planos discursivos, marcação, iconicidade, informatividade e tantas outras noções já tratadas neste livro permanecem operacionalizáveis na pesquisa. Outras, porém, cederam lugar a propostas mais contemporâneas, como construcionalização (em vez de gramaticalização e lexicalização). Afinal, com a abordagem construcional da gramática, entra em cena a investigação da emergência e da regularização de padrões construcionais da língua, e não mais de itens isolados como propunham alguns trabalhos mais inaugurais em gramaticalização e lexicalização.

Devido à importância da GC no campo da LFCU, vamos apresentá-la com mais detalhes na seção seguinte.

Gramática de Construções

Iniciamos esta seção defendendo que, em nossa visão, a gramática de uma língua é um grande inventário de construções. Para Goldberg (2013, p. 2), “construções são definidas como pareamentos convencionalizados de forma e função, em variados níveis de complexidade

e de abstração”.⁵ Assim, a construção é a estrutura básica e central da gramática (Goldberg, 1995, 2006; Croft, 2001; Rosário; Oliveira, 2016), de modo que todo nosso conhecimento linguístico pode ser representado por diferentes construções interconectadas entre si. Essas construções, por sua vez, são ligadas por links e são associadas de modo dinâmico, sem total estabilidade nos usos. Ao contrário, o uso está sempre impactando as línguas humanas. Vamos tentar compreender essas noções a partir de alguns exemplos.

Você já prestou atenção na expressão “dedo duro”? Se percebermos bem, o significado dessa expressão é bem diferente do significado da soma de suas partes. A expressão “dedo duro”, tal como a conhecemos no português coloquial, é uma espécie de delator ou de denunciante. Nessa acepção, não é possível reconhecer o significado literal nem de “dedo” nem de “duro”. Em outras palavras, o significado do todo é diferente do significado da soma das partes.⁶ Assim, “dedo duro” é um exemplo de construção, ou seja, um pareamento convencionalizado de forma e de significado.

⁵ No original: “Constructions are defined to be conventional learned form-function pairings at varying levels of complexity and abstraction.”

⁶ Na aula 3, quando falamos sobre arbitrariedade e iconicidade, esclarecemos que muitas expressões nascem icônicas e vão se tornando arbitrárias com o passar do tempo. É o que parece ter acontecido com a expressão “dedo duro”. Inicialmente, a motivação para essa acepção está no fato de que delatar alguém é apontar o dedo indicador em riste para uma pessoa acusada, ou seja, aponta-se um dedo duro.

Como surgiu a GC? Fried (2015, p. 974) nos informa que a Gramática de Construções tem sua origem na chamada Gramática de Casos, proposta por Fillmore, no final da década de 1960. O trabalho seminal de alguns pesquisadores do *campus* de Berkeley, da Universidade da Califórnia, nos Estados Unidos, baseou-se na insatisfação advinda da visão gerativista da linguagem, que costuma propor um modelo bipartido de conhecimento linguístico. Segundo a visão gerativista, a linguagem é dividida em dois campos bem definidos e distintos: no léxico e na gramática (Pinheiro, 2015).

O ponto de partida daqueles pesquisadores de Berkeley foi justamente o conjunto das expressões idiomáticas, que muitas vezes revelam um comportamento sintático diferenciado em relação ao padrão sintático-semântico canônico da língua. Vejamos o exemplo a seguir, extraído da internet:

(1) “Plano B é fechar para liquidação”, diz Caiado, *chorando as pitangas* e obcecado pelo socorro federal a Goiás⁷

Fonte: “PLANO B é fechar para liquidação”, diz Caiado, chorando as pitangas e obcecado pelo socorro federal a Goiás. *Goiás 24 horas*, 11 fev. 2020.

⁷ Nas aulas de Estruturalismo, um dos conceitos mais marcantes é o de signo linguístico. Segundo Saussure, o signo é a união de um significante com um significado. Assim, a palavra “árvore”, por exemplo, é a união de um padrão fonético com um conceito em particular (a imagem que fazemos de “árvore” quando pensamos nesse conceito). Em certo sentido, o conceito de construção é uma ampliação ou um refinamento desse conceito de signo. Contudo, quando Saussure falava no signo, sua preocupação estava fortemente centrada no item lexical. A abordagem construcional, por sua vez, expande essa perspectiva para diversos padrões distintos, como se verá.

Nessa manchete jornalística, detectamos a presença da expressão idiomática “chorar as pitangas”. Assim como acontece em “dedo duro”, não é possível depreender o seu significado a partir da soma das partes (verbo *chorar* + artigo *as* + substantivo *pitangas*). Ademais, no plano sintático, observemos que o verbo *chorar*, tradicionalmente intransitivo, na expressão “chorar as pitangas”, admite um complemento, o que diverge de sua transitividade regular e canônica.

Foram exemplos mais ou menos semelhantes a esse que motivaram os pesquisadores de Berkeley a romper com o modelo gerativista. Afinal, as expressões idiomáticas, em muitos casos, não podem ser explicadas a partir de parâmetros sintáticos e semânticos totalmente regulares. Igualmente problemático seria listar todas essas expressões no léxico de uma língua, já que a lista seria infindável. Assim, esses fenômenos que inicialmente eram ignorados pela visão gerativista passaram a ocupar a centralidade da preocupação desse novo grupo de linguistas.

Como explica Pinheiro (2015, p. 165), em um momento posterior, a ideia de que expressões idiomáticas são pareamentos de forma e significado levou os pesquisadores ao seguinte questionamento: “será que sentenças perfeitamente regulares e composicionais também poderiam ser descritas com base na ideia de construção gramatical?”. A resposta é sim.

É a partir dessa perspectiva que Adele Goldberg lança seu livro *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*,⁸ em 1995. Sem dúvida, essa obra é um marco nos estudos construcionistas, visto que Goldberg deslocou o foco da GC para as estruturas mais regulares das línguas. A título de ilustração, vejamos a chamada *ditransitive construction*,⁹ estudada pela autora, aqui com uma adaptação para os dados do português:

(2) João deu um livro para Antônio.

(3) Maria assou um pão para Vanessa.

Existe uma regularidade entre as duas sentenças. Ambas, no plano formal, são constituídas de sujeito + verbo bitransitivo (transitivo direto e indireto) + objeto direto + objeto indireto. Essa constituição sintática pode ser assim formulada: SUJ + V + OBJ1 + OBJ 2. No plano do significado, tanto (2) quanto (3) veiculam uma ideia básica: a de transferência de posse, já que uma pessoa A transfere alguma coisa para uma pessoa B. Se observarmos bem, esse sentido se mantém em qualquer situação, ou seja, podemos preencher SUJ + V + OBJ1 + OBJ 2 de modos distintos, sem que a ideia de transferência seja anulada. Poderíamos até mesmo inventar verbos e, mesmo assim, o sentido se manteria. Por exemplo:

⁸ Tradução: “Construções: uma abordagem da gramática de construções para a estrutura argumental”.

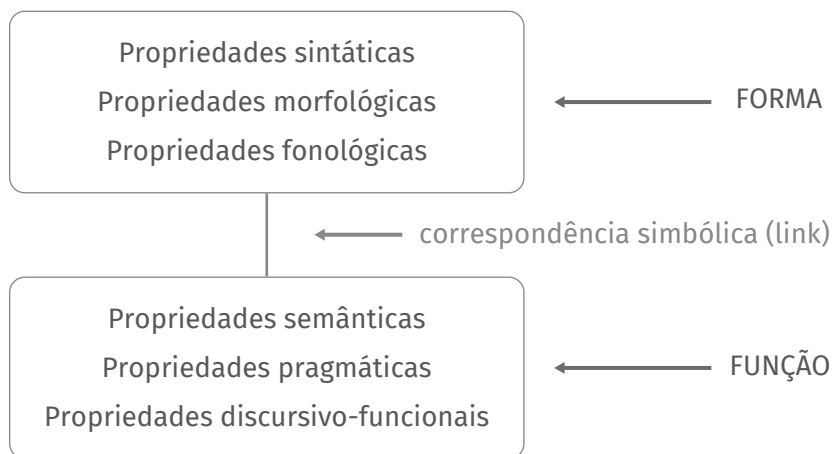
⁹ Tradução: “construção ditransitiva ou bitransitiva”.

(4) João coisou uma coisa para Pedro.

Não sabemos ao certo o que significa “coisar” no sentido em que a sentença (4) foi produzida, mas a ideia de transferência de João para Pedro está mantida. Essa constatação levou Goldberg (1995) à defesa de uma ideia muito original: a construção em si tem sentido independentemente dos elementos que a preenchem. Em outras palavras, tomando o exemplo que estamos discutindo para ilustrar esse ponto, SUJ + V + OBJ1 + OBJ 2 tem um sentido próprio.

Esses conhecimentos desenvolvidos pela GC exerceram forte impacto sobre as pesquisas funcionalistas. Assim, neste início de século XXI, sempre a partir de dados reais de língua em uso, passamos a realizar nossas análises com base nesses pareamentos de forma e significado, em diferentes níveis de abstração, e não mais em itens do léxico ou da gramática isolados.

Desde os trabalhos seminais nessa área, a GC tem se desenvolvido muito, tanto no Brasil quanto no exterior. Com o tempo, a GC também foi se especializando em diferentes modelos. Um desses modelos de maior impacto no Brasil é o proposto por Croft (2001), especialmente a partir da representação esquemática indicada pelo autor para representar o conceito teórico de construção. Vejamos:



Esquema 1. Representação esquemática da construção

Fonte: Croft (2001, p. 18).

A observação desse modelo de Croft (2001) expressa com muita clareza as duas partes da construção: o plano da forma e o plano da função.¹⁰ A forma é compreendida como um conjunto de propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas. A função, por sua vez, estrutura-se a partir de propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais. Assim, nas pesquisas realizadas atualmente, o esforço dos pesquisadores está bastante concentrado no levantamento dessas propriedades.

Ao analisar as construções correlatas aditivas do português em uso no século XXI, por exemplo, Rosário (2018) fez um amplo levantamento das suas propriedades formais e funcionais. Essas

¹⁰ O *plano da função* também é conhecido como *plano do sentido*, *plano do conteúdo* ou *plano do significado*. No original, em inglês, lê-se “meaning”.

propriedades, com base no modelo de Croft (2001, p. 18), podem ser ilustradas a seguir:

Polo	Propriedades	Traços
Forma	Sintática	Grande liberdade posicional. Capacidade de reunir segmentos oracionais e não oracionais. Limitação no número de elementos ligados. Permite coocorrência com coordenadores. Prótase prepara a apódose.
	Morfológica	Recrutamento de partículas diversas para a formação do par correlativo (partículas advindas de outras categorias). Interdependência e não contiguidade. Competição de formas.
	Fonológica	Grande quantidade de massa fônica. Ênfase em forma de <i>crescendum</i> .
Conteúdo	Semântica	Metaforização do sentido primário dos itens que compõem os correladores. Manutenção da ideia prevalente de adição. Não linearidade das informações.
	Pragmática	Valor de ênfase ou realce. Maior formalidade. Efeito de paralelismo. Tende a apresentar elementos velhos ou dados na prótase.
	Discursivo-funcional	Processo de intersubjetivização. Maior presença em contextos de alta argumentatividade e persuasão. Menor frequência de uso. Poder hierarquizador de informações.

Quadro 1. Propriedades da construção correlata aditiva

Fonte: Elaboração própria.

Vejamos um dado de pesquisa do autor (2018, p. 116):

(5) Somos, às vezes, interlocutores *não apenas* de reivindicações, *mas* somos uma espécie de interlocutores dispostos a ouvir todo sofrimento das pessoas, toda natureza de sofrimento.

Fonte: ALERJ, 12 fev. 2009.

Tomando o Esquema 1 e o Quadro 1 como pontos de partida para análise, observamos que: a) o par correlativo *não apenas... mas* exibe liberdade posicional, pois poderia estar em diferentes pontos da oração, como “Somos às vezes, *não apenas* interlocutores de reivindicações” ou “*Não apenas* somos às vezes interlocutores de reivindicações”; b) esse dado (5) é oracional, mas os correladores¹¹ podem ligar tanto orações quanto sintagmas; c) essa ligação se dá prototipicamente em forma de díade, ou seja, sempre se dá aos pares, com prótase e apódose; d) às vezes é possível haver conjunções coordenativas justapostas aos correladores; e) esses elementos (*não apenas... mas*) são mais “pesados” em termos fonéticos que a prototípica conjunção coordenativa *e* e são formados a partir de outras categorias da gramática, como advérbios (*não* e *apenas*) e conjunção (*mas*), que sofrem metáfora ou abstratização de sentido; f) a correlação aditiva hierarquiza duas informações, já que a prótase apresenta um elemento já dado e a apódose, por sua vez, tende a apresentar uma informação

¹¹ Rosário (2018) cunha o termo *correlator* para fazer referência aos articuladores ou conectores responsáveis pela ligação da prótase e da apódose, ou seja, as duas partes da correlação.

nova, em um grau crescente de argumentatividade, marcado por maior formalidade (se comparada à coordenação).

É importante destacar que as construções podem ser caracterizadas a partir de diferentes traços. Traugott e Trousdale (2013, p. 13) apontam três propriedades: tamanho, especificidade fonológica e conceptualização. Vejamos o quadro a seguir, adaptado por Rosário e Oliveira (2016, p. 240):

Tamanho	Atômica <i>café, -s (plural)</i>	Complexa <i>sei lá, por isso</i>	Intermediária <i>pós-graduação</i>
Especificidade fonológica	Substantiva <i>café, -eiro</i>	Esquemática <i>SV, Sprep</i>	Intermediária <i>Adj -mente</i>
Conceptualização	Conteudista <i>café, SV</i>	Procedural <i>-s (plural), por isso</i>	Intermediária <i>poder (modal)</i>

Quadro 2. Propriedades das construções

Fonte: Rosário e Oliveira (2016, p. 240).

Assim, as construções podem ser atômicas, complexas ou intermediárias, o que diz respeito à sua constituição morfossintática. A especificidade fonológica diz respeito ao seu grau de preenchimento, já que há construções substantivas (totalmente preenchidas) até construções totalmente esquemáticas, como SPrep, por exemplo. Por fim, a questão da conceptualização diz respeito aos polos do léxico (nível do conteúdo) ou da gramática (nível procedural).

Com relação ao dado (5), por exemplo, dizemos que os correlatores aditivos *não apenas... mas* instanciam uma construção complexa, substantiva e procedural.

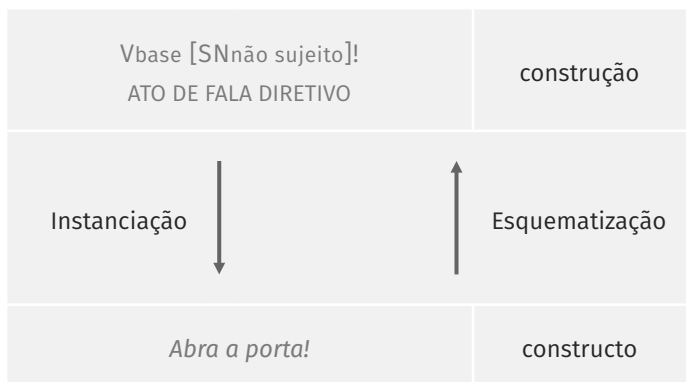
Como vemos, essa perspectiva de Traugott e Trousdale (2013) amplia bastante a concepção original de construção, tal como foi definida em sua gênese. Assim, podemos dizer que morfemas, palavras, sintagmas, expressões formulaicas, sentenças, períodos compostos e até instâncias mais complexas da língua podem ser considerados construções.

Propriedades das construções e hierarquia construcional

Na visão da LFCU, as construções de uma língua estão todas interconectadas por meio de diferentes elos (ou *links*, como são chamados na literatura da área). Esse grande inventário é denominado *constructicon*, que é um termo formado pela união da palavra *construction* (construção) + *lexicon* (léxico). O *constructicon* de uma língua, portanto, é um grande léxico mental em que há tanto elementos gramaticais quanto lexicais, além de vários elementos intermediários. Aliás, para a GC, é comum a afirmação de que não há distinção entre léxico e gramática. Na LFCU, preferimos afirmar que não há distinção *estrita* entre ambos, já que, sem dúvida, há muitos elementos híbridos na língua, mas alguns outros são plenamente lexicais (como *cadeira, mesa, caneta*) ou plenamente gramaticais (como as conjunções e preposições).

O *constructicon* é uma grande rede dinâmica. Nesse sentido, não há fixidez nem rigidez absolutas na organização das construções. Ao contrário, diante de nossa concepção de gramática emergente (Hopper, 1987), concebemos as línguas como sistemas adaptativos complexos, à imagem das dunas de areia, como foi proposto por Bybee (2010).

Na visão de Diessel (2015), há diferentes tipos de *link* entre as construções. Neste capítulo, vamos tratar somente dos chamados *links taxonômicos*, que dizem respeito à organização hierárquica da gramática. Esses *links* apontam diferentes graus de abstração. Vejamos o exemplo fornecido pelo autor, aqui traduzido em língua portuguesa:



Esquema 2. Instanciação e representação

Fonte: Diessel (2015, p. 302).

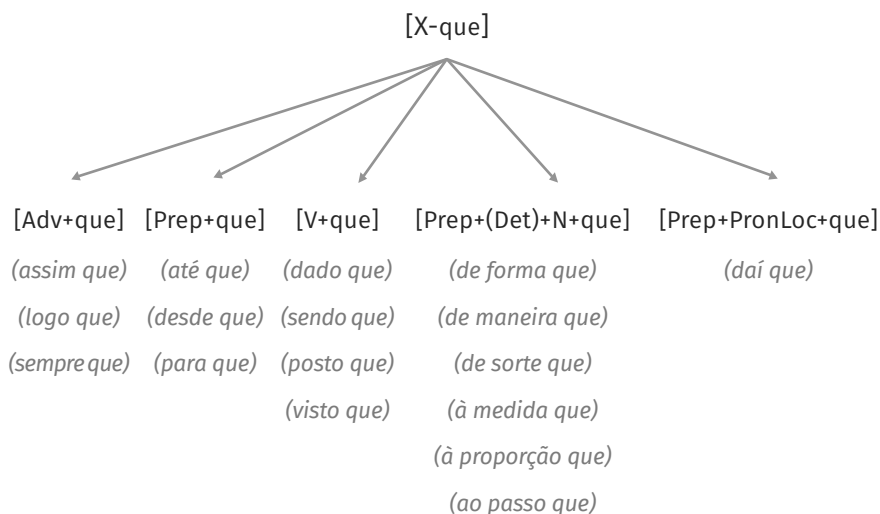
A construção V_{base} [SN_{não sujeito}] é um ato de fala diretivo, ou seja, cumpre a função de levar o ouvinte a fazer algo. Essa construção

compõe-se de duas partes: um verbo de base (no modo imperativo) mais um sintagma nominal que não cumpra o papel de sujeito. Como se trata de uma ordem, essa construção é seguida de um ponto de exclamação. Um possível constructo correspondente a essa construção é, por exemplo, “Abra a porta!”, mas poderia ser “Feche a janela!”, “Lave meu carro!” ou algo do gênero.

A representação esquemática anterior apresenta dois movimentos: instanciação e esquematização. Em uma direção *top-down* (de cima para baixo), dizemos que a construção $V_{\text{base}} [SN_{\text{não sujeito}}]$, disponível em nossa mente, permite a *instanciação* de ocorrências como “Abra a porta!”. Em outras palavras, a instanciação é uma espécie de concretização, na fala ou na escrita, de um esquema que está presente na mente. Em uma direção *bottom-up* (de baixo para cima), dizemos que o constructo “Abra a porta!” associado a tantos outros do mesmo formato (como os já citados no parágrafo anterior) permite a *esquematização* de $V_{\text{base}} [SN_{\text{não sujeito}}]$. Afinal, na perspectiva teórica que adotamos, as construções emergem como generalizações que produzimos a partir de expressões concretas com formas e significados similares, ou seja, a partir de diferentes exemplares. Esses processos de esquematização se iniciam na infância e perduram ao longo de toda nossa vida.

A esquematicidade deve sempre ser considerada em um *continuum* ou gradiente. Assim, dizemos que as construções são

[+ esquemáticas] ou [- esquemáticas]. Essa propriedade da esquematização ganha grande relevância ao lado dos conceitos de produtividade e de composicionalidade na obra de Traugott e Trousdale (2013). Para discutirmos esses conceitos a partir de um exemplo da língua portuguesa, vejamos a rede a seguir:



Esquema 3. Rede construcional do conector [X-que]_{connect}

Fonte: Arena (2015, p. 67).

O esquema anterior ilustra uma parte da rede [X-que]_{connect}. Por meio dessa representação esquemática, é possível perceber a presença de uma boa parte dos conectores em uso no português. No nível mais alto, ou seja, no nível do *esquema*, temos [X-que]. Em um nível intermediário, temos os *subesquemas* [Adv+que], [Prep+que], [V+que], [Prep+(Det)+N+que] e [Prep+PronLoc+que].

Como podemos observar, esse nível do subesquema é mais específico com relação à sua constituição morfológica. Por fim, no nível mais baixo, temos as *microconstruções*, que são efetivamente os conectores utilizados para ligar orações em língua portuguesa: *assim que, até que, dado que, de forma que, daí que* etc. Cada microconstrução atualiza-se no discurso por meio de *constructos*, que são os dados empiricamente comprovados.

Na visão da LFCU, a totalidade do nosso conhecimento linguístico é organizada em níveis hierárquicos distintos. Inicialmente esses níveis eram denominados *macroconstrução, mesoconstrução e microconstrução*. Em uma proposta mais atualizada, Traugott e Trousdale (2013) propõem os rótulos *esquema, subesquema e microconstrução*.¹²

Outro ponto importante com relação à hierarquia construcional é a discussão da proposta de Teixeira e Rosário (2016, p. 146). Para os autores, é importante resgatar o conceito de *domínio funcional*, como uma “área” ainda mais alta e virtual que o esquema. Desse modo, teríamos os seguintes níveis: Domínio Funcional > Esquema > Subesquema > Microconstrução.

Na perspectiva dos autores, baseada em Givón (1984) e em Hopper (1987), os domínios funcionais são grandes áreas gerais presentes nas línguas, como negação, quantificação, modalização

¹² Há algumas discussões em voga se esses conceitos seriam realmente correlatos, mas não vamos adentrar essa questão aqui.

etc. Tomando como base a rede proposta por Arena (2015), aqui ilustrada, podemos dizer que o esquema [X-que]_{connect} pertence ao domínio funcional da conexão, ao qual estão ligados todos os elementos conectores em língua portuguesa (conjunções, preposições, pronomes relativos etc.).

Outro ponto importante de ser destacado é que essa hierarquia construcional é sujeita a mudanças, a partir das pressões de uso. Devido à maleabilidade natural das línguas, é possível que o esquema [X-que]_{connect}, assim como outros, possa se enriquecer com novos subesquemas e microconstruções. Na pesquisa de Arena (2015), por exemplo, a autora constatou que a microconstrução conectora [daí que] desencadeou o surgimento de um novo subesquema na rede, em um movimento *bottom-up*. Trata-se do subesquema [Prep + PronLoc + que]. Logo, dizemos que houve construcionalização, ou seja, o surgimento de um novo pareamento de forma e significado na rede [X-que]_{connect}, já que essa rede sanciona¹³ esse tipo de formação.

Agora que já discutimos a esquematicidade, podemos abordar o conceito de produtividade, igualmente considerada de forma gradiente. Segundo Traugott e Trousdale (2013), a produtividade deve ser

¹³ Define-se *sanção* como o processo de criação de novas unidades na língua a partir de um esquema mais geral. Como observam Rosário e Oliveira (2016, p. 245), “deve-se destacar, contudo, que nem sempre a sanção é total. Em alguns casos, a sanção parcial é tolerada, como um processo normal da língua. Essa tolerância à não convencionalidade é um fator importante para a mudança linguística e para a criação de novos esquemas, já que funciona como um gatilho para a inovação”.

entendida com relação ao conceito de extensibilidade. Em outras palavras, dizemos que um esquema é produtivo quando tem a capacidade de sancionar outras construções menos esquemáticas. Por outro lado, um esquema pouco produtivo é aquele que apresenta restrições. No esquema [X-que]_{connect} observamos que o subesquema [Prep+(Det) + N + que] é bastante produtivo, tendo em vista que instancia seis microconstruções. Já o subesquema [Prep + PronLoc + que] é pouco produtivo, dado que só instancia uma única microconstrução. Isso pode ser explicado por diversas razões, entre elas, o seu surgimento mais recente na língua e a restrição a determinados contextos de uso, como gêneros discursivos e sequências textuais específicos.

Ainda com relação à produtividade, Bybee (2003) explica que é importante estabelecer uma distinção entre frequência *type* (ou frequência de construção) e frequência *token* (ou frequência de constructo). Em uma pesquisa, a frequência *type* diz respeito ao número de tipos diferentes de uma determinada construção. No esquema [X-que]_{connect} que nos serve de exemplo, [Prep+(Det) + N + que] é o subesquema que está dotado de maior frequência *type*, visto que conta com seis microconstruções. A frequência *token*, por sua vez, diz respeito ao número de ocorrências efetivamente coletadas no *corpus* de pesquisa. Assim, esse subesquema citado é o mais produtivo em termos de frequência *type*, mas pode ser que outro subesquema tenha maior frequência *token*. De fato, nem sempre há coincidência entre ambas.

Por fim, a composicionalidade faz referência ao grau de transparência entre forma e significado de uma construção. Como vimos no início deste capítulo, inicialmente os teóricos admitiam que somente estruturas não composicionais poderiam ser consideradas construções, já que a soma das partes necessariamente deveria divergir do significado total, como ocorre nas expressões idiomáticas. Com o tempo, essa ideia foi sendo aprimorada, de modo que hoje em dia dizemos que até sequências mais transparentes podem ser consideradas construções na língua, desde que tenham alta frequência.¹⁴

A composicionalidade pode ser sintática ou semântica. Rosário e Oliveira (2016) explicam ambas:

Composicionalidade semântica diz respeito à soma dos significados das partes. Assumimos que uma construção é mais composicional em termos semânticos quando o significado das partes ainda é recuperado no significado do todo. *Composicionalidade sintática*, por sua vez, diz respeito ao nível de integridade morfossintática das subpartes, no sentido de que quanto mais composicional, mais essas subpartes retêm as propriedades gramaticais de sua categoria fonte (Rosário; Oliveira, 2016, p. 246).

Ainda com base na rede proposta por Arena (2015), podemos afirmar que a microconstrução conectora *sempre que* é bastante com-

¹⁴ Na literatura, não há consenso quanto ao que seria uma “alta frequência”. Esse ponto, sem dúvida, ainda precisa de aprimoramento.

posicional em termos semânticos, tendo em vista que o significado do advérbio *sempre* é bem preservado na formação do conector. Por outro lado, a microconstrução *visto que*, utilizada em uma semântica de causalidade, é bem menos composicional, uma vez que já não se recupera com clareza o significado do particípio do verbo perceptivo *ver* em sua constituição. Em termos sintáticos, nesses casos, a questão se inverte. No caso de *sempre que*, há uma considerável preservação da composicionalidade sintática, visto que, na sintaxe do português, é comum a coocorrência de advérbios à esquerda da conjunção integrante *que*. Por outro lado, no caso de *visto que*, há maior perda de composicionalidade sintática, pois o verbo *ver* é tipicamente transitivo direto e, em sua estrutura argumental, seleciona sujeito animado, o que se perde na formação do conector.

Processos cognitivos de domínio geral

Em nossa perspectiva, a análise linguística deve sempre estar baseada nos chamados processos cognitivos de domínio geral. Esses processos são chamados “gerais” porque não se circunscrevem ao plano linguístico. Na verdade, envolvem fenômenos bem amplos como a visão, a atenção e o pensamento abstrato. Nesse ponto, a abordagem teórica que praticamos diverge bastante do Gerativismo,

que defende a chamada faculdade da linguagem, com um módulo central fixado na sintaxe.

Diessel (2015, p. 295) explica essa visão de língua com bastante clareza ao negar uma chamada faculdade particular da linguagem. Segundo o autor, “o conhecimento gramatical é derivado da experiência linguística. Em nossa visão, a gramática é um ‘fenômeno emergente’ (Hopper, 1987), modelada por mecanismos psicológicos gerais”.¹⁵

A linguagem é produto da interação de aspectos cognitivos e de aspectos sociointeracionais. É nesse sentido que costumamos dizer que o conhecimento linguístico é moldado de forma constante pela experiência vivida concretamente no uso da língua em sociedade. Nessa linha, a gramática é considerada um sistema dinâmico e emergente, dado que vai se moldando à medida que é usada nos seus diferentes contextos.

Dentre os processos existentes, Bybee (2016) seleciona cinco:¹⁶ categorização, *chunking*, memória enriquecida, analogia e associação transmodal. Esses cinco processos estão explicados no quadro a seguir:

¹⁵ “Grammatical knowledge is derived from linguistic experience. On this view, grammar is an ‘emergent phenomenon’ (Hopper 1987) shaped by general psychological mechanisms”.

¹⁶ A autora ressalva que há outros processos não tratados por ela e que é possível haver também processos estritamente linguísticos.

Processo	Definição
categorização	“Similaridade ou emparelhamento de identidade que ocorre quando palavras e sintagmas, bem como suas partes componentes, são reconhecidos e associados a representações estocadas. As categorias resultantes são a base do sistema linguístico, sejam elas unidades sonoras, morfemas, palavras, sintagmas ou construções.”
<i>chunking</i>	“Processo pelo qual sequências de unidades que são usadas juntas se combinam para formar unidades mais complexas. [...] Sequências repetidas de palavras (ou morfemas) são embaladas juntas na cognição de modo que a sequência possa ser acessada como uma unidade simples.”
memória enriquecida	“Estocagem mental de detalhes da experiência com a língua, incluindo detalhes fonéticos para palavras e sintagmas, contextos de uso, significados e inferências associadas e enunciados. [...] A memória para formas linguísticas é representada em exemplares, construídos com base em ocorrências de experiência linguística que são consideradas idênticas.”
analogia	“Processo pelo qual enunciados novos são criados com base em enunciados de experiências prévias. [...] As partes de ocorrências anteriormente produzidas podem ser segmentadas em unidades que são alinhadas e categorizadas antes que novos enunciados possam ser formados com elas.”
associação transmodal	“Elo entre significado e forma. [...] O sentido é associado à maior sequência/cadeia disponível - uma palavra, um sintagma ou uma construção. [...] Inferências feitas pelo contexto de enunciados particulares também podem vir a ser associadas com sequências particulares, dando surgimento a mudanças no significado.”

Quadro 3. Processos cognitivos de domínio geral

Fonte: Bybee (2016, p. 26-28).

Dentre os processos anteriormente elencados, vamos exemplificar a categorização, o *chunking* e a analogia, visto que são mais recorrentemente citados nas pesquisas funcionalistas produzidas no país. Para isso, vamos observar a pesquisa de mestrado de Venâncio (2015), que estudou a microconstrução intensificadora “pra lá de X” no português contemporâneo. Um dos dados do autor é o seguinte:

- (6) Que as panicats são mulheres *para lá de bonitas* a gente já sabe. Deve ser por isso que a turma do Pânico na Band mandou a baianinha Mari Gonzalez para cobrir os bastidores do Miss Brasil. E quem acompanhou ela nessa missão foi nada menos que Amandinha, com seus comentários *para lá de ácidos*. (Acesso em: 27 set. 2014)

Dentre as ocorrências levantadas pelo pesquisador, o dado (6) ilustra um uso mais gramatical e mais abstrato da microconstrução, em que X é preenchido por um adjetivo. Assim, *para lá de bonitas* e *para lá de ácidos*, em sentido aproximado, são compreendidos respectivamente como “muito bonitas” e “muito ácidos”.

Esse dado nos mostra que a categoria dos intensificadores sofreu uma expansão. Classicamente usamos o elemento “muito” para intensificar adjetivos. Entretanto, diante de um quadro de novas necessidades comunicativas marcado por alta intersubjetividade, surge um novo recurso gramatical no português. Em outras palavras, ocorre a categorização de “pra lá de X” como um novo intensificador na língua.

Se observarmos bem, esse novo intensificador é formado por preposição *para/pra* + advérbio locativo *lá* + preposição *de* + um *slot*. Os três primeiros elementos cumprem funções primariamente diversas na língua portuguesa, mas são rearranjados para cumprir uma nova função. Como essa é uma sequência de palavras que ganha alta frequência, acaba sendo processada cognitivamente como uma unidade. Daí ocorre o que chamamos de *chunking*.

Por fim, deve ser destacado que uma vez formada essa micro-construção em língua portuguesa, por analogia, muitas outras vão sendo formadas a partir de um padrão memorizado pelos falantes. Observemos mais um dado de Venâncio (2015, p. 95):

- (7) “Gosto muito. Esta foto, [*para lá de* estar corretamente feita] sugere uma estória, tem humor e é essa sugestão de estória que vale mais, sob o meu ponto de vista. Parabens” (Disponível em: http://olhares.uol.com.br/silencio-dos-inocentes_-_ver-sao-carrossel-foto1392157.html#. Acesso em: 2 jan. 2015)

Como vemos, o intensificador “*pra lá de X*” passa a ser preenchido por uma oração não finita (“*pra lá de estar corretamente feita*”). Defendemos que esses usos são possíveis porque existe um modelo já convencionalizado na mente dos falantes que serve como base para a criação de arranjos mais inovadores. Em outras palavras, o novo uso oracional decorre de analogia, a partir de um uso não oracional.

Esses processos cognitivos, como já afirmado anteriormente, são de “domínio geral”, ou seja, não são específicos da linguagem. Como nossa cognição é integrada, os mesmos processos que atuam no campo linguístico atuam também em outras áreas da atividade humana.

Observe o animal na foto a seguir:



Figura 1. Ave rara

Fonte: Pxfuel.

Antes de identificar essa espécie, você não deve ter tido dificuldade para imaginar que esse animal é um tipo de ave. Certo? Isso acontece por conta de nossa capacidade de categorização e de analogização. Sabemos que aves, em geral, têm penas, patas, bico etc. Esse animal representado na imagem é um íbis-eremita, uma ave muito rara. Como temos diversos exemplares de aves armazenados em nossa memória, não é difícil deprendermos que esse animal também

pertence à categoria das aves, mesmo que nunca tenhamos visto essa espécie antes. Chegamos a essa conclusão por meio de comparações estabelecidas cognitivamente, ou seja, por analogia. Assim, essa capacidade de categorizar e de analogizar transcende o campo linguístico. É própria do nosso pensamento.

Considerações finais

Neste capítulo do livro, explicamos como surgiu a Linguística Funcional Centrada no Uso e quais são seus postulados principais. Um destaque deve ser dado à contribuição teórica da Linguística Cognitiva e da Gramática de Construções, que passaram a permitir uma visão mais holística dos fenômenos linguísticos.

A partir daí, discutimos a visão de língua especificamente proposta pela Gramática de Construções. Vimos que essa corrente nasce com a preocupação de explicar os idiomatismos da língua, mas logo alarga seus horizontes e passa a estudar toda a gramática, incluindo-se o nível do léxico. A construção, compreendida como um pareamento convencionalizado de forma e significado, é o conceito central dessa perspectiva teórica.

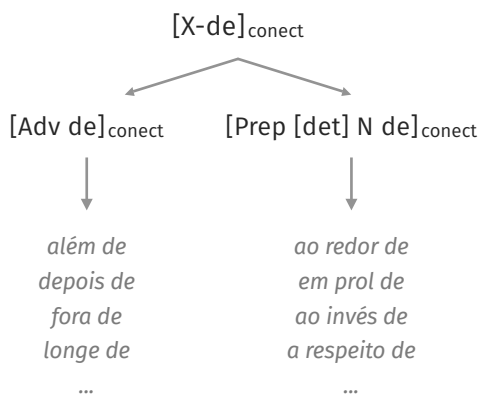
As construções podem ser organizadas em hierarquia, com os seguintes níveis: esquema, subesquema e microconstrução. A esses níveis, propõe-se a incorporação do domínio funcional como uma área mais ampla e geral da linguagem, em nível mais alto de abstração.

As construções podem ser analisadas a partir de diferentes graus de esquematicidade, composicionalidade e produtividade. Podem ser também mais procedurais ou de conteúdo.

Por fim, apresentamos os processos cognitivos de domínio geral, com ênfase em três deles: categorização, *chunking* e analogia. Demonstramos que esses processos perpassam as línguas, mas são bem mais globais, já que caracterizam a cognição humana.

Exercícios

Nesta aula, você viu que as construções podem ser esquematizadas em diferentes níveis. No domínio funcional da conexão, ao lado de [X-que]_{connect}, estudado por Arena (2015) e por outros autores, há também o esquema [X-de]_{connect}. Observe uma representação esquemática dessa segunda rede e leia os dados a seguir:



Esquema 4. Rede construcional do conector [X-de]_{connect}

Fonte: Elaboração própria.

- (1) Qual de estas notícias é uma fake news? # Ajude a combater as fake news. [*Antes de comentar*], confira se sua informação é verdadeira.

Fonte: CORREA, Angela. MasterChef Brasil: Saiba quem foi o eliminado deste domingo, 30 de junho. *Metro Jornal*, 30 jun. 2019.

- (2) [*Perto de fechar com o Corinthians*], Richard foi destaque em números defensivos em o Brasileirão # Richard fez bom campeonato, mesmo lutando contra a queda com o Fluminense.

Fonte: KESSLER, Luiz Felipe. Mercado Livre vence o ‘Top of Mind’ na categoria Site de Compras. *Seu Crédito Digital*, 05 dez. 2018.

Com base na observação da rede e dos dados disponíveis, responda: (a) Quais são os subesquemas dessa rede?; (b) É possível que *antes de* e *perto de*, destacados em (01) e (02), tenham sido formados por analogia?; (c) As microconstruções apresentadas na rede são complexas e procedurais? (d) Qual seria o significado possível da construção [X-de]_{connect} em língua portuguesa?

Padrão de respostas

- a) Os dois subesquemas dessa rede são [Adv de]_{connect} e [Prep[det]N de]_{connect}. Esses dois subesquemas são mais especificados do que [X-de]_{connect}, mas mais esquemáticos do que as microconstruções indicadas.
- a) Sim. Como há um padrão já formado na língua portuguesa (o subesquema [Adv de]_{connect}), logo, é possível que essas microconstruções tenham sido formadas a partir desse subesquema ou de outra microconstrução já fixada na mente dos falantes.
- b) Sim. São complexas porque são formadas por mais de um elemento. São procedurais porque cumprem função mais gramatical na língua.
- c) O significado geral da construção [X-de]_{connect} em português é o de conexão. A partir dos dados apresentados, depreende-se que uma função possível é ligar orações infinitivas.

Referências

- ARENA, Ana Beatriz. *Construcionalização do conector “daí que” em perspectiva funcional centrada no uso*. 2015. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.
- BYBEE, Joan. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: JOSEPH, Brian D.; JANDA, Richard D. (eds.). *A handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackweel, 2003.

_____. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

_____. *Language, usage and cognition*. São Paulo: Cortez, 2016.

CROFT, William. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

DIESSEL, Holger. Usage-based construction grammar. In: DABROWSKA, Ewa; DIVJAK, Dagmar (eds.). *Handbook of cognitive linguistics*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2015.

FRIED, Mirjam. Construction grammar. In: KISS, Tibor; ALEXIADOU, Artemis (eds.). *Syntax - theory and analysis: an international handbook*, v. 1. Berlin: De Gruyter Mouton, 2015, p. 974-1003.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, Maria Maura; CUNHA, Maria Angélica Furtado (orgs.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad X; FAPERJ, 2013.

GIVÓN, Talmy. *Syntax*. v. 1. Amsterdam: John Benjamins, 1984.

GOLDBERG, Adele. *Constructions: a construction approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

_____. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

HOPPER, Paul J. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, Elizabeth; HEINE, Bernd (orgs.). *Approaches to grammaticalization*. v. I: focus on theoretical and methodological issues. Amsterdam: John Benjamins, 1987.

LANGACKER, Ronald W. *Foundations of cognitive grammar: theoretical prerequisites*. Stanford: Stanford University Press, 1988.

MARTELOTTA, Mário. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

PINHEIRO, Diogo. Sintaxe construcionista. In: OTHERO, Gabriel de Ávila; KENEDY, Eduardo. *Sintaxe, sintaxes: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2015, p. 163-184.

ROSÁRIO, Ivo da Costa do. Gramática, gramaticalização, construções e integração oracional: algumas reflexões. In: OLIVEIRA, Mariangela Rios; ROSÁRIO, Ivo da Costa do (orgs.). *Linguística centrada no uso: teoria e método*. Rio de Janeiro: Lamparina; FAPERJ, 2015, p. 36-50.

_____. *Construções correlatas aditivas em perspectiva funcional*. Niterói: Eduff, 2018.

ROSÁRIO, Ivo da Costa do; OLIVEIRA, Mariangela Rios. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Revista Alfa*, v. 2, n. 60, p. 233-259, 2016.

TEIXEIRA, Ana Cláudia Machado; ROSÁRIO, Ivo da Costa do. O estatuto da microconstrucionalização no quadro da mudança linguística. *Revista Linguística*, v. esp., p. 139-151, dez. 2016.

TOMASELLO, Michael. *The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure*. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1998.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

VENANCIO, Eder Nicolau. *Instanciações da microconstrução intensificadora “para lá de X” no português contemporâneo*. 2015. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

CAPÍTULO 5

VARIAÇÃO E MUDANÇA NO ÂMBITO DA LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO

Ivo da Costa do Rosário
(UFF/CNPq/Faperj)

Objetivos

Prezado aluno, esperamos que, ao final deste capítulo, estudando os conteúdos apresentados e realizando os exercícios propostos, você seja capaz de:

1. Estabelecer distinção entre variação e mudança.
2. Reconhecer que a variação e a mudança são constitutivas das línguas humanas.
3. Compreender como a variação e a mudança são concebidas na perspectiva funcionalista clássica e na LFCU.

Considerações iniciais

Carequinha, cacetinho, carioquinha, carcaça, pistola... Você sabe do que estamos falando? Esses são alguns nomes diferentes para fazermos referência ao famoso pão de sal ou *pão francês*, tal como é conhecido no Rio de Janeiro.



Figura 1. Pão

Fonte: Pxfuel.

Você já percebeu como outros falantes de língua portuguesa articulam as palavras e as frases? Já teve oportunidade de ouvir portugueses, angolanos, moçambicanos falando? Com as novas tecnologias, é bastante fácil acessar vídeos e ouvir pessoas de outras culturas usando a língua portuguesa de outros modos.

Outra situação curiosa é observar como era a escrita de textos mais antigos em nossa língua. A título de curiosidade, tente ler esse pequeno trecho extraído do Cancioneiro da Ajuda, datado aproximadamente de fins do século XIII:

No mundo non me sei parelha,
mentre me for como me vai,
ca ja moiro por vós e ai!
mia senhor branca e vermelha,
queredes que vós retraia
quando vos eu vi en saia.
Mao día me levantei,
que vos entón non vi fea!

E, mia senhor, des aquela
me foi a mí mui mal di' ai!,
E vós, filha de don Paai
Moniz, e ben vos semelha
d'haver eu por vós guarvaia,
pois eu, mia senhor, d'alfaia
nunca de vós houve nen hei
valía d'ua correa.¹

Com certeza você deve ter tido alguma dificuldade para ler o texto anterior. Afinal, o poema é redigido em um registro bem distinto do que utilizamos hoje, pois foi escrito há muitos séculos e representa, portanto, outra fase da língua portuguesa, o chamado português arcaico.

Esses exemplos introdutórios servem para mostrar um fato com o qual todos os gramáticos e linguistas concordam hoje em dia: as línguas variam e mudam. A variação ocorre no eixo sincrônico e a mudança se dá no eixo diacrônico. É sobre esses conceitos que vamos falar nesta aula. Com mais ênfase, vamos dar foco ao tema

¹ Disponível em: https://pt.wikisource.org/wiki/No_mundo_non_me_sei_parelha. Acesso em: 03 nov. 2020.

da variação, já que a aula 2 abordou a gramaticalização (a mudança do ponto de vista do Funcionalismo Clássico) e a aula 7 priorizará a construcionalização e as mudanças construcionais, que recobrem os processos de mudança na vertente mais atual da LFCU.

Conceitos

Esta seção está dividida em três partes. Na primeira parte, vamos tratar da interação entre variação e mudança. Apesar de serem conceitos diferentes, há uma inegável ligação entre ambos. Em seguida, vamos abordar a variação e a mudança na perspectiva do Funcionalismo Clássico e, em seguida, na ótica da Linguística Funcional Centrada no Uso. Vamos em frente!

Interação entre variação e mudança

Na seção introdutória, informamos que *variação e mudança* são conceitos distintos, já que o primeiro termo faz referência à sincronia, ao passo que o segundo trata da diacronia. Contudo, deve ficar bem claro que sincronia e diacronia, no olhar da pesquisa funcionalista, estão intimamente relacionadas. Aliás, essa perspectiva é assumida também por outros pesquisadores para além da Linguística Funcional.

Mendes (2017) apresenta essa questão de forma muito didática. Vejamos:

Se a mudança linguística é decorrência da variação, mudanças devem estar ocorrendo “agora mesmo”, neste momento; podem não ser mudanças como aquelas que ocorreram séculos atrás (pois estamos em outro momento e lugar), mas, certamente, alguma mudança linguística deve estar em curso, já que a variação é fato inerente às línguas, e não excepcional (Mendes, 2017, p. 106-107).

Com base nessa citação, em certo sentido, podemos concluir que normalmente o processo de mudança linguística decorre de variações prévias. Outra conclusão é que a variação linguística atualmente em curso revela processos de mudança em andamento. De fato, variação e mudança são processos muito complexos e interligados. No quadro do Funcionalismo Clássico, Givón (2002, p. 18) reafirma essa percepção: “As variantes sincrônicas constituem uma espécie de reserva para as mudanças diacrônicas de amanhã”.

Na Sociolinguística Variacionista, que é uma linha de estudos fortemente dedicada ao estudo da variação linguística, desenvolvem-se pesquisas no escopo da chamada *mudança em tempo aparente*. Como funciona esse tipo de pesquisa? Freitag (2005) nos explica:

Outra estratégia para identificar, descrever e analisar um dado fenômeno de variação ou de mudança linguística em um período de tempo reduzido proposta por Labov (1994) é que a mudança pode ser observada em tempo aparente. Ou seja, analisar o comportamento do fenômeno em função das faixas etárias. Essa saída metodológica pressupõe que a idade

cronológica dos indivíduos represente uma “passagem no tempo”. Assumindo a hipótese clássica de que a língua de um indivíduo se constitui até cerca de seus quinze anos de idade, pode-se fazer uma escala correlacionando a idade real do indivíduo com um dado estado de língua. Assim, um indivíduo de 60 anos corresponderia a um estado de língua de 45 anos atrás; um indivíduo de 30 anos corresponderia a um estado de língua de 15 anos atrás; e um indivíduo de 15 anos corresponderia ao estado de língua atual (Freitag, 2005, p. 110).

Este livro não tem como objetivo descrever como se dá a pesquisa linguística no campo da Sociolinguística, já que isso excederia os seus objetivos. Contudo, conhecer um pouco a metodologia desenvolvida por outras correntes de estudos amplia nossa visão sobre o fenômeno da variação. A conclusão a que chegamos é bastante clara: sincronia e diacronia imbricam-se e estão fortemente inter-relacionadas.

Essa forte ligação entre as dimensões sincrônica e diacrônica dos estudos linguísticos também foi atestada por Furtado da Cunha, Oliveira e Votre (1999), tendo em vista a defesa de que “o estado sincrônico é resultado de um desenvolvimento passado que continua no presente [e] tendências hoje em curso devem ter atuado em estágios anteriores e possivelmente continuarão a atuar”.

Feitas essas importantes considerações, vejamos como a variação e a mudança são descritas no âmbito do Funcionalismo Clássico.

Variação e mudança no Funcionalismo Clássico

Como vimos na aula 2, os estudos de mudança linguística no campo do Funcionalismo Clássico estavam fortemente baseados no paradigma da gramaticalização e da lexicalização. Esses processos ou paradigmas de mudança ora estavam centrados no plano morfosintático ora no plano semântico-pragmático. Traugott e Trousdale (2013, p. 96) fazem referência a esses dois tipos de estudos como a) *gramaticalização como redução e aumento de dependência*; e b) *gramaticalização como expansão*. Em certo sentido, podemos falar em gramaticalização de forma e gramaticalização de função.

Assim, o surgimento da conjunção concessiva *embora* a partir da expressão de augúrio *em boa hora* (Câmara Jr, 1979, p. 185) é um exemplo de gramaticalização de forma, visto que há redução de um sintagma complexo em um item atômico da gramática. Outro exemplo de gramaticalização como redução é o caso do surgimento das desinências de futuro do presente do português. De fato, essas desinências provêm do verbo *haver*: cantar + hei = *cantarei*; cantar + hás = *cantarás*; cantar + há = *cantará...* (Câmara Jr, 1979, p. 130-132). Esse processo de mudança está na base do gradiente proposto por Hopper e Traugott (2003, p. 111):

verbo lexical > verbo auxiliar > clítico > afixo

Esquema 1. *Cline* de mudança

Fonte: Baseado em Hopper e Traugott (2003, p. 111).

Nessa perspectiva, o item se gramaticaliza, no sentido de que vai sofrendo erosão, a ponto de perder substância fônica. Com isso, o elemento linguístico migra de categorias mais lexicais para categorias mais gramaticais. No caso em tela, há uma mudança do léxico (verbo *haver*) para a morfologia (desinência verbal de futuro).

O segundo tipo de gramaticalização tem como foco as mudanças semânticas e/ou pragmáticas. Um exemplo clássico desse tipo de gramaticalização é a mudança funcional da partícula *até*, por exemplo. Rosário (2007) desenvolveu um amplo estudo desse elemento e concluiu que o item *até* passa por um processo crescente de abstratização, o que é corroborado pelos dados a seguir:

- (1) Na volta pára no Cercal para almoçar - segue *até* Villa Franca, onde pára para jantar - e segue *até* Lisboa.
- (2) [...] desvaira o individuo a ponto de lhe fazer praticar as mais condennaveis acções, arrastando-o *até* ás profundas do crime mais hediondo! - E-P-83-Jn-005 – 1873
- (3) Nossa filial à Rua Senador Dantas, 20, funciona diàriamente *até* as 20 horas. Casa Tavares. Rua São José, 85.

- (4) [...] destacando também os Secretários Srs. Armando Osorio e Abilio Couto Faria, este exercendo o cargo até o fim do mandato.
- (5) O sr. Goering, até aqui presidente do Reichstag, ficou no novo gabinete como ministro sem pasta, [...]
- (6) faz-se público que a mesma continúa a correr as Praças / até ser arrematada, nas terças e sextas feiras, na Casa de residência do Deembargador Nabuco, rua do Lavradio.
- (7) Qualquer Senhor que se transportar para Lisboa, sendo que per- / cize de hum criado habil, e até mesmo para aranje de escripta e com- / ta, e também sabe alguma couza de Alfaiate, pode deixar o nome na / [inint.] deste mesmo Jornal.
- (8) [...] e aqui até ás classes inactivas se pagou já. É para notar tão injusta excepção.
- (9) [...]de modo ingudito tem/ piorado a situação financeira do/ paiz, levando-o de erro em erro,/ de crise em crise, até á vergo/nha da bancarrota imminente./ [...]
- (10) Promoção válida também para os Aerobarcos com saídas de hora em hora. Crianças até 10 anos não pagam.
- (11) Ella recebe pensões / sionistas até o numero de 30, meias-pensões / sionistas até 20, e externas segundo a capacidade das salas, que se estão aprom- / ptando.

Em (1), *até* tem valor espacial concreto, visto que se refere a duas localidades geográficas. O enquadre leva em conta o uso de verbos de deslocamento físico como *seguir* e *parar*. Em (2), há uma referência física abstrata, visto que “arrastar-se *até* as profundezas do crime hediondo” toma uma referência concreta para expressar o limite de uma situação considerada abominável. Em (3), utiliza-se o item *até* em um enquadre temporal (*até* as 20 horas). Em (4), o tempo é marcado por meio de um fato (fim do mandato). Em (5), utiliza-se uma expressão tipicamente espacial para marcar uma referência também a tempo (*até* “aqui” presidente). Em (6), também há uma marcação temporal, mas indicada por uma oração não finita (“*até* ser arrematada”). A partir daí, há usos ainda mais abstratos, como o valor de inclusão em (7), contraexpectativa em (8), limite de situação em (9), limite de idade (10) e limite de quantidade (11).

Na visão de Rosário (2007), esses diferentes usos de *até* atestam a gramaticalização do item, aferida de um ponto de vista sincrônico. A gramaticalização provém justamente da variação semântico-pragmática que se verifica no item *até* que, em seu funcionamento atual na língua, vai de usos bastante concretos até valores abstratos, em uma escala unidirecional de mudança, como postulado no Funcionalismo Clássico.

E por falar no Funcionalismo Clássico, para percebermos de modo mais claro o aspecto da mudança linguística, é importante

lembrar aqui dois dos cinco princípios de gramaticalização propostos por Hopper (1991): *divergência* e *camadas*. Trata-se de dois fenômenos estritamente associados ao processo de mudança.

O princípio da divergência prevê que usos gramaticalizados convivem com usos mais originais ao mesmo tempo. Essa convivência de formas (como é o caso do *até* espacial com o *até* temporal) espelha uma situação de variação que, por sua vez, aponta para estágios diferentes da língua em uma dada sincronia. Outro exemplo é o item *mal*, que pode ser substantivo (O *mal* existe), prefixo (*mal*-entendido), advérbio (Ele está muito *mal*) ou conector (*Mal* ele chegou, a mãe saiu). Esses diferentes usos de *mal* têm uma mesma origem (advérbio *malus*, na língua latina), mas *divergiram* em seus usos e, hoje, cumprem diferentes funções na língua portuguesa.

Outro conceito relevante é o de *camadas*. Segundo esse princípio, pode haver diferentes usos em convivência na língua cumprindo funções bastante semelhantes. É o caso do futuro sintético e o futuro perifrástico, por exemplo. Assim, é possível dizer “Eles *vão fazer* uma festa” ou “Eles *farão* uma festa”. Esse fenômeno da convivência de variantes foi estudado amplamente por funcionalistas. Assim, segundo Heine *et al.* (1991, p. 30), “o fenômeno de convivência de formas é muito comum nas línguas humanas”. Para Givón (2002, p. 17), “a variação está no cerne do mecanismo responsável pela mudança adaptativa e seletiva”.

É importante acrescentar que o Funcionalismo não se restringe a atestar a variação e a mudança. Em vez disso, sempre há a busca de hipóteses e razões para a ocorrência desses fenômenos nas línguas humanas. Assim, na visão de Fried (2008), a convivência de diferentes formas ocorre por força de fatores externos à língua que incitam os falantes à busca de formas mais expressivas. De fato, nosso impulso em busca de maior criatividade no plano da expressão nos motiva a buscar e selecionar outros itens da gramática para a expressão de conteúdos semelhantes.

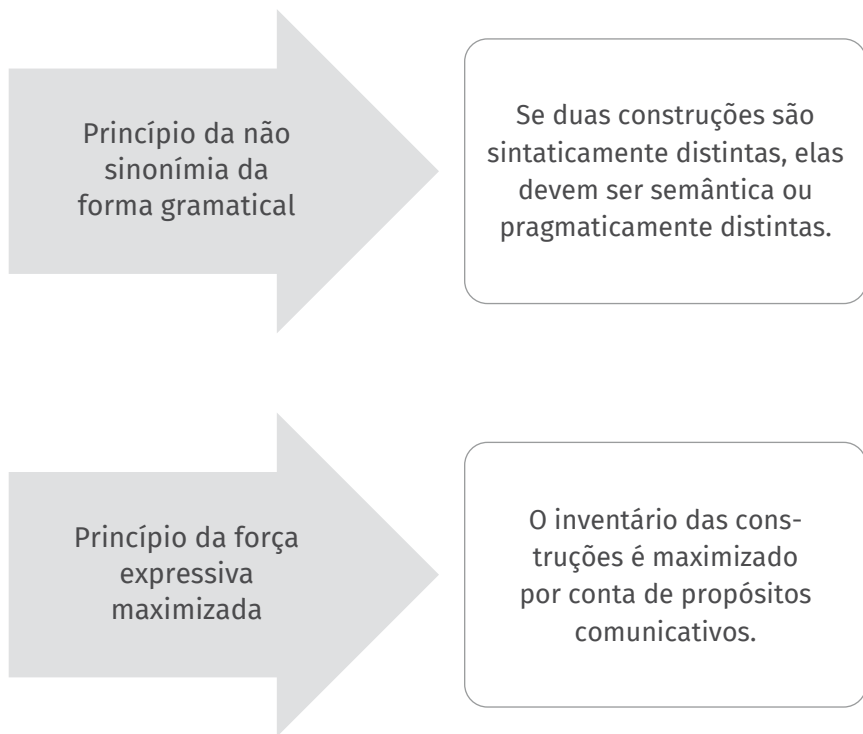
Por fim, cabe uma importante observação. Apesar de o conceito de variação estar amplamente difundido na Linguística geral, alguns pesquisadores preferem a adoção de outros rótulos para esse mesmo fenômeno. Assim, ainda no campo do Funcionalismo Clássico, Lehmann (1985) e Traugott (2007, p. 6), por exemplo, preferem o uso do termo *variabilidade* para retratar esse fenômeno. Hopper (1991), por sua vez, prefere o rótulo *competição*, como tem sido utilizado em algumas pesquisas desenvolvidas pelo Grupo de Estudos *Discurso & Gramática*.

Variação e mudança na Linguística Funcional Centrada no Uso

Nesta nova fase da Linguística Funcional, os temas da variação e da mudança continuam sendo de alto interesse dos pesquisadores. Entretanto, há uma alteração considerável no modo como esses processos

são concebidos. Com a inclusão dos princípios construcionistas na investigação funcionalista, houve necessidade de algumas acomodações e adaptações.

Começamos esta seção relembrando dois princípios bastante fundantes da Gramática de Construções. Ambos foram enunciados por Goldberg (1995, p. 67). Ei-los:



Esquema 2. Princípios construcionistas

Fonte: Baseado em Goldberg (1995, p. 67).

À primeira vista, parece que o princípio da não sinonímia da forma gramatical opõe-se à variação linguística. Afinal, se há sempre diferença semântica ou pragmática entre duas construções, como falar em variação? A leitura radical desse princípio levou muitos pesquisadores, em um primeiro momento, a negar totalmente a variação linguística no âmbito dos estudos construcionistas. Houve uma verdadeira saga para apresentar as mínimas diferenças entre formas linguísticas aparentemente detentoras de um mesmo significado. Afinal de contas, é possível equacionar esse princípio com o fenômeno da variação linguística?

Em primeiro lugar, uma análise minuciosa desse primeiro princípio de Goldberg (1995) atesta que, na análise de duas formas, pode haver sinonímia de significado, desde que haja diferença pragmática. Retornando à obra, a própria autora afirma que essas diferenças pragmáticas podem se dar em função de estrutura da informação, incluindo tópico e foco, e aspectos estilísticos, como registro. O corolário A é ainda mais preciso nesse aspecto: “Se duas construções são sintaticamente distintas e *semanticamente sinônimas*, então elas não devem ser pragmaticamente sinônimas” (Goldberg, 1995, p. 67, grifo nosso). Logo o próprio princípio da não sinonímia prevê casos de sinonímia semântica (com diferenças pragmáticas). Com isso, desfaz-se a plausibilidade de qualquer leitura radical da impossibilidade de sinonímia semântica entre construções.

Perek (2015), um grande estudioso do tema, reafirma a visão de Goldberg (1995) e explica quais seriam as possíveis diferenças pragmáticas quando há sinonímia semântica entre construções:

A escolha de uma variante em uma dada situação depende de várias propriedades dos argumentos alternantes, como a acessibilidade discursiva (dado *vs* novo), a animacidade dos referentes e seus pesos relativos, em vez de propriedades semânticas do evento em si (Perek, 2015, p. 146).

Logo, o autor reforça a própria concepção de Goldberg (1995) de que sempre haverá diferenças no plano pragmático. Essas diferenças, por sua vez, não impedem generalizações a partir de construções com semânticas semelhantes.

Em segundo lugar, não devemos confundir *sinonímia semântica* com *sinonímia perfeita*. São noções distintas, pelo menos na forma como as compreendemos neste livro. Em nossa visão, a admissão do fenômeno da sinonímia não prevê, em hipótese alguma, a defesa de que há duas formas com significados rigorosamente iguais. Se há formas distintas, há naturalmente algumas diferenças em termos de significado. Portanto, para que haja mais precisão nesta exposição, falar em sinonímia semântica implica falar em significados aparentados, similares, cognitivamente próximos, ainda

que haja sutilezas que estabeleçam distinções entre uma forma A e uma forma B.

Nos anos iniciais da Gramática de Construções, a variação foi quase banida das pesquisas linguísticas, justamente por conta da leitura radical do princípio da não sinonímia. Mais modernamente, há um conjunto cada vez mais crescente de autores interessados no tema. Hoffmann e Trousdale (2011, p. 9-10) são claros quanto a esse ponto:

A variação linguística é central para todas as abordagens da Gramática de Construções. [...] Construções com significados semânticos e pragmáticos similares são ativadas simultaneamente durante o processamento *online*.

Hilpert (2014, p. 149) também defende a existência da variação construcional, justamente por conta de sua plausibilidade psicológica: “Falantes estão sempre conscientes de que há diferentes formas de transmitir uma mesma mensagem, e são capazes de usar esse conhecimento conscientemente”.

Uma revisão panorâmica na literatura indica o interesse dos autores no tema:

Obras	Menções à variação
Capelle (2006, p. 19)	“Duas <u>aloconstruções</u> podem, em muitos ambientes discursivos, substituir uma pela outra sem acarretar mudança no significado”.
Trousdale e Traugott (2010, p. 4-39)	“a <u>variação</u> é o resultado e a razão da mudança” [...] “a <u>variação</u> , ao longo do tempo, envolve a emergência de construções gramaticais: um processo gradual e global, que envolve uma série de microrreanálises locais discretas”.
Hoffman e Trousdale (2011, p. 1. 5)	“Devido ao papel central da <u>variação</u> e da mudança, qualquer teoria da linguagem deveria ter atenção a esses dois fenômenos”. [...] “Um mesmo conteúdo pode ser expresso por duas <u>estruturas em competição</u> ”. [...] “Se em uma ocasião particular uma construção é usada em vez de uma possível alternativa, então o ouvinte assumirá que essa escolha reflete uma diferença funcional entre as duas alternativas”.
Traugott e Trousdale (2013, p. 75)	“as mudanças são sempre manifestadas na <u>variação linguística</u> . Isso significa que, em qualquer momento do tempo, as construções em mudança contribuem para a gradiência do sistema”.
Hilpert (2014, p. 180-199)	“O fato de que <u>variação</u> e mudança são aspectos fundamentais da língua que estão fortemente interconectados é um ponto no qual todo mundo na área acredita” [...] “ <u>Variação construcional</u> é parte integrante do conhecimento linguístico do falante: os falantes sabem como uma construção pode variar, isto é, que variantes são possíveis e que variantes não são”.

Obras	Menções à variação
Van de Velde (2014, p. 172-173)	“As línguas, como sistemas adaptativos complexos, não se baseiam em uma única estratégia para expressar significados sintático-semânticos abstratos. Relações horizontais entre construções expressam distinções semânticas que são (parcialmente) expressas de outra forma por outros meios. Elementos estruturalmente diferentes podem expressar uma mesma função (‘degeneração’), um termo técnico da biologia evolucionária. A <u>degeneração</u> consiste em uma relação de muitos para muitos”.
Perek (2015, p. 154)	“Algumas construções são <u>semanticamente similares</u> e podem ser usadas como <u>alternativas</u> de codificar uma categoria particular de significados, se essas <u>alternâncias</u> são modeladas como regras lexicais, como links de sinonímia ou como <u>aloconstruções</u> ”.
Goldberg (2019, p. 29, 44 e 104)	“Há <u>variação</u> na maneira como as construções de estrutura argumental são usadas em dialetos do mesmo idioma, mas uma vez identificados os fatores apropriados para um determinado dialeto, é possível prever com alta precisão qual construção de estrutura argumental é a mais apropriada para expressar uma determinada mensagem em um determinado contexto” [...] “A construção de objetos duplos não é, obviamente, a única construção sujeita a <u>variação</u> dialetal e mudança histórica”. “As línguas raramente contêm <u>variações</u> (aleatórias) não condicionadas, talvez porque não sirvam a nenhum propósito comunicativo e apenas aumentem as demandas de processamento, pois requerem uma escolha arbitrária entre as opções”.

Quadro 1. Menções à variação na literatura construcionista (grifos do autor)

Fonte: Elaboração própria.

Os autores citados no quadro, amplamente referenciados nos trabalhos em Linguística Funcional Centrada no Uso, são unânimes na defesa da variação construcional. Sem dúvida, há algumas diferenças entre eles, como se pode ver (não só) no plano terminológico. Assim, a variação construcional é assumida por meio dos termos *aloconstruções*, *estruturas em competição*, *relações degenerativas*, *alternâncias*, *formas alternativas* e outras. Apesar desses termos distintos, todos os rótulos atestam a existência de construções cognitivamente associadas em termos de significado em um mesmo domínio ou espaço conceptual.

Em termos mais modernos, nas palavras de Goldberg (2019, p. 6), essas diferentes formas são chamadas exemplares e podem ser compreendidas como representações estruturadas que “se agrupam dentro de um espaço conceptual hiperdimensional, dando origem a construções emergentes, que são estendidas para o propósito comunicativo”. Assim, por hipótese, as construções em variação estão unidas cognitivamente, já que cumprem funções semelhantes no discurso.

Em pesquisa realizada com base em discursos políticos, Rosário (2019) atestou o fenômeno da variação construcional ao analisar a correlação aditiva em língua portuguesa. Segundo os resultados da investigação, há 28 padrões microconstrucionais correlativos aditivos que cumprem a função de reunir sintagmas oracionais ou não oracionais. A seguir, apresentam-se esses *types*, acompanhados de sua frequência:

Padrão	Pares correlativos	Número de ocorrências
1.	Não [V] apenas...mas	74
2.	Não [V] só...mas	69
3.	Não [V] só...Δ	53
4.	Não [V] só...mas também	38
5.	Não [V] apenas...mas [V] também	37
6.	Não [V] só...como também	23
7.	Não [V] apenas...Δ	13
8.	Não só...como	9
9.	Não apenas...como [V] também	8
10.	Δ...mas [V] também	7
11.	Não [V] somente...Δ	7
12.	Não [V] somente...mas também	6
13.	Não [V] somente...mas	6
14.	Δ...como também	4
15.	Não [V] só...também	4
16.	Não somente...como também	3
17.	Não apenas...como	3
18.	Não só...e sim	3

Padrão	Pares correlativos	Número de ocorrências
19.	Não [V] apenas...e sim	3
20.	Não...mas também	2
21.	Não [V] só...mas sim	2
22.	Não simplesmente...mas	2
23.	Não simplesmente...Δ	1
24.	Não somente...mas como	1
25.	Não [V] somente...também	1
26.	Não apenas...também	1
27.	Não só...e também	1
28.	Não somente...e sim	1
Total		382

Tabela 1. Padrões microconstrucionais correlativos aditivos

Fonte: Rosário (2019, p. 111).

Após analisar 1.275 discursos políticos proferidos na Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro neste início de século XXI, o pesquisador atestou uma série de padrões microconstrucionais que cumprem uma mesma função: unir *prótase* e *apódose*² correlativas

² *Prótase* e *apódose* são as duas partes de uma construção correlata. Ambas são relacionadas por um laço de interdependência sintático-semântica. A *prótase* tem como tarefa preparar a *apódose*.

em uma estrutura argumentativa aditiva de *crescendum*. Esses pares correlativos cumprem a função de unir, ligar, adicionar informações.

Na pesquisa do autor, defende-se a existência de um domínio funcional da adição, como uma instância cognitiva mais alta que abrigaria todos os nexos aditivos de uma língua. Nas palavras de Givón (2002, p. 22), de fato, “as línguas podem codificar o mesmo domínio funcional utilizando mais que um único meio estrutural”. Por sua vez, esse fato nos reporta a outro princípio estabelecido por Goldberg (1995): o princípio construcional da *força expressiva maximizada*, já anunciada no início desta seção.

Assim, em termos funcionais-construcionistas, a adição é uma noção muito geral nas línguas. Para veiculá-la de forma cada vez mais precisa e expressiva, os falantes, de modo criativo, selecionam recursos já existentes na língua e os reaproveitam a fim de alcançarem seus objetivos comunicativos. Esse princípio da Gramática das Construções encontra correlato no princípio funcionalista da *extensão* (Heine; Kuteva, 2007, p. 35-36). Já no Funcionalismo Clássico havia essa visão: “Essas estratégias têm em comum o fato de serem motivadas. As pessoas muito raramente inventam novas expressões; ao contrário, elas se baseiam em formas e em estruturas linguísticas já existentes” (Heine *et al.*, 1991, p. 27).

A busca por maior expressividade leva os falantes a formular novas estratégias para embalar os conteúdos linguísticos de modo

inovador. Esse fato reforça o caráter sempre maleável e instável das línguas humanas naturais. Assim, ao lado de padrões mais rígidos, há outros mais fluidos, o que é atestado por meio da variação construcional.

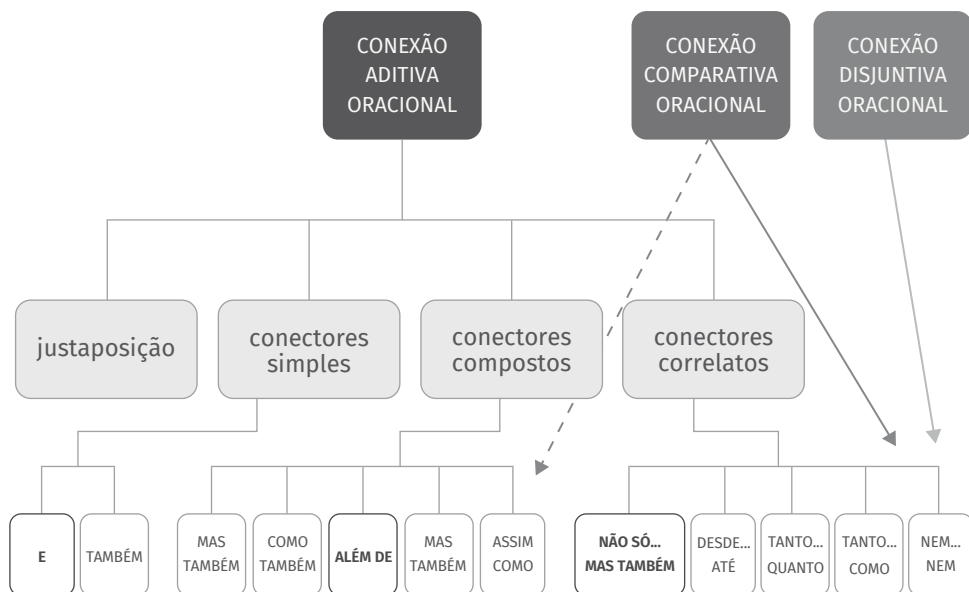
Vejamos alguns dados da pesquisa de Rosário (2019):

- (12) Somos, às vezes, interlocutores *não apenas* de reivindicações, *mas* somos uma espécie de interlocutores dispostos a ouvir todo sofrimento das pessoas, toda natureza de sofrimento. – 12/02/2009
- (13) Decidi trazer este tema ao Plenário porque acho que a Secretaria de Estado de Educação e o governo estadual verdadeiramente poderiam prestar homenagem a esse grande escritor Euclides da Cunha, tombando aquela belíssima escola que praticamente vai completar cem anos. *E não só* por causa do prédio centenário, *mas* por causa da equipe que cuida da qualidade do ensino daquela escola. – 13/08/2009
- (14) Agora com essa sede nova seria muito melhor *não só* para o Estado em termos de cuidado com o meio ambiente, de respeito aos mortos e principalmente as famílias dos mortos [e também] respeito aos moradores. *E também* melhor para o funcionamento da própria Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro. – 15/09/2009
- (15) Há perspectiva de se atender em torno de 15 mil dependentes. Serão em torno de 15 mil os beneficiados com a construção dessa policlínica. *Não* devem ser, espero que assim aconteça, *somente* salas de ambulatório, *e sim* uma policlínica que engrandeça cada dia mais a Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro, digna instituição que, como já disse, completou 200 anos. – 02/06/2009

A análise dos dados (12), (13), (14) e (15) revela a variação construcional no âmbito da correlação aditiva em língua portuguesa. Os dados (12) e (13) representam os *types* mais frequentes no *corpus*. Os dados (14) e (15), por sua vez, são os menos frequentes. Os dois primeiros dados são bem semelhantes, visto que a única diferença é o advérbio de restrição *apenas* (no dado 12) que cede lugar ao advérbio *só* (no dado 13). Apesar dessa diferença, ambos os itens são semanticamente idênticos, o que faz com que os dados (12) e (13) sejam muito parecidos tanto em termos formais quanto funcionais. Já os dados (14) e (15) são mais idiossincráticos, visto que são constituídos pela partícula conjuntiva coordenativa *e*, o que, a rigor, não é previsível na correlação aditiva.

Retomando aqui o princípio da não sinonímica da forma gramatical, podemos postular que estamos diante de um caso em que há formas distintas com significados idênticos. A diferença está nos fatores pragmáticos, a começar pela frequência. Enquanto (12) e (13) juntos somam mais de 37% de todos os dados coletados pelo pesquisador, os dados (14) e (15) somam somente 0,005% dos dados.

A análise até aqui apresentada toma em consideração somente a correlação aditiva. Em sentido mais amplo, a adição recobre outras estratégias, como se verifica em Rosário (2020, p. 68):



Esquema 3. Rede dos conectores aditivos

Fonte: Rosário (2020, p. 68).

A rede apresentada atesta a complexidade da adição em língua portuguesa. As três caixas cujos conectores estão em negrito indicam as configurações morfossintáticas dos conectores aditivos: podem ser simples (como *e*), compostos (como *além de*) ou correlatos (como *não só... mas também*). Além dessas três estratégias, há também a adição por justaposição, que prescinde de conectores.

Ligada à rede da adição, há outros domínios, visto que os conectores *assim como* e *nem...nem* respectivamente adjungem as ideias de adição às noções de comparação e disjunção. Essas ligações podem ser mais robustas (representadas pelas linhas contínuas) ou mais tênues

(representadas pelas linhas tracejadas). Cabe destacar que essa rede, ainda que ampla, certamente não contempla todos os mecanismos aditivos da língua nem esgota as muitas possibilidades de aproximação da adição com outras semânticas.

A análise atenta dessa rede permite concluirmos que a variação construcional é um fenômeno gradiente, escalar. Assim, há conectores aditivos mais centrais e há conectores mais marginais, a ponto de já serem capazes de expressar outras semânticas distintas. Em outros termos, isso significa que, ao falarmos em variação construcional, não estamos falando em um grupo de expressões que mantêm exatamente o mesmo comportamento funcional. Ao contrário, a tendência é que elementos em variação progressivamente se afastem do seu núcleo conceptual e passem a ganhar novos usos, tanto em termos morfossintáticos como semântico-pragmáticos. É justamente esse trânsito entre uma categoria A e categoria B que dá dinâmica às línguas humanas. É nesse contexto de variação que novas construções surgem e se estabilizam na língua.

E como se dá o surgimento de novas construções na língua? Nesta nova fase do Funcionalismo, já não adotamos os conceitos de gramaticalização e de lexicalização, muitas vezes focados em itens. Considerando que as línguas são inventários de construções, toda atenção dos pesquisadores funcionalistas nesta vertente mais moderna da teoria está concentrada no surgimento e nas alterações (formais e/

ou funcionais) sofridas pelas construções ao longo do tempo. Esses processos têm sido denominados respectivamente de *construcionalização e mudanças construcionais*. Entretanto, é hora de encerrarmos este capítulo. Afinal, esse tópico que trata do nascimento e das modificações internas das construções é o tema da nossa aula 7.

Considerações finais

Neste capítulo, abordamos a questão da variação e da mudança, tanto no Funcionalismo Clássico quanto na Linguística Funcional Centrada no Uso. Como o tema da mudança é tratado com mais ênfase nos Capítulos 2 e 7 desta obra, este Capítulo 5 focou mais o tópico da variação.

Vimos que a variação é um fenômeno estudado pela Linguística em geral. No Funcionalismo Clássico, a variação é, em grande parte, tratada por meio dos princípios de divergência e camadas. O princípio da divergência prevê que usos gramaticalizados convivem com usos mais convencionais, como é o caso dos valores de *até* espacial e *até* temporal. O princípio de camadas, por sua vez, indica a possibilidade de as línguas humanas apresentarem formas distintas cumprindo um mesmo papel funcional, como é o caso do futuro sintético e o futuro perifrástico.

No campo dos estudos construcionistas, o tópico da variação também está em cena. Hilpert (2014, p. 191) afirma:

Se o objetivo da Gramática de Construções é criar uma imagem realista do que os falantes sabem, então o modo como os falantes fazem escolhas entre construções alternativas é uma importante parte desse desafio.

De fato, no campo da abordagem construcional da gramática, a bibliografia apresenta um relativo consenso com relação à variação, compreendida como a convivência de formas distintas capazes de expressar conteúdos semelhantes dentro de um mesmo espaço conceptual. Esse fenômeno da variação, por sua vez, tem recebido diversos rótulos, como *formas em competição*, *relações degenerativas*, *variabilidade*, *alternância*, *aloconstruções*. Apesar de algumas divergências pontuais, todos esses conceitos associam-se a um mesmo fenômeno.

O princípio da força expressiva maximizada (Goldberg, 1995) faz com que o inventário das construções esteja sempre em expansão para atender a novas necessidades comunicativas. Em outras palavras, esse princípio retoma a chamada *expansão de classe hospedeira*, nos termos de Himmelman (2004). Em comum, ambos os autores defendem que a criatividade do falante funciona como motor para a variação e, conseqüentemente, para a mudança linguística.

Falar em variação não significa falar em sinonímia perfeita. Se há formas distintas, é muito provável que haja alguma diferença entre elas. Assim, a variação nunca é totalmente livre, mas condicionada a alguns fatores (no caso, a fatores pragmáticos) que devem ser estudados pelo analista.

Exercícios

Em pesquisa de mestrado, Nascimento (2017) analisou o comportamento das construções correlativas consecutivas na perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso. A investigação da autora apontou o uso de quatro padrões construcionais distintos. Vejamos o quadro a seguir:

Padrões construcionais	Prótase [P]	Apódose [Q]	Total por padrão
Padrão 1	Primeiro correlator intensificador + X	Segundo correlator 'que' + Y	41 – 65,07%
Padrão 2	Preposição + Primeiro correlator intensificador + [Nome/Ø] + X	Segundo correlator 'que' + Y	10 – 15,87%
Padrão 3	X + Primeiro correlator intensificador	Segundo correlator 'que' + Y	11 – 17,46%
Padrão 4	Primeiro correlator intensificador + X	Segundo correlator não prototípico 'a ponto de' + Y	1 – 1,58%
Total			63 – 100%

Quadro 2. Padrões e configurações da prótase e apódose correlativas

Fonte: Nascimento (2017, p. 90).

Os quatro dados a seguir correspondem, respectivamente, aos padrões indicados no Quadro 2:

(16) Nas latas esferas do poder, confunde-se propositalmente a correta condução da política econômica que aliviou os impactos da crise mundial sobre o Brasil com a ampliação do papel do estado na economia e no controle de vida dos brasileiros. A ideia é *tão* anacrônica *que* se pode atribuir seu renascimento a uma jogada eleitoreira. Uma tentativa da situação colar no candidato da oposição em 2010 o epíteto de vendilhão da pátria.

Fonte: *Revista Veja Online*, n. 2129, p. 12, Carta ao Leitor, p. 12.

(17) Regulamentada por decreto em 1955, a cana confortável é um daqueles privilégios típicos que beneficiam apenas uma minoria da sociedade, os magistrados, oficiais de alta patente e as pessoas com curso superior. Em resumo, os não-pobres. Como ela, outros privilégios estão *de tal forma* incrustados na tradição brasileira *que* já são encarados como direito natural dos bem nascidos.

Fonte: *Revista Veja Online*, n. 1638, 2001, Carta ao Leitor, p. 9.

(18) Muitos de seus efeitos serão sentidos pelas próximas décadas. Os ataques aos Estados Unidos e a declaração total de guerra ao terrorismo feita pela nação mais poderosa do planeta alcançaram uma dimensão *tal que*, provavelmente, serão lembrados pelos historiadores como o evento inaugural do século que se inicia.

Fonte: *Revista Veja Online*, n. 1732, 2001, Carta ao Leitor, p. 11.

(19) Será uma luta voto a voto. Eles têm sete semanas, com três programas semanais, exibidos duas vezes por dia, para atingir suas metas. Essa circunstância, sozinha, garante que haverá

ênfase, empenho e malabarismo digitais e retórica de sobra. Para o eleitor, há o risco grande de que os marqueteiros apliquem doses industriais *tão* fortes de seus truques *a ponto de* programas e as inserções durante a programação normal das emissoras se tornarem meras disputas artificiais em que o rótulo vale mais que o conteúdo.

Fonte: *Revista Veja Online*, n. 2178, 2010, Carta ao Leitor, p. 14.

Com base nas informações do quadro e com base na análise dos dados, responda:

- a) Podemos falar que os dados apresentados exibem uma relação de variação construcional?
- b) Com base nos dados apresentados, de que forma podem ser compreendidos os princípios da não sinonímia da forma gramatical e da força expressiva maximizada?

Padrão de respostas

Questão 1: Sim, os dados expressam uma relação de variação construcional. Os dados (16), (17), (18) e (19) são diferentes do ponto de vista de sua constituição formal, como está indicado no Quadro 2. Entretanto, todos os tipos de correlação apresentados cumprem o papel funcional de expressar o valor de consequência, com diferentes nuances. Assim, por participarem de um mesmo domínio funcional, os dados podem ser considerados em uma relação de variação construcional.

Questão 2: O princípio da não sinonímia da forma gramatical prevê que haja diferenças (mínimas que sejam) entre os padrões construcionais, ou no plano semântico ou no plano pragmático. A observação atenta do Quadro 2 permite a conclusão de que a correlação consecutiva é formada a partir de diferentes configurações, com o recrutamento de diferentes itens. O padrão 1 é o mais frequente nos dados. Na prótase, há a intensificação de um elemento X que, no dado (16), é representado pelo adjetivo *anacrônica*. O padrão 2 apresenta uma preposição em sua configuração formal e, em termos de significado, especifica melhor a intensificação por meio de um nome; no caso, selecionou-se a palavra *forma*. O padrão 3 já não apresenta preenchimento de elementos entre o primeiro e o segundo correlatores, como se verifica em “tal que”. Por fim, o padrão 4 é bastante idiossincrático, pois só conta com um único dado. Nesse padrão, há o uso do segundo correlator não prototípico *a ponto de*. Essa breve explanação ajuda-nos a compreender como os padrões correlativos consecutivos são distintos e, ao mesmo tempo, passíveis de serem organizados em um único grupo, a partir de suas semelhanças. O princípio da força expressiva maximizada é justamente o motor para que novas formas de expressão da consequência sejam criadas em língua portuguesa. Afinal, por meio da criatividade dos falantes e da expressividade linguística, novas estratégias vão surgindo ao longo do tempo.

Referências

- CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.
- CAPPELLE, Bert. Particle placement and the case for “allostructions”. *Constructions*, special volume 1, p. 1-28, 2006.
- CROFT, William. *Radical construction grammar*. New York: Oxford University Press, 2001.
- FREITAG, Raquel Meister Ko. Idade: uma variável sociolinguística complexa. *Línguas e Letras*. v. 6, n. 11, p. 105-121, 2005.
- FRIED, Mirjan. Constructions and constructs: mapping a shift between predication and attribution. In: BERGS, Alexander; DIEWALD, Gabriele (eds.). *Constructions and language change*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2008. p. 47-79.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariangela Rios; VOTRE, Sebastião. A interação sincronia/diacronia no estudo da sintaxe. *DELTA*, v. 15, n. 1, p. 85-111, 1999.
- GIVÓN, Talmy. *Bio-linguistics: the Santa Barbara lectures*. Amsterdam: John Benjamins, 2002.
- GOLDBERG, Adele. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.
- _____. *Constructions: a new theoretical approach to language*. *Trends in Cognitive Sciences*, v. 7, n. 5, p. 219-224, 2006.
- _____. *Explain me this: creativity, competition and the partial productivity of constructions*. Princeton: Princeton University Press, 2019.
- GOLDBERG, Adele; JACKENDOFF, Ray. The english resultative as a family of constructions. *Language*, v. 80, n. 3, p. 532-567, 2004.

HEINE, Bernd *et al.* *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HEINE, Bernd; KUTEVA, Tania. *The genesis of grammar: a reconstruction*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

HILPERT, Martin. *Construction grammar and its application to english*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

HIMMELMANN, Nikolaus. Lexicalization and grammaticalization: opposite or orthogonal? In: BISANG, Walter *et al.* (eds.). *What makes grammaticalization?* Berlin: Mouton de Gruyter, 2004, p. 21-42.

HOPPER, Paul. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd. *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: Benjamins, 1991.

HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elisabeth Closs. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

LEHMANN, Christian. Towards a typology of clause linkage. In: HAIMAN, John; THOMPSON, Sandra A. *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 1985, p. 181-226.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. A mudança linguística. In: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (orgs.). *Linguística Funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MENDES, Ronald Beline. A terceira onda da sociolinguística. In: FIORIN, José Luiz (org.). *Novos caminhos da linguística*. São Paulo: Contexto, 2017, p. 103-124.

NASCIMENTO, Marianna Correa Siqueira. *Construções correlativas consecutivas sob perspectiva funcional*. 2017. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.

PEREK, Florent. *Argument structure in usage-based construction grammar: experimental and corpus-based perspectives*. Amsterdam: John Benjamins, 2015.

ROSÁRIO, Ivo da Costa do. *Gramaticalização de até: usos na linguagem padrão dos séculos XIX e XX*. 2007. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.

_____. *Construções correlatas aditivas em perspectiva funcional*. Niterói: Eduff, 2019.

_____. Construções aditivas na perspectiva da LFCU: entre coordenação, hipotaxe e correlação. In: DIAS, Nilza Barrozo; ABRAÇADO, Jussara (orgs.). *Estudos sobre o português em uso*. Uberlândia: Pangeia, 2020.

ROSÁRIO, Ivo da Costa do; LOPES, Monclar Guimarães. Construcionalidade: uma proposta de aplicação sincrônica. *SOLETRAS*, v. 37, p. 83-102, 2019.

ROSENBACH, Anette. English genitive variation: the state of art. *English Language and Linguistics*, v. 18, p. 215-262, 2014.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Constructionalization, grammaticalization and lexicalization again: some issues in frequency*. Course on Gzn and C x G. Dec. 18th, 2007.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University, 2013.

TROUSDALE, Graeme. Constructions in grammaticalization and lexicalization: evidence from the history of a composite predicate construction in English. In: TROUSDALE, Graeme; GISBORNE, Nikolas (eds.). *Constructional approaches to english grammar*. Berlin: De Gruyter Mouton, 2008a, p. 33-67.

_____. Words and constructions in grammaticalization: the end of the english impersonal construction. In: FITZMAURICE, Susan M.; MINKOVA, Donka (eds.). *Studies in the history of the english language IV*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2008b.

TROUSDALE, Graeme; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. Preface. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme (eds.). *Gradience, gradualness and grammaticalization*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2010.

VAN DE VELDE, Freek. Degeneracy: the maintenance of constructional networks. In: BOOGAART, Ronny; COLLEMAN, Timothy; RUTTEN, Gijsbert (eds.). *Extending the scope of construction grammar*. Berlin; Boston: De Gruyter Mouton, 2014, p. 141-179.

CAPÍTULO 6

CONCEITOS DE LINGUÍSTICA COGNITIVA

Monclar Guimarães Lopes
(UFF)

Objetivos

Prezado aluno, esperamos que, ao final deste capítulo, estudando os conteúdos apresentados e realizando os exercícios propostos, você seja capaz de:

1. Entender o que é Linguística Cognitiva.
2. Conhecer os seguintes conceitos básicos dessa corrente teórica: categorização, *frames*, domínios, *construal*, metáforas conceptuais e dinâmica de forças.
3. Analisar alguns dados linguísticos à luz dos conceitos trabalhados neste capítulo.

Considerações iniciais

A Linguística Cognitiva (LC) surgiu como uma resposta à insatisfação com os modelos formais de análise linguística, em especial, a Gramática Gerativa, que concebe as unidades e as estruturas da linguagem como entidades autônomas, processadas serialmente – uma após a outra – por módulos distintos na mente humana. A hipótese da modularidade é pensada como uma analogia ao processamento computacional. Sob essa ótica, defende-se, entre outras coisas, a existência de um módulo central na mente, de natureza puramente sintática, que processaria estruturas altamente abstratas destituídas de significado. Além disso, a Gramática Gerativa busca descrever a língua a partir de um ponto de vista puramente mental, desvincilhada de sua relação com o mundo.

A Linguística Cognitiva, por sua vez, é uma abordagem teórica que busca estabelecer as relações do conhecimento linguístico e da experiência humana com o mundo biofísico social. Sustenta que a cognição humana é estruturada em termos experienciais e isso tem impactos diretos na constituição da língua. Sob esse ponto de vista, as estruturas da linguagem são estudadas “como manifestações de capacidades cognitivas gerais, da organização conceptual de princípios de categorização, de mecanismos de processamento e da experiência cultural, social e individual” (Silva, 1997, p. 59).

Segundo Evans e Green (2006, p. 3), essa corrente teórica deve ser descrita mais como um movimento ou como um empreendimento porque não é uma teoria específica, mas um conjunto de modelos concebidos por um mesmo conjunto de princípios, hipóteses e perspectivas que dialogam entre si e podem ser vistos como complementares. Inclusive, a própria Gramática de Construções, muito cara à Linguística Funcional Centrada no Uso,¹ é um modelo de base cognitiva. Em virtude da complementaridade entre os diferentes modelos, é natural que conceitos de outras áreas da Linguística Cognitiva – embora externos às abordagens construcionais da gramática – sirvam à descrição de muitos fenômenos. Apresentamos, aqui, cinco desses conceitos, que têm servido à descrição de muitos fenômenos e/ou objetos investigados pela LFCU, a saber: categorização, *frames*, domínios, *construal*, metáforas conceptuais e dinâmica de forças.

Para esse fim, estruturamos este capítulo em mais três seções. Na seção “conceitos”, dedicamo-nos à descrição dos conceitos supracitados, na respectiva ordem, e à sua associação com alguns fenômenos e/ou objetos investigados pela Linguística Funcional Centrada no Uso. Em sequência, apresentamos as considerações finais e uma sequência de exercícios, que visa à consolidação desses conteúdos. Bons estudos!

¹ Em especial, a Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU), que busca descrever as construções linguísticas com base em dados empíricos do uso linguístico.

Conceitos

Categorização, prototipicidade e mudança linguística

Segundo Ferrari (2011, p. 31), por categorização entende-se “o processo através do qual agrupamos entidades semelhantes (objetos, pessoas, lugares etc.) em classes específicas”. Como veremos, esse processo é fluido, haja vista que as categorias estão sempre sujeitas à variação e à mudança em virtude das pressões sociais e cognitivas que operam na língua em uso.

Num primeiro momento, é necessário explicar que o processo de categorização de que tratamos se afasta da noção estruturalista. Para essa abordagem, as categorias eram determinadas por um conjunto de traços necessários. Assim, por exemplo, para determinar a categoria semântica *solteirão*, teríamos os seguintes traços: [+macho], [+adulto], [-casado]. No entanto, a Linguística Cognitiva tem mostrado que não existem traços suficientes para determinar uma categoria linguística. Sob essa ótica, [+macho], [+adulto], [-casado], por exemplo, poderiam caracterizar um padre, para quem o termo *solteirão* soa impróprio. À mesma conclusão chegou Wittgenstein (1958) ao analisar a palavra “jogo”, na medida em que não encontrou sequer um traço mínimo que poderia ser compartilhado entre os diferentes tipos de jogo. Se pensarmos no traço “coletividade”, podemos apontar o jogo *resta um*, que é individual; no traço

“competitividade”, podemos pensar no *frescobol*; no traço “diversão”, podemos pensar na *roleta russa*. Por isso, o estudioso fez uso da metáfora “semelhanças de família” (*Family resemblances*), mostrando que as categorias podem compartilhar traços diferentes, como ocorre entre os membros de uma família. Cada integrante pode compartilhar um traço diferente com cada um dos outros membros, sem que haja uma única característica física que seja compartilhada necessariamente por todos.

Para os estudos cognitivistas, o modelo de categorização que tem satisfeito as investigações é o dos protótipos (Rosch, 1973). No lugar de se pensar em traços, pensa-se em exemplares que representam um conjunto de objetos relativamente variáveis e centrais de uma categoria. Se tomarmos a categoria “pássaro”, por exemplo, provavelmente exemplares como *pardal*, *bem-te-vi* ou *canário* vêm à nossa mente. No entanto, dificilmente *pinguim*, *avestruz* ou *ema* seriam acionados em nossa memória de longo prazo, uma vez que tendem a ser mais periféricos na categoria. Isso ocorre porque *pardal*, *bem-te-vi* e *canário* compartilham mais traços centrais da categoria: são pequenos, possuem penas, bicos, voam e cantam. Nessa perspectiva, uma categoria como “pássaro” seria representada mais ou menos assim:

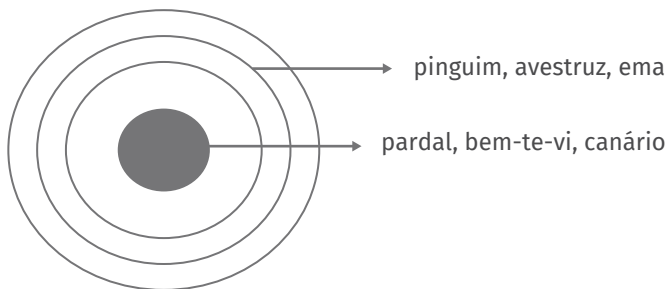


Figura 1. Categoria “Pássaro” – Teoria dos protótipos

Fonte: Elaboração própria.

Pelas ilustrações dadas até agora, poderíamos pensar que a noção de protótipos cabe apenas às categorias semânticas, mas não é bem assim. Elementos da gramática também têm representação mais prototípica ou mais periférica. Castilho (2014, p. 289), por exemplo, apresenta um conjunto de propriedades para a categoria sujeito: *Sintáticas* – (1) expresso por um sintagma nominal; (2) figura habitualmente antes do verbo; (3) determina a concordância do verbo; (4) é pronominalizável por “ele”; (5) pode ser elidido – *discursivas* – (6) é o tema da predicação – e *semânticas* – é agente da ação verbal. O sujeito que apresentar a maior quantidade desses traços é o protótipo, como ocorre na frase “João chutou a bola”. Entretanto, como sabemos, há sujeitos mais periféricos, como em “assinou-se o cheque”, por exemplo, em que não há uma parte dessas propriedades: (2), (5) e (6).

O processo de categorização é dinâmico, suscetível à influência das culturas humanas e do uso linguístico. De um lado, sabemos

que os exemplares de cada categoria estão diretamente associados a cada cultura. Nesse sentido, quando falamos da categoria “pássaro”, por exemplo, certamente os exemplares que temos no Brasil diferem daqueles empregados por pessoas que moram no Alasca. De outro, entendemos que o uso linguístico, mais especificamente, a frequência de uso, tem impacto significativo nesse processo. Assim sendo, elementos mais frequentes tendem a tornar-se membros mais centrais da categoria; termos pouco frequentes, mais periféricos.

Bybee (2010) afirma que a categorização está intimamente relacionada à frequência de uso porque cada ocorrência de uma construção reforça-a na memória de longo prazo. Sob esse ponto de vista, quando um item não prototípico passa a ser mais usado que os protótipos, ele gradualmente caminha para o centro. Quando tratamos dos pronomes pessoais “nós” e “a gente”, por exemplo, observamos que o último caminha progressivamente para uma posição mais prototípica em muitos contextos. Tem concorrido, inclusive, com a forma canônica “nós” em gêneros textuais mais monitorados.

Frames e domínios

Na comunicação cotidiana, a significação se constrói de maneira complexa. Num texto escrito, ela não depende exclusivamente dos sentidos das palavras manifestadas na superfície textual, mas, muitas vezes, dos conhecimentos compartilhados pelos interlocutores do

texto. Veremos, nesta subseção, que grande parte desses conhecimentos compartilhados se estrutura por meio de *frames*.

O conceito de *frames* é atribuído a Fillmore (1982), que o define como uma esquematização da experiência (uma estrutura do conhecimento) que é representada no nível conceptual e armazenada na memória de longo tempo. Um *frame* relaciona-se “aos elementos e às entidades associadas a uma cena particular culturalmente incorporada da experiência humana” (Evans; Green, 2006, p. 223). Estrutura-se, segundo Fillmore (1982), em termos de *figura* e *fundo* (dois conceitos inter-relacionados oriundos da psicologia da Gestalt), que servem à distinção existente entre um conceito lexical particular (que atua como “figura”) e outro(s) conceito(s) do(s) qual(is) depende(m) (“fundo”). Como ilustração, Fillmore (1982) apresenta o *frame* “evento comercial”, que prevê uma série de participantes e de relações entre esses participantes:

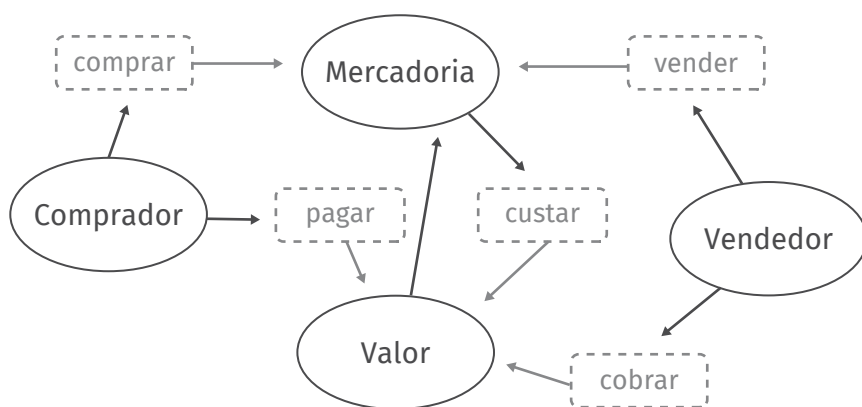


Figura 1. Relações entre participantes do *frame* de evento comercial

Fonte: Ferrari (2011, p. 51).

Conforme podemos observar, o evento comercial pressupõe cinco processos inter-relacionados (comprar, vender, pagar, custar, cobrar) e quatro participantes (comprador, vendedor, mercadoria e valor), todos interdependentes entre si. Na compreensão de uma frase como “João comprou um buquê de flores”, evocamos alguns de seus elementos para o plano da figura (o agente, o objeto e o beneficiário da compra, bem como a própria ação de comprar), enquanto os outros permanecem no plano de fundo (a relação de custo, de cobrança, o valor da mercadoria, entre outros). A valência verbal – que representa a quantidade de argumentos instanciados pelo verbo – está diretamente associada ao *frame*. Nesse sentido, um verbo como “custar” costuma apresentar a relação entre dois argumentos, a mercadoria e o valor, como podemos observar na frase “As rosas custaram R\$ 100”.

De acordo com Evans e Green (2006), uma teoria semântica baseada em *frames* pressupõe que o significado das palavras só pode ser compreendido quando as associamos a seus respectivos *frames*. Inclusive, segundo as autoras, “as palavras tendem a desaparecer do idioma quando o *frame* a que pertencem deixa de existir” (Evans; Green, 2006, p. 229).

A teoria dos domínios de Langacker (1987) está diretamente relacionada à noção de *frames*. Tem como base a hipótese de que o significado é enciclopédico e que os conceitos lexicais não podem ser compreendidos independentemente de estruturas de conheci-

mento maiores – da mesma maneira que ocorre com os *frames*. Não obstante, a noção de domínio traz uma grande contribuição para a descrição linguística, na medida em que possibilita níveis mais elevados de abstração.

Conforme Langacker (1987, p. 147), “domínios são necessariamente entidades cognitivas: experiências mentais, espaços representacionais, conceitos ou complexos conceptuais, organizados em diferentes níveis de complexidade”. Os diferentes níveis de complexidade nos permitem compreender que os conceitos são organizados em termos de *frames* múltiplos. Como exemplo, Langacker (1987, p. 147) cita o termo “junta”, que teria como domínio “dedo”, que, por sua vez, teria como domínio “mão”, que, por sua vez, teria como domínio “braço”, e assim sucessivamente.

Para nós que buscamos descrever as construções linguísticas e suas propriedades da forma e da função, a noção de domínio pode servir à explicitação de formas bastante abstratas de significado. Nesse sentido, assim como o verbo “comprar” tem como domínio o *frame* “evento comercial”, este também faz parte de um outro domínio, de natureza mais abstrata. A transação comercial, por exemplo, pressupõe a transferência de objetos de A para B. Envolve, portanto, um processo e, no mínimo, três participantes: um agente, um objeto e um beneficiário.

É interessante notar que os domínios, ao mesmo tempo que são mais abstratos em relação a sua base (no caso: o verbo “comprar” é base do domínio “evento comercial”, que, por sua vez, é domínio de um evento que envolve a transferência de um objeto entre dois participantes), são também mais esquemáticos e mais produtivos. Isto significa, por exemplo, que existem variados eventos que envolvem a transferência de um objeto entre dois participantes, que vão muito além do *frame* “evento comercial”.

Goldberg (1995), por exemplo, na descrição das construções de estrutura argumental do inglês, mostra uma correlação entre a semântica de transferência (em que um agente envia um objeto a um beneficiário) e a construção ditransitiva: [SUJ V OBJ1 OBJ2].

Ditransitiva	X CAUSA Y A RECEBER Z	Suj V Obj1 Obj2 <i>Pat faxed Bill the letter.</i> (Pat mandou uma carta para Bill).
--------------	-----------------------	---

Quadro 1. A construção ditransitiva e a construção de movimento causado

Fonte: Goldberg (1995, p. 3).

Sob esse ponto de vista, independentemente dos elementos que preenchem a estrutura [SUJ V OBJ1 OBJ2], sempre se recupera um sentido de transferência, como podemos observar não somente em “Pat mandou uma carta para Bill”, como também em “João comprou

um buquê de flores para a mãe”, “ele cozinhou um bolo para o pai”, entre outros. Como lidamos, muitas vezes, com a descrição de construções esquemáticas ou parcialmente esquemáticas, elas costumam abrigar também níveis mais abstratos de significação, como acabamos de ilustrar por meio dos estudos de Goldberg (1995).

Construal

Segundo Langacker (2008, p. 55), “o significado de uma expressão não é somente o conteúdo conceptual que ela evoca – igualmente importante é como esse conteúdo é construído”. Por meio dessa declaração, Langacker busca nos mostrar que um mesmo conteúdo pode ser construído – daí o termo “construal” – de maneiras distintas. Trata-se de um fenômeno que envolve quatro diferentes aspectos, dentre os quais exploraremos três: especificidade, proeminência e perspectiva.

a) Especificidade

Essa dimensão do *construal* corresponde ao nível de precisão e detalhamento com o qual uma situação é descrita. Sua dimensão inversa é a esquematicidade. Nesse sentido, podemos dizer, por exemplo, que *gato* é mais específico que *animal* e que *animal* é mais esquemático do que *gato*.

Para Langacker (2008), a esquematização é um processo fundamental para a cognição e acontece em todas as áreas da experiência humana. “A formação de um esquema é simplesmente o reforço de

algo inerente a várias experiências” (Langacker, 2008, p. 56). Dessa maneira, podemos entender que esse processo atua não somente na relação semântica entre termos mais ou menos específicos (como vimos em “gato” e “animal”, por exemplo), como também na própria estruturação da gramática, isto é, das construções linguísticas.

Além de essa concepção de Langacker ser fundamental no aparato teórico da LFCU para explicar a formação de esquemas altamente abstratos da gramática, como, por exemplo, da construção ditransitiva [SUJ V OBJ1 OBJ2], da formação de quantificadores de estrutura [N de N] – *um pouco de comida, um monte de gente* etc. (Alonso, 2010) –, ela também explica as situações em que elementos da construção podem ou não ser instanciados, colaborando para a expressão de conteúdos mais ou menos específicos.

Ferrari (2011) ilustra esse aspecto da seguinte maneira:

Se observarmos o verbo “beber”, veremos que estabelece referência esquemática a dois participantes (agente e paciente da ação, respectivamente). No caso da sentença “João bebe água”, por exemplo, especificam-se o agente (João) e o paciente (água). [...] Entretanto, pode haver elaboração de apenas um dos elementos, como em “Beberam água”, em que se sabe que há um agente (ou vários), mas a sentença mantém a não especificidade em relação a esse elemento (Ferrari, 2011, p. 62).

b) Proeminência

Proeminência, ou saliência, está associada às estratégias de focalização na expressão linguística, em que atuam dois processos importantes: o perfilamento e o alinhamento trajetor/marco. O perfilamento pode ser caracterizado como aquilo que uma expressão designa ou se refere em relação à sua base. Para ficar mais claro, olhemos, como ilustração, o seguinte exemplo de Langacker (2008, p. 67):

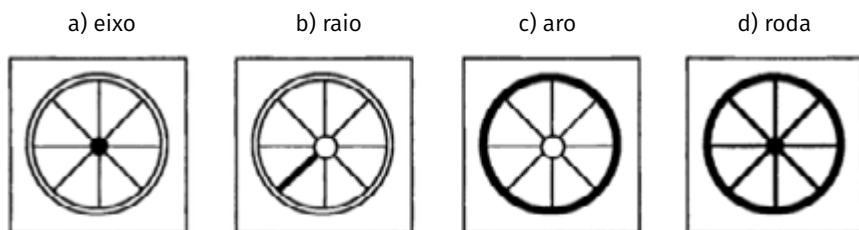


Figura 2. Relação perfilamento e base na palavra “roda”

Fonte: Langacker (2008, p. 67).

Em todas as opções acima (a-d), temos uma mesma base: a roda. O perfilamento corresponde ao elemento que focalizamos no uso. Dessa maneira, se dissermos “eixo”, perfilamos o centro da roda; “raio”, uma das hastes que dão sustentação entre o aro e o eixo; “aro”, apenas a circunferência externa; “roda”, todos os elementos que a compõem. Observem que há uma representação imagética para o perfilamento, observável pelo destaque em negrito da parte a que se faz referência.

Na noção do perfilamento, recupera-se a noção de figura e fundo: a figura é a parte perfilada; o fundo é a base. Langacker (2008) chama a atenção para o fato de que o perfilamento pode ser descrito em todas as expressões linguísticas, não apenas em elementos concretos (como “roda”). Vejamos um outro exemplo em que o autor mostra o perfilamento envolvido na palavra tia:

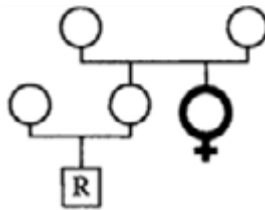


Figura 3. Relação perfilamento e base na palavra “tia”

Fonte: Langacker (2008, p. 67).

Na representação do tipo “árvore genealógica”, “R” é o indivíduo que é tomado como ponto de referência. A parte perfilada, como podemos perceber, é a irmã de um de seus genitores. Para designar o gênero, empregou-se o símbolo convencionalmente empregado para distinguir o sexo feminino do masculino.

O alinhamento trajetador/marco, por sua vez, é essencial para a designação de relações mais complexas, como as que ocorrem na predicação, por exemplo. Vejamos um outro exemplo para, em sequência, definirmos os fenômenos:

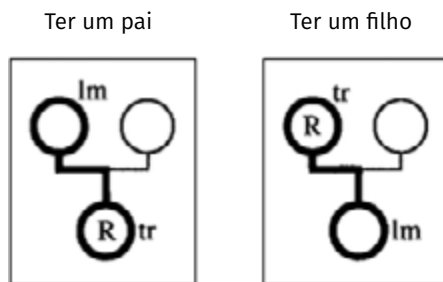


Figura 4. Perfilamento das predicções “ter um pai” e “ter um filho”

Fonte: Langacker (2008, p. 67).

O alinhamento trajetor/marco envolve um perfilamento relacional entre mais de um elemento, sendo um deles primário e outro secundário. Segundo Langacker (2008, p. 70), o trajetor é o participante mais proeminente, a entidade que é tomada como ponto de partida da relação, enquanto o marco é o ponto de chegada. Sendo assim, numa expressão como “eu tenho um pai”, o sujeito é o trajetor e “pai”, o marco. Em contrapartida, em “eu tenho um filho”, “pai” é o trajetor e filho, o marco. Observemos que há um mesmo estado de coisas sendo descrito, o que muda é o ponto de vista, em termos de perfilamento.

Na pesquisa em LFCU, a noção de proeminência pode colaborar para a descrição de alguns objetos. Lopes (2019), por exemplo, descreve a variação de transitividade de alguns verbos originalmente inacusativos, como “explodir” e “cessar”, por exemplo. São classificados como inacusativos porque exigem um sujeito sintático de papel paciente, como em “o fogo cessou” e “a bomba explodiu”. Hoje, esses verbos podem ser recrutados em construções transitivas diretas, como

em “os bombeiros cessaram o fogo” e “ele explodiu o caixa eletrônico”. O emprego desses verbos em novas estruturas, numa perspectiva cognitiva, ligada à conceptualização, pode ser motivado por uma questão de proeminência: o conceptualizador põe o foco primário no agente.

c) *Perspectiva*

Segundo Langacker (2008, p. 73), “se a conceptualização (metaforicamente) é a visão de uma cena, a perspectiva é o modo de ver a cena e seu aspecto mais óbvio é o ponto de vista assumido”. O ponto de vista é a relação geral entre os espectadores – o falante e o ouvinte – e a situação que está sendo vista. Na configuração-padrão, falante e ouvinte – que são os conceptualizadores da cena – ocupam um mesmo espaço físico, onde observam e descrevem acontecimentos reais do entorno, passíveis de serem descritos de maneiras alternativas. Normalmente, a descrição realizada está associada ao que chamamos de *ponto de vantagem*. Como ilustração, vejamos um exemplo apresentado por Ferrari (2011, p. 67):



Figura 5. Ponto de vantagem e codificação relacional

Fonte: Adaptado de Ferrari (2011, p. 67).

- (1) A árvore está atrás da nuvem.
- (2) A nuvem está na frente da árvore.
- (3) A árvore está na frente da nuvem.
- (4) A nuvem está atrás da árvore.

Acima, temos uma única realidade sendo descrita sob diferentes perspectivas. Nas frases (1) e (2), no entanto, tendemos a compreender que os conceptualizadores veem a imagem à esquerda; nas (3) e (4), a imagem à direita. Nesse sentido, a diferença na representação entre (1) e (2), assim como entre (3) e (4), está relacionada às estruturas que são postas em proeminência. Em (1), por exemplo, a árvore é posta em proeminência – pois é o tema da predicação –, enquanto em (2), o elemento proeminente é “nuvem”. O ponto de vantagem corresponde, portanto, à localização espacial dos conceptualizadores, na medida em que implica determinada(s) maneira(s) de descrever as cenas.

Na descrição das construções gramaticais, podemos entender como a noção de ponto de vantagem se associa a algumas estruturas, como podemos observar na seleção entre as construções ativas e as passivas. Nas frases “o bandido foi preso pela polícia” e “a polícia prendeu o bandido”, por exemplo, temos o mesmo evento, mas construído discursivamente sob diferentes perspectivas.

Metáforas conceptuais

De acordo com Evans e Green (2006, p. 286),

a premissa básica da Teoria da Metáfora Conceptual é a de que a metáfora não é simplesmente uma propriedade estilística da língua, uma vez que o pensamento é, por natureza, fundamentalmente metafórico.

Nessa perspectiva, a metáfora é vista como o mapeamento entre domínios distintos e ocorre o tempo todo na língua. Normalmente, esses mapeamentos surgem da necessidade de abstração na língua e, para isso, fazem uso de elementos de natureza mais concreta. Não raro, tem como base as experiências corporais e espaciais pré-conceptuais.

Como ilustração, Evans e Green (2006) mostram a relação existente entre o conceito de “elevação vertical” e o de “quantidade”. Uma vez que a quantidade é comumente estruturada e entendida em termos de elevação física – isto é, quanto maior a quantidade de objetos, maior é a pilha de material que temos –, é normal que esses domínios se relacionem mesmo nas situações em que a quantidade não é física, como na frase “ela tirou uma nota bastante alta na prova”, por exemplo.

Os estudos em metáfora conceptual trazem grande contribuição para os trabalhos linguísticos de natureza mais semântica, mas não somente. A metáfora conceptual também é importante para compreender muitos processos que envolvem a categorização da gramática, bem como a sua mudança. Como ilustração, trataremos a seguir de dois esquemas cognitivos básicos (básicos porque estão

diretamente associados à experiência que temos a partir do nosso próprio corpo com o espaço circundante):

a) Esquema do caminho

O esquema do caminho pode ser representado, imagetivamente, como $[A \rightarrow B]$. Está associado ao fato de que observamos que os seres e objetos se deslocam espacialmente, de um ponto A para um ponto B. Sendo este um fenômeno básico, é natural que existam elementos linguísticos que o representem, como ocorre, por exemplo, com o verbo “ir” quando dizemos “eu fui para o quarto”. Temos aí a conceptualização de uma cena bastante concreta, na medida em que está diretamente relacionada a uma experiência que o corpo tem com o mundo físico, percebida por meio da visão.

No entanto, esse mesmo esquema serve como domínio para a expressão de conteúdos mais abstratos. É possível dizer, por exemplo, “Maria vai viajar no fim de semana”. Nesse caso, no verbo “ir”, espaço passa a ser conceptualizado como tempo, mantendo-se a noção de deslocamento: de deslocamento espacial para deslocamento temporal.

b) Esquema do contêiner

O esquema do contêiner pode ser representado, imagetivamente, como $[A [B]]$, em que B é um conjunto de A. Está associado ao fato de que os corpos e objetos ocupam espaços. Por essa razão, temos

representações na língua como “Estou em Florianópolis”, por exemplo, que ilustram esse tipo de conceptualização.

Assim como vimos no esquema anterior, este também serve de domínio para relações mais abstratas, como “tempo” ou, inclusive, relações textuais, como a “conclusão”. Na frase “Estou em férias”, há uma conceptualização do sujeito como inserido num espaço temporal (“férias”). No silogismo básico, como em “Todo homem é mortal, João é homem, logo João é mortal”, temos uma conclusão construída com base no mesmo esquema: [mortal [homem [joão]]].

Os esquemas cognitivos básicos – como o do caminho e o do contêiner – justificam, inclusive, a trajetória localista (apresentada no Capítulo 3): espaço → tempo → texto. Tomemos, para isso, como exemplo o próprio termo “logo”, apresentado previamente. Em latim, “logo” significava “no lugar” (ou seja, tinha função espacial). No português, já assume relações temporais (“Faça isso logo”) e conclusivas – que atuam na conexão textual – (“Preciso de dinheiro, logo trabalho”).

Dinâmica de forças

O termo “dinâmica de forças” está associado à nossa experiência com o movimento da energia. Compreende que, enquanto há entidades que têm uma capacidade inerente para liberação de energia, outras apenas a recebem de entidades externas. Para Talmy (1988), a dinâmica de forças dá conta de diferentes tipos de forças e barreiras existentes no mundo físico e pode ser descrita em termos de “causação”, na medida

em que atua de modos distintos sobre os participantes de um evento. Esses diferentes modos podem ser observados nos exemplos abaixo, citados por Ferrari (2011, p. 84):

- (5) O livro está na estante.
- (6) O livro manteve-se na estante.
- (7) Ronaldo chutou a bola.

Em (5), temos uma concepção neutra da dinâmica de forças, em virtude da estaticidade do verbo. Em (6), percebemos uma resistência, na medida em que parece haver (ou ter havido) uma força sobre o livro. Em (7), há um evento tipicamente causativo, que envolve um causador (antagonista), Ronaldo, e o objeto causado (agonista), a bola.

No modelo de Langacker (2008), a “ação prototípica” é caracterizada em termos de transferência de energia de um agente para um paciente, que resulta na mudança de estado deste último. Essa ação prototípica pode ser representada por meio do que Langacker (2008) chama do Modelo do Evento Canônico, ilustrado abaixo:

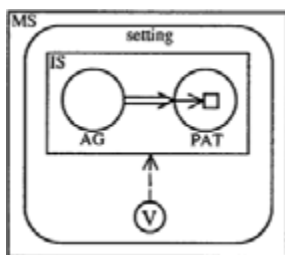


Figura 6. O Modelo do Evento Canônico

Fonte: Langacker (2008, p. 357).

As abreviações da figura podem ser descritas do seguinte modo: V (visualizador), isto é, quem observa e codifica a ação por meio de linguagem; AG e PAT representam, respectivamente, o agente e o paciente da ação; IS (escopo imediato) compreende a cena que é linguisticamente representada pelo visualizador (que também é o conceptualizador); MS (escopo máximo) compreende toda a cena. A noção de escopo máximo vem da ideia de que, muitas vezes, o conceptualizador resolve não perfilar todos os elementos da cena. Numa frase como “o gato quebrou o vaso”, temos exatamente a representação como se dá acima (já que é um evento canônico, prototípico). Se disséssemos, no entanto, apenas “quebraram o vaso”, o agente não comporia mais o escopo imediato, apenas o escopo máximo. Como podemos notar, o evento canônico de Langacker corresponde, no nível sintático, à construção transitiva direta: [SUJ V OBJ].

Segundo Langacker (2008), a representação sintática está diretamente associada à noção de força. Argumenta que, como nosso foco de atenção sempre recai sobre o elemento que é a fonte de energia, normalmente esse elemento ocupa a posição do sujeito sintático. No entanto, se esse elemento não se encontra no escopo imediato, a tendência é para que o próximo elemento de maior força ocupe essa posição.

Langacker (2008) representa essa tendência imageticamente como uma sequência de bolas de bilhar, penduradas e alinhadas, que

batem umas sobre as outras. À medida que a força da primeira bola vai sendo transferida às outras, a força do impacto também vai diminuindo.

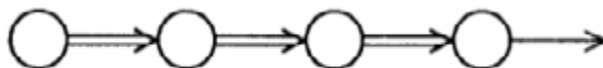


Figura 7. A cadeia de ações

Fonte: Langacker (2008, p. 356).

Se tomarmos como exemplo a frase “Pedro abriu a porta com a chave”, entendemos que Pedro é o elemento de maior força, que desencadeia a ação. O segundo elemento é a chave, já que Pedro põe uma determinada força sobre ela. O último elemento é a própria porta, que está no fim da sequência. Ou seja, a cadeia de forças pode ser estabelecida desta maneira: Pedro → chave → porta. Se há uma tendência de preencher o sujeito sintático com o elemento de maior força, podemos pensar o seguinte: se todos os elementos estiverem presentes no escopo imediato, a frase tende a ser “Pedro abriu a porta com a chave”. Se Pedro não estiver no escopo imediato, tende a ser “a chave abriu a porta”. Se nenhum dos dois primeiros elementos estiverem presentes, “a porta abriu”.

Esse conceito pode trazer contribuições para a pesquisa em LFCU. Lopes (2015), por exemplo, em sua tese de doutoramento, argumenta que o verbo “desaparecer”, originalmente inacusativo (porque se apresenta em construções intransitivas com sujeito paciente – ex.: minha carteira desapareceu), passa a ser empregado transitivamente

em virtude de uma reinterpretação cognitivamente motivada. Hoje, encontramos ocorrências como “Para ajudar Aécio, Mídia desaparece com aeroporto” em que há um sujeito de papel agente.

Em sua investigação diacrônica, Lopes (2015) observou que o uso transitivo surgiu num período em que o verbo começou a ser amplamente empregado em orações que continham adjuntos adverbiais com propriedades agentivas (como os adjuntos adverbiais de causa, por exemplo). Sob esse ponto de vista, a reincidência de ocorrências como “a floresta desapareceu com o incêndio”, em que “floresta” é paciente e “incêndio” é causa, favoreceria a mudança de transitividade para ocorrências do tipo “o incêndio desapareceu com a floresta”, em que incêndio é o agente. A reinterpretação, nesse caso, estaria associada à dinâmica de forças, em que o núcleo do adjunto adverbial competiria cognitivamente, no plano semântico, pela posição do sujeito sintático.

Considerações finais

Neste capítulo, vimos que a Linguística Cognitiva é uma corrente teórica constituída por diferentes modelos, ligados entre si por um mesmo conjunto de princípios, hipóteses e perspectivas que dialogam e, por isso, podem ser vistos como complementares. Em virtude dessa complementaridade, buscamos explorar cinco categorias da LC que têm nos auxiliado na descrição dos estudos em perspectiva

construcional: categorização, *frames* e domínios, *construal*, metáforas conceptuais e dinâmica de forças.

A categorização é tradicionalmente entendida como um “processo através do qual agrupamos entidades semelhantes (objetos, pessoas, lugares etc.) em classes específicas” (Ferrari, 2011, p. 31). Na visão da LC, ela é concebida de maneira fluida, em termos de prototipicidade/exemplaridade. Assim, há membros que são tidos como exemplares, porque compartilham mais propriedades com os membros gerais de uma mesma categoria. Um pardal, por exemplo, é um bom exemplar da categoria “pássaro” porque compartilha todas as propriedades típicas de um pássaro: tem asas, voa, canta, é pequeno, tem bico, tem penas etc. O pinguim, por sua vez, já é tido como um membro categorial mais periférico, porque suas asas funcionam como nadadeiras. Um outro ponto relevante sobre a fluidez categorial é a sua dinamicidade. Em virtude das experiências que temos com o mundo, os exemplares podem mudar com o tempo.

Em sequência, vimos o conceito de *frames* e domínios, que nascem da ideia de que todo o nosso conhecimento pode ser estruturado em termos de *figura e fundo*. Sob esse ponto de vista, o significado das palavras nunca se dá de maneira isolada, evocando-se apenas o conteúdo semântico dos vocábulos, mas, sim, globalmente, na medida em que recorremos a estruturas maiores, estocadas em nosso conhecimento enciclopédico. Assim, por exemplo, um verbo como

“comprar” deve ser compreendido a partir de sua relação com o *frame* “evento comercial”, que pressupõe uma série de relações (comprar, vender, pagar, custar e cobrar) e participantes (comprador, vendedor, mercadoria e valor).

Construal é um conceito que busca descrever as diferentes maneiras de expressar um conteúdo, de conceptualizar uma cena. A descrição de um evento comercial, por exemplo, como ocorre na frase “Maria comprou bolo de Joaquim”, pode se dar de maneira mais *específica*: “Maria comprou bolo *de aipim* de Joaquim”; pode alterar a *proeminência* de determinadas estruturas: “Maria comprou *um pedaço* de bolo de aipim de Joaquim”; pode, ainda, perspectivar a cena sob um diferente ponto de vista: “*Joaquim* vendeu um pedaço de bolo de aipim para Maria”.

As *metáforas conceptuais* buscam explorar a natureza metafórica da própria linguagem. São vistas como o mapeamento entre domínios distintos e ocorrem o tempo todo na língua, para atender, sobretudo, às nossas necessidades de abstração (e, para isso, fazem uso de elementos de natureza mais concreta). Costumam ter como base as experiências corporais e espaciais pré-conceptuais e, por isso, estão na constituição de várias categorias da gramática. Nesse sentido, vimos, por exemplo, como em dois esquemas cognitivos básicos – do caminho e do contêiner – atuam recategorização de estruturas espaciais, que passam a assumir funções temporais e/ou textuais.

Por fim, tratamos da *dinâmica de forças*, nas perspectivas de Talmy (1988) e Langacker (2008), que está associada à nossa experiência com o movimento de energia. Como ilustração, mostramos, com base no modelo de Langacker (2008), como a dinâmica de forças está relacionada à representação da própria construção transitiva direta [SUJ V OBJ]. Paralelamente, exploramos como esse conceito pode atuar no processo de mudança linguística. Para isso, apresentamos o estudo de Lopes (2015), que associa a mudança de transitividade do verbo “desaparecer” à atuação cognitiva desse fenômeno.

Exercícios

- (1) Observe a imagem abaixo e determine qual elemento pode ser visto como mais distante do protótipo da categoria “xícara”. Justifique sua resposta com base no que vimos sobre o fenômeno da categorização.

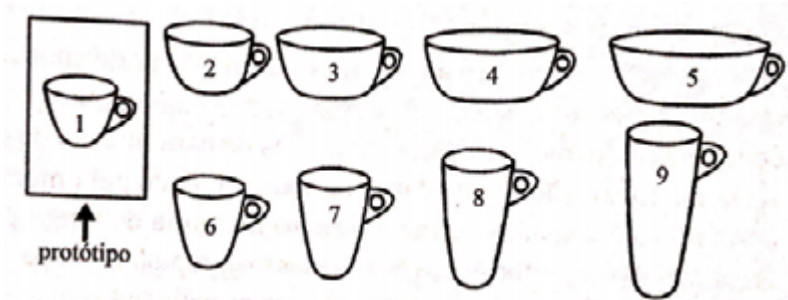


Figura 8. Objetos apresentados por Labov em tarefa de nomeação

Fonte: Ferrari (2011, p. 38).

- (2) As frases abaixo, embora pertençam a *frames* distintos, numa dimensão mais abstrata, podem compartilhar um mesmo domínio. Por quê?
- a) Maria comprou um carro para João.
 - b) Marcos fez um bolo para a mãe.
- (3) As duas frases abaixo descrevem um mesmo evento, mas dão proeminência a estruturas diferentes. Explique.
- a) O guarda multou o motorista durante a blitz.
 - b) O motorista foi multado pelo guarda durante a blitz.
- (4) Na segunda frase abaixo, observamos a atuação da metáfora no elemento destacado. Explique:
- a) Você poderia me passar a caneta *aí* ao seu lado, por favor.
 - b) Maria veio até mim. *Aí* me disse o seguinte...
- (5) Qual é o argumento utilizado por Langacker (2008) para justificar a tendência de o sujeito sintático ser ocupado por um termo de função agentiva?

Padrão de respostas

Questão 1: O número cinco está mais distante do protótipo. A xícara é normalmente usada para líquidos doces consumidos em pequenas porções (e muitas vezes acompanham a ingestão de alimentos em refeições, como em café da manhã

e lanches). Além disso, não costuma fazer uso de utensílios complementares para o consumo, como colheres, por exemplo. O número 5, por sua vez, está mais próximo à tigela, que pode ser usada tanto para a ingestão de alimentos doces – como mingaus – e salgados – caldos e sopas. Normalmente, empregam-se utensílios no consumo (colheres).

Questão 2: A primeira frase faz parte do frame “evento comercial”. A segunda, por sua vez, pode fazer parte do frame “preparação de alimentos”. Embora sejam distintos, numa dimensão mais abstrata, compartilham o mesmo sentido de transferência presente na construção bitransitiva: [SUJ V OBJ1 OBJ2]. Maria “transfere” um carro para João em (a); Marcos “transfere” um bolo para a mãe em (b).

Questão 3: As frases dão proeminência a estruturas diferentes porque, embora descrevam um mesmo evento, perfilam a realidade de maneira distinta. Em (a), o guarda é o trajetador, o foco principal; o motorista, o marco, foco secundário. Em (b), essas posições se invertem: o motorista é o trajetador; o guarda, o marco.

Questão 4: “ai” é um termo de natureza espacial e é empregado com essa função em (a). Em (b), por sua vez, ele assume uma função temporal, na medida em que promove uma sequenciação no texto. Trata-se de um uso metafórico, porque envolve a transferência de um elemento do domínio espacial para o temporal.

Questão 5: o argumento defendido por Langacker (2008) é o de que a nossa percepção é orientada para o elemento mais agentivo, desencadeador da ação. Dessa maneira, é natural que esse elemento ganhe proeminência na representação sintática, que, normalmente, é o sujeito sintático.

Referências

ALONSO, Karen Sampaio Braga. *Construções binominais quantitativas e construção de modificação de grau: uma abordagem baseada no uso*. 2010. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CASTILHO, Ataliba de. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014.

EVANS, Vyvyan; GREEN, Melanie. *Cognitive linguistics: an introduction*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006.

FERRARI, Lilian. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

FILLMORE, Charles. Frame semantics. In: LINGUISTIC SOCIETY OF KOREA. *Linguistics in the morning calm*. Seoul: Hanshin Publishing, 1982, p. 111-137.

GOLDBERG, Adele. *A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

LANGACKER, Ronald W. *Foundations of cognitive grammar: theoretical prerequisites*. California: Stanford University Press, 1987.

_____. *Cognitive grammar: a basic introduction*. New York: Oxford University Press, 2008.

LOPES, Monclar Guimarães. *Transitivização de desaparecer sob uma ótica cognitivo-funcional*. 2015. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

_____. A construção transitiva prototípica e a construção transitiva causativa no português: um caso de variação construcional? *Revista Diadorim*, v. 21, p. 99-124, 2019.

ROSCH, Eleanor. On the internal structure of perceptual and semantic categories. In: MOORE, T. *Cognitive development and the acquisition of language*. New York: Academic Press, 1973, p. 111-144.

SILVA, Augusto Soares. A Linguística cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em linguística. *Revista Portuguesa de Humanidades*, v. 1, n. 1, p. 59-101, 1997.

TALMY, Leonard. Force dynamics in language and cognition. *Cognitive Science*, v. 12, n. 1, p. 49-100, 1988.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Philosophical investigations*. 2. ed. Oxford: Blackwell, 1958.

CAPÍTULO 7

CONSTRUCIONALIZAÇÃO E CONSTRUCIONALIDADE: mudanças construcionais e contextos de mudança linguística

Mariangela Rios de Oliveira
(UFF/CNPq/Faperj)

Objetivos

Prezado aluno, esperamos que, ao final deste capítulo, estudando os conteúdos apresentados e realizando os exercícios propostos, você seja capaz de:

1. Compreender o que é construcionalização e a distinção entre seus subtipos: lexical e gramatical.
2. Identificar a construcionalização como perspectiva diacrônica e a construcionalidade como perspectiva sincrônica.
3. Distinguir mudanças construcionais de efetivas construcionalizações.
4. Destacar a relevância de propriedades contextuais como motivadoras da mudança linguística.
5. Identificar trajetórias contextuais de crescente vinculação de conteúdo e forma na convencionalização de construções.

Considerações iniciais

Como você já deve ter percebido, com base na leitura dos capítulos anteriores, no Funcionalismo, as *mudanças linguísticas* são entendidas como partindo das situações efetivas de *interação*, faladas ou escritas. Assim, certos modos de dizer, em geral frequentes, usados repetidamente, se tornam *regulares e sistemáticos*, fixando-se como padrões gramaticais. As alterações começam no eixo da *função*, via polissemia e inferências (metaforização), podendo chegar até o eixo da *forma*, afetando a estrutura linguística (metonimização).

Na perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), consideramos que a abordagem construcional da gramática é uma *teoria do uso*, o que significa dizer que as construções, os pares de função e forma, são convencionalizados pelos rituais de interação social. Nesse sentido, definimos a *língua* como uma *rede de construções*, ou seja, como um conjunto estruturado de pares convencionais de função e forma, em hierarquia e interconexão, chamada tecnicamente de *constructicon*, nos termos de Traugott e Trousdale (2013) e Hilpert (2014), entre outros.

O tema geral deste capítulo é a mudança linguística, seus tipos e contextos de ocorrência na perspectiva construcional, conforme preconizado pela LFCU. Para tanto, vamos iniciar a próxima seção tratando da *construcionalização*, ou seja, da formação de novos pares de função e forma na rede linguística, levando em conta a distinção

entre construções lexicais e gramaticais. Nessa seção, estabelecemos também diferença entre a abordagem histórica da formação de construções e a abordagem sincrônica, na demonstração de que a mudança linguística é um processo sempre presente e contínuo, como destaca Bybee (2010; 2015).

Na segunda parte da próxima seção, vamos nos dedicar a *mudanças construcionais* mais específicas, que afetam somente um dos eixos da construção – o da função ou o da forma. Essas mudanças não chegam a criar um novo pareamento na língua, mas são etapas importantes e fundamentais para a provável construcionalização, em momento posterior do uso linguístico, e podem continuar acontecendo, após a construcionalização ter sido efetivada.

Por fim, na terceira seção nos voltamos para o exame dos *contextos* em que as construções são instanciadas. Vamos destacar a importância desses ambientes, definindo o que é contexto e detalhando suas propriedades como motivadoras de mudanças construcionais. Também apresentamos nessa seção duas propostas de trajetória contextual, que são formuladas para dar conta dos micro-passos que conduzem à construcionalização.

Conceitos

Esta seção se encontra dividida em três subseções, correspondentes aos três conteúdos básicos a que se dedica o Capítulo 7. Vamos lá!

Construcionalização e construcionalidade

De acordo com Traugott e Trousdale (2013), o termo *construcionalização* é definido como a criação de um *pareamento* de função nova e forma nova, no nível do léxico ou da gramática. Para Bergs e Diewald (2008), esse termo se refere à *formação de unidades novas* com base em constituintes até então independentes. Na perspectiva dos quatro autores referidos, a construcionalização é um *processo histórico*, ou seja, captado na trajetória das línguas, em geral sob a forma de pequenos passos (micropassos).

Nesses pequenos passos, detectados a partir dos contextos efetivos de uso linguístico, atuam mecanismos de *neoanálise*, ou seja, novas interpretações metafóricas e metonímicas motivadas por pressões de natureza pragmática, discursiva, cognitiva e também estrutural. Um dos mecanismos de neoanálise mais produtivos e relevantes para a construcionalização é a *analogização*, que é definida como a produção de novas construções¹ em qualquer nível (do esquema, do subesquema ou da microconstrução), a partir de modelos já fixados e disponíveis na língua.

De acordo com a LFCU, são os seguintes os micropassos que conduzem à construcionalização, conforme ilustramos no Quadro 1:

¹ A *construção* se refere a todo pareamento convencional de função e forma, como definido por Goldberg (1995; 2006).

1º - Inovação

O ouvinte interpreta o construto e o analisa de uma maneira diferente daquela que o falante expressou.

O ouvinte reutiliza o construto com o novo sentido.

2º - Convencionalização

Outro ouvinte passa a utilizar o construto com o novo sentido em contextos específicos.

3º - Construcionalização

Quando a neoanálise morfossintática e semântica generaliza-se na população de falantes, cria-se uma nova microconstrução.

4º - Pós-construcionalização

A nova microconstrução pode ser expandida e reorganizar-se em subesquemas.

5º - Redução de forma

O frequente uso do *token* ou a obsolescência da construção podem levar a decréscimo de uso e até ao zero.

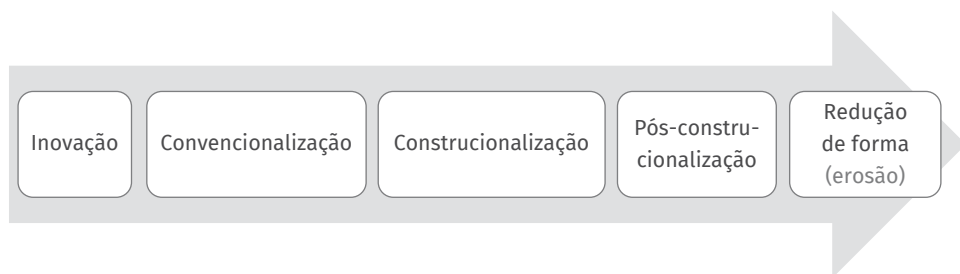
Quadro 1. Etapas da mudança linguística por construcionalização – vertical

Fonte: Elaboração própria com base em Traugott e Trousdale (2013, p. 91-92).

Como podemos observar, a mudança se inicia quando o ouvinte, ou interlocutor, interpreta o construto, a forma de dizer, de um modo inédito e inovador. Na sequência, essa reinterpretação pode se espalhar num grupo específico de usuários, quando outros começam também

a partilhar o novo sentido reinterpretado, tornando-o convencional. A seguir, aí sim, com a generalização crescente do novo sentido e formato, temos a etapa de construcionalização, com a criação de um inédito pareamento simbólico de função e forma, que é adotado por mais usuários ainda. Na fase posterior, correspondente à pós-construcionalização, a nova construção pode fornecer a base para um esquema mais virtual, a partir do qual se formam subesquemas e outras microconstruções específicas, num processo denominado por Hilmmlmann (2004) de *expansão host-class* (expansão de classe hospedeira). A etapa final diz respeito à redução formal, quando há perda de estrutura ou quando o uso praticamente cessa, podendo ficar a construção em estágio de obsolescência, quer dizer, entrar em estágio de desuso.

Essas cinco etapas se organizam horizontalmente na trajetória da língua, como apresentamos a seguir, no Esquema 1, com destaque para a fase de construcionalização:



Esquema 1. Etapas da mudança linguística por construcionalização – horizontal

Fonte: Elaboração própria.

De acordo com Traugott e Trousdale (2013), há dois tipos básicos de construcionalização: a *lexical* e a *gramatical*. Essa distinção tem a ver com o conteúdo veiculado pela construção. No caso da construcionalização lexical, o desenvolvimento de novos pares de função e forma leva à criação de membros de categorias lexicais. Essas categorias são basicamente as dos nomes (substantivos e adjetivos) e a dos verbos, podendo atingir de palavras simples até compostos, frases feitas e outros.

A construcionalização lexical tende à convencionalização de conteúdo mais pleno e menos subjetivo; por isso, esse tipo de construcionalização é mais composicional² e menos esquemático na língua. Devido a se situar no nível do léxico, pode ocorrer de modo instantâneo, por intermédio da analogização, a partir da formação de um novo pareamento com base em outro já disponível. Os exemplos a seguir, na convencionalização de nomes codificados como [Xeiro]_{agente}, destacados em Simões Neto (2018), ilustram esse tipo de construcionalização de base analógica:

- a) Profissionais: *carteiro, açougueiro, leiteiro, sapateiro, marinheiro, carvoeiro, engenheiro, cozinheiro, merendeira, boleira* etc.

² A composicionalidade, como visto em capítulos antecedentes, é um fator construcional que tem a ver com o grau de transparência entre forma e função; quanto mais composicional uma construção, mais se conservam traços originais das subpartes que a compõem.

- b) Habituais: *noveleiro, roqueiro, pagodeiro, fofoqueiro, bagunceiro, intrigueiro, confuseiro, baderneiro, mexeriqueiro* etc.
- c) Vegetais: *coqueiro, limoeiro, mamoeiro, amendoeira, jaqueira, laranjeira, figueira, mangueira, noqueira, goiabeira* etc.

Como podemos observar, a construção lexical [Xeiro]_{agente} fornece o padrão para uma série de microconstruções lexicais, relativas a profissões, hábitos e vegetais. Embora cada subesquema articule uma função específica, todos são produtivos na formação de nomes em português. O mesmo se pode dizer de construções lexicais mais complexas, também com base em Simões Neto (2019), conforme as seguintes, extraídas de sites da internet:

- a) Quem é portador da *síndrome de vira-lata* não sabe valorizar o que é brasileiro, sempre despreza, ao passo que aceita e idolatra qualquer porcária digna do monturo, basta ser americano ou europeu. Isso de fato tem que ser entendido como algum tipo de distúrbio.
- b) Tem gente que vem de rabo abanando quando termina o namoro, diz que agora já era, aí ataca a *síndrome de trouxa* volta com o/a ex.
- c) Meu pai tô com *síndrome de virginiano* só reglama [sic] de limpeza.

- d) Eu me engano mt com as pessoas, tenho a *síndrome da bela e a fera*, fico tentando achar qualidades em quem na vdd é só um monstro msm.
- e) PTB aparelhou a Casa da Moeda, agora está com *síndrome de Tio Patinhas*, não quer a privatização!

Os exemplos de (a) a (e) ilustram nomes compostos a partir do esquema [síndrome de X_{SN}]. Trata-se de construções lexicais instanciadas em contextos de uso informal e menos monitorado, em que se manifesta certa ironia. Dessa forma, com base num composto usado refencialmente na área médica, para designar algum tipo de distúrbio de saúde, a comunidade linguística chega à convencionalização de um esquema produtivo, na designação de uma certa condição humana, com sentido mais amplo, genérico, (inter) subjetivo e inferencial.

Ainda como ilustração da produtividade da construcionalização lexical via analogização, trazemos instâncias de uso do esquema [dar uma X_{da}], referido por Gonçalves (2016), como nas postagens do Twitter a seguir:

- a) Quem é fã de the office deve ser reverenciado e *dar uma olhada* nesses wallpapers.
- b) Se ainda tem alguma dúvida a esse respeito, precisa *dar uma lida* nessa thread.

- c) Acho que vou dormir um pouco, pra daqui a pouco *dar uma estudada*.
- d) Mano depois dessa treta no Mathias, vou *dar uma segurada, dar uma vigiada*, seloco. Preciso ficar de boa.

Nos quatro dados apresentados, as expressões verbais destacadas funcionam com sentido de fazer *alguma coisa de modo rápido ou despretenhoso*. Trata-se, tal como no caso das formações com [síndrome de X_{SN}], de usos em que prepondera a (inter)subjetivação e marca inferencial.

A construcionalização gramatical, por sua vez, é definida como o desenvolvimento de novos pares de função e forma que passam a figurar como membros de categorias gramaticais. Entre tais categorias, estão a dos intensificadores de grau, a dos elementos de conexão e a dos marcadores discursivos, entre outras.

A construcionalização gramatical convencionaliza conteúdo abstrato, procedural e mais (inter)subjetivo. Por isso, esse tipo de construcionalização é menos composicional e mais esquemático na língua. Por se situar no nível da gramática, a construcionalização gramatical tende a ocorrer em pequenos passos na trajetória da língua, captados em contextos de uso específico.

Em português, temos inúmeras instâncias de uso capazes de ilustrar esse tipo de pareamento gramatical, como as seguintes:

(1) Na convencionalização de marcadores discursivos com base em esquema formado por verbo e pronome locativo – [VLoc]_{md}, conforme Teixeira (2015):

- a) Valha-me Deus.. Ora, *vem cá*. Tu estás a fantasiar uns bailes de máscaras à tua moda. Supões que todos esses dominós eram.. eu sei lá.. outras tantas princezas disfarçadas ou outras Jennys como tu. (romance)
- b) Rodrigo apertou-lhe o nó do lenço. - *Escuta aqui*. Tudo vai depender de como estiver a luta no norte e no sul. (teatro)
- c) ... isso eu gosto de fazer agora - *taí* ... é um negócio que eu gosto mesmo assim de ouvir a / ((imitando a voz de vendedor)) “ei vai comprar isso vai comprar aquilo e não sei quê” (fala)

(2) Na fixação do esquema evidencial formado pelo verbo *dizer* seguido da partícula *que* – [dizque]_{ev}, de acordo com Casseb-Galvão (2010):

- a) – *Diz que* nas Escrituras Sagradas há muitos casos como esses e que Jesus Cristo expulsou o demônio do corpo de muita gente.
- b) – *Diz-que* Deus fez eu no mesmo dia que fez o Brasil e nesse dia tinha levantado com mania de exagero, com o perdão da palavra. Tenho para mais de dezena de arrobas de peso e quase que braça e meia de comprimento.

- (3) Na formação da construção binominal quantificadora organizada por SN seguido pela preposição *de* e outro SN, codificada como [SN1 de SN2]_{quant}, de acordo com Alonso e Fumaux (2019):
- a) Esse tipo de trabalho é ótimo, pois você sente que tem *um monte de gente* no mundo inteiro preocupado com as mesmas coisas que você.
 - b) Esses bancos apostam na vitória de FHC, mas não sabem que medidas poderão ser tomadas depois do pleito para frear eventual *enxurrada de dólares*.
 - c) As filmagens continuaram, mas sob *uma chuva de farpas*, principalmente da parte de Stone, que reclamava da falta de cavalheirismo de Baldwin.

Esses três grupos de construções gramaticais ilustram pareamentos de função e forma de sentido procedural. Trata-se de conteúdos menos referenciais, em formações fortemente vinculadas, nas quais o maior nível de convencionalidade é proporcional ao menor nível de composicionalidade. Em geral, o pressuposto de que *o sentido construcional é distinto da soma do sentido de cada subparte* se evidencia com mais clareza na construcionalização gramatical.

Conforme já destacamos nas considerações iniciais deste capítulo, de acordo com Traugott e Trousdale (2013), a construcionalização é considerada em termos históricos, captada na trajetória dos usos

linguísticos. Assim, como lidar, na LFCU, com a perspectiva sincrônica na pesquisa construcional?

Para responder a essa pergunta, Rosário e Lopes (2019) propõem a *construcionalidade*, na formulação e defesa do possível tratamento sincrônico para o estudo da mudança da língua. Assim, a construcionalidade, correlata à construcionalização, é um pressuposto que vem equilibrar dois vieses distintos e complementares na pesquisa da mudança linguística em perspectiva construcional, como ilustramos no Esquema 2:



Esquema 2. Construcionalização e construcionalidade em complementação

Fonte: Elaboração própria.

De acordo com Rosário e Lopes (2019), há muitos argumentos que dão suporte ao tratamento sincrônico dos processos de mudança de construções na LFCU. Esses argumentos se resumem a uma tradição de enfoques, na pesquisa da mudança linguística em

Funcionalismo, que já contemplam os dois vieses (o diacrônico e o sincrônico), tal como sintetizado a seguir:

Diacronia	Sincronia
Mudança	Varição
Gradualidade	Gradiência
Gramaticalização	Gramaticalidade
Construcionalização	<i>Construcionalidade</i>

Quadro 2. Correspondências (diacronia x sincronia)

Fonte: Adaptado de Rosário e Lopes (2019, p. 89).

Conforme nos apresenta o Quadro 2, o binômio *diacronia x sincronia* tem histórico de tratamento nos estudos funcionalistas desde sua fase clássica. Nesse sentido, a mudança linguística em viés histórico se vincula aos estudos da gradualidade da gramaticalização e atualmente aos da construcionalização; de outra parte, pelo viés sincrônico, a variação é pesquisada em termos da gradiência dos estágios de gramaticalidade e, portanto, pode ser investigada pela construcionalidade.

De acordo com Rosário e Lopes (2019), as relações sincrônicas de construcionalidade podem ocorrer na rede linguística tanto em termos horizontais quanto verticais. Pela relação horizontal, por exemplo, dois *types* específicos de um mesmo esquema maior podem ter alguma proximidade funcional e, como dois *irmãos*, passarem a

competir pela instanciação no uso. Vamos aqui ilustrar essa competição a partir dos pares a seguir:

(a') *Quer* chova, *quer* faça sol, vamos sair hoje.

(a'') *Seja* noite, *seja* dia, ele está sempre estudando.

(b') Conseguiram ver a multidão *para além da* esquina.

(b'') Conseguiram ver a multidão *para lá da* esquina.

Em (a') e (a''), observamos a variabilidade de duas microconstruções alternativas, a partir dos pares *quer...quer* e *seja...seja*, que partilham traços comuns aos conectores correlativos. Já em (b') e (b''), a competição pela instanciação no nível horizontal da rede construcional fica por conta das microconstruções *para além de* e *para lá de*, que articulam nesse contexto sentido circunstancial locativo. De acordo com Rosário e Lopes (2019), a LFCU tem na construcionalidade um pressuposto teórico capaz de dar conta da abordagem construcional em perspectiva sincrônica, num enfoque complementar à pesquisa histórica da construcionalização.

Mudanças construcionais

Chamamos de mudanças construcionais as alterações que afetam alguns traços ou características de construções já existentes, conforme apontam Traugott e Trousdale (2013). Essas alterações incidem sobre um dos eixos da construção - o da função ou o da forma -, razão pela qual não motivam, por si somente, uma nova constru-

cionalização. Pode-se dizer, por isso, que toda construcionalização, entendida como a criação de um novo pareamento convencional de função e forma na língua, é antecedida por mudanças construcionais, mas nem toda mudança construcional leva necessariamente à construcionalização.

No eixo da função, a mais evidente mudança construcional é a *polissemia*, em que o conteúdo inicial se torna mais abstrato, metaforizado e intersubjetivo. É o que constatamos nas postagens retiradas do *Twitter* a seguir, em torno do verbo *pegar*:

- a) *Pego meu velho barreiro* e vou embora (sentido fonte, concreto, físico)
- b) Fico tão feliz ao relembrar o dia em que fui *pego de surpresa* no arquivo confidencial, foi tudo pra mim
- c) fico quieta, mas *pego a visão* de tudo!!

A partir do sentido fonte de *pegar*, em (a), observamos derivações semânticas que conferem a esse verbo maior abstração e intersubjetividade, como em (b) e (c). Contudo, mesmo nessas expressões mais vinculadas, não podemos ainda considerar que estejamos diante de nova construção na língua. Trata-se, portanto, de estágios iniciais de mudança linguística, constatados no eixo funcional.

O mesmo podemos dizer em relação aos exemplos em torno do verbo *dar*, também retirados do *Twitter*:

- a) É uma boa ideia pra *dar de presente* em datas especiais ou até msm se presentear, arte nunca é demais. Dizem que quando é pra *dar certo* até os ventos sopram a favor.
- b) Se contarem essa na “Terrinha” o pessoal vai rolar de *dar risada*.
- c) Imagina ter um namorado e n *se dar bem* com a mãe dele gente deus me livre
- d) ninguém tá copiando seu som pq seu som já é uma cópia de tudo q tá no mercado, para de *dar chilique* mo

Na condição de um dos verbos mais utilizados no português, *dar* atua como subparte de uma série de expressões, como *dar de presente* e *dar certo* (a), ou *dar risada* (b), *se dar bem* (c) ou ainda *dar chilique* (d), entre muitas outras. Embora tal elemento verbal concorra, com seu conteúdo específico, para a articulação do sentido de cada uma dessas expressões, continua a ser um verbo, a portar traços desta categoria morfológica. Temos, de (a) a (d), a exemplificação da polissemia de *dar*, na demonstração das mudanças construcionais processadas a partir do sentido fonte desse elemento, que se resume originalmente a uma ideia de transferência de posse.

Quanto às mudanças operadas no nível da forma, a mais evidente é a *erosão*, em que, devido ao desgaste pelo uso, parte da estrutura vai

sendo deteriorada e perdida, como nos exemplos seguintes, também extraídos do *Twitter*:

- a) Alguém pede pra eles falarem qual horário que a Lana entra?? *Táí* (está aí) na lista deles, não custa nada.
- b) E por que raios nenhum ministro levantou a mão e falou: “*peralá*” (espera lá)?
- c) Uma semana após o lançamento, e Control Z já garantiu uma 2ª temporada. Sucesso que chama, *né* (não é/ não é verdade)?
- d) *Simbora* (vamos embora) trampar na barra, o trabalho me espera
- e) Eu sei bem que você me quer, mas eu já sei *qualé* (qual é)
- f) Nossa modelo Uberabense vem diretamente de *sampa* (São Paulo) para movimentar a casa.
- g) *Miga* (Amiga) vc não ta abalando postando foto furando a quarentena pra beber com seus amigos, você *ta* (está) sendo uma otaria mesmo.
- h) a garota vem querer usar vídeo de anos atrás como argumento *vei* (velho)
- i) Viva e me Deixe Viver *Tendeu* (entendeu)!

Os elementos destacados nos nove exemplos são formas erodidas, que se *encolheram* por conta do uso frequente, da repetição.

Ao lado direito de cada uma, encontra-se, entre parênteses, o que seria o correspondente estrutural íntegro ou completo.

Na verdade, a erosão não traz maiores problemas para a interação, uma vez que os interlocutores conseguem inferir o sentido articulado, preenchendo, em termos cognitivos e pragmáticos, o que estaria supostamente faltando. A erosão acaba, por outro lado, trazendo maior dinamicidade à interação, de certa forma reduzindo conhecimento partilhado e fazendo com que os interlocutores se concentrem em elementos mais pesados, extensos e, por isso mesmo, mais relevantes em termos informacionais. Tal como destacamos em relação às mudanças funcionais, a erosão não constitui um caso de construcionalização, uma vez que atua somente no eixo formal, mantendo o eixo funcional intacto.

Contextos para a mudança linguística

Na LFCU, a mudança linguística não se dá em termos de itens específicos e individuais, mas é *contextualmente dependente*, sendo afetada por propriedades intra e extralinguísticas envolvidas na interação e impactando, ao mesmo tempo, outros elementos presentes no ambiente linguístico. Essa concepção, que lança mão de um olhar mais amplo e integrado sobre os usos da língua, é denominada de abordagem *holística*, conforme se encontra em Oliveira (2015).

De acordo com tal concepção, o *contexto* é visto como *dimensão ampla e complexa*, como o ambiente em que se podem investigar três tipos de pressão de que resultam os usos linguísticos: os estruturais, os cognitivos e os sócio-históricos. Para Traugott e Trousdale (2013), o contexto é amplamente interpretado como *entorno linguístico*, incluindo sintaxe, morfologia, fonologia, semântica, inferência pragmática, modalidade (escrita/falada), e, às vezes, *contextos socio-linguísticos e discursivos* mais amplos. Assim, para esses autores, três fatores estão basicamente envolvidos na mudança linguística:

- a) O fluxo linear da fala e da escrita (*o eixo de combinação*, as relações sintagmáticas e a indexicalidade).
- b) As alternativas disponíveis (*o eixo de similaridade*, escolha, paradigmaticidade e iconicidade).
- c) As *mudanças sistêmicas* e mais gerais afetando nós e *links* da rede linguística no momento do uso.

Em outras palavras, podemos dizer que a pesquisa da mudança construcional na LFCU, em termos contextuais, deve considerar as relações combinatórias dos elementos linguísticos, em termos semânticos e sintáticos, as alternativas disponíveis e a seleção feita a partir dessas alternativas, bem como as mudanças linguísticas que afetam outros elementos contextuais em uso.

Trazemos a seguir um exemplo de como a dimensão contextual impacta a representação construcional. Vejamos dois ambientes distintos de uso da expressão destacada:

- a) Nos anos 1950, durante o governo federal de Getúlio Vargas, o órgão do Estado que fazia a contabilidade de pessoas e habitações no Rio de Janeiro confirmou pouco mais de mil moradores no *Morro dos Prazeres*. (site informativo)
- b) *Morro dos prazeres*, que você me dá/ Quanto eu não sair de marola, eu vou te levar/ Você dorme cedo, eu só vou deitar/ Quando der o tom da viola por galo cantar (Toninho Geraes / Paulinho Resende)

Como podemos observar, em (a), *Morro dos Prazeres* é um nome próprio, grafado com maiúscula, na referência a um local específico do Rio de Janeiro, funcionando como adjunto adverbial de lugar. Esse fragmento, retirado de um site informativo, numa sequência descritiva, enumera informações objetivas sobre a população que, em 1950, durante o governo de Getúlio Vargas, habitava aquele local. Já em (b), na letra do samba de Toninho Geraes e Paulinho Resende, *Morro dos prazeres* inicia um dos versos, como predicado verbal, em período composto: *Morro dos prazeres, que você me dá*. A canção expressa o eu lírico e é articulada por uma série de marcas da primeira pessoa do singular (*me dá, eu não sair, eu só vou deitar*), entre

as quais figura a forma verbal *morro*, usada como um dos mecanismos dessa referência. Em (b), observamos o jogo verbal articulado pelos poetas a partir de *morro dos prazeres*, que deixa de atuar como nome próprio, mais vinculado e arbitrário, e passa a funcionar como predicado verbal (*morro*) acompanhado do adjunto adverbial de causa (*dos prazeres*), numa formação mais icônica e composicional, fazendo, de outra parte, alusão ao nome próprio *Morro dos Prazeres*, já convencionalizado na língua.

Na LFCU, assumimos que neoanálises ocorrem em pequenos passos, observáveis em *contextos específicos*, sendo necessária a abordagem escalar desses contextos. Nessa escala, o pressuposto é que referentes mais concretos, menos subjetivos e no nível lexical sejam o ponto de partida para a mudança linguística. Se a dimensão é escalar, então deve haver sequências a meio caminho da mudança, envolvendo *rearranjos metafóricos e metonímicos*. No ponto final da escala, chega-se à *construcionalização*, com a convencionalização de uma nova construção na língua.

Orientados por essa perspectiva escalar dos contextos de mudança linguística, trazemos, no quadro a seguir, duas propostas de classificação dessas etapas. Embora sejam propostas voltadas para o estudo da gramaticalização, no viés da pesquisa funcionalista mais clássica, temos adotado, na LFCU, essas escalas, já que têm se mostrado úteis e produtivas na investigação da mudança construcional:

Heine (2002)	Diewald (2002; 2006)
Estágio 1: uso <i>normal</i>	Estágio 0: uso <i>normal</i>
Estágio 2: contexto <i>ponte</i> (opacidade semântico-pragmática)	Estágio 1: contexto <i>atípico</i> (opacidade semântico-pragmática)
Estágio 3: contexto <i>switch</i> (gramaticalização)	Estágio 2: contexto <i>crítico</i> (opacidade semântica, pragmática e estrutural)
Estágio 4: <i>convencionalização</i>	Estágio 3: contexto <i>isolado</i> (gramaticalização, reorganização e diferenciação)

Quadro 3. Comparação da taxonomia contextual de Heine (2002) e Diewald (2002; 2006)

Fonte: Adaptado de Rosário e Oliveira (2016).

De acordo com o Quadro 3, podemos constatar que as propostas de escalaridade contextual de Heine (2002) e Diewald (2002; 2006) têm muitos pontos em comum, mas também algumas distinções. Como aspectos em comum, observamos que ambas: a) partem de contextos *normais*, ou seja, de ambientes linguísticos mais referenciais, em que se articulam sentidos menos subjetivos e mais lexicais; b) consideram que, a partir daí, ocorrem ambiguidades de natureza semântico-pragmática; c) assumem que esses ambientes ambíguos, responsáveis por mudanças no nível do sentido, podem chegar à mudança linguística mais efetiva, com a criação de um novo elemento gramatical. Como distinções, citamos o fato de que, na proposta de

Diewald (2002; 2006), a autora identifica, antes do uso *isolado*, ou convencionalizado, um estágio anterior, chamado *crítico*, em que ocorrem mudanças no nível estrutural ou metonímico.

Mais tarde, Diewald e Smirnova (2012) propõem mais uma etapa final nessa trajetória, a *paradigmatização*, como a seguir ilustrado:



Esquema 3. Escalaridade contextual

Fonte: Adaptado de Diewald e Smirnova (2012).

Conforme o Esquema 3, a partir da nova construção convencionalizada, cria-se um novo elemento na gramática da língua. Esse novo elemento passa a fazer parte de uma categoria, de um paradigma gramatical. Nesse sentido, partilha traços da nova categoria e, por outro lado, tem suas específicas propriedades. Uma vez fixada como membro de paradigma, a nova construção compete pelo uso com seus pares da categoria, criando-se a variabilidade linguística, como destacada por Bybee (2010).

Para ilustrar a escalaridade contextual tal como assumida na LFCU, trazemos dados da pesquisa de Rocha (2016), em que a autora investiga a trajetória histórica que leva à construcionalização de um

novo conector textual no português, formado por pronome locativo e verbo, codificado esquematicamente como [LocV]_{connect}. Após a pesquisa das microconstruções conectoras *aí vem, lá vai, aqui está, aí vai, aí está e aqui está*, no site *Corpus do Português*,³ do século XV ao XX, a autora conclui que: a) em perspectiva histórica, *aí está* é a microconstrução que registra usos mais antigos na língua, instanciada em contextos atípicos, críticos e isolados a partir do século XIX, e também é o *type* mais frequente do padrão [LocV]_{connect}; b) por intermédio do *type* *aí está* e de seus contextos de uso, é possível se detectar a trajetória da construcionalização [LocV]_{connect} no português.

Apresentamos, a seguir, o *cline* contextual, com base em Diebold (2002; 2006), identificado por Rocha (2016), a partir dos usos de *aí está* em seus contextos de instanciação:

1º estágio: contexto *normal*, em ambientes de anteposição de complemento adverbial locativo a verbo de base espacial estativa:

Capitolo XVIIIº como o comde pos primeiramente as atallaias & em que lugares, & como os mouros vieram, & da escaramuça que hii ouve. Amtre as cousas que o comde ordenou pera guarda da çidade assy foram as atallaias, as quaes foram postas logo primeiramente sobre Barbaçote, em hú outeiro que *hii está*. & no dia seguynte que hordenarão mandou o comde hû de cavallo que fosse por hos homës e ellas, o qual, amdando çercamdo a çidade pera descobrir allgûs

³ Banco de dados disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>.

mouros, se hos hii avia, sayram a elle hũa soma delles que jaziam escomdidos & começarão de ho seguyr (Crónica do Conde D. Pedro de Meneses, 1400-1500).

2º estágio: contexto *atípico*, com opacidade semântico-pragmática, em que se inicia certa ambiguidade entre Loc e V, em termos de sua referencialidade mais concreta e composicional:

Deixamos aí de pé esta série de interrogações. A lógica da História faz destas emboscadas. Quem transigir com a pirataria *aí está* a conseqüência. O direito natural diz: ninguém pode reduzir a cousa pessoa humana. A religião diz: é inviolável na sua liberdade a imagem de Deus sobre a Terra (Século XIX, Patrocínio: Campanha).

3º estágio: contexto *crítico*, em que, além da ambiguidade semântica, verifica-se metonimização, com rearranjo estrutural:

Então lembrai-vos da história do infeliz filho de Meg? - Que-reis ouvi-la? - tomei lhe. - Eu vô-la posso contar palavra por palavra? - Para quê? Pergunte-vos por isso para poupar-me palavras, que bem perto de mim já vejo a morte. Depois de ter-se calado por um momento, em que pareceu reunir algumas idéias, prosseguiu: - Vivi, amei e sofri como Aldo; eis *aí está* toda a história da minha vida; com uma pequena diferença, e é que ao rimador salvou do suicídio o astrólogo Acrocero-nius, e a mim esse irracional que entreguei à vossa generosa proteção. Como Aldo, uma hora na minha vida também eu tentei suicidar-me (Século XIX, Almeida: Paulo).

4º estágio: contexto *isolado*, no qual se convencionaliza a função conectora da [LocV], com diminuição da composicionalidade e conseqüente incremento da esquematicidade das subpartes:

Agora, se não te dás bem aqui, se te sentes mal, iremos, como querias, para as praias. Raulino irá conosco.. - Para a praia! Não vou mais, não.. posso. Hei de ficar aqui até quando Deus permitir.. Até.. morrer. Quem sabe? - *Aí está!* Não te entendo. Há bocadinho, falavas nessa viagem que não te saía da cabeça.. Agora.. - Pensei melhor. - Qual, filha! Andas tão atarantada que já não pensas coisa com coisa. - É mesmo, mãezinha. Até parece que estou lesa (Século XIX, Olímpio: *Luzia-homem*).

Os quatro fragmentos ilustram os estágios contextuais que conduzem à convencionalização da microconstrução conectora textual *aí está*. O primeiro estágio é o contexto normal, na sequência de uma crônica em predicado verbal, na qual temos *em hû outeiro_que hii está*; nesse contexto, *hii (aí)* se refere ao outeiro e *está* atua como verbo intransitivo, na formação de um pareamento lexical e mais composicional. Esses elementos passam a ser articulados em nível mais alto de vinculação semântica, em contexto atípico, no segundo fragmento, em que *aí está a consequência* tem sentido mais polissêmico e subjetivo, dado que o sujeito, além de ser abstrato, se propõe a *aí está* nesse fragmento expositivo. O terceiro estágio, o contexto crítico, é exemplificado com a declaração *eis aí está toda a história da minha vida*, articulada em discurso direto e em que, para além da

ambiguidade semântica, verificamos também ambiguidade estrutural, uma vez que é possível apontar, ao menos, duas segmentações: [*eis*] [*aí está toda a história da minha vida*] ou [*eis aí está toda a história da minha vida*]. Por fim, temos o contexto isolado no quarto estágio, com a convencionalização da microconstrução, ilustrada em *Quem sabe? - Aí está! Não te entendo*; trata-se de um fragmento também em discurso direto, no qual *aí está* se encontra altamente vinculado, compondo um *chunk*, um todo de função e forma menos composicional e que atua em prol da conexão do texto, unindo a pergunta antecedente *Quem sabe?* à declaração subsequente *Não te entendo*.

Em termos paradigmáticos, podemos dizer que, uma vez assim convencionalizada, *aí está* passa a integrar a categoria gramatical dos conectores textuais, partilhando traços com os demais membros deste paradigma, e, de outra parte, assumindo suas propriedades específicas. Essa trajetória de mudança amplia o *constructicon* do português e motiva a variabilidade linguística, fazendo com que construções tendam a competir pela instanciação no uso linguístico, na expressão da conexão textual.

Considerações finais

Neste capítulo, dedicamo-nos a várias questões referentes à mudança linguística, na perspectiva da abordagem construcional da gramática. Destacamos também as propriedades contextuais envolvidas nesse

processo, que é responsável pela criação de novos pares de função e forma na língua, ou seja, de novas construções.

Começamos por definir construcionalização, distinguindo a do tipo lexical, que cria pares de função e forma da classe dos substantivos, adjetivos e verbos, e a do tipo gramatical, que vincula pares voltados para a articulação de sentido procedural, referente a funções como a modalização, a conexão textual e a marcação discursiva. Destacamos o viés histórico da construcionalização, que tende a ser detectada em micropassos ao longo da trajetória da língua, e apresentamos o conceito da construcionalidade, como proposta para a pesquisa dos processos de mudança de construções em perspectiva sincrônica, em complementaridade com a construcionalização.

A seguir, dedicamo-nos a dois tipos de mudança construcional: a que atinge o eixo da função, basicamente via polissemia, e a que atinge o eixo da forma, com foco no fenômeno de erosão estrutural. Enfatizamos que a mudança construcional, afetando somente um dos eixos da construção, não é suficiente para que haja construcionalização, mas, por outro lado, afirmamos que toda construcionalização, para se efetivar, necessita de mudanças construcionais prévias.

Por fim, voltamo-nos para as questões de natureza contextual e seu impacto na mudança linguística. A partir da definição de contexto, no destaque para o caráter holístico que esse conceito assume na LFCU, apresentamos suas propriedades, que vão desde as estru-

turais até as do nível pragmático-discursivo e cognitivo. Pelo carácter gradiente com que é tomada a mudança linguística na perspectiva teórica que nos orienta, apresentamos propostas de escalaridade contextual, correspondentes aos micropassos referidos por Traugott e Trousdale (2013) na pesquisa da construcionalização: a proposta de Heine (2002) e a de Diewald (2002; 2006), acrescida de sua formulação mais recente, em Diewald e Smirnova (2012). Essas propostas, que foram originalmente formuladas para a investigação da gramaticalização, têm sido adotadas com êxito no estudo da construcionalização. Para demonstrar a escalaridade dos estágios contextuais referidos, utilizamos dados de Rocha (2016), em sua pesquisa sobre a construcionalização do conector textual formado por pronome locativo e verbo em português, codificado como [LocV]_{connect}.

Exercícios

Na pesquisa histórica da construcionalização de marcadores discursivos formados por verbo e pronome locativo [VLoc] em português, a partir de *vem cá*, Teixeira (2015) detecta quatro estágios contextuais, representativos dos micropassos dessa mudança gramatical. Apresentamos a seguir dois fragmentos, correspondentes, respectivamente, ao que a autora classifica como contexto normal e contexto isolado:

(1) *E depois saírom todos tres de aquela çella e hiam falamdo por o convemto e sobre huum lugar de hum fraire, que emtam dizia as matiinas em no coro com os outros fraires, spreverom estas palavras: Vem aca, fraire. E emtam o dito frey Joham pregum-toulhes por que aviam aly sprevidas aquellas palavras mais que em outro lugar.*

(*Crónica da Ordem dos Frades Menores, século XV*)

(2) *Manual de Souza - Como assim?*

Gabriela - Como assim?

Castelo Branco - Não insistas, rapariga!

Carlos - Muito simplesmente. Agora que o Capitão-General engoliu a pílula, convém que permaneçamos algum tempo no status-quo.

Manual de Souza - Como no status-quo.. Queres então que eu fique sendo marido de tua mulher?

Carlos - Decerto, isto é, oficialmente. Manual de Souza - Está visto: na salinha. Mas, vem cá, e minha mulher?

Carlos - E tu a dares com tua mulher! Tua mulher! Confessar-lhe-emos tudo, e, logo que haja cá entre nós certa combinação, verás que vidinha...

(*A Casadinha de Fresco, Artur Azevedo, século XIX*)

Observe os dois contextos e responda:

(1) Que propriedades de função e forma permitem classificar o uso destacado em (1) como contexto normal e o uso destacado em (2) como isolado?

(2) De acordo com Diewald e Smirnova (2012), o último estágio da mudança gramatical é a paradigmática. Assim, como podemos justificar a entrada de *vem cá*, em (2), no paradigma dos marcadores discursivos do português?

Padrão de respostas

1. Em (1), *vem aca* atua como predicado verbal, nesse sentido, constitui uma formação mais composicional, em que são mantidas as propriedades do verbo *vem* e do locativo *aca*; *vem aca* é o chamamento efetivo para que uma pessoa (*fraire*) chegue mais perto. Em (2), *vem cá* constitui um *chunk*, um pareamento de função e forma em que tanto a primeira subparte (*vem*) quanto a segunda (*cá*) perdem traços de sua categoria gramatical fonte para atuar em prol da marcação discursiva, como um só constituinte.

2. Em (2), *vem cá* atua como membro da classe dos marcadores discursivos. Como integrante dessa categoria paradigmática, assume os seguintes traços: invariabilidade estrutural, independência sintática e relacionamento de um enunciado com a situação do discurso, com o papel dos interlocutores ou com os propósitos comunicativos.

Referências

- ALONSO, Karen Sampaio Braga; FUMAUX, Nuciene Carolina Amphilóphio. Diferenças semânticas de microconstruções quantificadoras: o caso de SN1 de SN2. *Diadorim*, v. 21, n. 2, p. 214-237, 2019.
- BERGS, Alexander; DIEWALD, Gabriele (eds.). *Constructions and language change*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2008.
- BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- _____. *Language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina. A reanálise fonético-fonológica na gramaticalização de [dizk']. *Signótica*, v. 22, n. 2, p. 479-494, 2010.
- DIEWALD, Gabriele. A model of relevant types of contexts in grammaticalization. In: WISCHER, Ilse; DIEWALD, Gabriele (eds.). *New reflections on grammaticalization*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2002.
- _____. Context types in grammaticalization as constructions. *Constructions*, SV1-9, 2006.
- DIEWALD, Gabriele; SMIRNOVA, Elena. Paradigmatic integration: the fourth stage in an expanded grammaticalization scenario. In: DAVIDSE, Kristin *et al.* (eds.). *Grammaticalization and language change: new reflections*. Amsterdam: Benjamins, 2012, p. 111-133.
- HEINE, Bernd. On the role of context in grammaticalization. In: WISCHER, Ilse; DIEWALD, Gabriele (eds.). *New reflections on grammaticalization*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2002, p. 83-101.
- HILPERT, Martin. *Construction grammar and its applications to English*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.
- HIMMELMANN, Nikolaus. P. Lexicalization and grammaticalization: opposite or orthogonal? In: BISANG, Walter; HIMMELMANN, Nikolaus

P.; WIEMER, Björn (eds.). *What makes grammaticalization? A look from its fringes and its components*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004, p. 21-42.

GOLDBERG, Adele. *Constructions: a construction approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

_____. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. *Morfologia construcional: uma introdução*. São Paulo, Contexto, 2016.

OLIVEIRA, Mariangela Rios de. Contexto: definição e fatores de análise. In: OLIVEIRA, Mariangela Rios de; ROSÁRIO, Ivo da Costa do (orgs.). *Linguística centrada no uso: teoria e método*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015, p. 22-35.

ROCHA, Rossana Alves. *O esquema VLocconnect: mudanças construcionais e construcionalização*. 2016. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

ROSÁRIO, Ivo da Costa do; LOPES, Monclar Guimarães. Construcionalidade: uma proposta de aplicação sincrônica. *Soletas*, v. 37, n. 1, p. 83-102, 2019.

ROSARIO, Ivo da Costa do; OLIVEIRA, Mariangela Rios de. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa - Revista de Linguística*, v. 60, p. 233-259, 2016.

SIMÕES NETO, Natival. *Introdução à morfologia construcional*. Minicurso no III Sevaling. Vitória da Conquista: UESB, 2018.

_____. O padrão [[X]N de Taubaté]N no português brasileiro: um estudo sobre compostos sintagmáticos em perspectiva construcional. *Diadorim*, v. 21, n. 2, p. 265-290, 2019.

TEIXEIRA, Ana Cláudia Machado. *A construção verbal marcadora discursiva Vlocmd: uma análise funcional centrada no uso*. 2015. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and construcional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

CAPÍTULO 8

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS NA ANÁLISE DE DADOS SINCRÔNICOS

Monclar Guimarães Lopes
(UFF)

Objetivos

Prezado aluno, esperamos que, ao final deste capítulo, estudando os conteúdos apresentados e realizando o exercício proposto, você seja capaz de:

1. Compreender por que os estudos em LFCU baseiam-se em dados de uso.
2. Reconhecer a importância da revisão de literatura para o planejamento metodológico.
3. Entender como funciona o método misto na análise dos dados.
4. Aprender a estabelecer critérios de análise para a investigação de dados sincrônicos.

Considerações iniciais

Nos capítulos anteriores, vimos que o Funcionalismo é uma abordagem linguística que visa à descrição da gramática das línguas naturais a partir dos usos. Valorizamos os dados empíricos, extraídos de textos reais nas modalidades oral e escrita, porque concebemos a gramática como uma estrutura emergente, constantemente suscetível à variação e à mudança por pressão do uso e, por isso, sempre consideramos o discurso e a pragmática em nossas análises. Abaixo, apresentamos dois dados, extraídos da dissertação de mestrado de Teixeira (2010), para ilustrar a relação entre uso e (re)categorização linguística:

- (1) Eu e o Cássio somos voluntários da fundação. Sempre que dá, *vamos lá* brincar, dar banho, carinho, beijo. Eles só precisam de amor e infra-estrutura. O artista tem oportunidades, ao longo de sua trajetória, de ter contato com instituições, mas acho que num determinado momento da vida acontece a mágica (Reportagem de Carla Ghermani. *Revista Época online*, 17 dez. 2008).
- (2) Uma charge na revista *New Yorker* de algum tempo atrás mostrava um cidadão da Roma antiga que, ao datar um documento, faz um gesto de desconsolo e se lamenta: “Esqueci de novo! Pus a.C em vez de d.C”. Explicar a graça de uma piada é a melhor forma de desmoralizá-la, mas, *vamos lá*, abramos uma exceção. O romano cometia

o mesmo erro, hoje tão comum, de ao emitir um cheque, no começo do ano, repetirmos a data do ano que terminou (Artigo de opinião por Roberto Pompeu de Toledo. *Revista Veja*, 2008).

A expressão “vamos lá” ocorre nos dois dados acima. Em (1), cada um dos elementos apresenta sua função mais básica, a saber: a) verbo de deslocamento: o emprego de “vamos” prevê o deslocamento físico dos interlocutores; b) pronome locativo dêitico: o uso de “lá” indica um espaço físico que está distante dos interlocutores no momento da enunciação. Em (2), por sua vez, os dois elementos devem ser vistos como uma unidade, um *chunk*,¹ já que não conseguimos atribuir um sentido isolado para cada um dos elementos: ninguém se desloca para lugar algum. Nesta ocorrência, “vamos lá” atua como um marcador discursivo, isto é, como uma construção que, segundo Teixeira (2015), atua no plano procedural da gramática, estabelecendo relações entre componentes/partes/itens do discurso.

Enquanto, em (1), os elementos “vamos” e “lá” apresentam sua função mais básica, em (2), há uma nova função para ambos, oriunda de uma reinterpretação dos usuários da língua. Isto significa que em

¹ *Chunks* são agrupamentos fixos de palavras que atuam como unidades pré-fabricadas. Normalmente, os *chunks* apresentam alguma perda da composicionalidade semântica e sintática. “Vamos lá”, por exemplo, na função de marcador discursivo, não permite termos intervenientes entre o verbo e o pronome locativo e apresenta perda de traços semânticos: não há deslocamento físico no verbo nem referência espacial (física) no pronome locativo.

algum momento na história do português ocorreu uma inovação, que foi repetida e se convencionalizou. Hoje, os falantes do português reconhecem e empregam a construção marcadora discursiva [vamos lá].

Um olhar atento para os dados nos faz entender por que a categorização linguística é co(n)textualmente dependente. Veja que, em (1), o interlocutor fala sobre as atividades que desenvolve junto a uma fundação com seu amigo Cássio. No momento da enunciação, ele está distante da fundação e emprega a expressão “vamos lá” para designar seu deslocamento e o de seu amigo como uma atividade rotineira. O pronome locativo “lá”, um elemento dêitico, remete à fundação, um termo disponível no texto. Em (2), contudo, não localizamos, no entorno linguístico de [vamos lá], um contexto de deslocamento físico nem um lugar a que o pronome locativo “lá” faça remissão. Observamos que a construção tem como escopo não um conteúdo referencial, do mundo, mas, sim, a própria situação de comunicação. Assegura a fluência na troca verbal e atua no nível interpessoal, atraindo seu leitor para acompanhar seu raciocínio e, conseqüentemente, partilhar do mesmo ponto de vista. É exatamente por esse motivo que defendemos que a pragmática (sobretudo, os elementos que constituem o contexto, o entorno linguístico) e o discurso (as sequências tipológicas e os gêneros textuais) não podem ser deixados de lado na investigação gramatical.

Uma vez que, nas análises supracitadas de [vamos lá], exploramos mais os aspectos pragmáticos, abaixo, mostramos dois dados de uma outra construção em que fica mais evidente a atuação dos aspectos discursivos, em especial, das sequências tipológicas:

- (3) Ontem almocei lá na ufba. Êta comidinha mais ou menos, viu? Saudades da Faurgs. *Enfim*, fui tomar um café no Museu. Sim, sim, um dos meus lugares favoritos em Salvador, lembra? Pois é... e a cidade está num clima de “inverno”, tinha um ventinho gostoso, uma pena que chove. Saudades do frio.

Fonte: Rosa (2005).

- (4) Como espectador assustado, vejo como se desvia e se desvirtua uma oportunidade única. Aos poucos, numa sequência de decisões jurídicas questionáveis, uma investigação que poderia *enfim* combater a corrupção sistêmica que nos acomete, que romperia *enfim* a promiscuidade que se criou entre quase todos os partidos e as empresas maiores do país, converte-se em outra coisa.

Fonte: COMBATE RACISMO AMBIENTAL. Brasil: Erro das narrativas apocalípticas é não lembrar que há um amanhecer. *Combate Racismo Ambiental*, 24 mar. 2016.

Azevedo (2018), em sua dissertação de mestrado, descreve os usos funcionais de “enfim”. A autora inicia sua pesquisa com a revisão de literatura em compêndios gramaticais. Nota, com certa regularidade, a atribuição da função “advérbio de tempo” ao elemento. É exatamente essa a função assumida em (3), na medida em que “enfim” atua na sequenciação de ações: primeiro, o enunciador almoçou; depois, foi tomar um café no museu. Não obstante, em (4), “enfim” pode ser categorizado como um advérbio afetivo ou atitudinal, visto que “indica um estado de espírito do falante em relação ao conteúdo da asserção” (Neves, 2000, p. 238), isto é, podemos perceber que o enunciador do texto se sente satisfeito com a referida investigação.

Nessas duas ocorrências, a sequência tipológica exerce um papel fundamental para a designação das funções de “enfim”. Em (3), temos uma sequência narrativa, cujo desenvolvimento pressupõe a progressão no tempo por meio do encadeamento de ações. Em contrapartida, em (4), temos uma sequência argumentativa, cujo desenvolvimento se caracteriza pela progressão temática e pela expressão do ponto de vista do enunciador. Inclusive, podemos afirmar que a natureza “atemporal” da argumentação favorece a reinterpretação de “enfim”, atribuindo-lhe novo papel funcional.

Como podemos observar por intermédio da análise de dois casos, o discurso (manifestado nos diferentes gêneros textuais das modalidades oral e escrita) e a pragmática (em especial, os papéis

exercidos pelos interlocutores na situação de interação e o contexto linguístico imediato) são fundamentais na análise linguística. Dessa maneira, opomo-nos às análises “atômicas”, que se fixam no escopo da palavra e/ou da frase, bem como aos estudos de dados intuídos, elaborados pelo próprio analista, pois nenhuma das duas estratégias de trabalho dá conta da gradiência da gramática: as construções linguísticas tendem à polifuncionalidade – a mais de uma função morfossintática – e à polissemia – à variação de sentidos. Sob essa perspectiva, a gramática das línguas naturais é dinâmica e sua reelaboração ocorre por intermédio da negociação entre os interlocutores nas situações reais de comunicação (Neves, 2012).

Até o momento, neste capítulo, fizemos apenas uma análise qualitativa (interpretativa) dos dados. Vale frisar que a seleção de poucos dados é insuficiente para a descrição linguística. Existem alguns motivos, dentre os quais, destacamos: a) as construções estudadas podem apresentar usos diversificados. Segundo Azevedo (2018), por exemplo, “enfim” também pode exercer as funções de conector e marcador discursivo; b) somente a análise de múltiplos dados é capaz de nos fazer identificar as propriedades variadas e inerentes de uma construção, diferenciando o que é idiossincrático (particular a uma ocorrência) daquilo que é geral (um traço definidor das propriedades da forma e/ou da função, verificável sistematicamente nos dados).

Por esse motivo, ao longo deste capítulo, buscaremos ensiná-lo como planejar uma metodologia para a investigação linguística em abordagem funcionalista, dando especial ênfase ao método misto para a análise de dados. Por questões didáticas, optamos por tratar das pesquisas de base sincrônica, voltadas para a descrição da gradiência, isto é, da polifuncionalidade e da polissemia das construções que convivem num mesmo estágio/período da língua. A abordagem diacrônica, que busca descrever a origem de novas construções, bem como a mudança de construções já existentes, tanto no plano formal quanto no funcional, será tratada no capítulo seguinte. Para esse fim, na próxima seção, tratamos dos diferentes aspectos envolvidos na abordagem metodológica. Inicialmente, fazemos uma revisão dos aspectos linguísticos analisados sob a perspectiva da LFCU, que busca descrever, de maneira equivalente, as propriedades da forma e do significado das construções linguísticas. Em sequência, tratamos da importância de uma ampla revisão de literatura,² aliada a uma análise amostral do objeto, tanto para o levantamento de hipóteses quanto para a determinação dos critérios de análise. Por fim, mostramos como procedemos à análise dos dados e apresentamos os resultados de pesquisa.

² Por “revisão de literatura”, referimo-nos ao levantamento prévio de estudos já desenvolvidos sobre o objeto de investigação.

Conceitos

Dividimos esta seção em três subseções, a saber: a) Ciência linguística e metodologia; b) Revisão de literatura e metodologia; c) Método misto na análise dos dados.

Ciência linguística e metodologia

Cervo e Bervian (2002) definem ciência como

um modo de compreender e analisar o mundo empírico, envolvendo o conjunto de procedimentos e a busca do conhecimento científico através do uso da consciência crítica que levará o pesquisador a distinguir o essencial do superficial e o principal do secundário (Cervo; Bervian, 2002, p. 16).

Por meio de uma leitura atenta do conceito acima, é possível perceber que ciência – "um modo de compreender e analisar o mundo empírico" – e metodologia – "conjunto de procedimentos [...] que levará o pesquisador a distinguir o essencial do superficial e o principal do secundário" – caminham lado a lado. Ou seja, o trabalho científico pressupõe sempre uma metodologia, sendo esta planejada com base nos objetivos gerais e específicos das pesquisas empíricas que se pretende realizar.

É importante chamar a atenção para o fato de que, quando falamos em Linguística, estamos fazendo referência a uma ciência multifacetada: a linguagem compreende diversas estruturas (diferentes

semioses e modalidades), refere-se tanto a um mundo tangível (concreto) quanto a um mundo discursivo (podemos falar sobre ideias, crenças, criar mundos ficcionais) e reflete aspectos sociais, cognitivos e psicológicos dos seres humanos. Logo, trata-se de uma ciência de amplo espectro que envolve métodos diversificados, selecionados para a descrição de uma ou mais partes de seus aspectos. Conforme vimos no Capítulo 1 deste livro, há abordagens que visam à descrição das estruturas discursivas (Análise do Discurso, Linguística do Texto, da Enunciação etc.), que visam à descrição da realidade psicológica e cognitiva das línguas (Gerativismo e Psicolinguística) ou que articulam a realidade psicológica, cognitiva e social das línguas (Funcionalismo e Linguística Cognitiva) – apenas para citar algumas. Cabe frisar que, dada a divergência conceptual, todas elas empregam procedimentos metodológicos distintos (ou, pelo menos, relativamente distintos).

Como vimos ao longo deste livro, a Linguística Funcional Centrada no Uso se diferencia das outras abordagens funcionalistas por conceber a língua como um inventário de construções e por dar a mesma relevância à investigação das propriedades formais e funcionais em suas análises. Nessa perspectiva, o analista busca descrever as línguas naturais levando em consideração tanto estrutura (em termos de fonologia, morfologia e sintaxe) quanto função (em termos de semântica, pragmática e discurso), pois entende que esses dois eixos são interdependentes (FORMA ↔ FUNÇÃO). Como ilustração,

podemos citar os estudos de Goldberg (1995) sobre as construções de estrutura argumental. Apesar de altamente abstratas/virtuais, tais construções apresentam uma semântica convencional:

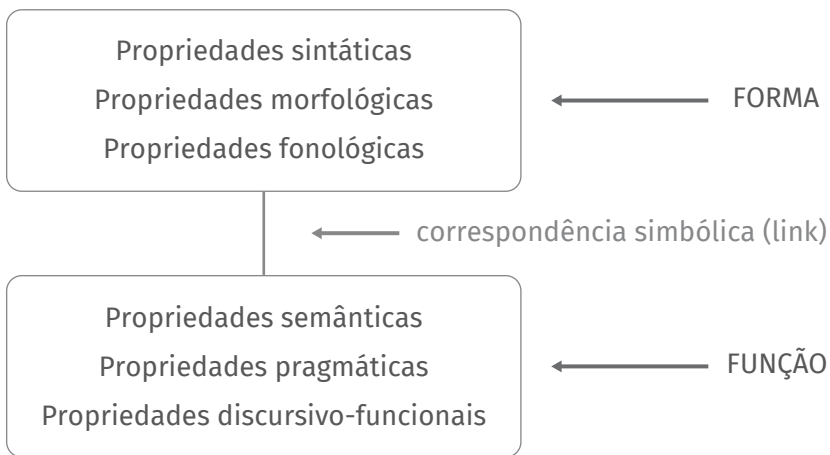
Ditransitiva	X CAUSA Y A RECEBER Z	Suj V Obj1 Obj2
<i>Pat faxed Bill the letter.</i>		
(Pat mandou uma carta para Bill).		

Quadro 1. A construção ditransitiva e a construção de movimento causado.

Fonte: Goldberg (1995, p. 3).

Acima, temos a representação esquemática da construção ditransitiva [Suj V Obj1 Obj2]. Embora essa estrutura seja totalmente abstrata – os constituintes (sujeito, verbo e objetos) não estão preenchidos –, há uma semântica subjacente, que envolve a transferência de um objeto para um beneficiário, independentemente dos elementos que preenchem cada uma dessas posições sintáticas: *Maria me vendeu uma água; entregaram-no à polícia; enviei-lhe o documento* etc. Por meio desse exemplo, podemos compreender a interdependência entre forma e função porque, de um lado, a estrutura [Suj V Obj1 Obj2] pressupõe uma semântica de transferência; de outro, a semântica de transferência pressupõe uma estrutura sintática de três argumentos: deve haver uma entidade responsável pela transferência (Suj), um objeto a ser transferido (Obj1) e um beneficiário (Obj2).

Para planejamento metodológico, Croft (2001) nos oferece um modelo de análise que consideramos completo, na medida em que traz todos os níveis de análise: no plano da forma, olhamos para as propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas; no da função, para as semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais.



Esquema 1. A estrutura simbólica da construção

Fonte: Croft (2001, p. 18).

Isso significa que, na análise interpretativa dos nossos dados, devemos buscar descrever, de maneira sistemática, todos os aspectos pertinentes à construção. Como ilustração, analisemos um dado da dissertação de mestrado de Moura (2020), seguido do quadro em que a autora apresenta as propriedades construcionais de seu objeto:

(5) Como nos primeiros meses o banco “come” boa parte do investimento e nos meses seguintes, apesar de “comer” menos, o valor total não é rentabilizado, é impossível que o título renda tanto quanto a poupança de fato. Em geral, o máximo que o cliente consegue é reaver seu dinheiro sem qualquer rentabilidade, já defasado pela inflação. *Como se não bastasse*, esses produtos têm longos períodos de carência.

Fonte: TAVARES, Eduardo. 10 “armadilhas” que pegam quem foge da poupança. *Arena do Pavini*, 16 jan. 2013.

Em (5), a construção [como se não bastasse Ø] atua como um conector discursivo, articulando porções do texto. Apresenta uma semântica de adição, na medida em que agrega novas informações sobre os títulos de capitalização, que são o tópico discursivo. Diferentemente das outras construções aditivas (como o prototípico “e”, por exemplo), à construção [como se não bastasse Ø] se pode atribuir uma avaliação do enunciador, que, por seu intermédio, revela uma postura epistêmica negativa³ (Fillmore, 1990).

³ A postura epistêmica está associada à modalização atitudinal, que é percebida quando identificamos a presença de elementos responsáveis por encenar “a atitude psicológica com que o enunciador se representa diante dos eventos de que fala” (Koch, 2015, p. 135).

Por meio da análise sistemática de 251 ocorrências, em que observou os aspectos formais e funcionais de [como se não bastasse Ø], Moura (2020, p. 72) chegou às seguintes propriedades construcionais:

Eixo	Propriedades	Traços
FORMA	Sintáticas	Relativa mobilidade. Pode aparecer no início ou no meio da oração/do período.
	Morfológicas	Formada pela conjunção comparativa “como” + conjunção condicional “se” + advérbio de negação “não” + verbo <i>bastar</i> no imperfeito do subjuntivo – os elementos que constituem a construção são mais vinculados.
	Fonológicas	Grande quantidade de massa fônica. Ênfase em forma de <i>crescendum</i> .
FUNÇÃO	Semânticas	Expressão de adição.
	Pragmáticas	Presença da intersubjetividade na relação falante-leitor; conhecimento compartilhado.
	Discursivo-funcionais	Conecta porções maiores de texto, a conexão vinculada por este padrão ocorre acima do nível da sentença. Sequências tipológicas: narrativas, descritivas, expositivas e argumentativas, predominantemente.

Quadro 1. Propriedades da construção [como se não bastasse Ø]

Fonte: Moura (2020, p. 72).

Vale ressaltar que os aspectos apresentados no Quadro 1 vão muito além daqueles observáveis no exemplo (5). Afinal, não seria possível afirmar, por exemplo, que a construção apresenta relativa mobilidade sintática ou que os elementos da construção são mais vinculados (já que “como”, “se”, “não” e “bastasse” sempre aparecem nessa ordem, sem termos intervenientes) por meio da análise de poucas ocorrências. Sustentamos que a investigação gramatical, com foco na descrição dos diferentes usos e da realidade psicológica e cognitiva da língua (isto é, como está estruturada a língua na mente dos falantes), deve empregar uma metodologia quali-quantitativa, isto é, pressupõe a análise interpretativa de dados diversos, extraídos das situações reais de uso, de textos de diferentes modalidades e gêneros discursivos.⁴

Revisão de literatura e metodologia

No início do Capítulo 3, para abordar o princípio da iconicidade, um conceito muito caro ao Funcionalismo, Mariangela Rios de Oliveira parte de uma divergência muito antiga quanto à concepção da linguagem. Desde a Grécia Antiga, os seres humanos discordam entre si quanto à concepção da linguagem: há aqueles que a consideram

⁴ Soares (2012) acrescenta a esses aspectos a variação letal (termo genérico para designar qualquer tipo de variação de uma língua: dialetos, variedades nacionais, socioletos, registros, estilos, idioletos), uma vez que essas informações constituem parte integrante da realidade psicológica e cognitiva da língua. Sob essa ótica, no levantamento dos dados, caberia ao analista selecionar não apenas diferentes gêneros e modalidades, como também diferentes tipos de registro.

arbitrária – uma convenção que não guarda relação com o mundo –, enquanto há outros que a consideram *motivada* – moldada pelas condições do mundo exterior.

Como podemos observar, o Funcionalismo, uma abordagem linguística do século XX, faz uso de concepções anteriores à sua origem. Isso ocorre porque todo modelo científico depende daqueles que o antecederam. Ou seja, só foi possível conceber uma abordagem funcionalista da linguagem porque, ao longo da história da humanidade, houve estudiosos – de diferentes áreas – que observaram a motivação existente entre função e forma.

Por meio desta breve incursão pela origem do Funcionalismo, temos como objetivo evidenciar que grande parte do mérito científico de qualquer pesquisador é devido a seus antecessores, àqueles a cujas pesquisas devemos recorrer antes de procedermos à nossa própria investigação. Sendo assim, uma revisão de literatura ampla e cuidadosa é essencial à boa pesquisa, pois é ela que garante o avanço da ciência: evita o discurso circular (dizer as mesmas coisas que já foram ditas por inúmeros pesquisadores) e nos possibilita elaborar melhores hipóteses e soluções analíticas, a partir da comparação dos estudos já realizados sobre um mesmo objeto.

Por conseguinte, uma vez que você tenha escolhido o objeto a ser pesquisado, o seu primeiro passo deve ser o de levantar, em literatura de referência (compêndios gramaticais; artigos, capítulos de

livros e livros qualificados;⁵ dissertações e teses, entre outros), o que já foi dito a seu respeito. Quanto mais você souber sobre a natureza do fenômeno, mais apurado será seu olhar no planejamento dos fatores de análise, isto é, na escolha dos critérios que serão utilizados para a descrição das propriedades construcionais (da forma e da função) de seu objeto. Como ilustração, abaixo, observemos, em linhas gerais, como uma boa revisão de literatura foi fundamental na pesquisa de doutoramento de Rosário (2012), que investigou as construções correlatas aditivas. Iniciemos com a observação de uma ocorrência:

(6) Nós, do PDT, estamos possuídos de uma alegria muito maior, porque V. Exa. *não só* representa nossa bancada na Mesa Diretora *como também*, e seguramente, representa o pensamento melhor do Poder Legislativo. Parabéns!
– 05/02/2009 (Rosário, 2012, p. 9).

A adição em (6) é estabelecida por um conector complexo, constituído de duas partes: *não só...* e *mas também...* O particular interesse do pesquisador para a investigação desse objeto se deu pelo tratamento divergente dado à estrutura na literatura disponível: há gramáticos que incluem *não só... mas também* no rol dos conectivos coordenadores aditivos (muito provavelmente, por critérios semânticos: é possível substituir *não só... mas também* por “e”, fazendo-

⁵ Por artigos, capítulos de livro e livros qualificados, compreendemos as publicações que atendem aos critérios científicos determinados pela CAPES, órgão federal que avalia a qualidade da produção científica produzida no país.

-se as adaptações necessárias), ao passo que existem outros estudiosos que entendem que essa estrutura apresenta propriedades divergentes da coordenação: há interdependência, e não independência sintática (característica da coordenação) entre as duas partes da construção. Para estes últimos, a expressão *não só... mas também* seria considerada uma estrutura de correlação, entendida como

uma construção sintática e prototipicamente composta por duas partes interdependentes e relacionadas entre si, encaixadas por correlatores, de tal sorte que a enunciação de uma (prótase) prepara a enunciação de outra (apódose) (Rosário, 2012, p. 3).

Antes de proceder à sua análise, Rosário (2012) observou: a) o tratamento divergente dado ao seu objeto na literatura linguística disponível; b) os traços definidores dos diferentes processos canônicos da estruturação sintática (coordenação e subordinação) na tradição gramatical, bem como na literatura funcionalista (parataxe, hipotaxe e subordinação); c) a literatura disponível sobre a correlação, considerada por Oiticica (1952 *apud* Rosário, 2012, p. 2), na metade do século XX, uma “floresta inexplorada”.

Esse levantamento prévio de informações foi fundamental para o planejamento metodológico da pesquisa de Rosário (2012). Na seção destinada aos procedimentos metodológicos, por exemplo, o autor justifica, com base nos estudos de Módolo (2008 *apud*

Rosário, 2012, p. 109), por que suas ocorrências foram extraídas de textos argumentativos:⁶

Não há dúvida de que a língua falada e a língua escrita exploram de modo diverso os elementos que constituem as conjunções correlatas. Mais produtivas nos textos escritos, sobretudo quando se quer ouvir mais de uma voz em debate, as correlatas têm seu nicho em textos fortemente argumentativos (Módolo, 2008, p. 1101).

Método misto na análise de dados

O método misto é caracterizado pelo “equacionamento entre a metodologia qualitativa e a quantitativa” (Lacerda, 2016, p. 85), sendo a primeira responsável pela análise interpretativa das ocorrências e a segunda pela identificação da produtividade das construções. Na abordagem construcional da gramática, produtividade é medida pelo levantamento da frequência de uso, tanto *type* quanto *token*. Segundo Bybee e Thompson (1997):

A frequência *token* está associada à quantidade de ocorrências de palavras particulares no texto, como “quebrado” ou “ter”, ou expressões específicas, como “eu não penso”. A frequência *type*, por sua vez, está associada à quantidade de itens lexicais diferentes aplicáveis a um certo padrão ou construção. Usando um exemplo morfológico, o morfema do passado

⁶ Rosário (2012) selecionou, ao todo, 382 dados de 1.275 discursos de deputados estaduais da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (ALERJ).

simples regular -ed, no inglês, tem uma frequência *type* muito elevada porque se aplica a milhares de verbos diferentes. Já o padrão de mudança vocálica, exemplificado por *strung* e *stung*, tem uma frequência muito menor, pois se aplica a menos de vinte verbos. A frequência *type* em construções sintáticas contaria quantos itens distintos de uma determinada classe lexical ou gramatical (por exemplo, verbos) podem ser usados na construção (Bybee; Thompson, 1997, p. 378).

Sustentamos a ideia de que qualquer trabalho que busque algum nível de generalização deve lidar com frequência de uso. De um lado, por meio da frequência *type*, podemos reconhecer os diferentes padrões que instanciam uma construção mais esquemática. De outro, por meio da frequência *token*, podemos tanto identificar qual é o *type* mais produtivo quanto descrever mais adequadamente as propriedades da forma e da função inerentes à construção em estudo. Este último aspecto se dá porque uma leitura sistemática de ocorrências variadas nos possibilita separar o que é essencial à construção daquilo que é idiossincrático, isto é, particular a um dado. Como ilustração, citamos novamente a pesquisa de Rosário (2012) sobre as construções correlatas aditivas. O pesquisador identificou 28 pares correlativos (*types*) distintos, tais como: *não [V] apenas... mas...; não só... como...; não somente... como também...; não simplesmente... mas...;* etc. Dentre eles, o mais prototípico nos dados é o primeiro, com 74 ocorrências (*tokens*).

Vale ressaltar que um bom planejamento metodológico envolve diferentes fases. Uma vez escolhido o objeto e feita uma revisão de literatura ampla e cuidadosa – como argumentamos na subseção anterior –, é recomendável o levantamento de uma amostra de dados. Para isso, devemos pensar, inicialmente, no *corpus* de análise, priorizando gêneros em que nosso fenômeno se apresenta com mais frequência. Por exemplo, se você está pesquisando um marcador conversacional que atua na manutenção do turno, você deve selecionar, prioritariamente, textos da modalidade oral em que sejam abundantes as sequências dialogais; se está analisando um conector conclusivo, deve priorizar textos predominantemente argumentativos etc. Na análise amostral (também conhecida como análise piloto), é possível cotejar as nossas análises com as dos autores revisados e, a partir daí, formular hipóteses e critérios para o tratamento dos dados. No intuito de sermos mais didáticos, mostraremos o desenvolvimento dessas fases em uma pesquisa concluída, sob nossa supervisão acerca da construção conectora [com isso], em dois níveis de instrução: iniciação científica e mestrado acadêmico.⁷

A investigação de [com isso] está inserida num projeto de pesquisa maior, em que temos como objetivo descrever as propriedades da forma e da função da construção [prep isso]. “Prep” significa

⁷ Agradeço a Ana Beatriz Ventura dos Santos Campos (bolsista de IC) e Simone Josefa da Silva (mestra em Estudos da Linguagem) pelas contribuições nesta pesquisa.

“preposição” e representa um *slot* que pode ser preenchido por elementos como “com”, “para” e “por”. Nosso particular interesse por esses objetos se dá por dois fatos: a) essas construções conectam segmentos de diferentes níveis: orações, períodos e parágrafos; b) exercem um processo diferente de coesão textual: atuam ao mesmo tempo como mecanismos de coesão sequencial – na medida em que a preposição estabelece uma relação lógica entre enunciados, partes de enunciados, parágrafos e sequências textuais – e de coesão referencial – o pronome demonstrativo “isso” é um termo nominal que encapsula informações precedentes do texto, transformando-as em objeto de discurso.⁸ Vejamos, abaixo, algumas ocorrências de [com isso] que ilustram esses aspectos apresentados:

(7) Com a pandemia, houve uma mudança no modelo de ensino, ainda que de forma temporária. E, mais importante, houve uma mudança na forma de se trabalhar. A maioria da população brasileira começou a trabalhar em home office. *Com isso*, as pessoas perceberam que também poderiam estudar em casa.

Fonte: MENDES, Felipe. Ser Educacional ganha força no Sul e Sudeste com aquisição da Laureate. *Veja*, 14 set. 2020.

⁸ O termo “objeto de discurso”, no lugar de referência, tem sido largamente empregado nos estudos da referenciação (Berrendoner; Reichler-Béguelin, 1995; Mondada; Dubois, 2003), uma perspectiva sociocognitiva interacionista da referência, que sustenta a ideia de que o ato referencial seja uma atividade intersubjetiva e social, e não uma busca por uma relação direta entre as palavras e as coisas.

- (8) A primeira prova do fim de semana foi disputada no fim da tarde de sábado. Sérgio, após uma largada, pulou para o sexto lugar, mas, ainda, na primeira curva, voltou ao sétimo posto, ao evitar um toque no concorrente à sua frente. Em uma prova muito bem planejada, o piloto foi rápido nos primeiros giros e, *com isso*, não demorou a atacar seus adversários.

Fonte: SÉRGIO Sette leva Brasil ao alto do pódio na Áustria. *Jornal da Savassi*, S.d.

- (9) E para integrar os intérpretes de Libras no vídeo foi necessário um trabalho de um mês e meio, pois tudo foi analisado pela instrutora de Libras, Maria Elisa Galvão, para o direcionamento correto do vídeo produzido. *Com isso*, os alunos assistiram a um material que traz curiosidades sobre o campeonato mundial, como a criação da logomarca oficial para o Brasil e também a produção de vídeo da Fuleco, mascote oficial da Copa do Mundo 2014.

Fonte: PREFEITURA de Guarujá (SP) adapta material sobre a Copa para alunos surdos do município. *Vida+Livre*, 17 jun. 2014.

Nas ocorrências supracitadas, [com isso] ocorre em posições distintas: início de período em (7), de oração em (8) e de parágrafo em (9). Ademais, [com isso] estabelece uma coesão tanto sequencial quanto

referencial: sequencial porque a preposição introduz uma relação de consequência entre dois períodos em (7) e entre duas orações em (8), e estabelece a progressão do tempo em (9); referencial porque “isso” atua como um encapsulador:⁹ remete-se a um período em (7), a uma oração em (8) e a um parágrafo em (9).¹⁰ Cabe frisar que, embora [com isso] seja uma construção bastante frequente no português,¹¹ não está presente na literatura, diferentemente de “por isso”, um conector de estrutura análoga amplamente descrito nos compêndios gramaticais.

Uma vez escolhido o objeto, procedemos, concomitantemente, a um levantamento amostral de 50 ocorrências, extraídas do *Corpus Now*¹² (constituído de textos da esfera jornalística, em que predominam as sequências narrativas, expositivas e argumentativas), e a um levantamento bibliográfico para compreender as funções admitidas pela preposição “com” e pelo pronome demonstrativo “isso” em diferentes perspectivas. Nesse processo, priorizamos os compêndios gramaticais, os estudos sobre coesão da Linguística do Texto e sobre

⁹ Encapsulamento pode ser definido como “um recurso coesivo pelo qual um sintagma nominal funciona como uma paráfrase resumitiva de uma porção precedente de texto” (Conte, 2003, p. 17).

¹⁰ As porções do texto encapsuladas, em cada caso, encontram-se sublinhadas nas ocorrências.

¹¹ No *Corpus Now*, constituídos de textos da esfera jornalística, há 94.911 ocorrências dos elementos “com” e “isso”, justapostos. Na análise das 100 primeiras ocorrências, observamos que a grande maioria atua na conexão de orações, períodos e parágrafos. Na minoria dos casos, “com” e “isso” atuam como constituintes oracionais, como objeto ou adjunto adverbial.

¹² O *Corpus Now* encontra-se no seguinte endereço eletrônico: <https://www.corpusdoportugues.org/now/>.

as relações conclusivas no português (este último porque notamos, nos nossos dados, que [com isso] estabelece, prioritariamente, relações de conclusão e consequência).

Tendo cotejado as análises iniciais com a revisão de literatura, elaboramos nossas primeiras hipóteses, que são elas:

- a) No nível textual, [com isso] atua, ao mesmo tempo, como um mecanismo de coesão sequencial e referencial;
- b) [com isso] atua em diferentes níveis: conecta orações, períodos e parágrafos;
- c) Existe uma relação entre a posição do conector e a porção de texto encapsulada pelo pronome “isso”. Quanto menor a unidade estrutural em que se apresenta a construção conectora, menor o escopo remissivo e vice-versa. Sendo assim, conexões interoracionais remetem a porções menores de texto, quando comparadas a conexões interperíodos e, por sua vez, a conexões interparágrafos;
- d) [com isso] ocorre, predominantemente, em sequências narrativas, expositivas e argumentativas;
- e) Em [com isso], há a formação de um grupo de força. Os elementos formam um *chunk* e a construção recebe ênfase entoacional, que pode ser representada, na escrita, pelo isolamento por vírgula;
- f) [com isso] é uma construção polifuncional e polissêmica. É polifuncional porque pode exercer a função de

conector (quando introduz uma relação lógico-semântica entre porções de texto) ou de sequenciador (quando apenas estabelece a progressão temporal entre fatos). É polissêmica porque, na função de conector, pode introduzir relações de conclusão, consequência e explicação;

g) O segundo termo da construção é invariável: “isto” não pode substituir “isso” – [com isto] atua somente como um constituinte da oração, e não como conector.

As hipóteses presentes nos itens “a” e “b” podem ser inferidas com base na análise das ocorrências (7) a (9); as apresentadas em “c”, “d” e “e” também podem ser ilustradas por intermédio dos mesmos dados: em (7), o conector interperíodo faz remissão a todo o período anterior e ocorre em uma sequência expositiva; em (8), o conector oracional remete à oração anterior e ocorre em sequência narrativa; em (9), o conector interparágrafo remete ao parágrafo anterior e ocorre em sequência expositiva. Em todos os casos, [com isso] é isolado por vírgula, o que induz ênfase para a estrutura durante a leitura. A hipótese apresentada em “f” encontra-se parcialmente justificada nas ocorrências apresentadas: em (7) e (8), [com isso] atua como um conector, na medida em que estabelece uma relação lógico-semântica de consequência (é factual, há relação de anterioridade e posterioridade entre as porções de texto e a primeira parte da informação pode ser interpretada como causa da segunda), ao passo que,

em (9), é sequenciador (não há relação lógico-semântica, apenas a progressão no tempo entre os fatos narrados). Abaixo, apresentamos duas ocorrências em que notamos as relações semânticas de conclusão e explicação, que não estão presentes nas ocorrências anteriores:

(10) Se a sua reclamação em relação a TVs 4K é a ausência de conteúdos compatíveis, as fabricantes desenvolvem há anos uma tecnologia chamada upscaling. Ela faz uma melhoria automática da imagem, que a torna superior ao padrão Full HD. *Com isso*, a experiência de ver até mesmo TV aberta em um modelo 4K é melhor do que em um Full HD e isso pode ser notado com facilidade pelos consumidores.

Fonte: AGRELA, Lucas. Review: QLED TV Q80 reúne melhores recursos de imagem e tem app da Apple. *Exame*, 30 jun. 2019.

(11) Há já alguns anos que nos dedicamos a reabilitar imóveis históricos que estavam degradados, dando-lhes uma nova utilização e uma nova vida. *Com isso*, queremos contribuir para manter a nossa história e valorizar o nosso patrimônio, porque o futuro do turismo e do país dependem disso, do que nos diferencia.

Fonte: MUNDO LUSÍADA. Grupo português abre hotel em prédio histórico de Elvas. *Mundo Lusíada*, 01 jul. 2019.

Em (10), temos um texto de natureza argumentativa, que visa a defender as vantagens em se ter uma TV 4K, mais especificamente, que procura fazer com que o interlocutor acredite na qualidade da TV. [com isso] estabelece uma relação de conclusão, que é um tipo de implicação lógica [P portanto Q], em que o enunciador ou interlocutor visa a construir um ponto de vista a partir de premissas (sendo uma explícita e outra implícita).¹³ No exemplo em questão, podemos identificar uma premissa explícita (*ela faz uma melhoria automática da imagem, que a torna superior ao padrão Full HD*), inferir uma premissa implícita (o consumidor busca uma TV que tenha a melhor qualidade de imagem) e reconhecer a conclusão (*os consumidores notam facilmente a superioridade das TVs 4K em relação ao modelo Full HD*). Em (11), temos uma sequência expositiva. [com isso] introduz uma semântica de explicação e apresenta um valor análogo ao dos conectores coordenativos explicativos (apesar das diferenças morfossintáticas, uma vez que se apresenta em um nível supraoracional, no início de um período). Poderíamos, inclusive, dizer: “há já alguns anos que nos dedicamos a reabilitar imóveis históricos que estavam degradados, *pois* queremos contribuir para manter a nossa história”. O valor semântico “explicação” se justifica porque não há ideia de conclusão (não há uma implicação lógica – P portanto Q – derivada

¹³ Os critérios que empregamos para identificar as relações conclusivas são os empregados por Marques e Pezzatti (2015).

de premissas) nem de consequência (não há relação temporal – de anterioridade e posterioridade – entre os períodos, aos quais seja possível atribuir, respectivamente, uma semântica de causa e outra de consequência).

Por fim, a hipótese apresentada em “g” teve como base a análise das 50 primeiras ocorrências de [com isto] do *Corpus Now*,¹⁴ uma possível variante de [com isso]. Observamos, nos dados investigados, que [com isto] é sempre um constituinte da oração. Veja a ocorrência (12), abaixo, em que essa construção representa um argumento do verbo “sonhar”:

- (12) A verdade é que, mesmo que isso não se reflita no número de discos vendidos, nunca o mundo ouviu tanta música latina como agora. J. Balvin e Bad Bunny, as duas maiores estrelas do reggaeton da atualidade, lançaram ontem um novo disco, Oasis, e colocaram nas plataformas o tema *Qué Pretendes*. O disco foi notícia no *The New York Times* e foi elogiado na *Rolling Stone*. Em apenas dez horas, o vídeo teve 1,5 milhões de visualizações no YouTube. *Com isto* Julio Iglesias não poderia sequer sonhar. Fonte: CAETANO, Maria João. Julio Iglesias. O latino romântico que fez sucesso antes do reggaeton volta a Lisboa. *Diário de Notícias*, 29 jun. 2019.

¹⁴ É interessante relatar que 48 das 50 ocorrências são da variedade europeia do português.

Vale ressaltar que, uma vez que buscamos, na LFCU, a descrição das propriedades construcionais, isto é, da forma (fonologia, morfologia e sintaxe) e da função (semântica, pragmática e discurso), o ideal é que as hipóteses de pesquisa compreendam os diferentes níveis de análise. Essas informações vão auxiliar na hora de pensar no conjunto de critérios/fatores que devem ser observados, sistematicamente, em todos os dados. Para a investigação de [com isso], por exemplo, propomos os seguintes fatores:

Plano da forma:

- a) Propriedades fonológicas: [com isso] está sempre isolada por vírgula, o que pode pressupor ênfase entoacional durante a leitura?
- b) Propriedades morfológicas: [com isto] pode ser uma variante de [com isso], isto é, encontram-se dados em que [com isto] também estabelece conexão entre orações, períodos e parágrafos? Na articulação do texto, a construção atua como um conector ou sequenciador?
- c) Propriedades sintáticas: em que posições o conector se apresenta no texto? Que unidades estruturais conecta (orações, períodos e parágrafos)? Há uma relação entre a unidade estrutural em que a construção se apresenta e a porção do texto encapsulada?

Plano da função:

- d) **Propriedades semânticas:** quais são as funções semânticas do conector [com isso]: conclusão, consequência ou explicação? Ou algum outro?
- e) **Propriedades pragmáticas:** de que forma os elementos co(n)textuais colaboram para identificação da polifuncionalidade (conector ou sequenciador) e da polissemia (conclusão, consequência e explicação) da construção [com isso]?, a saber: a factualidade, a anterioridade e a posterioridade existente entre os estados de coisas descritos nas diferentes unidades conectadas pela construção; a existência de uma relação lógico-implicativa (P portanto Q); a relação de causa e consequência estabelecida entre os segmentos unidos por [com isso].
- f) **Propriedades discursivo-funcionais:** em todas as ocorrências de [com isso], percebemos a promoção de uma coesão tanto referencial quanto sequencial? Quais as sequências tipológicas em que a construção ocorre?

De posse desses fatores, devemos proceder à análise de cada ocorrência. Recomendamos que, para essa fase da pesquisa, você elabore uma tabela em que seja possível sistematizar suas observações.¹⁵

¹⁵ Para esse estágio da pesquisa, indica-se um número elevado de ocorrências. As pesquisas em Linguística Funcional costumam flutuar entre 100 e 500 ocorrências analisadas.

Abaixo, apresentamos, como ilustração, uma proposta para a análise de [com isso] e nela incluímos as análises das ocorrências (07) a (11):

Nível	Propriedades	7	8	9	10	11
Fonológico	Construção isolada antes de vírgula	X	X	X	X	X
Morfológico	Sequenciador			X		
	Conector	X	X		X	X
Sintático	Conecta orações		X			
	Conecta períodos	X			X	X
	Conecta parágrafos			X		
	Remete-se a oração(ões) anterior(es)		X			
	Remete-se a período(s) anterior(es)	X			X	X
	Remete-se a parágrafo(s) anterior(es)			X		
Semântico	Valor de consequência	X	X			
	Valor de conclusão				X	
	Valor de explicação					X
	Apenas sequencia fatos (progr. tempo)			X		

Nível	Propriedades	7	8	9	10	11
Pragmático	Conteúdo + factual	X	X	X		
	Conteúdo – factual				X	X
	Anterioridade e posterioridade entre os estados de coisas	X	X	X		
	Causa no primeiro segmento e consequência no segundo segmento	X	X			
	Relação P portanto Q				X	
Discursivo-funcional	Coesão referencial	X	X	X	X	X
	Coesão sequencial	X	X	X	X	X
	Sequência narrativa		X	X		
	Sequência expositiva	X				
	Sequência argumentativa				X	X

Tabela 1. Sistematização da análise das ocorrências de [com isso]

Fonte: Elaboração própria.

Depois de analisadas todas as ocorrências, cabe ao pesquisador iniciar a redação de seus achados. Nesse processo, é importante a proposição de uma categorização da informação em diferentes seções, organizadas de acordo com suas hipóteses e objetivos de pesquisa. Para a descrição de [com isso], por exemplo, a seguinte categorização nos pareceu razoável:¹⁶

- a) Polifuncionalidade e polissemia de [com isso]: nessa subseção, buscamos descrever as duas funções admitidas pela construção (conector lógico-semântico e sequenciador), bem como a gradiência semântica do conector, na medida em que pode encadear valores de conclusão, consequência e explicação. Toda a descrição de análise é feita com farta exemplificação, em que transcrevemos os dados e os analisamos à luz dos critérios empregados e do referencial teórico (a LFCU). É pertinente dispor a quantificação dos dados por meio de gráficos e tabelas, que resumem, por exemplo, a distribuição por função (sequenciador ou conector) e por valor semântico (conclusão, consequência e explicação).
- b) [com isso] como um processo de coesão híbrida: nessa subseção, buscamos mostrar que [com isso] atua nos dois processos coesivos: há sequenciação e referencia-

¹⁶ Como nosso objetivo aqui é didático, apenas apontamos o que pode ser feito nesta etapa da pesquisa, até mesmo pela extensão de páginas de que dispomos para os capítulos.

ção, respectivamente. Assim como na seção anterior, a ilustração por meio de ocorrências é fundamental.

- c) Relação entre a posição do conector e o escopo da informação precedente encapsulada pelo pronome demonstrativo “isso”: nessa subseção, mostramos, por meio de exemplos, que existe uma relação entre a posição do conector e a quantidade de informação encapsulada. Quanto menor a unidade estrutural em que se apresenta a construção, menor o escopo informacional encapsulado por “isso”. Sendo assim, [com isso] em posição oracional remete a porções menores do que [com isso] interperíodo e interparágrafo, por exemplo. Sempre que pertinente, cabe a sistematização das informações em tabelas e gráficos. Abaixo, por exemplo, apresentamos uma tabela que contém a sistematização de 30 dados de [com isso], selecionados a partir de sua posição no texto:

	Posição Interoracional	Posição Interperíodo	Posição Interparágrafo
Remissão à oração anterior do mesmo período	7		
Remissão a duas ou mais orações no mesmo período	3		
Remissão ao período anterior		4	
Remissão a dois ou mais períodos anteriores		6	
Remissão ao parágrafo anterior			8
Remissão a dois ou mais parágrafos anteriores			2
Total	10	10	10

Tabela 2. Relação entre a localização de [com isso] e o escopo remissivo do encapsulamento

Fonte: Elaboração própria.

d) As propriedades construcionais de [com isso]: nessa subseção, retomamos, resumidamente, as propriedades já apresentadas na seção de análise dos dados, exploramos as outras propriedades ainda não descritas e elaboramos um quadro com a síntese das propriedades construcionais de [com isso], como ilustramos a seguir:

FORMA	Propriedades fonológicas	- Formação de grupo de força – [com isso] está sempre isolado por vírgula, pressupondo a ênfase na entonação.
	Propriedades morfológicas	- A construção não permite a variação do pronome demonstrativo “isso” para sua forma variante “isto”; - Pode exercer a função de conector ou de sequenciador.
	Propriedades sintáticas	- A construção assume diferentes posições no texto: conecta orações, períodos e parágrafos; - Há uma relação entre a unidade estrutural em que a construção se apresenta e a porção de texto que é encapsulada. Quanto menor a unidade, menor a quantidade de informação a que se remete.
FUNÇÃO	Propriedades semânticas	- O conector pode introduzir valores da conclusão, consequência e explicação.
	Propriedades pragmáticas	- Os valores semânticos são contextualmente dependentes. Para a conclusão, o conteúdo é menos factual e compreende uma implicação lógica derivada de premissas (uma explícita e outra implícita). Para a consequência, o conteúdo é [+ factual] e compreende uma relação temporal de anterioridade (causa) e posterioridade (consequência). A explicação não compreende uma relação de anterioridade e posterioridade e nem uma implicação lógica derivada de premissas.
	Propriedades discursivo-funcionais	- Estabelece coesão sequencial e referencial; - Ocorre predominantemente em sequências narrativas, expositivas e argumentativas.

Quadro 2. Propriedades da construção [com isso]

Fonte: Elaboração própria.

Considerações finais

Defendemos que a investigação gramatical, com foco na descrição dos diferentes usos e da realidade psicológica e cognitiva das línguas, exige a análise interpretativa de dados diversificados, extraídos das situações reais de uso. Como vimos, na perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso, a gramática é concebida como um inventário de construções, entendidas como pareamentos de forma e função. Por forma, compreendemos fonologia, morfologia e sintaxe; por função, semântica, pragmática e discurso.

Se a estrutura da gramática engloba o componente discursivo e pragmático, suas descrições devem levar em consideração o universo discursivo, manifestado nos diferentes gêneros de texto e modalidades linguísticas. Por isso, todo estudo funcionalista deve partir, necessariamente, dos dados empíricos do uso linguístico.

Lidar com o uso, no entanto, não é tarefa simples. Os discursos são, por natureza, muito variados; não raro, imprevisíveis. Dessa maneira, descrevê-los exige método. O método que se tem mostrado mais adequado e seguro é o misto, na medida em que atende a dois aspectos: a) a análise quantitativa possibilita-nos identificar a produtividade das construções; b) a análise qualitativa, feita a partir da observação sistemática de ocorrências diversas, permite-nos entender as propriedades inerentes à construção, tanto nos seus aspectos formais quanto funcionais.

Dada a relevância da metodologia para a investigação funcionalista, buscamos, em especial, neste capítulo, dar a você condições de pensar a pesquisa funcionalista em suas diferentes etapas: 1) concepção da pesquisa (a seleção do objeto e do *corpus*); 2) planejamento dos fatores de análise; 3) análise dos dados; 4) apresentação dos resultados. Esperamos ter alcançado este objetivo!

Exercício

Neste capítulo, apresentamos uma série de critérios formais e funcionais para a interpretação de ocorrências da construção conectora [com isso]. Por meio do emprego dos mesmos critérios, observe as duas ocorrências abaixo e, em sequência, selecione e comente pelo menos duas propriedades da forma e da função que caracterizam cada padrão de uso ilustrado.

- (1) Os pendrives desta linha também podem ser configurados por um administrador com um modo “somente leitura”, *com isso* os usuários só poderão visualizar o conteúdo armazenado – a edição/cópia/remoção do conteúdo não será possível.

Fonte: ROSOLEN, Fabio. Kingston lança pendrive criptografado DataTraveler 2000 com 128GB. *Mundo Conectado*, 15 set. 2020.

(2) O isolamento social adotado para evitar a transmissão do novo coronavírus fez com que os brasileiros mudassem vários hábitos em sua rotina. *Com isso*, diversas áreas tiveram que mudar também, como a moda. Sendo ela um reflexo do comportamento social, historicamente, suas tendências se espelham na necessidade do público através das roupas.

Fonte: JOIAS, Aimer. Como ficará a moda e o design na pós pandemia do novo coronavírus? *Gazeta do Povo*, 14 set. 2020.

Padrão de resposta

Em (01), [com isso] introduz uma relação conclusiva. Ocorre em uma sequência expositiva. Os conteúdos expressos pelos segmentos encadeados por [com isso] não estão organizados por uma progressão temporal. A informação subsequente a [com isso] também é menos factual (uma das propriedades que diferenciam conclusão de consequência). A construção atua no nível oracional e encapsula a oração precedente: *os pendrives desta linha também podem... somente leitura*. Promove uma coesão híbrida: há sequenciação (na relação da preposição “com”) e referenciação (na remissão promovida pelo pronome demonstrativo “isso”). Em (02), por sua vez, [com isso] introduz uma relação consecutiva. Ocorre em uma sequência expositiva. Os conteúdos expressos pelos segmentos encadeados por [com isso] estão

organizados por uma progressão temporal – o isolamento social que fez mudar a rotina é anterior (e a causa); a mudança na moda, posterior (e consequência). A informação subsequente a [com isso] é mais factual. A construção atua no nível do interperíodo e encapsula as informações do parágrafo anterior: *o isolamento social... sua rotina*. Promove uma coesão híbrida: há sequenciação (na relação da preposição “com”) e referenciação (na remissão promovida pelo pronome demonstrativo “isso”).

Referências

- AZEVEDO, Jaqueline Cristina Rocha Marcondes. *Usos funcionais do “enfim” em língua portuguesa*. 2018. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.
- BERRENDONER, Alain; REICHLER-BÉGUELIN, Marie-Jose (ed.). *Du syntagme nominal aux objets-de-discours*. Neuchâtsh: Université de Neuschâtsh, 1995.
- BYBEE, Joan; THOMPSON, Sandra. Three frequency effects in syntax. *Berkeley Linguistics Society*, n. 23, p. 378-388, 1997.
- CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. *Metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.
- CONTE, Maria-Elisabeth. Encapsulamento anafórico. In: CAVALCANTI, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernadete (orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 177-190. (Clássicos da Linguística, v. I).
- CROFT, William. *Radical construction grammar*. New York: Oxford University Press, 2001.

FILLMORE, Charles. Epistemic stance and grammatical form in english conditional sentences. *Papers from the twenty-sixth Regional Meeting of The Chicago Linguistic Society*, v. 1, p. 137-161, 1990.

GOLDBERG, Adele. *A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas*. São Paulo: Contexto, 2015.

LACERDA, Patrícia Fabiane Amaral. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. *Revista Linguística*, v. esp., p. 83-10, 2016.

MARQUES, Norma Barbosa Novaes; PEZATTI, Erotilde Goreti. *A relação conclusiva na língua portuguesa: funções resumo, conclusão e consequência*. São Paulo: EdUNESP, 2015.

MÓDOLO, Marcelo. As construções correlatas. In: ILARI, Rodolfo; NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática do português culto falado no Brasil*. São Paulo: Unicamp, 2008.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Daniele. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTI, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernadete (orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 17-52. (Clássicos da Linguística, v. I).

MOURA, Samara Costa. *A construção [(como) (se) não bastasse] conector sob a perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso*. 2020. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: EdUNESP, 2010.

_____. *A gramática passada a limpo: conceitos, análises e parâmetros*. São Paulo: Parábola, 2012.

ROSA, Katemari. Prazeres da alma. *Meu Querido Diário*, 06 maio 2005. Disponível em: <https://katemari.tripod.com/blog/diario.html/>. Acesso em: 15 ago. 2017.

ROSÁRIO, Ivo da Costa do. *Construções correlatas aditivas em perspectiva funcional*. 2012. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

SOARES, Augusto da Silva. Sistema e variação: quão sistemático pode ser o sistema linguístico num modelo baseado no uso? *Revista Linguística*, v. 8, n. 1, p. 15-32, jun. 2012.

TEIXEIRA, Ana Cláudia Machado. *Padrões de uso de “vá lá” e “vamos lá” na norma brasileira do português: micro-construções e gramaticalização*. 2010. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

_____. *A construção verbal marcadora discursiva VLocMD: uma análise funcional centrada no uso*. 2015. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

CAPÍTULO 9

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS NA ANÁLISE DE DADOS DIACRÔNICOS

Monclar Guimarães Lopes
(UFF)

Objetivos

Prezado aluno, esperamos que, ao final deste capítulo, estudando os conteúdos apresentados e realizando o exercício proposto, você seja capaz de:

1. Compreender os objetivos e características da investigação diacrônica.
2. Selecionar ou constituir *corpus* para o estudo diacrônico.
3. Elaborar hipóteses iniciais sobre a trajetória da mudança das construções investigadas.
4. Empregar o método misto para a análise dos dados à luz dos pressupostos da LFCU.

Considerações iniciais

Estudar a origem das palavras quando tratamos de elementos do léxico¹ é algo mais ou menos evidente. Afinal, como a língua precisa se adaptar às novas descobertas, invenções e processos que surgem nas culturas, é necessária a criação de novos vocábulos. Inclusive, são de comum conhecimento os processos canônicos de formação de palavras, como a derivação e a composição, por exemplo, que representam regras analógicas empregadas conscientemente para a criação (instantânea) de novas construções no léxico: para formar substantivos a partir de adjetivos, por exemplo, podemos acrescentar o sufixo *-eza* ao radical (um processo de derivação), como ocorre em *belo* → *beleza*; *triste* → *tristeza*, entre outros. Não obstante, a origem dos elementos e das expressões gramaticais ocorre numa dimensão temporal e processual distinta: as construções de função mais procedural (como conectivos, operadores, marcadores discursivos etc.) surgem na língua, via de regra, por meio de um longo processo de abstratização/reinterpretação de construções já existentes (grande

¹ Na abordagem funcionalista, dividimos os elementos linguísticos em dois conjuntos: léxico e gramática. O primeiro apresenta uma função referencial. Remete a conceitos do universo tangível e/ou ficcional e corresponde às seguintes categorias morfossintáticas: substantivos, adjetivos, verbos e alguns advérbios. A última, em contrapartida, tem função procedural e pertence apenas ao universo linguístico. Estabelece relação entre os conteúdos, atua na determinação ou indeterminação de referentes, entre outros. Corresponde às seguintes categorias morfossintáticas: conjunções, artigos, preposições, afixos etc.

parte advinda do léxico). Nessa trajetória, é comum a perda de traços, tanto da função quanto da forma. “Você”, por exemplo, advém do pronome de tratamento “Vossa Mercê”, este último empregado em situações de deferência social, como uma forma respeitosa de tratamento. Com o tempo, houve perda de traços estruturais e semânticos (não há mais o traço “deferência social”). Hoje, “você” é considerado um pronome tão informal quanto “tu” e compete pela posição da segunda pessoa não marcada do discurso no português brasileiro (o pronome reto “tu”).

Como podemos observar, os processos envolvidos na formação das construções de função mais procedural são bem mais complexos e, logo, também exigem métodos mais complexos para sua descrição. Enquanto o léxico é altamente produtivo, permitindo o ingresso instantâneo de elementos – como, por exemplo, os verbos *deletar* e *shippar* –, a gramática é mais refratária. Com isso, a emergência de novas construções tende a se dar lenta e gradualmente. A trajetória de *vossa mercê* → *você*, por exemplo, no plano formal, compreende diversos estágios de mudança ao longo dos séculos: *vossa mercê* → *vossemecê* → *vosmecê* → *você* → *cê*.

Neste capítulo, buscamos dar a você as ferramentas necessárias para empreender um estudo diacrônico voltado para duas frentes de trabalho: a) explicar o surgimento de novas construções gramaticais

na língua a partir da reinterpretação de material já disponível, seja ele de função lexical ou procedural; b) explicar a mudança de construções já existentes, seja no plano formal, seja no funcional. Ademais, como na abordagem funcionalista a dinamicidade da gramática é explicada em termos sociocognitivos, procuramos descrever não apenas o resultado da mudança como também os mecanismos que a operam – isto é, preocupamo-nos, ao mesmo tempo, com o produto e o processo da mudança.

Para atender a esses objetivos, organizamos este capítulo da seguinte maneira: na seção “conceitos”, tratamos da definição de diacronia e dos tipos de pesquisa linguística de caráter diacrônico; da seleção ou constituição de *corpus* para seu objeto de pesquisa; da elaboração das hipóteses e dos fatores de análise com base nos processos regularmente observáveis na mudança; do emprego do método misto para a análise dos dados diacrônicos à luz dos pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso. Em sequência, apresentamos as considerações finais e uma atividade para a consolidação dos conteúdos.

Conceitos

Diacronia, mudança e variação

A diacronia compreende a dimensão temporal da linguagem e interessa-se pela evolução² da língua e suas causas. Segundo Mattos e Silva (2006), mesmo que o objetivo da investigação histórica fosse apenas o mero interesse científico e cultural do pesquisador, esse estudo já estaria justificado. Para além dessa finalidade, apresentamos outras duas:

1. Os dados diacrônicos servem para “fornecer elementos para a explicitação de fenômenos em uso no presente” (Mattos; Silva, 2006, p. 16).

Entender, por exemplo, por que o sufixo -ão resultou em diferentes padrões de plural (-ãos, -ães e -ões) depende de conhecimento histórico. Ocorre que o plural diversificado é resquício do latim. As palavras *mão*, *pão* e *leão*, no latim acusativo singular eram *manum*, *panem* e *leonem*; no plural, *manus*, *panes* e *leones*. Nas formas plurais, houve a síncope (a queda) do -n intervocálico, o que resultou nas formas que temos hoje. No singular, além da síncope do -n intervocálico e da apócope (queda no final da palavra) do -m, ocorreu um

² Por evolução linguística, compreendemos a trajetória de mudança nas línguas, que se dá em virtude de mecanismos de natureza sociocognitiva. Portanto, o termo “evolução”, aqui, nada tem a ver com um julgamento de valor sobre as diferentes fases da língua.

processo de analogia, isto é, uma generalização, em que -ão passou a ser o padrão do sufixo no singular.

2. Um estudo diacrônico nos permite enxergar os padrões recorrentes na mudança.

Segundo Neves (2012, p. 54), a gramática é um sistema de perdas e ganhos. De um lado, há o princípio da economia linguística, em que estão envolvidos os processos de *rotinização, regularização, redução de contexto e aumento de opacidade*; de outro, há uma pressão da informatividade, em que estão envolvidas *a busca por clareza e expressividade, a ampliação do contexto e uma maior transparência*. Isso significa dizer que os fatos da língua não mudam aleatoriamente, mas, sim, de forma motivada, por fatores tanto sociais quanto cognitivos.

Uma ilustração da atuação do princípio da economia linguística são os diferentes paradigmas de concordância nominal no português brasileiro. Paralela à regra que prescreve a flexão de gênero e número para os determinantes e modificadores em acordo com o gênero e número do núcleo do sintagma nominal (por exemplo, *aquelas meninas bonitas*), há uma outra que prescreve plural somente no determinante (por exemplo, *aquelas menina bonita*). É interessante notar que, enquanto no português esse uso é estigmatizado e sofre retaliação das classes mais altas e escolarizadas, o mesmo não ocorre no francês, uma língua neolatina mais antiga que o português, para a qual a regra geral de concordância nominal, na modalidade oral, é

exatamente esta: apenas o determinante vai para o plural. Um exemplo é dado por Bagno (2011, p. 141), que observa, no francês, o plural do sintagma nominal “a bela flor vermelha” nas duas modalidades. Na escrita, no plural de “la belle fleur rouge”, todos os determinantes e modificadores vão para o plural: “les belles fleurs rouges”. Na oralidade, no entanto, apenas o determinante: [la bel floer ruʒ]; [le bel floer ruʒ]. Por sua vez, o inglês, uma língua ainda mais antiga que o francês, só marca o plural no substantivo (*The very good boys*), mas, em seu período arcaico, apresentava marcas de plural em outros elementos, como no adjetivo – por exemplo, *glæd engel* vs *glæde englas* (anjo feliz vs anjos felizes). Ou seja, o francês e o inglês passaram por um processo de simplificação da concordância nominal (o francês apenas na modalidade oral, pois a escrita mantém os morfemas plurais; o inglês, nas duas modalidades, de modo plenamente convencionalizado). Hoje, observamos o mesmo fenômeno ocorrer na modalidade oral do português brasileiro.

Um bom exemplo da atuação da pressão por informatividade é o emprego de advérbios locativos junto aos pronomes demonstrativos. Como sabemos, nas gramáticas normativas consta a seguinte prescrição: nas referências espaciais, empregamos “este(a)” para fazer referência aos objetos no espaço do locutor; “esse(a)”, aos objetos no espaço do alocutário. Em virtude da elevada abstratização dos pronomes demonstrativos, que parecem ter perdido a função espacial,

vemos com muita frequência eles serem empregados com os advérbios “aqui” e “aí”, por exemplo: “esta caneta aqui” (espaço do locutor) vs “essa caneta aí” (espaço do alocutário).

Como podemos observar, nos exemplos citados nesta seção, há mudanças que só conseguem ser explicadas por meio de uma incursão na história da língua, como é o caso da variação do plural de -ão: é necessário comparar os plurais latinos aos portugueses. Já há outros casos em que, por haver a coexistência de usos numa mesma sincronia – como no caso da concordância nominal, por exemplo –, é possível descrevê-los sem a necessidade da incursão em dados diacrônicos. Sob a perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso, costumamos atribuir o termo mudança (ou gradualidade) para explicar os casos em que há uma distância temporal entre os diferentes usos de um mesmo fenômeno da gramática e/ou construção e o termo variação (variabilidade ou gradiência), para tratar da convivência de usos divergentes numa mesma sincronia. Mesmo nesses últimos casos – em que usos divergentes coexistem numa mesma sincronia –, é possível fazer uma incursão histórica, no intuito de investigar a origem dessa gradiência na língua.

Paralelamente a essas duas maneiras de tratar a mudança (e a variação) linguística, ainda é possível “reconstruir” o passado (criar hipóteses sobre a mudança) por meio dos processos sociais e cognitivos regularmente observáveis nos estudos diacrônicos. Sob essa

perspectiva, assim como um historiador busca reconstituir um passado distante, cuja maior parte das evidências se perderam (como na descrição da pré-história, por exemplo), os linguistas também podem buscar descrever a origem de determinados fenômenos e/ou construções linguísticas, muitas vezes sem dados atestados. Embora não julguemos esse procedimento como o ideal – porque não lida com dados empíricos –, muitas vezes ele é necessário para a descrição da gramática do português. Como sabemos, infelizmente, a quantidade disponível de textos diacrônicos (a partir do século XIII), muitas vezes, é insuficiente para a descrição de alguns objetos, cujo número de ocorrências é raro ou até inexistente. Inclusive, cabe ressaltar que inexistem dados de língua oral catalogados cientificamente no período anterior ao século XX. Por esse motivo, conforme vimos no Capítulo 7, Rosário e Lopes (2019) cunham o termo construcionalidade com o intuito de possibilitar uma reconstrução da história da língua a partir de dados sincrônicos.

Por isso, uma vez escolhido seu objeto de pesquisa, é importante decidir que estudo será empreendido: a) vai descrever apenas a gradiência construcional (em termos de polifuncionalidade e/ou polissemia) a partir de dados sincrônicos?; b) vai descrever a mudança linguística de duas ou mais construções de usos temporalmente distintos? c) vai descrever tanto a gradiência construcional quanto a

mudança, numa perspectiva pancrônica?³ (isto é, vai descrever os usos que coexistem numa mesma sincronia e, ao mesmo tempo, buscar na diacronia a trajetória de mudança?). A escolha do seu *corpus* está diretamente associada às suas escolhas.

Se o tipo de estudo que busca empreender é o citado na opção “a”, você deve seguir os procedimentos descritos no capítulo anterior, que trata dos procedimentos metodológicos para a análise de dados sincrônicos; se for a opção expressa em “b”, você deverá constituir um *corpus* diacrônico ou consultar os já organizados; se for a opção expressa em “c”, tanto um *corpus* diacrônico quanto *sincrônico*. Por uma questão didática, o nosso foco, neste capítulo, estará na seleção e/ou constituição de *corpus* diacrônico.

Seleção e/ou constituição de corpus

Existem diversos *corpora* linguísticos sincrônicos gratuitos na internet. Alguns deles são tão extensos em quantidade de palavras (O *Corpus Now*, por exemplo, tem mais de 1 bilhão de palavras⁴) e em variedade de gêneros que, via de regra, podemos fazer uso somente de seus dados em nossas pesquisas. Na abordagem diacrônica, no entanto, a realidade é bastante distinta. A despeito da existência de *corpora*

³ Por pancrônica, aqui, referimo-nos aos estudos que envolvem tanto a perspectiva sincrônica quanto a diacrônica.

⁴ O *Corpus Now* está disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org>.

gratuitos diversos – como o *Tycho Brahe*,⁵ *Vercial*,⁶ *Corpus Diacrônico do Português*,⁷ *Corpus Informatizado do Português Medieval*,⁸ entre outros –, eles são muito menores em quantidade de palavras e em variedade de gêneros. Inclusive, quanto mais recuamos no passado da língua, mais difícil é a seleção variada de fontes para pesquisa. Os textos dos séculos XIII ao XV, por exemplo, os chamados textos remanescentes, são bastante escassos e podem representar um verdadeiro desafio à pesquisa linguística diacrônica.

Além da questão da extensão dos *corpora*, há outros obstáculos. Como o método misto é bastante caro à investigação funcionalista – a quantificação, aliada à interpretação dos dados, por exemplo, possibilita-nos descrever a competição por usos das construções ao longo dos séculos –, buscamos empregar critérios rígidos para seleção de *corpora*: além de escolhermos textos do mesmo gênero e/ou sequência tipológica nas diferentes sincronias (diferentes períodos), procuramos garantir uma uniformidade em relação à extensão de palavras para cada sincronia. O motivo é relativamente simples: se você tem menos dados do século XVIII do que do século XVII, por exemplo, você pode concluir que seu objeto de pesquisa diminuiu em frequência, quando, na verdade, isso se deve a uma constituição indevida do

⁵ Disponível em: <https://www.tycho.iel.unicamp.br/home>.

⁶ Disponível em: <http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/obrlemas.htm>.

⁷ Disponível em: <http://www.cdp.ibilce.unesp.br/>.

⁸ Disponível em: <https://cipm.fcsh.unl.pt>.

corpus. Por isso, não raro, o pesquisador precisa compor seu próprio *corpus*, para, depois disso, proceder à análise dos seus dados⁹ ou deve, ainda, considerar a proporção de material linguístico para análise em comparação com cada fatia temporal.

Um outro critério importante para a seleção e/ou constituição do *corpus* é o recorte temporal. Há objetos que exigem um recuo até o século XIII; outros, como são mais recentes, exigem um recuo menor. Para identificar o recorte temporal necessário, é importante que o pesquisador proceda a uma análise amostral. Nesse caso, ele pode fazer uma busca inicial pelo seu objeto nas diferentes sincronias. Durante esse procedimento, é importante que esteja atento para o fato de que as construções diacrônicas costumam apresentar distinções formais: apresentam mais elementos, ortografia distinta, segmentação diferente, entre outros aspectos. Sendo assim, quase sempre é necessária uma leitura corrida do texto, já que, nesses casos, os mecanismos eletrônicos de busca poderiam não revelar alguns usos com grafias distintas. Teixeira (2015, p. 149), por exemplo, durante a investigação da origem de marcadores discursivos formados por verbos de deslocamento e pronomes locativos – como [vem cá] –, encontrou a seguinte grafia no século XIII:

⁹ Como falaremos mais à frente, embora seja o ideal, esse procedimento nem sempre é possível, em virtude da escassez de fontes diacrônicas, sobretudo do português arcaico (ou medieval).

(1) E cavalgou logo sen demorança e foi a seu fillo con esperanza, e viu-o estar u fazian dança a gente da vila, qu' esteve muda, Santa Maria senpr' os seus ajuda... Que non disse nada quand' o chamava: “*ven acá*, meu fillo”, e poi-lo deitava depos si na besti e que o levava per meya a vila, de todos viuda. Santa Maria sempr' os seus ajuda... (Cantigas de Santa Maria I, sequência injuntiva, século XIII).

A análise amostral, como o nome mesmo deixa implícito, precede a análise efetiva dos dados da pesquisa. É relevante não somente em relação ao recorte temporal dos seus dados, como também à formulação de hipóteses e dos fatores de análise, quando devidamente articulados à sua revisão de literatura e aos pressupostos teóricos da LFCU.¹⁰

A elaboração das hipóteses e dos fatores de análise com base nos processos regularmente observáveis na mudança linguística

Terminamos a última subseção ressaltando a importância de se cotejar uma revisão de literatura com o referencial teórico e uma análise amostral para a elaboração das hipóteses e o planejamento dos fatores de análise. Nesta subseção, nosso foco está na importância dos pressupostos teóricos nesse processo. Nesse sentido, buscamos descrever, com base em Bybee (2015), *uma série de aspectos regulares da mudança*, sistematicamente verificáveis na investigação dos

¹⁰ Leia o capítulo anterior, em que explicamos melhor a relação existente entre a revisão de literatura, a análise amostral e a formulação de hipóteses e de fatores de análise.

dados diacrônicos. Por uma questão didática, escolhemos descrever os processos observáveis na mudança das construções gramaticais,¹¹ que assumem uma função mais procedural na língua.

Chunking e redução fonética

Chunk é uma sequência de elementos altamente vinculados, que são processados como um bloco único. Palavras e morfemas que são repetidamente empregados juntos formam *chunks*. A locução adverbial “de repente”, por exemplo, é um bom exemplo de *chunk* em português. É uma unidade tão amalgamada – não utilizamos “repente” isoladamente, por exemplo – que comumente as pessoas a hipossegmentam na escrita: “derrepente”. O processo do *chunking* pode ter como consequência a redução fonética. As palavras compostas por aglutinação, como “perai” (uma aglutinação de “espera” + “ai”), por exemplo, são o resultado de *chunking* com redução fonética.

Segundo Bybee (2015, p. 9), *chunking* é um processo cognitivo desencadeado pelas ações repetitivas, pela automatização. Sendo assim, um *chunk* se forma na língua a partir do uso recorrente de elementos contíguos, que, além de serem processados como um bloco

¹¹ Como vimos no Capítulo 7, há dois tipos de mudança linguística na LFCU: a construcionalização (pareamento FORMA_{NOVA}-FUNÇÃO_{NOVA}) e a mudança construcional (pareamento FORMA_{NOVA}-FUNÇÃO ou FORMA-FUNÇÃO_{NOVA}).

único, tornam-se menos composicionais, tanto semântica quanto sintaticamente.

Dessa maneira, é bastante plausível se pensar que todo *chunk* de hoje era uma expressão formada por elementos autônomos (ou relativamente autônomos) no passado. Se você busca, por exemplo, descrever a mudança de construções gramaticais como “contudo” (“com” + “tudo”) ou “entretanto” (“entre” + “tanto”), por exemplo, você deve ter como hipótese que, no passado distante, essas formas eram menos vinculadas na língua.

Especialização ou redução do contraste paradigmático

Um dos possíveis efeitos da mudança gramatical é a especialização da construção ou de um de seus elementos. Bybee (2010), por exemplo, mostra-nos que, na construção [drive someone X], há sempre o sentido de que alguém desestabilizou mentalmente o experienciador da ação. Por exemplo: *she drives me crazy/nuts/bananas* (“ela me deixa maluco”). Nesse sentido, os falantes do inglês não produzem uma frase como *she drives me happy* (“ela me deixa feliz”), por exemplo.

A especialização pode ser vista como a redução do contraste paradigmático, porque diminui substancialmente o número de elementos possíveis a serem recrutados para a posição do adjetivo. No português, fenômeno semelhante acontece com o verbo “causar”. O elemento que ocupa a posição do objeto direto apresenta valor

essencialmente negativo – por exemplo: ele causou *minha derrota*, mas não **sua atitude causou minha felicidade*.

Expansão categorial

Um outro efeito possível da mudança gramatical é a expansão categorial, um fenômeno diametralmente oposto à especialização. Nesse caso, as construções perdem as restrições semânticas iniciais, tornam-se mais esquemáticas e, por isso, passam a recrutar novos elementos. Como ilustração desse processo, Bybee (2015) cita a mudança construcional do modal “can”, no inglês. Inicialmente, o modal era empregado com o sentido de “saber como” e recrutava somente um pequeno número de verbos no infinitivo que denotavam habilidade física (por exemplo, *she can play the piano* – “ela pode tocar piano”). Com o tempo, essas restrições se perdem, de modo que, hoje, qualquer verbo pode ser empregado após o modal “can”.

A expansão categorial, também conhecida como expansão *host-class* (Himmelmann, 2004), é um fenômeno bastante recorrente na construcionalização e na mudança construcional. Afinal, a direcionalidade da mudança gramatical envolve o aumento de produtividade e de esquematicidade, aspectos que acarretam, inevitavelmente, o recrutamento de novos elementos.

Decategorização

Segundo Hopper (1991), a perda de propriedades morfossintáticas é indicativa de decategorização. Muitas vezes, as construções linguísticas – ou seus elementos – podem perder partes de suas propriedades formais. Na construção de marcação discursiva $VLoc_{MD}$, por exemplo, os verbos e pronomes locativos perdem parte de suas propriedades morfossintáticas. Vejamos dois exemplos extraídos das teses de doutoramento de Teixeira (2015) e Rosa (2019):

(2) E eu passei também a fazer filmes menos interessantes. Com pessoas menos dotadas para fazer cinema, mas que tinham seus filmes para fazer. Eu precisava ganhar a minha vida, e *vamos lá*. E aí o respeito e a educação não eram as mesmas (Entrevista, Mário Carneiro – por Lauro Escorel, sequência injuntiva, *Século XX apud* Teixeira, 2015, p. 14).

(3) O Sr. José Luís Escanhoela – [...] Os municípios têm muita dificuldade em obter, por falta de informações, de obter recursos de como fazer. Então, quando se tem um escritório que faça isso, ou pessoas especializadas para isso, eles se socorrem deles. Porque há dificuldade de vir um prefeito à Brasília, pedir a um Deputado ou coisa assim; é muito difícil. O Sr. Itamar Franco – Não. *Espera aí*. V. As. Diz que nunca veio a Brasília. Então, qual é a dificuldade? (Diário do Senado Federal, 15 dez. 1988 *apud* Rosa, 2019, p. 53).

Segundo Rosa (2019, p. 39), “os marcadores discursivos são mecanismos verbais da enunciação, que atuam no plano da organização textual-interativa”, como observamos nas ocorrências [vamos lá] e [espera aí], que não fazem referência ao mundo, mas, sim, à própria atividade discursiva. Os pronomes locativos¹² que compõem a construção (“lá” e “aí”) já não têm mais função dêitica, isto é, perderam a função pronominal que lhes é própria. Paralelamente, os verbos que constituem os MDs são bastante restritos quanto à flexão e ao tempo verbal. Não há, por exemplo, “espero aí”, “esperamos aí”, “fui lá” com essa função na língua. Por isso, há decategorização das duas classes: o pronome é “menos” pronome e o verbo “menos” verbo.

Fixidez posicional

Uma outra mudança morfossintática possível na mudança gramatical é a fixidez posicional. Nesse caso, uma fonte lexical ou menos gramatical torna-se um gramema (ou seja, um morfema gramatical), que assume uma posição fixa. A desinência de modo-temporal do futuro do presente e do pretérito, por exemplo, inexistia no latim. Antes, para designar futuro, no latim, empregávamos o verbo principal + o verbo “haver” (Ex.: *cantare habeo*), numa ordenação sintática bas-

¹² A tradição gramatical costuma pôr as formas “lá” e “aí” no rol dos advérbios de lugar. Embora a noção semântica seja de lugar, consideramo-los pronomes por sua natureza morfossintática: são referencialmente vazios. Assumem seu valor no texto por meio da remissão endofórica ou exofórica.

tante livre. Com o tempo, nas línguas neolatinas, o verbo “haver” foi reinterpretado como uma desinência para designar futuro e, hoje, é uma forma fixa, localizada à direita dos radicais dos verbos, como no português (ex.: *cantar hei cantarei*).

Dessemantização e generalização

Embora pareçam coisas opostas, a dessemantização (ou *bleaching*), que é a perda de traços semânticos, está associada à generalização. Como exemplo, podemos citar, mais uma vez, a mudança do modal “can” no inglês, que passou a recrutar novos elementos como verbo principal (isto é, teve expansão categorial) em virtude da perda progressiva de alguns traços semânticos.

Segundo Bybee (2015), no inglês antigo, “can” era empregado apenas em orações com sujeitos *humanos* e recrutava verbos de *habilidade física* – por exemplo, *she can play the piano* (“ela pode tocar piano”). Com o tempo, a restrição à propriedade semântica “habilidade física” se perdeu, de modo que a construção passou a recrutar novos verbos, embora continuasse a se referir apenas a sujeitos humanos – por exemplo, *I can think about that* (“eu posso pensar sobre isso”). Por fim, o sujeito da construção também perdeu o traço semântico [+humano], possibilitando à construção recrutar sujeitos [-humanos], como, por exemplo, *it can rain* (“pode chover”).

Acréscimo de sentido pelo contexto

Nem toda mudança semântica consiste na perda do sentido lexical. Em alguns casos, um novo sentido é atribuído à construção em virtude de uma interpretação advinda do contexto. Isso ocorre, sobretudo, em virtude de *inferências sugeridas* (Traugott; Dasher, 2002) feitas pelo ouvinte quando a construção é empregada em um contexto particular. A repetição múltipla desse fenômeno pode levar à mudança. A formação do futuro perifrástico no português, por exemplo, pode ter surgido na língua por meio de um processo inferencial. Veja:

- a) Eu vou à feira comprar verduras.
- b) Eu vou [à feira] comprar verduras.
- c) Vai chover.

Acima, temos, em (a), o uso original do verbo “ir”. Apresenta função de deslocamento no espaço: o sujeito sai de sua localização em direção à feira. Em (b), por sua vez, a referência locativa não está presente na construção. Muito provavelmente, isso se dá por se tratar de uma localização óbvia, cotidiana. No entanto, a ausência do elemento locativo deve ter sido o contexto atípico (motivador) que induziu o ouvinte a interpretar esse elemento como parte de uma construção do futuro. Essa nova interpretação, tendo sido replicada inúmeras vezes na língua, chegou à convencionalização, fato observável em (c), em

que não se consegue inferir a presença de um elemento locativo em relação ao verbo “ir”.

Vale ressaltar que, na nossa perspectiva, a inferência sugerida é o mecanismo disparador da mudança linguística que pode ser vista como um micropasso inicial. Até a dessemantização e a generalização, por exemplo, podem ser vistas como sua consequência. Nesse sentido, as inferências que atuaram na formação do futuro perifrástico levaram à perda da semântica espacial do verbo “ir”, o que favoreceu o estabelecimento de relações temporais e, conseqüentemente, a expansão categorial, na medida em que a construção é empregada em novos contextos, como na oração de sujeito inexistente “vai chover”, por exemplo.

Vale ressaltar que os processos/efeitos de mudança tratados nesta subseção estão associados à frequência de uso. De acordo com Bybee e Thompson (1997), uma elevada frequência *token* pode acarretar a redução nas dimensões fonética, sintática e semântica. Sob esse ponto de vista, a frequência favorece a mudança da construção, que pode passar a assumir uma função mais procedural (gramatical) na língua. Um outro efeito possível de uma frequência *token* elevada é a mudança no padrão combinatório das construções, que passam a permitir a entrada de novos elementos e, com isso, originam novos *types*. O surgimento de novos *types*, por sua vez, promove a formação de níveis mais abstratos/esquemáticos de construção.

Uma vez que os sete processos tratados nesta seção são regularmente verificáveis nos processos de mudança da construção gramatical, eles contribuem largamente na elaboração das hipóteses iniciais da pesquisa, bem como no planejamento dos fatores de análise. Permitem-nos reconstruir hipoteticamente o passado antes de investigá-lo efetivamente, assim como imaginar os mecanismos que possivelmente atuaram como desencadeadores da mudança.

Abaixo, sintetizamos as características comumente observáveis como resultado da mudança da construção gramatical:

- a) Formação de *chunks* e/ou redução fonética;
- b) Perda de parte das propriedades morfossintáticas (ex.: o verbo perde parte de suas propriedades, como flexão em diferentes tempos e modos);
- c) Menor liberdade posicional ou fixidez posicional da construção ou de elementos da construção;
- d) Perda da composicionalidade sintática (dificuldade em reconhecer os elementos componentes da construção, como, por exemplo, em “embora” = “em boa hora”);
- e) Menor composicionalidade semântica (opacidade entre o significado da construção e o sentido dos elementos que a compõem);
- f) Sentido procedural (a construção remete a sentidos gramaticais, estabelecendo relações entre sintagmas, orações, períodos, segmentos de texto);

g) Polifuncionalidade e polissemia.

Como ilustração, analisemos à luz desses aspectos um outro exemplo da tese de doutoramento de Rosa (2019, p. 150):

(4) [...] mas desde que esses meios de comunicação sejam po-li-ci-a-dos, policiados pelo governo e passem a divulgar coisas válidas, coisas boas, então é muito válido. – ah até onde todo policiamento não seria uma violência? – então você diria então vai achar que que a liberdade absoluta é que é desejável? – não, pelo contrário, se eu tô me queixando de que, de que... – ah o excesso de liberdade no mundo tá provocando provocando a difusão de tudo que não presta. – *perai* isso não é verdade, isso é besteira, isso é besteira. – não, não sei nada.

Segundo Rosa (2019, p. 150), “*perai*” é um marcador discursivo de função refreadora-argumentativa, empregado “para refrear a argumentação alheia ao mesmo tempo em que marca a posição do interlocutor diante da proposição apresentada: ‘isso não é verdade, isso é besteira, isso é besteira’”. Nessa construção, podemos notar diversas características da construção gramatical: é um *chunk* que sofreu redução fonética (*espera + aí*); há perda de propriedades e de composicionalidade sintática (a aglutinação dos elementos torna os elementos originais menos recuperáveis, bem como impossibilita a flexão do verbo em outras pessoas e a conjugação em diferentes tempos verbais); fixidez posicional (não podem ocorrer termos intervenientes

nem reordenação de elementos aglutinados); menor composicionalidade semântica (o sentido é mais opaco: o verbo não tem mais sentido espacial nem o pronome tem função locativa); sendo um marcador discursivo, assume uma função mais procedural.

É importante observar que a análise supracitada é feita com base em um dado sincrônico. A partir dessas características, podemos criar hipóteses sobre o passado da construção, o que vai orientar nossa busca diacrônica, por exemplo: a) “peraí” advém da aglutinação de “espera” + “aí”; b) originou-se do uso mais autônomo de “espera” + “aí”, em que o verbo assumia função espacial e o pronome, uma função dêitica espacial; c) a construção era mais composicional, tanto semântica quanto sintaticamente; d) havia maior liberdade posicional, com a possibilidade de termos intervenientes entre os elementos “espera” e “aí”; entre outros.

O método misto na análise dos dados diacrônicos (ou pancrônicos)

Conforme declaramos no capítulo anterior, o método misto é caracterizado pelo “equacionamento entre a metodologia qualitativa e a quantitativa” (Lacerda, 2016, p. 85), que tem como objetivo possibilitar a descrição tanto das propriedades construcionais (da forma e do significado) quanto da produtividade das construções, mensurável em termos de frequência *type* e *token*. Numa perspectiva diacrônica, a quantificação ganha ainda um outro relevo, na medida em que há

uma relação entre frequência e mudança linguística: a construcionalização e a mudança construcional de elementos ou expressões procedurais estão diretamente associadas à elevada frequência. Como sabemos, a repetição leva à automatização, à economia linguística, isto é, o *chunking*, a perda de propriedades morfossintáticas e da composicionalidade semântica, a expansão categorial, entre outros, são resultado da elevada repetição.

Gostaríamos de chamar a atenção para o fato de que à construcionalização gramatical e à mudança construcional gramatical está associado o aumento de esquematicidade e de produtividade. Dessa maneira, é natural – e até esperado – que as construções gramaticais apresentem aumento de frequência *type* e *token* ao longo da trajetória histórica dos usos linguísticos.¹³ Isso significa que buscamos ter um procedimento metodológico distinto no tratamento do *corpus*: dentro de nossas possibilidades, constituímos *corpus* de extensão semelhante nas diferentes sincronias analisadas (formados por gêneros e/ou sequências tipológicas também semelhantes). O objetivo neste critério é o seguinte: evitar falsear a existência de aumento ou diminuição de frequência. Não obstante, essa estratégia muitas vezes não é possível. Quanto mais tivermos de recuar no tempo, mais difícil

¹³ Não queremos dizer, aqui, que essa seja necessariamente uma regra. Sendo a língua dinâmica, algumas construções gramaticais podem vir a desaparecer quando em competição com outras formas. Paralelamente, há construções gramaticais que surgem via analogização e que podem ser menos frequentes na língua.

será a constituição de um *corpus* uniforme quanto à extensão, devido à escassez de dados. Isso não significa que você não possa trabalhar com o método misto, mas, sim, que deve ter mais cuidado com as interpretações dos dados, sobretudo, no que diz respeito às generalizações que tratem do aumento ou da diminuição da frequência de uso ao longo dos séculos. Ademais, deve também ter cuidado com a própria correspondência entre gêneros e tipos textuais, já que os gêneros são suscetíveis à mudança com o passar do tempo.

Daqui por diante, vamos apresentar uma sequência de procedimentos que podem auxiliá-lo no tratamento metodológico de seus dados. Para sermos mais didáticos, faremos isso por meio da exploração de três diferentes momentos da investigação de Rocha (2016) em sua tese de doutoramento, já utilizada no Capítulo 7 para tratar da escalaridade dos contextos na mudança linguística. A pesquisadora teve como objetivo descrever a trajetória da mudança do esquema $LocV_{connect}$ – por exemplo, *aí está, aqui está, lá está, aí vem, aí vai e lá vai* –, que pode ser definida como “uma construção que atua na sequenciação retroativo-propulsora, concorrendo para a progressão de fragmentos textuais” (Rocha, 2016, p. 104). Vejamos, como ilustração, duas ocorrências de sua pesquisa:

- (5) Para não errar o caminho resolveu-se a esperar o guia, olhando entretanto para a meia dúzia de objetos expostos, na vidraça modestíssima da porta: linhas de redes, de crochete

de costura, anzóis e agulhas, cigarros, objetos de pescaria e cartas de A B C. O Ribas não se fez esperar; pareceu ao médico que o não tinham recebido bem.. Seguiram dali por diante silenciosos, até que o Ribas avisou: - *Aí está* a rua Funda. Dr. Gervásio olhou e sorriu a uma observação que as reminiscências de um quadro lhe sugeriam. Aquela rua Funda, subindo estreita pela encosta do morro da Conceição, ladeada de casas de altura desigual, de onde em varais espetados pendiam roupas brancas recentemente lavadas, desenhando-se negra no fundo muito azul do céu, lembrava-lhe uma viela de Nápoles velha (Século XX, Brasil, ficção *apud* Rocha, 2016, p. 20).

(6) [...] esmalte e o papel colorido dos anuncios, a alma risinha e roliça da muito laboriosa cidade do Porto. E. então, quem na roda do ano fizer duas viagens á terra do coração de D. Pedro IV, que ela religiosamente conserva em uma de oiro-simbolo magnifico do seu proprio coração, sempre a pulsar em liberdade – ganha mais consideração e altas famas do que se houvesse descoberto as Americas, do que se exer-tasse na cabeça mongolica da China, sob o rabicho e a testa fugi-dia, os princípios universais e niveladores do soberano Direito das Gentes. Ora *aqui está* por que eu, que fui ao Porto já uma vez, no enfastiado desdobrar dos últimos trezentos e sessenta e cinco dias da minha calma vida de provinciano, me julgo com direito á celebridade a curto praso, na vila em que nas-ci. (Século XX, Portugal, ficção *apud* Rocha, 2016, p. 22).

Em (5), “*aí está*” é uma expressão menos vinculada, na medida em que os elementos são mais autônomos e semanticamente mais composicionais. De um lado, é possível reordenar o período, man-

tendo-se o mesmo sentido: *a rua Funda está aí*; de outro, podemos observar que “aí” e “está” apresentam suas propriedades morfossintáticas originais – de pronome locativo e de verbo –, bem como sua semântica básica: os dois elementos apontam, no espaço, para a localização de uma determinada rua. Em (6), em contrapartida, “aqui está” estabelece a articulação de uma relação lógica em uma sequência argumentativa. Os elementos da construção estão mais vinculados e o sentido dêitico espacial – próprio dos dois elementos, que originalmente fazem referência à localização no mundo biofísico social – se perdeu: até se pode argumentar por uma dêixis, mas no nível textual.

Feita essa descrição inicial, vejamos agora como Rocha (2016) procedeu, sob viés quali-quantitativo, à seleção do *corpus*, ao levantamento inicial dos dados e à elaboração das primeiras hipóteses, bem como à análise dos dados à luz da investigação dos contextos de mudança (Diewald, 2012):

a) A seleção do *corpus*

A autora optou por trabalhar com o *corpus* “Gênero/Histórico” do site *Corpus do Português*,¹⁴ constituído por 45 milhões de palavras, assim divididas nas diferentes sincronias: 20 milhões de palavras para o século XX, 10 milhões para o século XIX e 15 milhões de palavras dos séculos XIII ao XVIII. Como dissemos previamente, há bastante dificul-

¹⁴ *Corpus* acessível no endereço: <http://www.corpusdoportugues.org>.

dade em se trabalhar com *corpus* uniformes em extensão nas diferentes sincronias em virtude da escassez de textos muito antigos, como os dos séculos XIII ao XVII, por exemplo.

b) O levantamento inicial dos dados e hipótese inicial

Num primeiro momento, a autora levantou as diferentes combinações formadas pela ordenação *locativo + verbo* na sincronia mais recente do *corpus* (século XX). Buscou descrever e analisar os diferentes padrões funcionais de LocV. Abaixo, dispomos uma tabela com a frequência *type* e *token* dos dados analisados:

Type	Aí está	Aí vai	Aí vem	Aqui está	Lá está	Lá vai
Token	155	29	57	96	149	176

Tabela 1. Distribuição das ocorrências de LocV no século XX

Fonte: Adaptado de Rocha (2016, p. 49).

Como observamos anteriormente na apreciação dos dados (5) e (6), a sequência *locativo + verbo* pode apresentar duas funções distintas na língua. Pode atuar como uma construção de função espacial, dêitica, por meio do emprego de verbos e pronomes de função espacial – como em (5) –, ou ainda como conector, quando os elementos estão mais vinculados e são menos composicionais, já que perderam a referência dêitica que lhes é própria – como em (6). De posse dessas observações articuladas ao conhecimento dos processos da mudança,

podemos lançar a seguinte hipótese inicial: a função conectora é o resultado de uma construcionalização gramatical dos usos em que os elementos têm função dêitica. Isso se dá em virtude da percepção de muitos aspectos típicos do resultado da mudança gramatical: formação de *chunks*, perda de propriedades morfossintáticas, diminuição da composicionalidade semântica, fixidez posicional, entre outros.

Nesse levantamento inicial, disponível na Tabela 1, Rocha (2016) ainda não diferencia as ocorrências de acordo com a função admitida por LocV. O motivo é o seguinte: a autora, posteriormente, busca dividir esses dados de acordo com os contextos de mudança (Diewald, 2012). Sob esse ponto de vista, o contexto fonte estaria relacionado ao uso mais dêitico, mais autônomo dos elementos, ao passo que o contexto isolado estaria mais relacionado ao uso de $LocV_{conect}$. Os contextos atípico e crítico representam os estágios intermediários, em que há um nível de interseção entre os usos, em virtude de ambiguidades semânticas e/ou estruturais.

c) Análise dos dados à luz do modelo dos contextos de mudança (Diewald, 2012):

Como vimos no Capítulo 7, Diewald (2012) defende a existência de quatro grandes contextos de mudança – fonte, atípico, crítico e isolado. A ordem desses contextos reflete a trajetória da mudança gramatical: o contexto fonte corresponde aos usos mais elementares, em que observamos

propriedades mais lexicais no objeto em estudo (maior liberdade posicional, maior composicionalidade semântica e sintática, presença das propriedades morfossintáticas dos elementos da construção etc), ao passo que o contexto isolado representa o uso mais abstrato, gramaticalizado. No contexto isolado, consideramos que houve a convencionalização de um pareamento de forma_{nova}-sentido_{novo}, isto é, uma construcionalização. Vejamos a Tabela 2, em que compilamos os resultados sincrônicos de Rocha (2016):

	Aí está	Aí vai	Aí vem	Aqui está	Lá está	Lá vai
Total	155	29	57	96	149	176
Contexto Fonte	45 (29,03%)	11 (37,93%)	27 (47,37%)	70 (72,92%)	131 (87,92%)	91 (51,70%)
Contexto Atípico	53(34,19%)	6 (20,69%)	13 (22,80%)	11 (11,46%)	9 (6,04%)	71 (40,35%)
Contexto Crítico	5 (3,23%)	5 (17,24%)	6 (10,53%)	6 (6,25%)	3 (2,01%)	9 (5,11%)
Contexto isolado	52 (33,55%)	7 (24,14%)	11 (19,30%)	9 (9,37%)	6 (4,03%)	5 (2,84%)

Tabela 2. Distribuição das ocorrências de LocV no século XX por contexto

Fonte: Adaptado de Rocha (2016).

Como podemos verificar apenas por meio da apreciação dos dados numéricos da tabela – que só pôde ser realizada depois da análise qualitativa de cada ocorrência –, no século XX, [aí está] é a

construção mais prototípica do esquema $LocV_{connect}$: há 52 ocorrências, o que representa uma quantidade bastante superior à soma de todos os outros padrões investigados (cuja soma dá 38). Por considerar que [aí está] está mais convencionalizado e é mais produtivo que todos os demais *types* desse esquema, Rocha (2016) restringiu a sua investigação diacrônica a essa construção.¹⁵ Vejamos os resultados quantitativos na análise diacrônica:

Aí está	Cont. Fonte	Cont. Atípico	Cont. Crítico	Cont. Isolado	Total
XX	45	53	5	52	155
XIX	119	109	8	108	344
XVIII	-	2	-	-	2
XVII	2	-	-	-	2
XVI	3	-	-	-	3
XV	1	-	-	-	1
Total	170	164	13	160	507

Tabela 3. Ocorrência da combinação *aí está* por século e tipo de contexto

Fonte: Rocha (2016, p. 98).

Segundo a autora,

¹⁵ Temos, como produto de nosso grupo de pesquisa – *Discurso & Gramática* –, diversos outros trabalhos desenvolvidos que lidam com pronomes locativos que atestam a mesma trajetória de mudança, como Arena (2015), Teixeira (2015), Aguiar (2015) e Rosa (2019).

A Tabela 3 demonstra, gradualmente, os micropassos da mudança linguística de LocV ao longo do tempo, apontando para o desenvolvimento do esquema LocV_{connect} no século XIX e a continuidade de sua convencionalização no século XX. Tal Tabela ratifica a escala *espaço > tempo > texto* (BATORÉO, 2000), uma vez que, nas sincronias mais antigas, os séculos XV, XVI e XVII, as ocorrências da combinação *aí está*, levantada no CP, apontam apenas para usos mais concretos, no contexto fonte, em que Loc e V apresentam um sentido mais original de advérbio e verbo, respectivamente. Nas sincronias mais recentes, a partir desse *continuum* do menos para o mais gramatical, a combinação chega à dimensão discursiva, na construcionalização gramatical LocV_{connect} (Rocha, 2016, p. 98).

Na trajetória que leva à construcionalização gramatical de LocV_{connect} Rocha (2016) observa a atuação da neoanálise, um mecanismo cognitivo que envolve uma série de micropassos que resulta em alterações nas propriedades da forma e da função da construção, atuando, inicialmente, no nível sintagmático. Vejamos uma ocorrência de contexto atípico, em que podemos observar a atuação da neoanálise:

(7) Debaixo da terra prestaõ. O nabo, e o peixe Debaixo da geadã cresce. Folga o trigo Debaixo da neve, como a ove-lha Debaixo da pelle. Debaixo do sahal, há al, Debaixo de boa palavra, *ahi está* o engano. Debaixo do bom saio, está o Homem maó. (Rolland, Adagios, provérbios, rifãos, e anexis da língua portuguesa, 1780 *apud* Rocha, 2016, p. 95).

Em (7), “ahi” e “está” são seguidos de um referente abstrato (“o engano”). Remetem a um elemento de natureza espacial (“debaixo” – “debaixo de boa palavra”), mas que não faz referência a um espaço físico concreto (como seria de se esperar no uso fonte), mas, sim, a um espaço abstrato-textual. Segundo Rocha (2016, p. 95), esse teria sido um contexto favorável à neoanálise da construção.

Como podemos verificar nos dados numéricos de Rocha (2016), a quantificação dos dados permitiu-lhe chegar a algumas conclusões, dentre as quais destacamos: a) identificar qual é o padrão mais prototípico de $\text{LocV}_{\text{connect}}$ nos séculos XIX e XX: *aí está*; b) reconhecer que, nos séculos XX e XXI, *aí está* apresenta um equilíbrio entre os usos mais composicionais (de função dêitica espacial) e a função conectora – afinal, a despeito do dobro de ocorrências no século XIX, observamos que há uma distribuição de cerca de 50% das ocorrências nos dois diferentes contextos; c) verificar em que século a mudança, provavelmente, iniciou (quando ocorreu o contexto atípico) e quando a construção $\text{LocV}_{\text{connect}}$ se convencionalizou na língua.

Ademais, é importante chamar a atenção para o fato de que muitas pesquisas podem apresentar uma abordagem pancrônica, como a de Rocha (2016), isto é, podem buscar descrever as construções em perspectivas sincrônica e diacrônica. Sendo assim, combinam os procedimentos metodológicos visto neste capítulo e no anterior.

Considerações finais

Neste capítulo, buscamos tratar dos procedimentos metodológicos para a análise de dados diacrônicos em pesquisas que tenham como objetivo a descrição da trajetória da mudança, seja em termos de construcionalização (um novo pareamento de forma-função) ou em termos de mudança construcional (em que há mudança em apenas um dos polos da construção – no formal ou no funcional). Para essa abordagem, selecionamos a trajetória da mudança da construção gramatical, uma vez que ela surge, via de regra, por meio de um longo processo de abstratização/reinterpretação de construções já existentes (o que justifica a incursão histórica da investigação). As construções lexicais, por sua vez, surgem na língua comumente de forma instantânea, por meio da aplicação de regras analógicas conscientemente empregadas, tal como ocorre nos conhecidos processos de formação de palavras.

Num primeiro momento, caracterizamos o estudo diacrônico e apresentamos suas duas diferentes finalidades na investigação linguística. De um lado, os dados diacrônicos servem para “fornecer elementos para a explicitação de fenômenos em uso no presente” (Mattos; Silva, 2006, p. 16); de outro, o estudo diacrônico nos permite enxergar os padrões recorrentes na mudança, isto é, entender os mecanismos que engendram a mudança, bem como os resultados esperados.

Em sequência, procuramos mostrar os critérios que devem ser empregados para a seleção e/ou constituição de *corpus*. Antes da seleção, entendemos que o analista deve se preocupar em reconhecer os gêneros e/ou sequências tipológicas em que seu fenômeno ocorre. Para isso, deve proceder a uma análise amostral, que dará condições de pensar não somente nas hipóteses da pesquisa, como também planejar o recorte temporal a ser analisado (a quantas sincronias deve recorrer). Também mostramos os processos regularmente observáveis na mudança linguística da construção gramatical, tais como: *chunking* e redução fonética; especialização ou redução do contraste paradigmático; expansão categorial; decategorização; fixidez posicional; dessemantização e generalização; acréscimo de sentido pelo contexto.

Por fim, abordamos o emprego do método misto nesse processo. Defendemos que sua vantagem reside no fato de ele possibilitar tanto a descrição das propriedades construcionais quanto da produtividade das construções, mensurável em termos de frequência de uso. Com um propósito didático, selecionamos uma pesquisa de doutorado – Rocha (2016) – para ilustrar o passo a passo desse processo.

Exercício

Abaixo, transcrevemos três dados da pesquisa de Silva (2015), que tratou da construcionalização gramatical de “foi quando” no português brasileiro. Com base nos conhecimentos adquiridos sobre

as características da construção gramatical, bem como dos contextos de mudança, busque relacionar cada um dos dados sincrônicos aos seguintes tipos de contexto: fonte, atípico e isolado. Justifique sua resposta:

- (1) Um dos pontos altos da apresentação *foi quando* cantou em árabe uma estrofe de uma canção de Fairuz, considerada a melhor cantora do Líbano [...]. (Portal Globo, 26 maio 2011, 21h40 *apud* Silva, 2015, p. 109).
- (2) A história de Carol e Nick é muito bonita, mas começa de um jeito triste. Ela é filha única de um casal de médicos. A doutora Mery Gonzaga de Oliveira se lembra bem daquele Dia das Mães do ano de 2005. *Foi quando* chegou a notícia de que a filha estava com uma doença grave. (Portal Globo, 29 jun. 2011, 10h48 *apud* Silva, 2015, p. 139).
- (3) Um dos suspeitos pegou os celulares dos dois e deu uma coronhada no pai de Thiago. Um tiro foi disparado e o pai caiu no chão. Um tiro foi disparado e o pai caiu no chão. O jovem pensou que o homem havia sido baleado, e reagiu. *Foi quando* ele foi atingido por um tiro. (Portal Globo, 05 maio 2011, 07h22 *apud* Silva, 2015, p. 80).

Padrão de resposta

Os contextos podem ser identificados na respectiva ordem em que se apresentam as ocorrências: (01) fonte, (02) atípico e (03) isolado. O contexto fonte está associado ao uso em que os elementos da construção mantêm suas funções básicas e são mais autônomos. Observamos que o verbo “ser” (foi) atua como verbo de ligação e o advérbio “quando” apresenta uma função integrante, na medida em que introduz uma oração predicativa com valor temporal. No contexto atípico, “foi quando” já começa a favorecer uma leitura conectiva. “Foi” é um verbo copulativo que relaciona “quando” ao seu referente no período anterior: “na madrugada desta segunda-feira”. Nesta ocorrência, “quando” atua como um advérbio relativo, na medida em que apresenta função anafórica. Em (03), temos o contexto isolado, em que [foi quando] atua como conector e é uma estrutura mais vinculada, com perda de propriedades formais e funcionais. É avaliado como um conector porque retoma foricamente toda a porção textual prévia, promovendo a progressão sequencial.

Referências

AGUIAR, Milena Torres de. *A construcionalização lexical SNLoc atributiva e sua instanciação no português*. 2015. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

- ARENA, Ana Beatriz. *Construcionalização do conector “daí que” em perspectiva funcional centrada no uso*. 2015. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.
- BAGNO, Marcos. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2011.
- BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- _____. *Language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- BYBEE, Joan; THOMPSON, Sandra. Three frequency effects in syntax. *Berkeley Linguistics Society*, v. 23, p. 378-388, 1997.
- DIEWALD, Gabriele. A model of relevant types of contexts in grammaticalization. In: WISCHER, Ilse; DIEWALD, Gabriele (eds.). *New reflections on grammaticalization*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2012, p. 104-120.
- HIMMELMANN, Nikolaus. Lexicalization and grammaticalization: opposite or orthogonal? In: BISANG, WALTER; HIMMELMANN, Nikolaus; WIEMER, Björn. *What makes grammaticalization: a look from its fringes and its components*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004, p. 21-42.
- HOPPER, Paul. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd (eds.). *Approaches to grammaticalization*. Philadelphia: John Benjamins, 1991, p. 17-35.
- LACERDA, Patrícia Fabiane Amaral da Cunha. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. *Revista Lingüística*, v. esp., p. 83-101, dez. 2016.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2006.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática passada a limpo: conceitos, análises e parâmetros*. São Paulo: Parábola, 2012.

ROCHA, Rossana Alves. *O esquema LocVconnect: mudanças construcionais e construcionalização*. 2016. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

ROSA, Flávia Saboya da Luz. *A mesoconstrução marcadora discursiva refreador-argumentativa: uma análise cognitivo-funcional*. 2019. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

ROSÁRIO, Ivo da Costa do; LOPES, Monclar Guimarães. Construcionalidade: uma proposta de aplicação sincrônica. *SOLETRAS*, v. 37, p. 83-102, 2019.

SILVA, Alessandra Ferreira. *A construcionalização gramatical de “foi quando” como conector*. 2015. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

TEIXEIRA, Ana Cláudia Machado. *A construção verbal marcadora discursiva VLocMD: uma análise funcional centrada no uso*. 2015. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; DASHER, Richard B. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

análise uso língua aplicação proposta símbolo
polos diversidade paradigma canais expressões
metonímia subjetividade palavra sentido filologia
uso funcionalista dinâmica grupo expressões
metáfora texto área frase analogia hierarquia aplicação
teoria construção canais variação subjetividade
filologia linguística reflexões investigação palavra
escrita subjetividade mudança conhecimento uso
sentido investigação dinâmica frase
metodologia eixo análise dados humanas
língua analogia fala grupo objeto grupo uso
formalista gramática estrutura dados área teoria
subjetividade investigação frase reflexões
comunicação diversidade aplicação canais
funcionalista normativa
sincrônico semântica conhecimento
palavra variação reanálise dinâmica categorização
hierarquia estrutura sincrônico nomes
frase fala semântica teoria expressões
aplicação objeto escrita fala metonímia
área investigação polos filologia paradigma significado
discurso conhecimento língua variação
dados paradigma categorização metodologia
proposta diacrônico normativa estrutura
grupo dinâmica eu significado dados variação
canais reflexões humanas significado termo
expressões fala discurso palavra mudança
sincrônico gramática nomes reflexões

